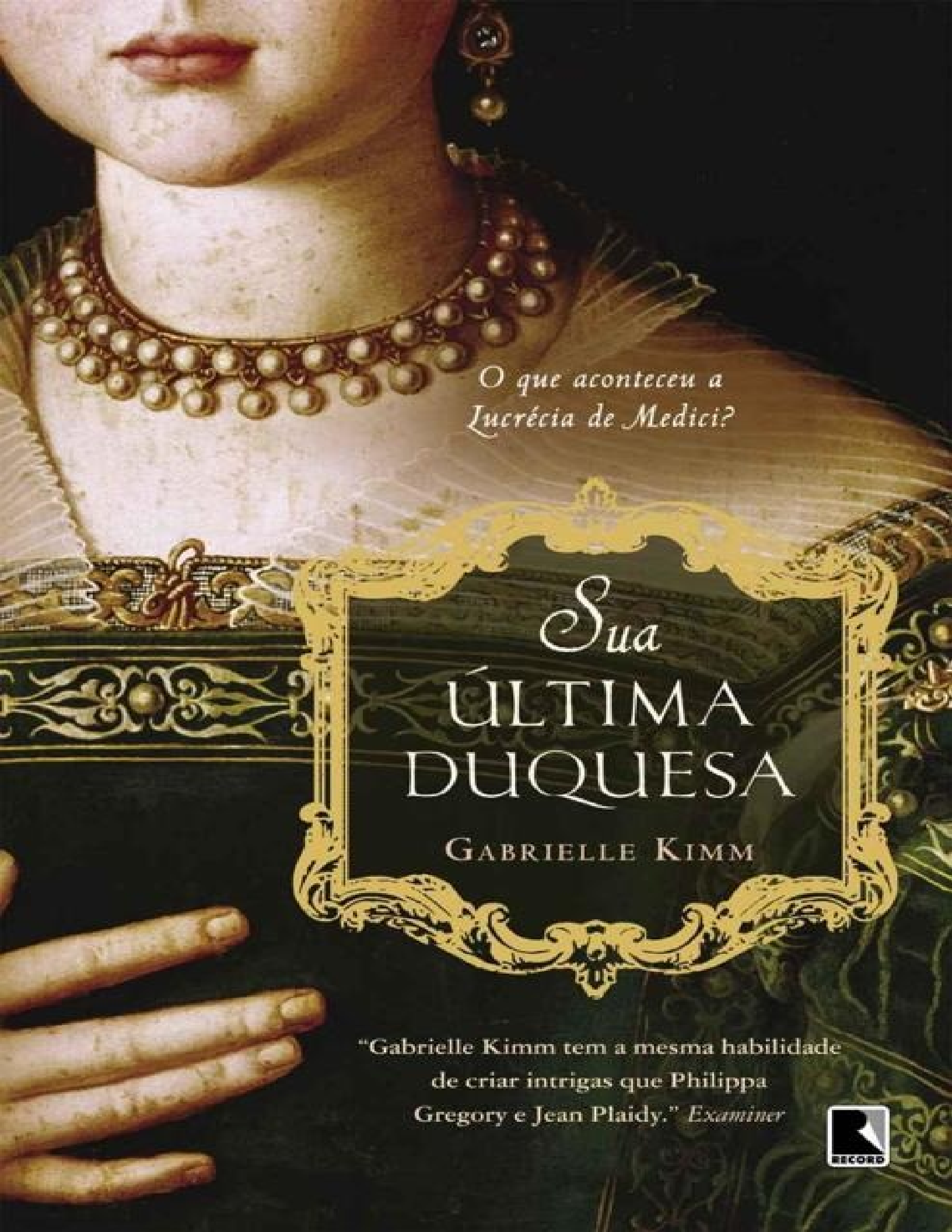
O que aconteceu a
Lucrécia de Medici?
Sua
ÚLTIMA
DUQUESA
GABRIELLE KIMM
"Gabrielle Kimm tem a mesma habilidade
de criar intrigas que Philippa
Gregory e Jean Plaidy." Examiner
RECORD

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

GABRIELLE KIMM

Sua ÚLTIMA DUQUESA

Tradução de
Léa Viveiros de Castro

EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO
2015

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

K62s
Kimm, Gabrielle
Sua última duquesa [recurso eletrônico] / Gabrielle Kimm ; tradução Léa Viveiros de Castro. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Record, 2015.
recurso digital : il.
Tradução de: His last duchess
Formato: ePUB
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-01-10387-1 (recurso eletrônico)
1. Ficção escocesa. 2. Livros eletrônicos. I. Castro, Léa Viveiros de. II. Título.
15-19819

CDD: 828.99113
CDU: 821.111(411)-3

Título original em inglês:
His Last Duchess

Copyright © Gabrielle Kimm 2010
Proibida a venda em Portugal.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais da autora foram assegurados.

Editoração eletrônica da versão impressa: Abreu's System

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil
adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000,
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-10387-1

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

À minha mãe e ao meu pai — Colette e Peter Kimm —, que me incentivaram a escrever e me ofereceram apoio incondicional desde então

“O desejo não transcende exatamente seu objeto, mas o ignora por completo em prol de uma recriação fantástica dele.”

ANGELA CARTER

Prólogo

Ele não percebe nenhuma respiração. Nenhum movimento. Nenhum sinal de vida. Está feito.

Enfiando a mão sob o fino linho da camisola, seus dedos tocam um pequeno seio: já frio, coberto por pequenas veias azuladas como mármore maleável. Ela não passa de uma estátua suave. Suas curvas gélidas deslizam confortavelmente sob o calor da palma da mão dele enquanto a corre por sua pele. O homem fica maravilhado com aquela deliciosa insensibilidade.

Observando-a, vê enfim a imagem que passou tantos meses desejando. Ela é linda. Neste silêncio sem vida é realmente linda. O reflexo perfeito foi afinal restaurado e o espelho está mais uma vez impecável.

Ele imagina seu corpo morno no interior daquela imobilidade fria e sente um arrepio.

Sabe o que tem de fazer.

Parte 1

VILLA CAFAGGIOLO,
BARBERINO DI MUGELLO, TOSCANA
JULHO DE 1559
DOIS ANOS ANTES

1

Um calor opressivo havia envolvido a tarde, aprisionando a paisagem numa imobilidade cintilante. A mansão se erguia alta, maciça e quadrada, as paredes lembravam uma fortaleza, suavizadas pelo tom ocre das pedras e pelo vermelho desbotado do telhado; à luz brilhante, os arcos pronunciados do telhado lançavam sombras azul-escuras ao longo de cada parede. Cigarras cantavam sem parar e uma atmosfera soporífera de calor e letargia pairava sobre o castelo como um cobertor aquecido pelo sol.

Uma porta foi aberta com força nos fundos da casa e, com um grito, uma jovem disparou para o calor da tarde em uma corrida desajeitada, agarrando as saias, arfante. Olhou rapidamente para trás, respirou ofegante e correu mais depressa.

Outra figura atravessou a porta atrás dela, sua sombra como um borrão de tinta sob os pés.

Por um momento, as cigarras pareceram prender o fôlego: os únicos ruídos naquele silêncio entorpecido eram os passos assustados da moça e os mais pesados do rapaz que se aproximava dela. Ela correu por um caminho no meio de canteiros de flores e ervas, passando em um frenesi sobre um deles, dirigindo-se, numa lamúria silenciosa, para a grama alta próxima aos portões que davam para a área murada da horta.

O rapaz a alcançou e se atirou sobre ela. Agarrou-a pelos joelhos e a jogou no

chão. A jovem ergueu as mãos para proteger o rosto e, ao cair, ficou sem ar. Antes mesmo que tivesse tempo de recuperar o fôlego, o rapaz largou suas pernas e a rolou de costas, agarrando seus pulsos, empurrando-os contra a grama de cada lado da cabeça da jovem. Ela lutou, mas ele a segurava firme. Seus joelhos prendendo os quadris dela, seu rosto a poucos centímetros do da jovem. Por uma fração de segundo, eles se encararam.

— Giovanni, seu filho da mãe! — exclamou a moça, rindo. — Saia de cima de mim!

— Você é — respondeu Giovanni, ofegante — lenta demais, só isso. Vamos, admita!

Os dedos do rapaz ainda seguravam os pulsos finos da moça, e ele os segurou com mais força ao dizer isso. Apesar de continuar lutando, ela não conseguiu se levantar. A jovem acumulou saliva na boca e ergueu a cabeça.

Giovanni riu.

— Você não ousaria! — desafiou ele, mas a jovem respirou fundo. Giovanni recuou para sair do alcance dela. — Deus, você é nojenta, Lucrécia!

Lucrécia sentou no chão e cuspiu na grama, depois mostrou a língua para ele. Giovanni deitou de costas, o rosto um pouco oculto em meio à grama alta. Ergueu uma sobrancelha e fez uma careta para ela. Lucrécia tentou chutá-lo, mas Giovanni agarrou seu pé e, erguendo-o, fez com que ela tornasse a cair deitada na grama, onde os dois ficaram esparramados, rindo sem motivo.

Uma voz ao longe os surpreendeu.

— Lucrécia!

Eles se entreolharam.

— Lucrécia, *cara*, onde você está?

Suspirando, Lucrécia avisou:

— Tenho de ir. Devia estar de volta há horas. Venha comigo, Vanni.

O rapaz deu um salto, os membros compridos como os de um cachorrinho ansioso, e estendeu o braço para ajudar a prima a se levantar. Ela segurou a mão dele e ficou de pé, sorrindo, mas, para sua surpresa, Giovanni não retribuiu. Em

vez disso, franziu a testa — parecia de repente envergonhado e pouco à vontade — e, enquanto Lucrécia observava, esfregou os olhos com as costas da mão, enrubescendo.

A voz tornou a chamar.

Lucrécia passou a mão pelos cabelos e encontrou crostas de terra na testa. Depois de raspá-las com os dedos, ela examinou a sujeira que agora tinha se alojado sob suas unhas. Virou as mãos. Suas palmas estavam sujas de grama e ela havia rasgado mais um vestido: o rasgão que descia por um dos quadris não podia ser costurado. Balançando o tecido rasgado para a frente e para trás, ela começou a caminhar de volta para casa com o primo.

— Giulietta vai ficar zangada comigo de novo, Vanni — falou Lucrécia. — Ela acha que eu deveria... — A voz de Lucrécia ficou mais grave e ela franziu o cenho imitando a indignação de sua ama: — ... me comportar como convém a uma herdeira dos Medici, com a idade *marcante* de 16 anos. — Ela fez uma careta e Giovanni tornou a ficar alegre.

Ele sorriu para a prima.

— Pobre Giulietta. Você é uma decepção para ela.

Lucrécia se espantou.

— Eu? — questionou ela. — Você é um filho da mãe, Giovanni! Ela acha que *você* é uma péssima influência para mim, se quer saber. A culpa é toda sua.

— A culpa de quê?

Ela pensou, depois replicou:

— De tudo.

— Você não está errada — disse Giovanni. Ele esfregou o calcanhar na terra.

Lucrécia se inclinou e o beijou no rosto.

— Vamos — chamou ela. — Corra comigo. — E começou a correr. Giovanni a alcançou com facilidade e juntos eles trotaram pelo jardim. Um cheiro forte de lavanda subia dos arbustos quando as saias de Lucrécia roçavam neles.

— Você destruiu completamente aquele canteiro — disse Giovanni, apontando para um monte de plantas pisoteadas.

— A culpa é sua — retrucou Lucrécia, dando de ombros. — Eu disse que a culpa de tudo é sua.

Giovanni a empurrou e Lucrécia tropeçou em outro canteiro. Mais plantas destruídas. Um cheiro forte de tomilho. Recuperando o equilíbrio, ela estendeu o braço para empurrar o primo, que se esquivou, correndo mais depressa, e desapareceu numa curva. As pedras do caminho rangiam sob os pés de Lucrécia enquanto ela corria atrás dele, passando pelo arco do pátio.

Giulietta estava parada nos degraus de pedra, em frente às grandes portas de carvalho. Seu rosto enrugado exibiu um ar de reprovação quando as duas figuras correram em direção a ela, sem fôlego. Olhando para Giovanni, Lucrécia viu os cantos de sua boca tremerem antes de o rapaz fazer uma profunda reverência a Giulietta. A senhora estalou a língua, zangada, e lançou um olhar penetrante para ele. Giovanni ergueu o corpo e, sem nada dizer, trotou em direção à estrebaria.

Lucrécia o observou partir, depois se virou para Giulietta, o rosto vermelho com o calor que sentia agora que havia parado de correr. A senhora resmungava baixinho, embora Lucrécia soubesse que a intenção era que ela escutasse cada palavra. Giulietta estendeu o braço para pastorear a moça para o ambiente mais fresco do saguão.

— Aquele rapaz vai acabar me matando — alardeou ela. — Ah, ele é um... — Giulietta não completou a frase. — Cada dia uma coisa diferente e a senhorita não aprende nunca, nenhum de vocês. E agora veja só seu estado! E há um banquete sendo preparado agora mesmo, e...

— Banquete?

— Sim, *cara*, o banquete. Quantas vezes já falei que vai ser esta noite. *Ele* vai chegar aqui no final da tarde. E olhe só para a senhorita! Toda desmazelada.

— Ele? — Lucrécia parou, arregalando os olhos. — Eu havia esquecido que era esta noite.

Giulietta segurou a jovem pelos ombros e se inclinou para aproximar o rosto dela do seu, com os olhos brilhantes de preocupação. Com o nariz proeminente e

os olhos muito próximos um do outro, ela pareceu a Lucrécia, como sempre, uma águia ansiosa. Giulietta afastou os cabelos embaraçados do rosto da jovem.

— Sim, *cara*, ele. O duque. Não falta muito, falta, para a senhorita se tornar esposa dele?

— Preciso trocar de roupa — avisou Lucrécia.

Giulietta estendeu uma de suas mãos nodosas. Lucrécia a tomou e então se sobressaltou quando os dedos duros apertaram o arranhão recente em sua palma. Puxou a mão de volta.

— O que foi?

— Nada.

Mas Giulietta havia virado a mão dela para cima a fim de ver o que era. A senhora tornou a estalar a língua, contrariada, mas mesmo assim deu um beijo leve e seco no arranhão e acariciou as costas da mão de Lucrécia com sua outra mão nodosa. Juntas, as duas percorreram o corredor abobadado e saíram no pátio central, tornando a entrar na casa pela outra extremidade, subindo a ampla escadaria que levava aos quartos.

No quarto de Lucrécia, onde as venezianas estavam fechadas por causa do sol forte, a luz era suave, e o ar, fresco. No centro de cada veneziana havia um pequeno buraco redondo; um raio de luz entrava através de cada um e descia em diagonal pelo quarto, retos como um par de lanças de justa. Ela se inclinou para espiar por um dos buracos, as mãos em concha ao redor dos olhos, mas o sol estava forte demais para enxergar qualquer coisa, então fechou-os e se afastou.

— Venha até aqui, *cara*, que desamarro suas rendas — ofereceu Giulietta.

Piscando, Lucrécia ficou de costas para a ama, que começou a desatar as rendas do vestido. Giulietta começou a cantarolar.

— Adoro esta canção — comentou Lucrécia.

— Eu a canto para a senhorita desde que era bebê.

— Imagino se *ele* a cantará para mim quando desamarrar meu vestido — disse Lucrécia, mais para si mesma que para Giulietta. Ela imaginou dedos estranhos mexendo em suas costas e, ao pressionar as mãos na enrijecida parte da frente do

corpete do vestido, sentiu um arrepio na nuca. Ele iria cantar? Iria falar? Iria rir junto dela? Ou talvez preferisse despir a esposa num silêncio repleto de expectativas? Pensou nos olhos misteriosos do duque e em seu sorriso preguiçoso, e o vestido então escorregou e caiu ao redor de seus pés.

Giulietta não fez nenhum comentário.

— O duque é muito bonito, não é? — perguntou Lucrécia, saindo de dentro do vestido. Ela atravessou o quarto e foi até a mesinha próxima à janela e pegou um pequeno retrato que estava numa bela moldura dourada.

— É, sim.

— E muito inteligente, segundo papai. Isso é importante, não acha, Giulietta? Eu não gostaria de me casar com alguém que não fosse inteligente. — Ela largou o retrato, baixou a voz e declarou com convicção: — Jamais diria isso a papai ou a mamãe, mas eu preferia me casar com alguém pobre a com algum nobre imbecil.

— Bem, então a senhorita é uma moça de muita sorte — respondeu Giulietta —, pois seus pais lhe conseguiram um aristocrata inteligente.

— E que também é bonito.

— Exato.

Lucrécia permaneceu parada. Como seria ficar de camisola na frente dele? O que o duque acharia dela? Imaginou os olhos dele sobre seu corpo e sentiu uma comichão na região dos mamilos. Respirando suavemente, ela observou a luz formar uma listra brilhante nas costas de Giulietta quando a ama se debruçou sobre um baú comprido ao pé da cama.

— O que gostaria de vestir, *cara*?

— Acho que o castanho-avermelhado — respondeu Lucrécia, e Giulietta se ajoelhou, enfiou os braços sob camadas de roupas dobradas e puxou para fora um vestido ricamente bordado, de um tom fechado de damasco. Lucrécia se agachou para ajudá-la a desdobrá-lo. Depois ficou de pé na frente de Giulietta, prendendo a respiração enquanto a senhora enfiava o vestido por sua cabeça e o amarrava bem apertado.

— Mangas cor de ameixa?

Lucrécia sorriu, concordando. Giulietta abriu uma pequena arca de carvalho e encontrou duas mangas de seda de um roxo-avermelhado. Dos ombros pendiam rendas compridas.

— Braço — pediu Giulietta distraída, e Lucrécia estendeu um braço pálido e fino. O tecido branco da combinação aparecia pelas aberturas da seda.

— Quando eu estiver pronta — falou Lucrécia —, vou correr até a estrebaria para ver se Vanni terminou.

— A senhorita não vai fazer nada disso, meu amor. — A voz de Giulietta perdeu seu afeto costumeiro. — Ele vai entrar daqui a pouco. Se a senhorita for até lá, vai se sujar e vamos ter de trocar sua roupa outra vez.

— Quem vai estar no banquete esta noite? — Uma mudança de assunto proposital.

Giulietta refletiu.

— Bem — respondeu —, o duque vai trazer algumas pessoas, é claro. Provavelmente uma dúzia. E, além disso, haverá seu pai, sua mãe e...

— E Vanni...

— É claro. E acredito que seu pai tenha convidado diversos dignitários de Florença. O outro braço, meu amor.

— E a senhora. A senhora também virá, não é, Giulietta?

— Não, *cara*, esta noite não. Pedi a sua mãe para comer aqui em cima.

— Ah, Giulietta, está doente? — Lucrécia tomou as mãos da ama nas dela. A segunda manga, ainda solta, pendeu do ombro.

— Não, *cara*, de jeito nenhum, apenas um pouco cansada.

— Sinto muito.

— Por que diz isso, menina?

Lucrécia apontou para o vestido amassado no chão do outro lado do quarto.

— Eu sempre lhe dou tanto trabalho. Vou pegar aquele vestido e levar.

Giulietta esfregou a lateral de seu polegar na testa da moça como se a estivesse abençoando, então acariciou o rosto dela.

— Aproveite essa ocasião especial, *cara*. Estou muito contente de ficar aqui em cima sozinha, em paz. Aquele pobre vestido só serve para ser jogado fora. Agora me dê seu braço para eu acabar de prender a manga.

Lucrécia olhou atentamente para a velha ama. Então uma ruga de preocupação surgiu entre suas sobrancelhas. Ela ergueu a mão e disse:

— A senhora vai se incomodar muito com a mudança, Giulietta?

— A mudança?

— Para Ferrara. Espero que não ache a viagem muito cansativa.

Giulietta não respondeu. Ela mudou de posição e, sem querer, moveu-se em direção ao raio de luz que vinha da janela. Ele atravessou seu rosto e seu corpo, partindo-a ao meio.

— Eu... Eu não vou com a senhorita.

Lucrécia a encarou atônita.

— Sua mãe acha que é melhor que comece sua vida nova com uma mulher mais jovem para cuidar da senhorita.

A voz de Giulietta era inexpressiva. A inexorabilidade da decisão ficou imediatamente óbvia para Lucrécia.

— Mas... — Lucrécia sentiu lágrimas quentes inundando os olhos, mordeu a ponta da língua e engoliu algumas vezes antes de falar. — Mas... eu quero que a senhora vá comigo.

— Eu sei, *cara*.

— Já está decidido que...?

Giulietta assentiu.

— Mas por quê? E por que ninguém me contou nada até agora?

Nenhuma resposta.

Lucrécia prendeu a respiração, sem saber se queria chorar ou brigar com a ama. A enormidade das mudanças que estavam para acontecer surgiu diante dela, irreversível e inexorável como um batalhão de soldados em marcha, de repente tão real como nunca havia sido até aquele momento. Lucrécia nem cogitara a possibilidade de Giulietta talvez não ir com ela para Ferrara. Ela olhou para a

velha ama e viu — talvez pela primeira vez — a enfermidade da idade. Com um estremecimento, imaginou o crânio por baixo da pele enrugada, os ossos com sua carne parca. Então — como se fosse sua aquela dor — percebeu que Giulietta sentia aquela perda de forma tão aguda quanto ela própria.

Lucrécia abraçou a ama, sentindo os ossos enrijecidos de Giulietta, e ficaram abraçadas por um longo tempo.

Desprendendo-se do abraço e sorrindo para Giulietta, Lucrécia perguntou, com uma alegria forçada:

— Onde a senhora quer que eu coloque o pobre vestido rasgado?

Giulietta enxugou os olhos com um lenço.

— Naquele velho baú ao lado da porta. Não se incomode em dobrá-lo, *cara*. Ele não pode ser consertado.

Lucrécia levantou o vestido, foi até o baú ao lado da porta e ergueu a tampa. Algo inesperado chamou sua atenção.

— Ah! Olhe, Giulietta, olhe o que encontrei aqui! Eu estava imaginando onde isto estaria! Há meses que eu não via!

Giovanni alisou o pescoço de sua égua e riu quando ela balançou o focinho, satisfeita, esticando-se para a frente e fechando os olhos, relaxada. Ele ergueu os olhos quando um rapaz robusto de uns 25 anos entrou no pátio da estrebaria, rindo da expressão do animal.

— Ela adora isso, não é?

— Pietro. — Giovanni o cumprimentou com um aceno de cabeça. Pietro estendeu a mão, segurou o focinho da égua e inclinou a cabeça do animal na direção de seu rosto.

— As éguas são como as mulheres: basta acariciá-las no lugar certo e farão qualquer coisa — comentou com um ar de autoridade. Olhando para os dois lados para ter certeza de que estavam sozinhos, acrescentou: — Passei boa parte da noite de ontem acariciando a jovem Maria Fabbro em todos os lugares certos.

— A filha de Paolo?

Pietro assentiu com a cabeça, com um sorriso convencido no rosto. Giovanni engoliu em seco. Uma imagem da filha do seleiro, viçosa como um pêssego maduro, surgiu em sua mente. Ele prendeu a respiração. Costumava vê-la na estrebaria e toda vez se pegava pensando por tempo demais em seios. Seu rosto aqueceu.

— Espero que o pai dela não descubra. Não acho que sua vida valeria muito se isso acontecesse.

Pietro tornou a sorrir, pendurou um saco de feno no ombro e atravessou o pátio, assobiando enquanto se inclinava para passar sob a verga baixa da porta e entrava no depósito.

Giovanni deu um último tapinha na égua. Começou a caminhar vagarosamente de volta à mansão, chutando uma pedrinha na frente dele, levantando poeira no caminho ao avançar.

Giovanni podia estar com quase 15 anos, mas hoje tudo conspirava para fazer com que se sentisse uma criança. Quando ajudara Crezzi a se levantar esta tarde, perto da horta, de repente ela havia parecido tão diferente. Tão adulta, mesmo sendo pequena e magra como era, e tão *linda* — isso o tinha feito se sentir desajeitado e estúpido. Como se as mãos e os pés fossem grandes demais e não se encaixassem mais em seu corpo. Normalmente, o ano e meio de diferença que havia entre eles não era assim tão evidente. Mas, então, ela fizera aquela careta para ele e voltara a ser a mesma de sempre. E tudo tinha ficado bem. E agora Pietro — tão confiante, contando-lhe sobre suas conquistas. Não que ele tivesse muito do que se orgulhar — Maria ia para a cama com qualquer um.

Quando chegou à janela do quarto de Lucrécia, Giovanni parou.

— *A culpa é toda sua.* — Ele ouviu a voz dela dizendo naquela tarde.

— *A culpa de quê?*

— *De tudo*.

Ele bufou e chamou-a. Esperou. Tornou a chamar.

Giovanni ouviu o barulho de alguém mexendo na janela, depois as duas venezianas bateram na parede. Lucrécia se debruçou no parapeito, apertando os

olhos por causa da luz.

— Estou quase pronta — avisou a garota. — Não vá embora.

Giovanni balançou a cabeça em resposta.

Lucrécia perguntou:

— Aconteceu alguma coisa?

Ele deu de ombros.

— Espere! — Ela voltou para dentro.

Giovanni ficou parado com o peso do corpo sobre um dos pés, fitando a janela. Após um tempo, Lucrécia reapareceu com uma cestinha de palha em uma das mãos e uma corda comprida na outra. A garota se debruçou para fora, mordendo o lábio inferior, e começou a baixar a cesta. Giovanni levantou os braços quando ela o alcançou; espiou o interior e, apesar de sua inquietação, sorriu ao ver um laço de fita vermelha, retorcido em cachos como um pequeno lírio alaranjado. Ele o pegou e começou a cutucá-lo.

— Não estrague! — disse Lucrécia. Ela puxou a cesta de volta para cima, devagar. — Isso é para ser uma *prenda*. Como se você fosse um cavaleiro. Eu... Eu estou praticando para ser duquesa.

Giovanni se desculpou com uma reverência exagerada e, com a cabeça perto dos joelhos, ouviu uma risada lá no alto. Ele endireitou o corpo.

— Acabei de achar minha cesta em um velho baú. Você se lembra dela? — perguntou Lucrécia.

— É claro. — O rapaz inclinou a cabeça para trás a fim de vê-la melhor e o sol ofuscou seus olhos. Ele levantou uma das mãos horizontalmente para protegê-los.

— Depois que papai ficou tão zangado daquela vez, por causa do telhado.

— Eu não sabia que ainda possuía a cesta.

— Nem eu. Mas era uma brincadeira boa, não era?

Giovanni tornou a baixar os olhos e vislumbrou a fita, lembrando-se de como suas nádegas ficaram ardendo na última vez que havia segurado aquela cesta. Lucrécia apenas ficara de castigo no quarto, mas ele levara uma surra no dia em

que ambos subiram ao telhado do castelo, estupidamente imprudentes na busca por aventuras. Havia sido por sugestão dela, como a própria Lucrécia admitira para o tio Cosimo na ocasião, mas fora *ele*, Giovanni, o mais duramente castigado por aquilo. A injustiça ainda doía depois de dois anos.

Entretanto Crezzi estava certa: havia sido uma boa brincadeira — a única disponível para eles durante os três dias em que ela ficara de castigo. Giovanni havia procurado pequenos tesouros, recordou, e tinha roubado comida da cozinha. Colocava tudo na cesta de Crezzi para que ela puxasse de volta ao quarto e Lucrécia lhe enviava de volta mensagens tolas. Tudo isso parecia ter acontecido muito tempo atrás.

— Não vá embora — pediu Lucrécia. — Já vou descer. — A voz dela soou diferente, como se tivesse chorado, pensou Giovanni, ou talvez como se estivesse tentando não chorar. Ele se perguntou por quê.

As venezianas foram fechadas mais uma vez e as cigarras voltaram a cantar quando Giovanni se sentou com as costas apoiadas na parede, os joelhos dobrados, as mãos penduradas sobre eles, revirando o laço de fita entre os dedos.

2

Os dois primos ficaram parados próximo à porta da cozinha, despercebidos no caos escaldante dos preparativos para o banquete. A boca de Lucrécia estava seca: ao observar toda aquela atividade frenética, uma entusiasmada sensação de expectativa começava a afastar a tristeza que a notícia dada por Giulietta lhe causara. Ela passou a língua nos lábios, depois cutucou Giovanni e apontou para uma longa mesa.

— Ande, Vanni! Pegue um! — cochichou.

— Por que eu?

— Porque Angelo gosta mais de você que de mim. Se ele o vir pegando um, não ficará tão zangado quanto ficaria se fosse eu.

— Você sabe que é por *isso* que levo a culpa de tudo, porque me obriga a fazer tudo por você — falou zangado, mas foi até a mesa e pegou uma de uma dezena ou mais de enormes romãs de uma vasilha de madeira. Entregou à prima. Lucrécia fez um risco com a unha do dedo médio ao redor da coroa espinhenta da fruta, cheirou-a, depois enfiou a unha na casca, fazendo um buraquinho em formato de meia-lua. Enfiou um dedo no buraco, revelando um punhado de sementes rosadas e brilhantes, então tirou algumas e pôs na mão estendida de Giovanni. Ele sorriu para Lucrécia e pôs as sementes na boca. Ela raspou mais algumas para si mesma.

Ficaram algum tempo ali parados, comendo sementes de romã, observando e

ouvindo.

A enorme pedra cinzenta que cobria a fornalha estava chamuscada e brilhava sobre as chamas. A fumaça subia em caracóis ao redor da pedra, como se, pensou Lucrécia, estivesse saindo da boca de um dragão sonolento; ao subir e passar pelo facho de luz que entrava por uma janela alta, ela ganhava um brilho azulado. O fogo era feroz e os contornos dos três homens que cuidavam dele pareciam fora de foco, desenhados em traços intensos cor de laranja e azul-escuro. Um deles se afastou do calor do fogo e enxugou o suor do rosto, fazendo uma careta. Lá em cima, nas vigas, grandes pedaços de carne embrulhados em pano estavam pendurados em ganchos para defumar. Lembravam forcas de maneira horripilante, pendurados daquela forma. E, na outra extremidade da cozinha, dois barris de carvalho estavam abertos sob uma janela. Lucrécia estremeceu. A superfície do líquido que havia dentro deles se mexia. Ela puxou a manga da camisa de Giovanni e apontou.

— Enguias — avisou, fazendo uma careta.

— E quanto aos cisnes, então? — perguntou Giovanni.

Ele apontou para outra mesa comprida. Travessas, pratos e panelas estavam empilhados de um lado, enormes vasilhas de frutas e pilhas de legumes descascados estavam no meio, depois vinham montes de alcachofras, abóboras cor de laranja e cor-de-rosa e uma vasilha de cerâmica de cores fortes cheia de vagens. Na ponta, perto de onde estavam os dois primos, jaziam os corpos sem vida de um casal de enormes cisnes. Estavam deitados lado a lado de maneira triste, seus pescoços esguios torcidos e sem vida. Uma das cabeças pendia pesada para fora da mesa, os olhos sem vida contemplando o chão.

Lucrécia se aproximou e tocou um deles com a ponta de um dedo. A pele estava fria, como barro, por baixo das penas aveludadas. Cisnes permanecem casados pela vida inteira, pensou ela. Esses dois haviam morrido juntos, seu casamento de toda a vida continuando na eternidade, ou a proximidade aqui era apenas coincidência? Outros dois cisnes agora lamentavam a morte de seus companheiros enquanto nadavam sozinhos em águas desconhecidas?

Ela deu as costas para os cisnes e avistou mais uma mesa com um surpreendente conjunto de esculturas, feitas, conforme Lucrécia sabia de outros eventos, de açúcar. Cutucando as costelas de Giovanni, apontou para as esculturas.

— Não me diga que são... — começou a dizer Giovanni.

Ela o interrompeu.

— Cópias das esculturas favoritas de papai? Sim. As que estão no pátio dos fundos. Não são maravilhosas?

Giovanni passou dois dedos sobre uma das esculturas, depois os pôs na boca.

— Humm. Você tem razão. São maravilhosas.

— Não faça isso, Vanni! Se Angelo vir, vai matá-lo!

Giovanni bufou, então tornou a esfregar os dedos lambidos sobre as costas da ninfa de açúcar. Tornou a chupá-los. Sorriu.

— Você é nojento!

Giovanni abriu a boca para responder, mas, antes que pudesse dizer alguma coisa, um grito assustou a ambos. Eles se viraram.

Lucrécia se sobressaltou.

O tempo parou. O caos da cozinha era uma pintura, um segundo de silêncio, suspenso no ar, imóvel.

Uma ajudante de cozinha, com uma das mãos envolvida em panos, fazia uma careta de dor porque a água fervente de uma panela grande que ela tentava tirar do fogo entornou sobre seu pulso. O pano que arrancou da mão havia caído no fogo por baixo da panela e incendiado, iluminando seu rosto contorcido. Embora poucos na cozinha parecessem ter notado o que acontecera, os três cozinheiros se viraram ao mesmo tempo e olhavam espantados para a moça, igualmente horrorizados. Um deles segurava uma colher de pau; pedaços de carne crua da sopa caíram no chão ao redor de seus pés.

Lucrécia ficou paralisada.

E então a cozinha ganhou vida novamente e o grito se transformou em gemidos de dor. A moça cambaleou para trás, sacudindo a mão queimada, a

outra mão afastando a saia pesada do pano que ardia. Subitamente em pânico com a falta de iniciativa das pessoas, Lucrécia correu e parou diante da moça.

— Depressa! Você precisa enfiar a mão na água fria! — Ela segurou o braço que não estava queimado, porém a moça soluçou, tentando soltá-lo da mão de Lucrécia, que, no entanto, não o largou. — Não! Venha comigo! Você tem de vir. Vanni, onde há água mais perto?

Giovanni estava parado, nervoso, próximo à porta. Ela tornou a pedir:

— Onde? Aonde devemos ir, Vanni?

— O poço no pátio externo?

— Não. Muito longe.

E então Lucrécia teve uma ideia, embora suas entranhas se revirassem ao considerá-la. Ela arrastou a moça pelo braço bom até as sombras da extremidade oposta da cozinha.

— *Venha* — chamou. — Por aqui.

Pararam na frente dos dois barris de carvalho. Lucrécia sentiu uma onda de náusea ao ver os emaranhados viscosos se contorcendo abaixo da superfície.

— Enfie o braço aí dentro. Não vão machucar você e a água está fria.

Com um soluço, a moça recuou, tentando soltar o braço do aperto de Lucrécia. Ela estava com o braço queimado apertado contra o peito.

— Eu enfio o meu junto do seu — ofereceu Lucrécia e, trincando os dentes, ela segurou o braço vermelho e queimado da moça pelos dedos, fechou os olhos e enfiou os dois braços no barril antes que a ajudante de cozinha tivesse chance de resistir.

A água estava espessa, opaca e viscosa, e as enguias deslizavam em volta umas das outras em movimentos sinuosos. A manga de Lucrécia cobria quase todo o seu braço, mas os peixes deslizavam terrivelmente em volta da sua mão. Sentiu alguns arranhões de dentes afiados, embora nada que doesse de verdade. Os dedos da moça estavam rígidos e tensos e ela tentava se soltar de Lucrécia, respirando ofegante pela boca, os olhos arregalados e sombrios fitando o barril.

— Como está se sentindo agora? — perguntou Lucrécia. Estavam tão perto

uma da outra que ela podia sentir os cabelos da moça roçando em seu pescoço. Sorriu, mas a jovem não retribuiu.

Passado algum tempo, Lucrécia disse:

— Talvez já tenha ficado na água por tempo suficiente. Minha mão está congelando. Vamos ver.

Ela tirou o braço do barril, largando os dedos da moça. A manga de seda cor de ameixa estava encharcada de uma água marrom até acima do cotovelo e grudara em seu braço como uma segunda pele, brilhando com a gosma das enguias. Gotas grossas caíam dela, manchando a saia castanho-avermelhada, então Lucrécia se inclinou para a frente e esticou o braço para o lado. Com a outra mão, ela soltou a renda do ombro e depois, com uma careta de nojo, removeu a manga encharcada. Segurando-a distante do corpo com as mãos, Lucrécia a torceu e mais gotas viscosas caíram no chão empoeirado.

A ajudante de cozinha examinou sua queimadura. O vergão vermelho estava menos vívido e gotas de água se agarravam aos pelos de seu pulso fino. Ela tocou de leve o local com o dedo trêmulo, depois ergueu o olhar para Lucrécia.

— Está um pouco melhor — disse a ajudante. — Obrigada, *signorina*. Não precisava fazer isso por mim.

Lucrécia viu a moça fitando o vestido dourado, todo bordado — agora manchado de gosma de enguia. Ela viu a moça examinando seu braço nu, a manga amassada e molhada em sua mão, e imaginou o que ela estaria pensando. Como ela a veria? Como uma jovem aristocrata bondosa e compassiva, disposta a sacrificar parte de seu suntuoso guarda-roupa para ajudar uma empregadinha queimada? Como uma moça tola, vestida como uma duquesa mas atrevida e infantil, estragando suas belas roupas impulsivamente? Ou, pior ainda, como uma simples intrometida?

Ela abriu a boca, tentando pensar em algo que pudesse tranquilizar tanto a moça — que parecia assustada — quanto a si mesma, mas, antes que pudesse falar qualquer coisa, um grito irritado soou acima do barulho da cozinha, fazendo-a pular de susto.

— O que você está aprontando, Catelina, sua vadia preguiçosa? Volte aqui! Aquela maldita panela já vai estar sem um pingo de água quando você tiver terminado de tagarelar! — O grande e corpulento *signor* Angelo, com as mãos nos quadris, a boca parecendo um buraco retangular em seu rosto balofo, olhava furioso para elas do outro lado da cozinha. — E vocês, vocês dois! — Ele fez um gesto com a mão. — Saiam já daqui, antes que eu chame a *signora*!

— Venha — resmungou Giovanni.

Ele apontou com a cabeça na direção da porta. Lucrécia começou a andar para onde o primo ia, mas viu que o resto da romã ainda estava sobre a longa mesa onde a haviam deixado. Ela a pegou, sorriu para Catelina e atirou a fruta para a moça. Depois, Lucrécia e Giovanni se esgueiraram pela porta estreita da cozinha. Catelina pegou a romã com a mão boa e acenou timidamente para Lucrécia.

— Ah, pelo *amor* de Deus! — exclamou Giulietta, incrédula. — Não faz nem meia *hora*! A senhorita não consegue ficar limpa e arrumada por mais de cinco *minutos*? O que há de *errado* com a senhorita? — Ela fez uma pausa, sentindo o sangue pulsar nos ouvidos. — Venha cá!

Lucrécia começou a atravessar o quarto.

— E pode me dar logo *isso*! — acrescentou Giulietta, zangada e arrancando a manga encharcada da mão de Lucrécia. Ela a sacudiu e examinou, estalando a língua.

— Desculpe, Giulietta, sinto muito mesmo, mas se a senhora tivesse visto...

Giulietta ergueu as mãos, com as palmas viradas para a frente, para silenciá-la.

— Não me conte! Não diga nada! Não quero saber. E a senhorita ainda pergunta por que não a acompanho a Ferrara? Mais um pouco desse tipo de comportamento e a senhorita vai mesmo me matar.

A ama soltou os laços da manga limpa e a tirou do braço de Lucrécia com um puxão forte.

— Pode buscar outro para você mesma, mocinha. Eu *não* vou me ajoelhar uma terceira vez por sua causa hoje. Qualquer outra camareira que escolha para

acompanhá-la a Ferrara precisa ser avisada de que pode esperar uma vida *bastante* difícil.

Lucrécia não respondeu, mas Giulietta a viu seguir até o menor dos dois baús e se ajoelhar diante dele. Ergueu a tampa e remexeu seu interior, depois sentou sobre os calcanhares, com um par de mangas de um tom âmbar-alaranjado em uma das mãos. Sem dizer uma palavra, ela as entregou à ama.

Lucrécia enfiou no bolso um punhado de nozes, rolando-as umas sobre as outras entre os dedos.

— Eu não teria ficado surpresa se ela tivesse me batido, Vanni. Giulietta estava *tão* zangada.

Giovanni deu de ombros.

— Ela simplesmente se recusou a ouvir uma palavra do que eu tinha para dizer — prosseguiu Lucrécia. — Eu tentei explicar que...

— Quer um damasco? — interrompeu Giovanni. — Meus bolsos estão cheios demais.

A irritação comprimiu a cabeça de Lucrécia como uma faixa. Após ouvir a repreensão da ama, ela queria despejar sua frustração com a raiva injustificada de Giulietta, queria que Giovanni a apoiasse, concordasse que o que havia feito aquela tarde fora um gesto altruísta, e não o "ato apressado de uma criança imprudente", como a ama tinha descrito com tanta veemência. A tristeza que havia sentido com a ideia de perder sua ama agora se misturava ao alívio de escapar da mão de ferro da velha senhora pela primeira vez na vida.

Ela aceitou o damasco que Giovanni ofereceu, mas, em vez de comê-lo, guardou-o no bolso.

Os primos ficaram parados nas sombras de um corredor, espiando pela porta aberta de um salão comprido, com o teto de madeira, no meio do qual havia uma grande mesa. Sua superfície encerada estava agora oculta por uma toalha bordada, pratos, copos, flores, frutas, velas e fitas — o suficiente para pelo menos trinta convidados.

No outro extremo da sala, sua mãe e seu pai davam as últimas ordens aos criados que receberiam o grupo vindo de Ferrara. Lucrécia imaginou a chegada ruidosa do duque e seu séquito, então sua irritação desapareceu.

— Tia Eleanora está linda — comentou Giovanni.

A mãe de Lucrécia trajava um vestido azul-escuro; as mangas, com diversas aberturas, mostrava pequenos pedacinhos dourados e, quando ela levantou um braço para apontar para uma das janelas, um fio de pérolas pequeninas foi iluminado pela luz das tochas que ardiam em seus suportes nas paredes. Mesmo dali do corredor, Lucrécia podia ouvir o delicado sussurro das saias de seda azul quando Eleanora de Medici se movia.

Ela viu a mãe examinar as flores, que caíam pelas paredes como cascatas, os quatro enormes loureiros que montavam guarda em cada canto do salão, os painéis de seda vermelhos, brancos e verdes pendurados entre as janelas e balançando ao vento. Aquelas, Lucrécia sabia, eram as cores da família Este — sua mãe devia tê-las escolhido para agradar ao ilustre convidado. Ela, Lucrécia, era o mais importante troféu que aguardava o duque, supunha-se, mas sua mãe estava se certificando de que o presente estivesse bem-embrulhado.

Lucrécia viu a mãe falar com o pai, olhando-o como quem busca apoio. Ele colocou as grandes mãos sobre os ombros da esposa e sorriu para ela, depois pousou uma palma em seu rosto. Lucrécia engoliu em seco, certa de que conversavam sobre ela, ansiosa de repente pelo aparente nervosismo da mãe.

— Venha, vamos sair daqui antes que nos vejam — falou Giovanni.

Ele pegou a mão de Lucrécia. Ela se virou, mordendo o lábio, e os dois percorreram o corredor e saíram para uma varanda que dava para o pátio central.

— Eles vão ter de entrar por aqui, não é? — perguntou Giovanni. Ele se sentou no chão de ladrilhos entre dois grandes vasos de terracota com buxinhos. Pegou duas nozes do bolso e as quebrou com as mãos.

Lucrécia concordou com a cabeça e se sentou ao lado dele.

— Então, se esperarmos aqui, iremos vê-los.

Outro aceno de cabeça. Giovanni segurou as nozes quebradas na palma da

mão. Tirou o miolo e jogou fora as cascas por cima do ombro. Enquanto isso, Lucrécia pegou do bolso o damasco e encostou sua casca aveludada nos lábios. Fragmentos de imagens e frases sem sentido passaram por sua mente enquanto ela sentia o perfume quente e doce da fruta; seus olhos ficaram embaçados e, quando encostou a testa nas grades de ferro da balaustrada, pôde sentir o corpo se mover sutilmente no ritmo de sua própria pulsação.

Um súbito ruído de cascos de cavalos, rodas e vozes altas exigindo ação imediata a fizeram estremecer. Giovanni ficou de joelhos, com as cascas de nozes se espalhando desordenadamente ao redor dele.

— Eles estão aqui, Crezzi.

Os dois cruzaram os braços sobre a balaustrada, apoiando os queixos nas mãos, parecendo, Lucrécia imaginou, um par de gárgulas ansiosas. Ela ainda segurava o damasco, agora quente e úmido, em uma das mãos.

As pesadas portas do saguão de entrada foram abertas. Uns cinco empregados Cafaggiolo saíram para o pátio ensolarado. Lucrécia viu a mãe e o pai andando de braços dados; ambos sorrindo para um homem alto vestido de preto que caminhava ao lado deles.

— É ele, não é? — cochichou Giovanni.

O duque examinava o pátio. Ele tirou o chapéu de plumas e o casaco enquanto andava e os entregou a um rapaz que estava logo atrás dele. Por baixo do casaco, suas roupas eram muito simples e sem graça. Sua presença já era suficientemente vistosa, no entanto, pensou Lucrécia; não precisava recorrer a fitas e recortes para causar impacto. Era mais alto do que ela se lembrava, porém Lucrécia não havia se esquecido nem por um instante dos olhos escuros e penetrantes.

Um cachorro malhado de preto caminhava ao lado do duque — uma criatura alta, de pelo áspero, com um rabo comprido e fino. Os olhos de Lucrécia se arregalaram com o tamanho do animal. A mão do duque estava pousada na cabeça do cão ao caminhar e seu cotovelo se mantinha dobrado.

Lucrécia observou o recém-chegado atravessar o pátio com o restante do

séquito. Ele fitava cada detalhe ao redor, ao que parecia, até que, de repente, ergueu o olhar para a varanda e os olhos dos dois se encontraram. O duque parou de falar. Lucrécia deixou cair o damasco que segurava. A fruta rolou pela balaustrada e caiu no chão a menos de dois metros do pequeno grupo. O cão rosnou baixinho, mas a sombra de um sorriso passou pelo rosto do duque. Lucrécia enrubesceu. O duque não deu nenhuma outra indicação de que a vira ou ao damasco, mas retomou a conversa com seu pai e sua mãe.

Quando o grupo chegou do outro lado do pátio, seu pai se virou para Lucrécia, fitando-a zangado.

— Promete que vai descer agora mesmo, *signorina*? — A dama de companhia mais jovem de sua mãe passou o peso do corpo de um pé para o outro. Sem jeito e envergonhada, a moça acrescentou, com uma franqueza rude: — É só que minha senhora me mandou não sair daqui antes de ver a senhorita começar a se mexer. — Ela hesitou. — Estão todos a esperando.

Giulietta abriu a boca, mas Giovanni disse depressa:

— Não se preocupe. Vou apressá-la.

A moça fez uma rápida reverência, enrubesceu quando Giovanni sorriu para ela e em seguida desapareceu.

— Como estou? — perguntou Lucrécia.

— Linda, *cara* — respondeu Giulietta, dando-lhe um beijo no rosto.

— Vanni?

Giovanni pensou. A resposta grosseira e impensada que normalmente teria dado não parecia adequada diante da aparência surpreendentemente estranha da prima: ela se assemelhava a uma bela desconhecida. Resolveu dizer a verdade.

— Você está mesmo linda — declarou, sentindo-se tolo.

Lucrécia sorriu, mordendo o lábio inferior. Beijou Giulietta e saiu do quarto, percorrendo o corredor que dava na escadaria principal. Giovanni a seguiu, alcançou-a rapidamente e caminhou ao lado da prima. Os braços dele pareciam pertencer a outra pessoa — Giovanni se irritava com a forma como balançavam.

Uma imagem nova e desagradável havia surgido em sua mente mais cedo. Ele não conseguia se livrar dela, embora o deixasse bastante envergonhado. De certo modo, era aceitável ao pensar em Pietro com aquela vadia da filha de Fabbro; também era sem dúvida agradável quando era ele mesmo com... Bem, ele não sabia com quem seria. Mas pensar em Crezzi e... e aquele homem! Giovanni estremeceu. Ele sentiu suas entranhas se revirarem de vergonha por pensar em tais coisas, porém a imagem era insistente.

Não entendia exatamente por que se sentia tão incomodado com ela. Não era simplesmente o que Crezzi dizia — que ele só pensava nas coisas que eram feitas no quarto, ultimamente. Não. Havia algo em relação a *ele* que fazia com que Giovanni se sentisse como um cachorro, cara a cara com um inimigo — dentes à mostra, orelhas para trás, rosnando, ombros retesados. De fato, quando foram apresentados algumas horas atrás, os pelos de seus braços ficaram arrepiados. Ele não conseguia explicar, mas sabia que não gostava do duque.

— Você se lembra do dia em que colocamos capas e chapéus em todas as estátuas da *loggia*, Vanni? — Lucrécia interrompeu seu devaneio.

— Como poderia esquecer? Levei mais uma surra por causa disso, não levei?

De repente, Lucrécia parou. Eles haviam chegado à entrada do pátio.

— Oh, *cielo*! Lá estão todos — cochichou ela.

Tia Eleanora, tio Cosimo e alguns amigos deles, que Giovanni conhecia de vista, estavam lá fora na *loggia*. Com eles estavam mais uns dez homens que ele nunca vira antes e diversas damas de companhia de tia Eleanora. E, conversando com tio Cosimo, estava o homem alto de preto. Deitado a seus pés, batendo de vez em quando com o rabo nos ladrilhos do pátio, jazia o grande cão malhado.

Lucrécia saiu e o sol fez seus cabelos brilharem como cobre. Como se uma das estátuas tivesse ganhado vida, pensou Giovanni. A conversa cessou. Lucrécia parou na frente do duque e fez uma profunda reverência, com a cabeça inclinada, o vestido enrugado no chão em volta dela. Então ergueu o rosto para o homem, ainda em plena reverência. Ele estendeu a mão para Lucrécia, que a tomou.

De onde estava, Giovanni não pôde enxergar se a prima sorria, mas a figura

alta vestida de preto com certeza o fazia.

Giovanni cerrou os punhos. Com um olhar enojado, deu meia-volta e retornou para a escuridão do corredor.

3

O galgo ficou de pé, suas patas arranhando as lajes do pátio. Ele se sacudiu e estremeceu do focinho ao rabo e atravessou a *loggia* até onde seu dono estava sentado, conversando, enfiando o focinho em sua mão. Sem interromper o que dizia, o duque começou a acariciar a cabeça do cachorro, passando a mão por seu focinho e por trás de suas orelhas. O animal se encostou na lateral da cadeira, abanando o rabo.

— Não, o senhor tem razão — falou o duque. — Já faz... o quê? Um pouco mais de três meses, talvez, desde o Tratado de Cateau-Cambrésis, não é? E, apesar de todos os maus agouros que acompanharam a assinatura daquele terrível tratado, devo admitir que não notei nenhuma interferência explícita dos franceses.

Cosimo de Medici concordou.

— Mas acho que o senhor teve sorte em Ferrara, Este. Aqui na Toscana estamos rapidamente sendo envolvidos por uma "interferência" censurável.

— Mas quem sabe o que acontecerá agora que Henrique está morto? — indagou Este.

Medici suspirou.

— Devo admitir que estou aliviado por ele ter morrido: a influência dele na Espanha e na Inglaterra era um tanto... *exagerada* para meu gosto. Mas morrer daquela forma! Que modo sem sentido de partir! — Ele fez uma careta.

O duque não respondeu. Sua pele ficou arrepiada ao visualizar a cena: o falecido rei francês com o fragmento da lança quebrada de um participante de justa enfiado no olho. Entrara por um olho e saíra pelo ouvido, disseram.

— Sim. Terrível — comentou calmamente.

Então o rosto de Medici desanuviou tão depressa que foi quase cômico, pensou Este.

— Mas vamos falar de coisas mais alegres — disse seu anfitrião, agora com um ar positivamente radiante. — Como é *bom* pensar que com nossa aliança estaremos impedindo, mesmo que minimamente, esta imposição infernal da maldita hegemonia francesa!

— É sem dúvida um grande prazer dar tal passo, senhor.

Este inclinou a cabeça. Isso não era um exagero. Ele viu em sua mente a figura esbelta de sua futura duquesa, fitando-o com olhos brilhantes das profundezas de sua reverência graciosa, mais cedo naquela tarde. O sol inflamara seus cabelos, as saias se ergueram em torno da jovem, como se ela estivesse se banhando nelas, e um leve rubor colorira seu rosto. Havia sido uma visão arrebatadora. Lucrécia não tinha uma beleza tradicional, pensou o duque: seu corpo ainda não estava desenvolvido completamente e havia algo de pueril a respeito disso, no entanto, a garota possuía um tipo de doçura ingênua, esguia, sardenta, que — embora evidentemente muito diferente da voluptuosidade sibarita de Francesca — era sem dúvida encantadora.

A inexperiência de Lucrécia era óbvia.

Este sentiu certa inquietação ao pensar nisso, recordando a exuberância de sua mais recente cópula com Francesca. Sua amante hedonista, pensou o duque, encorajava-o em seus atos mais libidinosos, mas até agora, deu-se conta, ele jamais se deitara com uma virgem — nunca havia tido a oportunidade de descobrir os prazeres de penetrar uma beleza perfeita e pura, deixando sua marca num território inexplorado. Ele imaginou a sensação e, sentindo uma ereção, mudou de posição na cadeira.

— Pensativo, hein, Este? — A voz de Cosimo de Medici foi como um soco

em sua mente. — Contemplando os futuros prazeres do matrimônio, talvez? Por que não caminhamos um pouco antes de comer? As mulheres descerão logo e sem dúvida seremos chamados à mesa em breve.

Alfonso d'Este se levantou. O cão se espreguiçou e abanou o rabo, erguendo-se também. Cosimo de Medici estendeu um braço na direção dos jardins do outro lado da *loggia* repleta de estátuas. Os dois homens caminharam vagarosamente pelos caminhos estreitos, e o cheiro de lavanda, manjericão e tomilho subiu às narinas de Alfonso. Um dos canteiros estava pisoteado e o arbusto ao lado estava quebrado. O galgo enfiou o nariz investigando a bagunça, mas Alfonso estalou os dedos.

— Folletto! — chamou. — Aqui! Saia daí!

— Ah, deixe-o explorar! — falou Cosimo de Medici com alegria. — Não faço ideia do que aconteceu com o pobre canteiro, mas o cachorro não vai deixá-lo pior do que já está. Amanhã aviso ao jardineiro. Certamente precisará ser reparado antes do... Ah, estão nos chamando!

Lucrécia mudou ligeiramente a distribuição de seu peso sobre uma das nádegas e passou a mão sob a coxa, ajeitando uma prega da saia. O barulho dos mais de trinta convidados era considerável: o burburinho insistente das conversas pontuado pelo raspar dos talheres e o tilintar dos copos.

Ela contemplou a mesa. Bem no centro estavam os dois grandes cisnes assados, com as penas recolocadas, os pescoços duros entrelaçados, no que pareceu a Lucrécia uma triste paródia de cortejo. Havia travessas e mais travessas cheias de frutas, legumes, doces e ostras, e cascatas de flores caindo por cima, por trás e em volta das travessas.

Um quarteto de músicos parou de tocar e uma trupe de anões dançarinos fez uma reverência para os convidados e correu pela sala. Lucrécia os observou sair, sem entusiasmo. Ela nunca gostara deles, embora soubesse que eram muito apreciados por seus pais. Deixavam-na nervosa: a proporção estranha de suas pernas era cômica, os passos eram rápidos e curtos demais para um adulto, mas

pesados demais para uma criança.

— Seu pai teve muito trabalho e muita despesa, *signorina* — falou o duque.

— Ele só quis garantir que o banquete estivesse à altura da ocasião, senhor.

O duque inclinou a cabeça.

— O senhor deve participar de tantas festas e banquetes — prosseguiu Lucrécia — que provavelmente é difícil distinguir uns dos outros depois de algum tempo.

— Alguns permanecem por mais tempo na memória.

Com o rosto vermelho, Lucrécia baixou os olhos para o prato. Enguias. Ela lançou um olhar para Giovanni e abafou uma risada. O duque a fitou com curiosidade.

— As enguias a divertem?

— Não é nada, *signore*. Foi apenas algo que aconteceu esta manhã. Nada importante.

Suas bochechas agora pareciam estar em chamas. O duque tomou fôlego, como se fosse dizer alguma coisa, mas, antes que pudesse falar, uma voz efervescente à sua direita comentou:

— Estas enguias são de seus pântanos em Comacchio, Este... As melhores da Itália.

O rosto de Cosimo de Medici estava partido em um sorriso radiante. Quando fitou Lucrécia, piscou um olho para a filha. Alegre e exagerado como sempre, ele continuou:

— O senhor tem mesmo muita sorte em possuir as terras ao redor do rio Pó no ducado de Ferrara. É uma parte do território extremamente fértil, Este, extremamente fértil!

— Tenho homens excelentes cuidando da região.

— E, além disso, tem sido um bom verão até agora.

Criados em trajes coloridos entraram por diversas portas. Eles rodearam a mesa, levaram embora as enguias e os copos e os talheres usados, abrindo espaço. Os convidados se viraram para a extremidade da sala ansiosos e os músicos

recomeçaram a tocar. Desta vez, a música era triste e melancólica, e preencheu a sala de uma doçura que Lucrécia supôs que devesse refletir a graça dos cisnes "nadando" pela mesa coberta de flores. Pobrezinhos, pensou ela.

Os convidados aplaudiram e o trinchador-chefe começou a trabalhar.

— O nome dele é Girolamo Tagliente — disse Lucrécia ao duque. — Ele só foi promovido a trinchador-chefe no ano passado, mas está conosco desde que eu era pequena, tanto aqui quanto em Florença.

O duque observava Tagliente e pareceu, como Lucrécia gostou de notar, ao menos um pouco impressionado.

— Sempre nos sentíamos à vontade para pedir a ele pedacinhos de carne quando éramos pequenos — continuou ela, e o duque sorriu.

— Nosso trinchador-chefe em Ferrara tem uma reputação feroz — replicou ele —, embora eu não saiba bem de onde ela surgiu. O temperamento do sujeito, segundo ouvi dizer, é lendário, mas nunca o vi zangado. Como costuma acontecer com as lendas, raramente os fatos correspondem à ficção.

Lucrécia comentou:

— Mas o senhor precisa tratar com enorme respeito alguém que tem tanto a reputação de ser feroz quanto uma tremenda habilidade com facas, não é mesmo?

O duque riu.

— Não há dúvida de que sim! — exclamou, e o olhar dele foi dos olhos de Lucrécia para a boca e então retornou aos olhos.

Suas palavras e a risada dele tornaram a soar na cabeça de Lucrécia. Ela mordeu o lábio para impedir que seu sorriso fosse exagerado demais.

— Por falar em nosso trinchador-chefe — continuou o duque —, recebemos convidados com frequência em Ferrara. Nesta época do ano, jantamos muito no exterior do castelo, no pátio central. Iluminado por tochas, ele fica muito agradável, e, quando temos a sorte de a lua estar cheia, é encantador.

— Estou ansiosa para conhecer o castelo e o terreno em volta, *signore*.

— E todos lá estão ávidos por sua chegada — disse o duque com um sorriso indolente. Lucrécia sustentou o olhar dele, que piscou devagar, fazendo-a desviar

o olhar para as próprias mãos.

Houve uma longa pausa. O silêncio, pensou Lucrécia, avolumou-se entre eles, ameaçando estourar como um odre de vinho cheio demais.

Após um momento, o duque falou:

— Preciso agradecer-lhe a excursão através da casa. A senhorita tem opiniões muito originais a respeito da coleção de seu pai, *signorina*.

— Papai adora seus quadros e, acredito que particularmente, suas esculturas, *signore* — respondeu Lucrécia. — Talvez o entusiasmo dele seja contagiante, pois sempre gostei também. — Ela olhou na direção do pai, que agora conversava animadamente com uma mulher pequenina a sua esquerda. Embora soubesse que ele não a ouvia, Lucrécia baixou a voz mesmo assim. O duque se inclinou na direção dela, com as sobrancelhas erguidas, e Lucrécia sentiu o coração acelerar com a proximidade. Ela falou, quase sussurrando: — Ele já nos descreveu cada peça tantas vezes que eu seria uma péssima aluna se, após tanta repetição, não me lembrasse ao menos de *alguns* dos detalhes.

Esperava um sorriso, mas, para sua decepção, os olhos do duque ficaram frios de repente. Sem saber o que havia feito para desagradá-lo, Lucrécia começou a mexer na comida com o garfo, porém sua garganta parecia ter inchado e o apetite quase havia desaparecido. O duque virou para o outro lado e começou a conversar de novo com o pai dela.

Lucrécia comeu pouco dos pratos que se seguiram às enguias e provou apenas um pouquinho da salada — as favas grandes e o queijo parmesão, dos quais gostava muito, mas que não estava mais com vontade de comer. ("Maldita comida de camponês que a nobreza gosta de pensar que ilustra toda a sua *tolerância*!", lembrou-se de ter ouvido Angelo, o cozinheiro, reclamando da última vez que sua mãe pedira esse prato.)

O duque e seu cachorro pareciam satisfeitos com a comida: o enorme cão de caça estava sentado ao lado do dono, suas cabeças quase na mesma altura. De vez em quando, ele descansava o focinho na toalha de linho e olhava para o prato do dono, com os pelos caídos sobre os olhos balançando enquanto observava o

progresso de cada garfada. O duque pelo visto gostava de dar um pouco de sua comida para o animal, e ambos pareciam apreciar a comida.

Lucrécia pegou um pedaço de pão e começou a despedaçá-lo. As migalhas se espalharam pela mesa e em seu colo. O que o teria aborrecido tanto nas palavras dela? Talvez o que Lucrécia havia pretendido que fosse apenas uma brincadeira afetuosa sobre seu amado pai tivesse soado ao *signor* d'Este como desrespeito. Olhando de relance para o duque, viu que ele ainda estava conversando animadamente com seu pai, com as mãos erguidas para enfatizar o que dizia.

— ... e, em minha cabeça, é inconcebível uma reação dessas nem mesmo ser *tolerada*, quanto mais encorajada — dizia o duque.

— Ah, concordo inteiramente, Este! — Ela ouviu o pai responder. — Em 1556, se o senhor se lembra, logo depois da abdicação, ocorreu o mesmo quando os adversários de Carlos tentaram interferir.

— Exatamente.

Lucrécia ouviu a discussão política sem entender muito, observando a boca do duque. Daqui a algumas semanas, pensou, passando a ponta da língua sobre os dentes, ela conheceria o gosto e a sensação daquela boca, seria acariciada por aquelas mãos. Quão fácil seria agradá-lo? Ou, talvez, dada sua recente reação às palavras dela, talvez a pergunta devesse ser: quão fácil seria *desagradá-lo*?

A maioria dos convidados havia ido embora: o ruído insistente de vozes que, com vivacidade, enchera a noite agora não passava de um leve rumor, e apenas algumas conversas esporádicas ainda ocorriam na *loggia* repleta de estátuas atrás da grande casa de Cafaggiolo. O zumbido dos grilos ao fim da noite ziguezagueava sob o céu estrelado.

Alfonso d'Este levou a mão de Lucrécia aos lábios e beijou os nós de seus dedos.

— Obrigado por sua companhia durante o jantar — disse, ainda segurando os dedos da jovem. — Estou ansioso para vê-la amanhã de manhã.

Ele viu um leve rubor cobrir o rosto de Lucrécia quando ela lhe sorriu, com os

olhos brilhando. Reflexos dourados cintilavam nos cabelos da jovem sob a luz da lâmpada. Ela era muito bonita, pensou o duque. Queria olhar para os seios de Lucrécia — podia ver o decote quadrado do vestido cor de ferrugem subindo e descendo quando ela respirava e isso perturbava sua concentração —, mas não se permitiu. Ser pego fazendo isso seria indigno e vergonhoso.

— Quem sabe o senhor gostaria de ver um pouco das terras que circundam o castelo amanhã, *signore* — sugeriu Lucrécia.

Alfonso sentiu uma leve pulsação na ponta dos dedos dela. Ele respondeu, sorrindo:

— Eu adoraria explorar as terras que foram seu lar por tantos anos.

Então, apertando com leveza os dedos de Lucrécia, soltou sua mão.

A sua esquerda, ele viu Eleanora de Medici observando a conversa. Os olhos da mulher eram escuros e grandes sob a luz da lâmpada. Alfonso percebeu, surpreso, que ela parecia, mais que qualquer outra coisa, *temerosa*. Desconfiada. Ao cruzar os olhos com os dele, Eleanora se assustou e sorriu, embora o sorriso parecesse constrangido e tivesse durado apenas um segundo.

O marido dela, com o braço passado por seu ombro, deu um tapinha em suas costas e disse, numa voz firme:

— Bem, Eleanora, *carissima*, está na hora de nossos hóspedes terem o merecido descanso. — Estalando os dedos algumas vezes, ele chamou alguns criados que estavam aguardando por perto. Caminhando na frente deles, Cosimo de Medici parou diante de Alfonso e o cumprimentou com um movimento de cabeça. — Senhor, foi um imenso prazer gozar de sua companhia esta noite. Espero que tenha se divertido. Estou certo de que se sentirá confortável em seus aposentos e que terá uma boa noite de sono.

— Estou encantado com a experiência — respondeu Alfonso. Ele olhou para Lucrécia, que baixou o olhar para o chão e depois o fitou por entre os cílios. Alfonso ergueu uma sobrancelha para ela, que sorriu.

Alguns momentos depois, acompanhado por um criado em trajes coloridos, Alfonso subiu os três lances de escada que levavam até sua suíte. Assegurando

diversas vezes ao ansioso criado que estava mais que satisfeito com os aposentos, e finalmente dando boa noite para ele, fechou a porta do quarto, atravessou o cômodo a passos largos, puxou a colcha e se sentou na beirada do colchão.

As janelas ainda estavam abertas. Uma lua fina como um sorriso brilhava baixo e amarela no céu noturno.

Alfonso se deitou e fechou os olhos. Exceto pelo cricrilar esporádico dos grilos do lado de fora, o silêncio era completo. Ele correu as mãos pelo rosto, apertando os olhos; padrões oscilantes de luz e escuridão surgiam sob a pressão de suas mãos e os pensamentos, surpreendentemente calmos durante o dia inteiro, explodiram em sua habitual confusão.

Entrou por um olho e saiu pelo ouvido... Como uma criança que não consegue resistir a uma casca de ferida, ele voltou àquela imagem terrível: o momento em que, quinze dias antes, a consistência do olho do rei Henrique cedera e uma lasca de madeira atravessara a cavidade mole. Ele imaginou, com um aperto na barriga, a agonia que isso devia ter causado. A velocidade e a agudez. Aguda. *Mas o senhor precisa tratar com enorme respeito alguém que tem tanto a reputação de ser feroz quanto uma tremenda habilidade com facas, não é mesmo?* Lucrécia dava a impressão, pensou o duque, de ter um moderado senso de humor, o que devia ser encorajado, embora lhe perturbasse um pouco isso aparentemente estar ligado a uma tendência inquietante e desrespeitosa à independência. Esse comportamento devia ser controlado. Mas qual seria a melhor forma de fazer isso? A imagem que ele começava a formar de sua perfeita duquesa tinha de ser mantida. Como esta criança poderia se comparar a sua amante? Ela poderia — conseguiria — ser feliz ao aceitar dele o que Francesca tanto apreciava? Seria tão permissiva quanto sua amante libertina de seios como pêssegos maduros e aquele traseiro que faria Afrodite chorar de inveja? O que era mesmo que Francesca tinha dito? *Você vai me dispensar depois de seu casamento? Ou ainda vai precisar de mim?* Ele precisaria? Ele precisaria de Francesca após ter aquela garota em sua cama? Após a virgindade de Lucrécia ser rompida e ele penetrar sua maciez inexoravelmente? Inexorável. Excepcionalmente inexorável. *Excepcionalmente fértil, Este,*

excepcionalmente fértil. Lucrécia seria assim? Era imperativo ter um herdeiro, afinal de contas. Imperativo.

Os pensamentos de Alfonso se sobrepunham, desesperados para chegar ao topo da pilha; as imagens que os acompanhavam dançavam ainda mais freneticamente e trechos de música ouvidos durante o jantar soavam em sua cabeça. Alfonso apertou o crânio com os dedos.

— Chega! — exclamou em voz alta.

O cão se mexeu em seu sono ao ouvir a voz do dono.

Ele respirou devagar. Percorreria o labirinto outra vez. Empreendendo a viagem habitual pelos corredores escuros e tortuosos de sua mente, Alfonso iria se concentrar em contar seus passos ao caminhar vagarosamente no escuro em direção à inevitável porta que havia no final. Mas não passaria por ela. Ficaria esperando do lado de fora, observando-a, apoiando-se nela, conhecendo o que havia do outro lado, ao mesmo tempo fascinado e enojado por saber o que desejava, porém precisando de uma trégua do caos.

— Quer parar com isso, Eleanora? Simplesmente não consigo entender por que você está criando tanto caso. — Cosimo de Medici ergueu as cobertas até o peito e fechou as cortinas da cama. — O homem é obviamente culto e inteligente. As opiniões dele sobre o painel de bronze de Ghiberti...

— Ora, Cosimo, eu não podia me importar *menos* se ele sabe ou não tudo a respeito de cada artista italiano — respondeu Eleanora. Ela olhou irritada para o marido. — Você vem se recusando a dar ouvidos a minhas preocupações desde que sugeriu esse casamento e agora que já foi longe demais para ser desfeito...

— E por que, em nome de Deus, eu iria querer desfazer?

Eleanora sentiu um aperto de ansiedade comprimir sua garganta.

— Porque não acho que este casamento vá torná-la feliz. É por isso.

Ela atirou longe as cobertas, afastou as cortinas de seu lado da cama, pôs as pernas para fora e se levantou.

O rosto normalmente alegre do marido agora tinha uma expressão de espanto

e incompreensão. Ele espiou através do cortinado.

— Por Deus, o que você quer dizer com isso?

— Ela é jovem demais. — Eleanora enfatizou cada palavra.

Cosimo ficou irritado. Ele saltou da cama.

— Bobagem! Dezesseis anos é uma idade perfeitamente aceitável para...

— Não me *importa* se é aceitável ou não! Fora o fato de que já lhe falei dezenas de vezes que a idade média para casar, mesmo em *Florença,* agora é 17 ou 18 anos, não estou falando disso. Estou falando de nossa filha.

— Eu também! De que mais estamos falando?

— De que mais? Vou lhe dizer de que mais! De sua determinação cega em manter a "continuidade da superioridade dos Medici" a qualquer custo... e de seu desespero em deixar sua marca pessoal nos anais da história e...

— Ah, não, não, não! Você está exagerando!

Uma pausa súbita.

— Estou mesmo? — Eleanora baixou propositalmente o tom de voz para um mero sussurro. Como havia pretendido, isso deixou o marido confuso: ele engoliu a resposta que estava prestes a dar, respirando pesado, como se tivesse corrido por algum tempo.

Após outra pausa, Cosimo disse, claramente se esforçando para soar calmo e preocupado:

— Muito bem. Então me diga, *cara*, o que está perturbando você.

Sentindo os olhos cheios de lágrimas, Eleanora tentou evitar que sua voz tremesse.

— Eu não sei, Cosimo. Eu não sei. Se responder que é instinto materno, você vai me dizer que estou sendo tola.

— Você está sendo tola.

— Sei que não tenho motivos para me sentir assim. Mas...

— Venha cá — chamou Cosimo. Ele estendeu os braços para a esposa, porém ela continuou onde estava, olhando-o fixamente. Cosimo foi até ela e a abraçou, prendendo seus braços inertes dentro do abraço. Ele falou com a boca encostada

em seus cabelos, e Eleanora sentiu as palavras zumbindo em seu couro cabeludo. — É claro que você está ansiosa. Ela é seu bebê, sua menininha, a pequena cotovia que você manteve a salvo numa gaiola confortável durante 16 anos. E você está prestes a abrir a portinhola e dizer a ela para voar livremente. É claro que você está nervosa. Tem sido uma boa mãe, Eleanora, mas ele é um homem bom. Ele vai cuidar bem de nossa filha. Confie nele.

Eleanora imaginou sua cotovia voando de uma gaiola direto para outra e não disse nada.

Lucrécia rolou para a beirada da cama, envolvendo-se no lençol, e virou de costas atravessada no colchão. O som abafado de vozes alteradas que ela ouvira do quarto dos pais havia cessado. Lucrécia estendeu os braços acima da cabeça e se inclinou para trás, a fim de poder ver o quarto de cabeça para baixo. Deixou as mãos penderem para fora da cama e tocou no chão de madeira. Seus cabelos estavam enroscados em seus dedos. Contemplou o céu pela janela invertida por um momento, desfrutando da sensação de pressão em seu rosto, depois tornou a virar de bruços. O lençol ficou mais emaranhado ainda, até que, após uma breve luta, ela o chutou para o pé da cama.

Ela tirou a camisola e caminhou até a janela. Uma brisa agradável soprou com frescor sua pele úmida de suor. Lucrécia tirou os cabelos do rosto, debruçou-se no parapeito e contemplou as estrelas, estremecendo com a parede fria contra o calor de seu corpo e de suas pernas. Os pelos do pescoço e dos braços se eriçaram.

Ele havia sorrido para ela mais uma vez, pouco antes de se recolherem. Um sorriso lento como se a desejasse. Sua frieza mais cedo — que a perturbara — havia desaparecido. Talvez a tivesse imaginado. Estava quase certa de que ele havia querido beijá-la. E, pensou Lucrécia com um sorriso, ela também teria gostado de beijá-lo. Ela nunca beijara ninguém. Deu uma risadinha ao pensar nas poucas ocasiões do passado em que ela e Giovanni — como fazem todas as crianças — exploraram brevemente a intimidade um do outro: momentos de

dedos atrevidos e explosões de riso. Ela não tinha dúvida de que o que a aguardava em outubro seria tão diferente disso quanto seda é diferente de pano de chão.

O belo *signor* d'Este teria muito mais a ensiná-la, ela tinha certeza. A sobrancelha erguida quando ele beijou seus dedos fora sagaz, travessa — provocante até. Lucrécia foi tomada por uma sensação quente, um arrepio, na barriga. Ela se sentou na cama e, com dedos que de repente pareciam não pertencer a ela, explorou a própria pele. Suas mãos eram as mãos de um amante — as mãos *dele*: a direita subiu por seu pulso esquerdo, pelo braço, cotovelo, ombro; a esquerda desceu pelo braço direito. Ela pôs uma mão em cada seio e os segurou, então escorregou a palma pela barriga, explorando, curiosa. Lucrécia se deitou atravessada na cama. Sua respiração ficou ofegante conforme sensações desconhecidas incendiavam e queimavam, ferozes e deliciosas, dentro de seu corpo repleto de desejo.

Uma coruja piou no silêncio da noite e uma raposa latiu duas vezes. O castelo estava silencioso. Lucrécia imaginou se seria a única pessoa acordada na construção inteira.

Parte 2

CASTELLO ESTENSE, FERRARA
OUTUBRO DE 1559
TRÊS MESES DEPOIS

4

A vela gotejava e sua chama bruxuleante lançava sombras tremulantes no quarto. As cortinas vermelhas da cama pareciam se agitar e pontos luminosos faiscavam em cada vidraça das duas janelas.

Lucrécia viu seu marido fechar a porta do quarto. Alfonso apoiou as costas, de frente para Lucrécia, com os olhos fixos na jovem. Ela sentiu um formigamento na pele, como se houvesse corrido, embora só tivesse subido um pequeno lance de escadas — e, mesmo assim, devagar. Lucrécia percebeu que tremia. Tentou sorrir, mas o sorriso morreu antes de chegar aos lábios. Até um instante atrás, tinha certeza de estar feliz e exultante — como sabia que devia sentir-se hoje, o dia de seu casamento —, porém ao mesmo tempo tudo parecia insubstancial, irreal, como se estivesse desempenhando um papel excitante mas claramente fictício em uma peça. Lucrécia se sentia afastada da realidade, uma observadora de suas próprias emoções, consciente de si como se fosse uma terceira pessoa escondida em algum lugar do cômodo, espiando o que estava prestes a se desenrolar.

Alfonso não disse nada. Indolentemente encostado na porta do quarto, com o peso do corpo sobre uma perna, a outra dobrada, com a sola do pé apoiada na madeira, ele a fitava com a cabeça inclinada de lado. Como se, considerou Lucrécia, estivesse observando um quadro ou admirando uma escultura. Os cantos de sua boca se ergueram quando seus olhos se desviaram dos dela e

vagaram da face até os pés de Lucrécia e tornaram a subir, bem devagar, bem devagar; avaliando — aprovando, imaginou ela, porque seu sorriso se acentuou ao tornar a olhá-la nos olhos.

— Você é linda — declarou, enfim.

Lucrécia tentou engolir. Um ruído de música e o som de vozes ainda comemorando entraram pela janela aberta, fazendo-a estremecer.

— Se você se lembra, eu comentei que todos em minha casa aguardavam sua chegada com grande avidez — prosseguiu Alfonso, suavemente. — Eles estão meramente demonstrando o prazer com sua presença no Castello. Venha cá.

Ela sabia que isso era uma ordem.

Deu alguns passos e parou diante dele. Alfonso fitou sua boca. Lucrécia percebeu que ela estava entreaberta: seus lábios estavam secos e ela podia sentir sua respiração através deles — fria ao entrar, quente ao sair. Alfonso pôs as mãos no ombro da esposa, depois a virou de costas para ele. Então correu os dedos de uma das mãos por seus cabelos, e Lucrécia sentiu um arrepio na espinha. Ela inclinou a cabeça para trás, reagindo ao toque. Depois, bem devagar, como imaginara em sua outra vida, no velho quarto com Giulietta naquele verão, Alfonso começou a desamarrar seu vestido. Ele não cantou ao fazê-lo, mas sua respiração ficou mais profunda e ofegante.

Primeiro saíram as mangas, que ele deslizou de seus braços como uma carícia. Em seguida a amarração mais complicada do corpete do vestido. Ele não tinha pressa, pensou Lucrécia, alheio a seu tremor e parecendo sentir prazer em retirar o longo cadarço de seus ilhoses. Fechou os olhos quando Alfonso — ainda parado atrás dela — passou os braços em sua volta. Com a cabeça próxima à de Lucrécia, o rosto encostado em sua orelha para poder ver o que estava fazendo, baixou as alças de sua combinação e a deixou cair. As roupas caíram peça por peça de seu corpo, até que tudo — saia, sobressaia, corpete e combinação — estava espalhado no chão ao redor de seus pés. Lucrécia ficou nua em meio a suas roupas, como Vênus flutuando em sua concha.

Lucrécia permaneceu imóvel, vendo os pontinhos de luz dançando nas

janelas, sentindo o corpo quente de Alfonso atrás dela, temendo se mexer, temendo respirar.

Ela tornou a sentir as mãos do marido em seus ombros; Alfonso a virou de frente para ele. Inteiramente nua agora, Lucrécia sustentou seu olhar, com os olhos muito abertos, com medo de que, se piscasse, ele o desviaria de seus olhos e vislumbraria seu corpo. Ao pensar nisso, seus mamilos se contraíram e ela sentiu um aperto na garganta que desceu até a barriga, onde se remexeu como um peixe no anzol.

Mas, sem deixar de encarar o olhar dela, Alfonso estendeu a mão para trás e pegou uma caixa de madeira que estava em cima de uma mesinha. Ele a segurou com uma das mãos e a destrancou e abriu com a outra. Lucrécia arquejou e aquela sensação quente na garganta retornou quando Alfonso tirou da caixa um longo colar de resplandecentes pedras vermelhas. Ele deu um passo para a frente e começou a envolvê-lo no pescoço de Lucrécia, fazendo-o deslizar sob seus cabelos. Cada vez que o marido deslizava a mão por seu pescoço, aproximava o rosto do dela e seu gibão roçava em seus seios, ainda assim, continuou sem nada dizer.

Depois de fechado, o colar pesou no pescoço de Lucrécia. Alfonso deu um passo para trás e a fitou, aparentemente fascinado. As pedras eram frias e pesadas contra sua pele e a garota estremeceu.

Ao ver isso, Alfonso a ergueu do chão em seus braços. Surpresa, Lucrécia abafou um suspiro. Ele atravessou rapidamente o quarto, parando para apagar as velas ao passar. Quando as chamas se apagaram, Lucrécia viu as paredes forradas de madeira e os quadros em molduras douradas quase desaparecerem; apenas algumas linhas tênues nas molduras brilhavam com a luz do luar. Antes, com a luz das velas, as cores do quarto pareciam quentes como brasas, mas agora o luar deixou tudo, em um instante, prateado.

As cobertas foram dobradas para trás. Alfonso deitou Lucrécia cuidadosamente sobre o lençol de linho e, sem dizer nada, sumiu nas sombras do quarto. Ela cobriu o corpo com as cobertas, observando-o no escuro, sentindo o

linho frio sobre a pele.

Instantes depois, Alfonso sentou-se na beira da cama, puxou as cobertas, deixando Lucrécia quase completamente exposta de novo, e então, bem devagar, começou a explorar seu corpo com as mãos e a boca. Ao primeiro toque ela ficou tensa, seu corpo todo formigando de vergonha e do que, em sua confusão, ansiava ser desejo. Lucrécia imaginou o que deveria fazer. O silêncio parecia estar cada vez mais pesado entre eles, cada vez mais difícil de romper. Os únicos sons no quarto eram a respiração de seu marido e o leve roçar das mãos dele em sua pele.

Lucrécia estendeu as mãos para tocá-lo, mas ele segurou seus pulsos e os colocou de volta sobre a cama sem comentários, voltando imediatamente a suas carícias insistentes. Ela voltou a tentar, duas vezes, com o mesmo resultado. Alfonso não falou nem olhou para o rosto dela e, para o espanto de Lucrécia, parecia não querer que a esposa tomasse parte ativa no que estava acontecendo.

Lucrécia começou a se sentir cada vez mais desconectada do próprio corpo. O toque de Alfonso a excitava, mas era como tentar reter a imagem de um sonho: assim que ela se dava conta do que estava sentindo, a sensação desaparecia, deixando-a confusa, frustrada e ávida.

No entanto, pouco depois as mãos de Alfonso se tornaram mais insistentes. O coração de Lucrécia se acelerou e ela sentiu um aperto de ansiedade na garganta ao perceber que estava prestes a perder a virgindade. Havia desejado este momento durante meses, mas agora, diante de sua proximidade, uma sensação sufocante de pânico tomou conta dela.

Enquanto ela pensava nisso, Alfonso ergueu a boca de seu seio e, com os olhos negros na escuridão quase completa, correu a ponta da língua por seus lábios úmidos. Ele não sorriu e Lucrécia estremeceu.

Alfonso montou sobre ela e colocou um joelho entre suas coxas. A princípio, tentou resistir, o rosto gelado e assustado com essa exposição sem precedentes, mas Alfonso enfiou a perna com força, erguendo os joelhos dela com as mãos. Lucrécia fechou os olhos e prendeu a respiração, aguardando a dor que avisaram

que iria sentir. Alfonso fez força contra seus quadris, mas, embora pudesse sentir algo roçando nela, como um animal de focinho quente, ficou surpresa por ele parecer macio e inerte.

Alfonso praguejou baixinho e enfiou a mão entre o corpo de Lucrécia e o dele. Seu braço bateu desastrado na barriga dela e ele voltou a tentar. A garota sentiu novamente aquele roçar quente, então as mãos de Alfonso empurrando e sondando — e tomou um susto quando os dedos do marido deslizaram para dentro dela, soltando um gemido de surpresa. Ela não tinha certeza do que ele estava fazendo e não ousou perguntar, pois Alfonso parecia ter se esquecido da esposa, exceto como um impedimento ao cumprimento de seu objetivo.

Ele tentou uma terceira vez, resmungando raivoso consigo mesmo, e, ao tornar a falhar, os olhos de Lucrécia se encheram de lágrimas que correram, quentes, pelas laterais de seu rosto até as orelhas. Após tantos meses de expectativa, parecia agora que seu marido não a desejava tanto assim, afinal de contas. A princípio, parecera que sim — o corpo dela parecia agradá-lo —, e Lucrécia o tinha achado tão seguro de si, tão adulto, tão experiente quando começou a fazer amor com ela. A culpa devia ser dela mesma, algo que havia feito, que o deixara fraco daquele jeito.

Sentiu o desespero cobri-la como um lençol molhado.

Alfonso rolou para longe da esposa e ficou deitado de costas em seu lado da cama. Lucrécia sentou-se, puxando as cobertas sobre o corpo. Segurando o lençol com força, ela contemplou o perfil dele olhando para o teto. O branco dos olhos do marido refletia a luz que vinha da janela. Um soluço cresceu no peito de Lucrécia e ela puxou o lençol para mais perto do queixo. Diga-me alguma coisa, por favor!, pensou. Diga que não está irritado comigo. Abrace-me!

E então, passados alguns segundos que pareceram durar muito, Alfonso se virou, mas não a abraçou nem falou qualquer coisa. Ele abriu o colar de pedras vermelhas e o desenrolou vagarosamente do pescoço de Lucrécia. Então, com o colar apertado na mão, sentou-se na cama e em seguida se levantou.

Rígida com a infelicidade, Lucrécia o observava. Agora estava tão escuro no

quarto que ela não conseguia enxergar direito o que ele estava fazendo, porém ouviu o estalo de uma tranca e um som parecido com vidro contra vidro. Um ruído de tecido se seguiu.

Surpresa, compreendeu que ele estava se vestindo.

— Você vai... vai sair? — perguntou Lucrécia.

As palavras soaram terrivelmente altas, murmuradas naquele silêncio pesado. Não houve resposta. Lucrécia viu o marido atravessar o quarto escuro. A parte inferior da porta arranhou o chão ao ser aberta e depois fechada. Houve um ruído de patas quando o cão se levantou no corredor fora do quarto e então Alfonso se foi.

Deixada na escuridão, Lucrécia se sentou na cama e abraçou os joelhos, sentindo cócegas nas orelhas quando as lágrimas que haviam escorrido começaram a secar. Os olhos ardiam. Ela piscou e mordeu o lábio, sentindo-o tremer entre os dentes, em seguida começou a chorar de novo, com um amargo sentimento de fracasso.

Ela percebeu que estava com frio e, esfregando os olhos, desceu da cama. Ajoelhou-se no chão, no escuro, e passou as mãos pelo assoalho procurando sua camisola. Encontrando-a, Lucrécia a vestiu, depois voltou a subir na cama e se encolheu sob as cobertas apertadas em torno de si.

Seus pensamentos voavam. Ela havia imaginado muitas versões de seu primeiro encontro com o marido. Nas primeiras imagens que tivera de sua noite de núpcias, ainda criança, ela vira o ainda desconhecido Alfonso às vezes delicado e terno, às vezes vigoroso — até brutal —, às vezes selvagem, engraçado e imprevisível. Suas fantasias haviam sido coloridas e divertidas, e Lucrécia achara que cobrira todas as possibilidades.

Mas uma coisa ela nunca tinha imaginado: em nenhum de seus sonhos o marido jamais estivera ausente.

Lucrécia acordou depois de um sono curto e insuficiente, logo após o raiar do dia, com os olhos tão inchados e secos de chorar que eles mal abriam. Sem

conseguir dormir de novo, ela girou de costas e ficou olhando para o dossel da cama.

Ela sentia uma dormência estranha. Durante meses, sua concentração havia sido aquela primeira noite. Não se preocupara em pensar nas semanas, nos meses e nos anos diante dela, de tanto que a mente estava concentrada naquela excitante passagem de menina para mulher. Agora via a perspectiva de uma vida inteira na companhia de um marido que parecia incapaz de amá-la — uma imagem aterradora por seu potencial de amarga solidão.

Lágrimas tornaram a encher seus olhos inchados. Queria ir para casa, queria que tudo voltasse a ser como antes. Queria a mãe. Queria Giovanni e o carinho simples da amizade que havia entre os dois. Queria ser criança de novo, tendo falhado tão completamente em sua primeira tentativa de se tornar mulher.

E então se sobressaltou com um ruído e abafou um soluço.

A porta do quarto se abriu.

Alfonso carregava uma vela, uma das mãos protegendo a chama, que brilhava entre seus dedos. Ele vestia um longo robe e tinha uma expressão intensa que Lucrécia não soube interpretar. Ela ficou olhando para o marido sem piscar enquanto ele colocava a vela sobre a mesa. Alfonso tirou o robe e o dobrou ao pé da cama.

Lucrécia arregalou os olhos. Antes estava escuro e ela não havia conseguido enxergar o que a vela agora revelava. Quando viu a prova irrefutável da nova prontidão de Alfonso para tentar consumar o casamento, uma imagem alarmante de si mesma como um porco empalado num espeto passou por sua mente. Ela tapou a boca com a mão. A criança que havia nela teve vontade de rir. A mulher que esperava se tornar sentiu uma onda de alívio por aparentemente ser — ao menos um pouco — desejável.

Alfonso viu Lucrécia cobrir a boca com os dedos enquanto olhava disfarçadamente para o seu pênis. Os olhos estavam arregalados; os cabelos, emaranhados em volta do triângulo branco e sardento de seu rosto. Ela havia

posto de volta a combinação, ele viu — o lençol estava amassado e um pequeno ombro saía do grande decote. Ela segurava as cobertas com as mãos na altura do peito. Lucrécia parecia triste, assustada e muito jovem, e ele percebeu que a desejava muito — sentia o desejo entre suas pernas —, porém, por mais que desejasse tentar de novo, um estranho nervosismo o impedia.

Isso nunca havia acontecido antes.

Com nenhuma mulher com quem ele tivesse ido para a cama no passado — nem com as criadas do castelo que Alfonso "convencera" a deitar com ele quando era garoto, nem com as prostitutas que tinha pagado para atividades mais ousadas ao se tornar homem, nem com a condessa libidinosa com quem trepara por muitos anos debaixo do nariz do imbecil do marido dela, e, com certeza, nunca com Francesca. Nunca.

A ideia de seu fracasso aquela noite o assustava. Acusações e medos passaram por sua cabeça. E se acontecesse de novo? Agora? Uma vez ou outra? Sempre? Por que tinha acontecido mais cedo? E se... Alfonso engoliu em seco e depois falou em voz alta para afogar suas dúvidas:

— Tire a combinação, Lucrécia.

Ele não ia dar chance de acontecer de novo.

Lucrécia não disse nada, mas se ajoelhou na cama, cruzou os braços na frente do corpo e segurou a barra da combinação. Com um movimento ágil, ela a retirou pela cabeça, depois tornou a sentar sobre os calcanhares, com os braços sobre os seios, fitando o marido. O pênis de Alfonso pulsou.

Alfonso subiu na cama e segurou os ombros dela. Lucrécia abriu as pernas e se deitou de costas. Complacente. Ele gostou da palavra. Procurou outra: obediente. Ele passou a mão pela barriga dela e por um seio. Ela ficou tensa de novo, como havia ficado antes. Alfonso parecia febril: sua pele estava quente, mas a carne por baixo estava fria e trêmula. Ele contemplou o corpo de Lucrécia. A imagem perfeita. Sua para ser desfrutada. Ele deslizou um joelho para cima, entre as pernas de Lucrécia. Sentiu de novo o desejo entre suas pernas. Com uma das mãos segurou um seio da esposa, então enfiou a outra entre os dois corpos.

Lucrécia suspirou estremecendo.

— Desculpe-me. Desculpe se eu... — A voz dela tremeu e se silenciou.

Ao ouvir a voz, seu membro começou a amolecer e um nó de ansiedade se apertou como uma corda na garganta de Alfonso. Decidido a não falhar de novo, ele apertou com mais força o seio de Lucrécia. Com força demais: ela gemeu de aflição e se retorceu para longe de seu aperto.

Foi como tentar impedir que areia absorvesse água. Seu membro ficou flácido. Recuou. Enfraqueceu-se. Encolheu. Alfonso fechou os olhos, quase sufocado pela torrente sombria de derrota e praguejou baixinho. Ele se virou e sentou na beirada da cama de costas para a esposa.

Houve uma longa pausa.

Lucrécia murmurou:

— Por favor, não vá embora.

— Não — replicou ele, ainda de costas. — Os criados iriam comentar se eu não estivesse aqui quando eles chegarem pela manhã.

Sentiu que Lucrécia se encolhia, como se ele tivesse batido nela.

Alfonso queria sair do quarto — desejava o silêncio e a segurança do próprio recinto como um afogado precisa de ar. Com a humilhação desse segundo fracasso debochando dele de um lado e a ideia da reação de seus criados caso ele fugisse de outro, ele se obrigou a permanecer ali. Caminhou devagar até a janela.

Ficou ali parado pelo que pareceram horas, fitando o vazio, com a mente anestesiada. Então, cansado demais para ficar de pé, retornou para a cama e se deitou de costas ao lado de Lucrécia. Ela não tentou tocá-lo e assim ficaram, lado a lado — como duas estátuas de pedra da grande catedral —, até que a luz cinzenta da manhã preenchesse o quarto.

5

Dama de companhia de uma duquesa? Catelina passou a mão nas saias de lã cor de milho de seu vestido mais novo e disfarçou um sorriso incrédulo. Ela pegou um pente de marfim e começou a tentar desembaraçar os cabelos da *signora*. Era estranho estar parada tão perto de alguém tão importante, alguém usando roupas tão lindas, e poder tocar seus belos cabelos. Catelina contemplou as próprias mãos. Estavam vermelhas e a pele dos dedos estava áspera apesar dos óleos que lhe deram para amaciá-las. Não havia como negar o fato de que continuavam sendo as mãos de alguém que trabalhava na cozinha e que ainda não tinham uma boa aparência — especialmente a queimada. Apesar de não doer mais, havia uma grande mancha vermelha em volta do pulso e das costas da mão, onde a pele ficara enrugada como a pele do pescoço de um peru. Era horrível, mas Catelina sabia que seria muito pior se a *signora* não tivesse feito o que fez aquele dia na cozinha, com o barril de enguias.

Catelina respirou fundo. Ela cheirava bem, a *signora* — um cheiro de rosas e alguma outra flor mais pungente que Catelina não conhecia —, ao contrário da maioria das pessoas com quem ela convivera até então. Até uma semana atrás, ela dividia a vida com pessoas que cheiravam mais a gordura de carneiro, suor e fumaça que a flores. Catelina pensou que havia provavelmente se lavado mais vezes na semana e meia em que estava em Ferrara que nos cinco anos que passara em Cafaggiolo.

— Vai demorar muito? Está embaraçado demais? — A voz da *signora* interrompeu seus pensamentos.

Catelina se sobressaltou.

— Ah, desculpe, senhora, eu a machuquei?

— Não, não, de jeito nenhum. — A *signora* se virou. Sorria. — Eu só estava achando que está demorando muito. Quer que eu tente? — Ela tirou o pente da mão de Catelina e começou a pentear os cabelos, com a cabeça inclinada de lado, a mão segurando um punhado de cabelo. — Ui! Devíamos ter feito isso ontem à noite, Lina — disse, fazendo uma careta.

Lina. Ninguém jamais havia pensado em abreviar seu nome antes. Catelina se sentou sobre um baú.

A *signora* continuou a lutar com o cabelo e então riu.

— O que acha que Giulietta diria se a visse aí sentada enquanto tento desembaraçar meus cabelos?

Catelina mordeu o lábio.

— Ah, não fique assim! Não quis que se sentisse culpada...

Naquela manhã na cozinha em Cafaggiolo, Catelina mal podia acreditar no que havia acontecido: lá estava ela, sentada em seu canto habitual, descascando legumes, com uma das mãos murcha e gelada por ter ficado tempo demais submersa e a outra ainda dolorida e envolta em ataduras, quando a porta que dava para os andares superiores foi aberta de supetão e a *signora* entrou, acompanhada daquele seu primo desengonçado.

— Angelo, onde ela está? Onde está aquela jovem que queimou o braço uns dias atrás? Acho que o nome era Catelina.

Ela estava sem fôlego por ter corrido. Catelina recordou como o nome dela soara acima do barulho da cozinha. Ela havia erguido o olhar imediatamente e vira o *signor* Angelo fazer um gesto de cabeça na direção do canto onde ela estava. A *signora* atravessara a confusão e o tagarelar da cozinha e parara diante dela. Então havia perguntado imediatamente se ela gostaria de ir para Ferrara. Catelina não tinha entendido. Aquilo não fazia o menor sentido.

Mas, fazendo sentido ou não, ali estava ela, sem saber o que significava ser uma dama de companhia, trabalhando para uma moça que (embora Catelina se sentisse culpada só de pensar nisso) parecia não saber o que significava ser uma duquesa. Fazia uma semana que elas estavam ali, e, na opinião de Catelina, a *signora* parecia tão pouco à vontade e deslocada naquele enorme castelo quanto ela própria.

Houvera toda a excitação do casamento — bem, tinha sido uma festa e tanto, e Catelina se sentira orgulhosa em desempenhar até mesmo um pequeno papel nela —, mas então, no dia seguinte, ela vira sua senhora triste e desanimada, vagando pelo quarto como um fantasminha triste, recusando comida e tão pálida que estava quase transparente. Com saudades de casa, provavelmente, disse Catelina a si mesma. Ela se animara um pouco no decorrer da semana, era verdade, mas havia uma — Catelina buscou a palavra exata — *fragilidade* nela agora que não havia em Cafaggiolo.

— Lina — disse a *signora*. — Já desembaracei os cabelos. Pode fazer as tranças agora?

— É claro, senhora — respondeu Catelina educadamente, torcendo para estar dizendo a verdade.

— Você não se sente culpada, sente? — quis saber a *signora*, enquanto Catelina repartia os cabelos cor de cobre.

— Como assim, senhora?

— Sobre o que acabei de dizer. Sobre o que Giulietta pensaria de nós.

Catelina não respondeu. Ela continuou trabalhando.

— Porque não deve se sentir culpada. A culpa é minha, não é? Eu pedi que viesse comigo para cá...

— Mas por que fez isso, *signora*? — A pergunta impertinente escapou de seus lábios antes que Catelina pudesse impedir. Ela largou os cabelos e tapou a boca com a mão como se quisesse impedir que outras palavras impensadas saíssem dela.

— Ah, Lina. — A *signora* pôs a mão no braço da jovem com delicadeza. —

Foi justamente porque você poderia dizer algo como isso que eu a quis aqui.

Catelina ainda tapava a boca com a mão.

— Não lhe contei quem minha mãe sugeriu que eu trouxesse comigo antes de me lembrar de você, contei? Depois que ficou decidido que Giulietta estava velha demais para vir para Ferrara, mamãe sugeriu sete ou oito substitutas. Ah, Lina! Eram todas horríveis!

— Quem, por exemplo?

— Ah... — A *signora* franziu a testa, recordando. — Uma era muito imponente e me senti como se fosse uma menininha travessa. Outra era terrivelmente tímida, não dizia uma palavra: ela me fez sentir que eu teria de ser a única a falar o tempo todo. Mesmo passados poucos minutos, eu já estava horrivelmente entediada. A que minha mãe mais gostava era gorda, atarracada e tão maternal... Ah, Lina, nenhuma delas servia. E então me lembrei de você, da expressão em seu rosto quando pegou a romã que lhe joguei, e soube que era a pessoa de que eu precisava.

Catelina sorriu com timidez para sua senhora.

— Espero corresponder a suas expectativas, *signora*.

A *signora* segurou a mão da criada e a apertou. Catelina sentiu a pele áspera de seus dedos roçar a palma macia de sua senhora.

— Vamos, Lina, termine logo essas tranças e vamos descer para aquela salinha que descobrimos ontem. Alfonso logo estará de volta e podemos esperar por ele lá.

Algum tempo depois, senhora e criada deixaram o quarto e atravessaram juntas salas intermináveis e dois lances de escada. Após errarem o caminho uma ou duas vezes, chegaram a uma salinha que dava para o pátio central. As paredes eram forradas de seda; havia um espelho com uma luxuosa moldura dourada na parede oposta à janela e dezenas de quadros pendurados nas outras duas. Parecia inacreditável para Catelina que alguém pudesse gastar tanto tempo e dinheiro decorando uma sala que, com certeza, era usada raramente.

Ela permaneceu desconfortavelmente parada do lado de dentro da porta e viu

a senhora ir até a janela aberta e subir a larga reentrância em sua frente. Ela se debruçou para olhar o pátio movimentado e barulhento.

— Quer que eu fique, *signora*? — perguntou Catelina.

— Ah, sim, Lina, por favor, fique. Venha para cá, há tanta coisa acontecendo.

Catelina olhou para a senhora e viu, em seu rosto, como em um espelho, toda a ansiedade e a curiosidade que ela mesma sentia. Talvez não houvesse tanta diferença entre alguém como a *signora* e uma moça como ela, afinal de contas.

Ela ficou parada ao lado da senhora e, juntas, fitaram o pátio. Tudo era pressa e agitação. Pelo menos uma dezena de cavalos estava sendo aprontada; homens atarefados corriam de um lado para o outro recolhendo equipamento e, então, em meio a tudo isso, uma carruagem simples chegou e uma figura vestida de marrom saltou dela. Baixo, gordo, de cabelos grisalhos com uma rodela de pele bronzeada no alto da cabeça. Um franciscano, provavelmente. O homem estava acompanhado de um jovem moreno que carregava diversos rolos de papéis grossos.

— Talvez esteja fazendo um mapa do ducado. — A *signora* apontou para o rapaz. — Alfonso disse que queria um mapa preciso.

Diversas pessoas saíram pelas portas da frente para receber os recém-chegados, que foram rapidamente levados para o interior. O tom marrom severo da túnica do frade se destacava, pensou Catelina, entre as cores vibrantes dos criados do castelo.

— Imagino que Alfonso esteja chegando logo. Não sei aonde ele foi, mas imagino que tenha coisas importantes a fazer. O que você acha, Lina?

Catelina não soube o que responder. Ela sabia muito bem que tipo de "coisa" o *signore* devia estar fazendo aquela manhã, mas achou que não seria apropriado compartilhar seus pensamentos com a esposa dele. O Castello era repleto de interessantes fontes de informação, para quem estivesse disposto a ouvi-las.

Francesca Felizzi estava de quatro no chão, a cabeça e os ombros debaixo da cama e o traseiro nu virado para onde Alfonso estava sentado, na grande poltrona

de madeira de olmo sob a janela. Era, sem dúvida, um movimento proposital, pensou ele, admirando aquela visão, pois ela estava demorando para encontrar o que havia perdido.

Passado um instante, entretanto, Francesca se levantou, afastou os cabelos do rosto e se sentou na beirada da cama. Estendendo uma perna e flexionando os dedos do pé, dobrou o joelho e vestiu a meia recém- recuperada.

— Então, vai me contar ou não? Como ela é?

Alfonso olhou para a amante por algum tempo antes de responder.

— A nova *signora*? Lucrécia é linda, tem uma origem impecável e é bastante atraente.

As palavras dele soaram calmas e confiantes, mas Alfonso podia ouvir as omissões propositais gritando suas acusações no silêncio que se seguiu ao pronunciamento. Uma onda quente de vergonha o invadiu ao pensar no completo fiasco que fora sua experiência no leito nupcial até agora. Teria sido um alívio, pensou ele, contar a Francesca o espanto que sentia diante de tal humilhação. Sua meretriz desinibida, afinal, conhecia melhor que ninguém o desempenho dele, e esta manhã, graças a Deus, provara-lhe mais uma vez possuir um vigor que havia finalmente calado as vozes zombeteiras que se infiltraram em seus sonhos desde o inesperado fracasso algumas noites atrás. Mas ele sabia que não contaria. Não podia.

Alfonso disse, torcendo para soar despreocupado:

— Sim, parece que me casei com uma bela menina. Sua linhagem e nobreza são impecáveis e sua família entendeu claramente a importância da aliança que selamos com esta união. Particularmente considerando Cateau-Cambrésis...

— Ah, pelo amor de Deus, não comece a falar de política!

Como sempre, quando Francesca falava com tanta irreverência, Alfonso ficava abalado por ser tratado de um jeito que nenhuma outra pessoa ousaria adotar com ele.

— Você é mal-educada — replicou, friamente.

— Eu sei — disse Francesca, colocando a cinta —, e você adora o som da

própria voz. Mas compensa isso de outras maneiras, Alfonso, assim como eu, e é por isso, afinal, que nos suportamos.

Ela atravessou o quarto e se inclinou para beijá-lo na boca.

— Mas, talvez — continuou Francesca, com o sorriso desaparecendo —, você se canse de mim agora, com tamanha competição em sua cama legítima.

Falou com naturalidade, mas havia certa tensão em sua voz. Alfonso se levantou, deslizou as mãos pelas costas da amante e a segurou pelas nádegas. Ela inclinou a cabeça para trás e o abraçou pelo pescoço.

— Ela é bonita, Francesca — comentou Alfonso —, mas é uma menina. Possui pouca sofisticação, e duvido muito que seja capaz de competir com... uma rival tão experiente. Preciso muito de você.

E você não faz ideia de como isto é verdadeiro neste momento, pensou ele.

Francesca nada disse, porém pareceu mais tranquila. Afastando-se de Alfonso, ela pegou uma capa azul no encosto de outra cadeira e a jogou sobre os ombros, depois tornou a beijá-lo. O beijo foi breve, mas ardente: se ele não estivesse com pressa, pensou Alfonso, poderia muito bem detê-la por mais algum tempo no chalé. Os lábios de Francesca se demoraram um pouco sobre os dele, então ela foi embora.

Os olhos de Alfonso vagaram pelo cômodo enquanto ele acabava de se vestir. O maior quarto da pequena *villetta* era mobiliado com simplicidade: uma cama larga, com dossel, dominava o aposento, mas diversos outros móveis charmosos lhe davam um ar antiquado e encantador. Alfonso passou os dedos pelo desenho de um pequeno baú de madeira ao pé da cama. Esta peça, especialmente, dava a ele muito prazer, trabalhada pelo famoso Filippo di Quercia.

Alfonso recordou as mulheres com quem havia feito amor neste quarto — num período de mais de dez anos, deu-se conta. De algumas ele se lembrava com mais clareza que de outras. Lisabeta, com seu rostinho doce, modelo ideal de todas as virtudes da cama; a deslumbrante Agnese e, agora, Francesca, sua... Ele fez uma pausa. Ia dizer "cortesã", mas de fato a única palavra que servia para descrever adequadamente a formidável *signorina* Felizzi era "meretriz". Sua falta

de inibição aparentemente sem limites. Sua mente aguda, um corpo fantástico e uma encantadora — embora às vezes incômoda — honestidade, o que Alfonso sempre achava reconfortante em um mundo onde hipocrisia e bajulação eram quase universais.

Ele se enfiou no casaco, juntou o restante de suas coisas e deixou a *villetta*. Recolhendo sua égua onde a havia abrigado, ele a preparou rapidamente para montar. Folletto bocejou, esticou as longas patas e se levantou preguiçosamente de onde estava deitado entre o feno, enquanto Alfonso montava na sela. Ele virou a égua na direção do Castello e o cão foi correndo ao lado do cavalo, acompanhando-o com facilidade.

As horas passadas com Francesca, refletiu Alfonso, eram talvez as mais honestas que ele passava com alguém. A resposta entusiasmada dela a suas preferências eram agradáveis: poucas mulheres pareciam obter o prazer que ela realmente tinha em satisfazer a um apetite tão voraz quanto o dele. Mas Alfonso sabia que não tinha sido sincero com Francesca em relação à duquesa. Ele tornou a sentir uma onda de vergonha e visualizou em sua mente uma imagem de Lucrécia em Mugello, em agosto. Ele havia ficado encantado com o charme ingênuo da menina no início daquela visita e começara a acreditar que estava adquirindo uma esposa admirável. Apesar da evidência preocupante daquele traço potencialmente perigoso de independência inadequada, para ele, sua esposa seria alguém que não apenas levaria prestígio para a Casa de Este em virtude da importância de sua família, mas que iria — Alfonso procurou a palavra certa — tornar-se uma outra *válvula de escape* para sua considerável energia. Energia que ele nunca havia questionado antes.

Quando se deitava com Francesca, era sempre tomado completamente por uma sensação de entrega física e, durante aqueles momentos, sua mente normalmente caótica era consumida pelas sensações que invadiam seu corpo. Alfonso nunca esperara que a amante atendesse mais que suas necessidades básicas, e ele sabia que Francesca estava ciente da eficácia com que satisfazia a essas demandas. Porém — ele mal conseguia confessar isso, nem para si mesmo

— havia algo em sua esposa que o... *castrava*. Alfonso fechou os punhos e a égua reagiu ao puxão das rédeas, balançando a cabeça, irritada.

Imagens de Lucrécia passaram por sua mente. Ele a havia achado cativante em Mugello. O sorriso vivo. O corpo adolescente e a inocência óbvia. Suas reações imaturas e instintivas aos tesouros artísticos que a cercavam desde a infância — surpreendentes. Tudo muito encantador. Tudo se somando aos diversos elementos que ele gostaria de combinar na criação de uma duquesa admirável, embora algo indistinto e indefinido a respeito dela o estivesse incomodando desde o banquete.

Mas nada disso explicava aquela primeira noite. Por Deus! Como aquilo pôde acontecer? Então, mais uma vez, tentou recordar os acontecimentos, para desatar aquele nó impossível. Havia entrado no quarto de Lucrécia ardendo de desejo. Depois de despi-la, tinha ficado encantado com a visão dela — ele se cumprimentara pela sorte daquela aquisição. Então tudo tinha começado a dar errado. Inesperadamente, ele havia se percebido incapaz de pronunciar palavras para cortejá-la. As frases agressivamente sensuais com que presenteava Francesca se insinuaram em sua mente, como um bando de delinquentes bêbados invadindo uma igreja, tornando impossível encontrar as palavras doces que ele gostaria de dizer. Então permanecera em silêncio.

Em seguida ele havia apanhado o colar. O vermelho das pedras contra a pele de sua garganta — parecendo um corte de faca — tinha causado um efeito maravilhoso, mas, mesmo que admirasse aquela visão, sentira que continuava perdendo energia. Algo em Lucrécia — não compreendia o que era — parecia lhe indicar que não seria aconselhável impor a ela suas vigorosas preferências habituais. Alfonso percebera com desânimo que, se fosse obrigado a ignorar seus instintos toda vez que se deitasse com a esposa, não fazia ideia de como iria conseguir uma união satisfatória com uma mulher cujo charme mesmo assim o havia seduzido inteiramente.

Alfonso estava mergulhado nesses pensamentos desagradáveis quando, com um arranhar de patas, Folletto latiu e correu. Assustada, a égua corcoveou e

andou de lado enquanto o cachorro desaparecia em um beco entre duas casas. Alfonso puxou as rédeas e acariciou o pescoço da montaria, murmurando algo para acalmá-la. Ele podia ouvir ruídos de briga e rosnados, mas, antes que pudesse ir atrás do cachorro, Folletto reapareceu, com a cabeça erguida, o rabo abanando, uma forma escura em sua boca.

Desmontando, Alfonso chamou o animal, que veio na mesma hora, exibindo orgulhosamente sua presa. Um enorme rato cinzento se contorcia em sua boca; olhos pretos saltados sob um enorme corte na cabeça. Folletto largou a presa. O rato caiu aos pés de Alfonso e ficou se contorcendo no chão, guinchando. Nauseado com o sofrimento do roedor, ele o pegou, agarrou o corpo com uma das mãos e, com um movimento rápido, torceu o pescoço dele. Houve um leve estalo e o corpo pendeu inerte em sua mão.

Alfonso ficou surpreso, e inesperadamente comovido, ao perceber como a imobilidade da morte dava uma dignidade incomum àquela criatura patética e débil. Suas próprias mãos puseram fim à agonia. Com facilidade ele libertara a criatura da dor. Passou o polegar no pelo cinzento do animal. Partes dele estavam úmidas por causa da boca do cachorro; Alfonso as alisou delicadamente com as pontas dos dedos. Era como se estivesse arrumando o corpo para ser enterrado, pensou.

A égua relinchou baixinho. Folletto estava sentado, a franja sobre os olhos se mexendo enquanto ele observava ansioso o dono.

Alfonso sentiu um arrepio. De nojo ou de excitação? Para seu desgosto, ele percebeu que não tinha certeza se sabia a diferença. O pequeno animal parecia, na morte, representar uma transição que ele gostava de contemplar, uma transmutação que frequentemente desejava entender: do caos à tranquilidade.

Em diversas ocasiões, quando seus pensamentos se tornavam muito tumultuados, Alfonso sabia que podia normalmente se desviar de um para o outro do interior desse labirinto, caminhando pelos corredores escuros de sua mente, contando os passos, escondendo-se nas sombras, enfrentando e subjugando cada imagem à medida que se movia em direção ao centro.

O labirinto, o que talvez não fosse surpresa, parecia a Alfonso as passagens subterrâneas do Castello, corredores escuros cada vez mais estreitos, cada vez mais escuros, abaixo do nível do fosso até os calabouços. O tempo que ele passava lá embaixo agora era estranhamente restaurador, embora, quando menino, acreditasse que os calabouços eram a caverna do próprio Minotauro. Seu pai o havia proibido de se aproximar deles, mas em diversas ocasiões Alfonso desobedecera à ordem. Lembrava-se da primeira vez que resolvera descumprir aquele mandamento tão peremptório. Devia ter uns 10 anos.

Ele está rastejando por um corredor de teto baixo em direção a uma pesada porta de ferro. Há um cheiro forte de umidade, de mofo, de podridão. Fica surpreso ao ver que a porta não é muito mais alta que ele, embora pareça extremamente pesada. Ela tem uma janelinha no centro, com uma portinhola fechada. A porta tem duas enormes trancas, cada uma tão comprida e grossa quanto o braço do menino; elas brilham de graxa. Ele estende a mão e toca a graxa, olha para a mancha preta em seus dedos, leva a mão ao nariz e faz uma careta ao sentir o cheiro.

O silêncio do lugar parece envolvê-lo, abafando-o e sufocando-o, e ele sente o sangue pulsando em seus ouvidos. O único som é de seus próprios passos, mas então escuta um leve arrastar de pés e alguém sorvendo o ar profundamente do outro lado da porta. Tem alguém atrás dela, no interior da cela. E, quem quer que seja, está se movendo, para a frente e para trás, poucos passos de cada vez. Alfonso fica arrepiado; está curioso e amedrontado ao mesmo tempo, ao pensar que uma pessoa tão real quanto ele mesmo, alguém que não pode ver, está a poucos centímetros, do outro lado daquela porta. Ele nunca vira o interior de nenhum dos calabouços, não conseguia imaginar como seria estar trancado naquele mundo sem luz abaixo do fosso. Estende a mão na direção da janelinha, querendo levantar a portinhola, querendo enxergar quem habita aquela cela.

E então um ruído rompe o silêncio como uma lâmina — um urro terrível de desespero.

Alfonso recolhe o braço e tapa os ouvidos com as mãos, mas o som penetra por seus dedos, sem palavras, incoerente, desolado. Assustado demais para fugir, ele fica ali

parado diante da porta, ainda tapando os ouvidos com as mãos, os olhos fechados, as pernas trêmulas, até o grito cessar. Então sua paralisia desaparece e, chorando e com ânsias de vômito, sai correndo.

Aquele som o perseguira durante meses, lembrou-se Alfonso. Ele o havia acordado noite após noite, suando, apavorado, de pesadelos que suportara sozinho, sem nunca ser capaz de descrevê-los ou exorcizá-los — pois para isso teria sido obrigado a confessar sua desobediência e incorrer na ira de seu pai.

Olhando para o rato agora, Alfonso imaginou se aquele momento no calabouço o teria abandonado realmente. Ele ouvia com frequência o eco daquele grito, no meio das conversas fragmentadas em sua cabeça, das redundâncias, das narrativas imaginadas, dos trechos de música — e, agora, dos guinchos da vítima de Folletto. Uma confusão de gritos, de quem está tomado pelo que pode ser desespero ou êxtase. Alfonso comparou as semelhanças. Os sons que uma mulher faz no auge da paixão, pensou, não são muito diferentes dos que ela faz quando se bate nela. Aquela escala que vai do gemido ao urro sempre fez o pulso dele se acelerar, não importava a causa. De fato, considerou, quanto mais enérgica a indução, mais violenta a resultante embriaguez.

Havia vezes em que sua cabeça era uma verdadeira cacofonia.

Porém o labirinto sempre levava ao mesmo lugar: de Babel a mais pura perfeição. Como se atrás de uma porta fechada estivesse a fria perfeição da morte. Já fazia muito tempo que Alfonso sabia que era estranhamente atraído pela noção de término — ele buscava alívio do tumulto de sua imaginação. Acariciou o pelo úmido do rato. O silêncio dos calabouços era talvez o único lugar que conhecia capaz de levá-lo próximo à quietude, mas talvez a paz mais profunda que se via buscando no coração do labirinto podia não vir de sua própria morte — como imaginara tantas vezes —, mas do ato de tirar uma vida. Alfonso sentiu um ardor nas entranhas e os pelos dos braços se eriçaram. Vergonha ou excitação? Qual dos dois? Era possível distingui-los? Até aquele momento, sempre fora sua morte que ele havia contemplado do interior do

labirinto. Mas agora havia matado uma criatura com as próprias mãos — e a sensação não havia sido, percebeu, desagradável.

Com um movimento de cabeça, a égua empurrou o braço de Alfonso e ele deixou o rato cair. Enfiando a ponta da bota por baixo do corpo, ele o chutou para a lateral da estrada e tornou a montar. Homem, cavalo e cachorro avançaram lentamente pelas ruas de Ferrara, despercebidos pelos passantes, e chegaram ao castelo pouco antes do meio-dia, atravessando ruidosamente a ponte sobre o fosso.

— Lá está ele! Rápido, Lina, não quero que ele me veja.

A *signora* saiu da janela. Catelina viu o *signore*, com seu cão de caça preto, afastando-se do cavalo. O duque olhou para cima e ela se afastou rapidamente do vidro.

— Por que não, minha senhora?

A *signora* estava ajeitando os cabelos, mordendo o lábio inferior para lhe dar cor.

— Não quero que pense que não tenho nada melhor a fazer que esperar por ele — respondeu ela. — Quero dar a impressão de estar passando por aqui. Você acha...?

— Vá logo! — Catelina abanou as mãos na direção da porta, como costumava espantar as galinhas para fora da cozinha de Cafaggiolo, e então parou, horrorizada pelo modo como tinha falado com a senhora. Mas a *signora* sorriu ansiosamente e correu em direção à escada.

Catelina seguiu mais devagar. Ela não tinha certeza se queria ver o *signore*. Se ele olhasse para ela, temia demonstrar no rosto suas suspeitas sobre as atividades matinais dele. Se o rosto dela ficasse vermelho, ele sem dúvida adivinharia que Catelina sabia. Ela desceu devagar, propositalmente, parando ao lado da enorme estátua de bronze que ficava numa plataforma no canto. Uma grande figura barbuda com o peito musculoso e um rabo de peixe se erguia no meio de ondas violentas de metal, apontando um tridente para uma estranha criatura marinha,

com a mão livre erguida acima da cabeça. Catelina passou a ponta do dedo pela beirada de uma onda. Não sabia se gostava ou não da expressão severa do rosto da figura e decidiu, ao continuar descendo, que sentia pena do peixinho, que parecia estar inteiramente à mercê do homem barbudo.

Ao pé da escada, Catelina viu que conseguia enxergar claramente o saguão de entrada sem, ela esperava, ser vista. Encostou-se na passagem em arco e espiou em volta.

Sua senhora fazia uma reverência e olhava para o *signore*, com os olhos brilhando, as faces coradas. Ele estendeu a mão e sorriu quando ela se levantou, embora houvesse certo constrangimento em seu semblante, percebeu Catelina, algo forçado. Talvez fosse vergonha. Bem, se ele estivesse havia pouco na cama com outra mulher, deveria mesmo se sentir envergonhado.

— Eu não o esperava até um pouco mais tarde, Alfonso — falou a senhora.

— Apenas um compromisso muito urgente poderia me manter longe da senhora, madame.

Compromisso urgente? Catelina quase bufou.

Passos soaram na escada. Afastando-se da parede e torcendo para que a pessoa que descia não a tivesse visto bisbilhotando, ela deu um passo para trás. Um dos homens do *signore* passou por ela rapidamente. Com sua cabeleira branca e os olhos pretos muito próximos, ele fez Catelina se lembrar de uma garça nervosa. O homem deu um cumprimento superficial com a cabeça na direção dela, depois se dirigiu ao saguão de entrada onde estavam a senhora e o *signore*.

— Bem... Meu senhor? *Signora?*

Ambos se voltaram para ele.

— Franco?

— *Fra* Pandolf está aqui com os primeiros esboços. Quando o senhor tiver um momento...

6

Alfonso disse:

— Excelente. Quando ele chegou, Franco?

— Poucos minutos antes do senhor. Eu o levei à pequena sala próxima ao Salão Norte.

— Ótimo.

Alfonso tomou a mão de Lucrécia e, juntos, seguiram Franco Guarniero, o mordomo-chefe, em direção à escada. Os dois homens caminhavam depressa, com Lucrécia dando dois passos para cada passo largo de Alfonso.

— Quem é *fra* Pandalf? — perguntou ela.

— Pand*o*lf — corrigiu Alfonso. — Ele é um pintor. Um frade franciscano de Assis. O homem é um gênio, muito popular na corte. Tem obras em diversos palácios reais e...

— Por que ele está aqui?

Lucrécia percebeu certa irritação no rosto de Alfonso e sentiu o familiar formigamento de ansiedade no couro cabeludo. Mordeu o lábio. De novo não. Seria por tê-lo interrompido? Seria sua ignorância? Desde a desastrosa noite de núpcias, e os repetidos fracassos desde então, ela começara a ter pavor de desagradar Alfonso. Sempre que se dirigia ao marido, cada palavra pairava no ar pesadamente sobre ela. Lucrécia tinha resolvido tentar compensar o que não estava dando certo na cama sorrindo, sendo atenciosa e delicada com ele sempre

que estivessem juntos durante o dia, mas frequentemente, como agora, ela parecia apenas irritá-lo.

Lucrécia viu o olhar de Alfonso se fixar em sua boca, então ele explicou:

— Já faz algum tempo que eu estava pensando em encomendar um afresco para ser pintado na parede da galeria do salão do lado norte do castelo. Pandolf está aqui com os primeiros esboços.

— Sobre o que será a pintura?

— Espere até ver os esboços.

O mencionado *fra* Pandolf, conforme Lucrécia descobriu, era um pequeno frade rechonchudo com cabelos grisalhos, cuja aparência comum e olhos sem expressão não indicavam nada do notável talento artístico que Alfonso tinha lhe descrito. Ele parecia, pensou ela, particularmente sem graça e comum. Quando ela e Alfonso entraram na sala, *fra* Pandolf interrompeu a conversa que mantinha em voz baixa com um rapaz alto de cabelos pretos, com cerca de 20 anos, e fez uma reverência para eles.

O sorriso era audível na voz de Alfonso ao falar com seu visitante.

— *Fra* Pandolf, que prazer tornar a vê-lo em Ferrara.

— *Signore*, me sinto honrado — respondeu *fra* Pandolf, com a voz seca e inexpressiva. Virando-se para o rapaz moreno, disse: — Jacomo, mostre os desenhos para o *signore*...

O rapaz chamado Jacomo assentiu com a cabeça e desenrolou um tecido pesado, que protegia diversas folhas de papel cor de marfim. Eles já deviam estar enrolados havia algum tempo, porque voltavam à posição curva repetidamente e o rapaz insistia em fazer com que ficassem abertos.

— Posso ajudar? — perguntou Lucrécia, adiantando-se.

— O-Obrigado — gaguejou o jovem, envolvido demais com o que estava fazendo para olhar para ela. Mas Alfonso estalou os dedos e Franco Guarniero saiu das sombras na extremidade da sala com um pesado candelabro numa das mãos e um livro grande na outra. Curvando-se numa reverência, passou na frente

de Lucrécia, então ele e Jacomo conseguiram alisar os papéis rebeldes.

Fra Pandolf estendeu uma das mãos gorduchas e Alfonso deu um passo à frente. Ele encarou intensamente os desenhos por alguns minutos, o cenho franzido e a respiração ruidosa. Lucrécia esticou o pescoço para olhar. O marido parecia ter esquecido que ela estava ali: não se mexeu e não deu nenhuma opinião sobre os desenhos diante de si por alguns segundos, mas então começou a balançar a cabeça, quase imperceptivelmente.

— Hummm — disse enfim, quase em um sussurro. — Brilhante. É uma concepção de pura genialidade, Pandolf.

Lucrécia sentiu mais que ouviu um suspiro de alívio percorrer a sala e viu *fra* Pandolf fechar os olhos por um segundo, como se proferisse uma breve oração.

Alfonso se virou para ela.

— Lucrécia, venha ver os desenhos — chamou o marido. — Diga-me o que acha deles.

Ela se esgueirou entre Alfonso e a beirada da mesa, e ele colocou as mãos em seus ombros.

A imagem que Lucrécia viu era assombrosa.

Era a história de Jasão e sua busca pelo Tosão de Ouro. Os desenhos eram vívidos e poderosos, feitos apenas a carvão, mas, pensou Lucrécia, exibiam uma paixão e uma animação diferentes de qualquer desenho que já tinha visto. Ela ergueu os olhos do papel e fitou o rosto de *fra* Pandolf, tentando imaginar um homem tão sem graça e balofo criando esse extraordinário épico. Tentou visualizá-lo com um pedacinho de carvão entre os dedos gorduchos, desenhando com vigor — com paixão, até —, corado de prazer por ter captado a inspiração que surgira em sua mente, mas só conseguiu enxergar o frade olhando para o espaço diante de um papel em branco, o carvão pousado sobre a mesa diante dele, os olhos fitando o vazio.

Fra Pandolf não a encarou; sorria nervosamente, os olhos fixos em Alfonso. Lucrécia tornou a olhar para o desenho.

A história era dividida em diversos quadros. A imagem na extremidade

esquerda do desenho era o *Argo* zarpando. Um nobre Jasão estava de pé na proa, com o braço ao redor do pescoço da carranca, aparentemente sem prestar atenção na expressão amotinada de sua tripulação. As ondas foram desenhadas com apenas alguns traços de carvão, no entanto o movimento e a força delas eram enormes. Lucrécia ficou encantada com a habilidade do artista.

Mais adiante, o *Argo* estava ancorado ao largo da ilha de Talos. O grande gigante de metal se movia e os argonautas corriam para salvar suas vidas ao longo de uma praia coberta de pedras. Jasão ia à frente, saindo dessa cena e adentrando a seguinte, em direção à figura de Medeia, que apontava para trás de si para o tosão brilhante com os chifres dourados, retorcidos, pendurado nos galhos sinuosos de uma árvore sem folhas. Ela era esguia como um espectro, com cabelos desgrenhados e membros graciosos, e fitava Jasão com um desejo inconfundível.

Lucrécia sorriu ao imaginar a pintura finalizada, colorida, tomando toda a galeria do Salão Norte, de onde poderia ser vista por qualquer um que viesse do saguão de entrada principal.

— Ah, está maravilhoso! Vai ser um *lindo* afresco — comentou ela, esquecendo-se brevemente de sua ansiedade.

Alfonso segurou seus braços com mais força e os cantos de sua boca se curvaram enquanto a encarava.

— Então você gosta da ideia, Lucrécia? — perguntou ele. — Eu esperava que fosse gostar.

— Mal posso esperar para vê-lo pronto. Adorei!

Lucrécia se virou para sorrir para *fra* Pandolf e, ao fazê-lo, avistou o rapaz moreno, Jacomo. Só o vira de perfil até aquele momento. Agora que ele estava de frente para ela, porém, Lucrécia notou com espanto uma mancha vermelha que descia pela lateral de seu nariz e se espalhava por uma das faces — como gotas de sangue ou talvez mais da cor de amoras esmagadas. Sua pele se arrepiou de aversão — nunca havia visto uma mancha daquelas antes —, mas então fitou os olhos do rapaz e esqueceu a marca escarlate. Jacomo observava o frade do outro

lado da mesa. A expressão do jovem era difícil de interpretar, porém Lucrécia enxergou nela o que parecia raiva, frustração, desejo e uma ferocidade que a surpreendeu. Um músculo estremeceu em seu rosto e seus olhos brilharam. Ao perceber que Lucrécia o observava, Jacomo se assustou, enrubescendo. Sua face relaxou — propositalmente, foi o que pareceu a Lucrécia. Ele a encarou por um momento, depois desviou os olhos.

Ela continuou o observando e imaginou o que aquele olhar significava. Não havia sido o olhar serviçal de um criado, pensou Lucrécia — tinha sido um olhar firme e curioso e fizera os pelos de seu braço se eriçarem.

7

Alguns quilômetros ao sul de Ferrara, a certa distância da longa estrada até Bolonha, havia uma casa de pedra diante de um pátio grande e murado. Ela estava em más condições — algumas telhas tinham caído de um lado do telhado, expondo as vigas abaixo, e a longa parede da frente possuía inúmeras rachaduras, porém o pátio em si estava impecável. Havia uns dez barris grandes em duas filas de um lado, com duas pás de madeira de cabos compridos dispostas em cima deles. Uma pirâmide de sacos se erguia contra a parede dos fundos da casa, sob uma cobertura de madeira, e uma longa fileira de pás estava encostada no muro como soldados de folga.

No meio do pátio havia um poço de pedra coberto por uma pesada tampa de madeira.

Na outra extremidade, no chão próximo ao portão, quatro montículos planos e retangulares foram cobertos por sacos úmidos de aniagem. Pareciam — até porque eram — túmulos improvisados, então os cinco homens suados diante deles eram como coveiros. Estavam todos olhando para um novo buraco no chão e para a grande quantidade de terra que havia sido removida do interior dele. Apoiados nos cabos das pás, eles passaram as mãos imundas pelos cabelos, esticaram as costas doloridas e sorriram uns para os outros com cumplicidade cansada.

— Foi um ótimo trabalho, rapazes — elogiou o mais velho dos cinco,

apontando para o buraco. A pele ao redor dos olhos do sujeito, bem como sua testa, estava coberta de pequenas cicatrizes, e outras ainda cobriam as mãos e os antebraços. — Só falta cobrir com o pano e depois acho que merecemos comer alguma coisa antes de começar o trabalho com os barris.

Seus companheiros concordaram. Sacudiram diversos sacos de aniagem, mergulharam cada um em um balde de água, depois forraram o buraco com eles, primeiro de um lado, depois do outro, de tal forma que nenhum ponto de terra ficasse à mostra. Após verificar cuidadosamente o buraco, foram todos para os fundos da casa, deixando suas pás com o restante do regimento ao passar.

O interior da casa estava tão maltratado quanto o lado de fora. As janelas do aposento principal eram pequenas e, cobertas com grossos quadrados de papel encerado em vez de vidro, deixavam entrar pouca luz. Tudo na cozinha grande de teto baixo parecia, portanto, pintado em sépia: a mesa, repleta de panelas, pratos e jarros; a dilapidada *credenza*, a lareira de pedra, onde estava pendurado um espeto de ferro, adornado com panelas e utensílios, e a garota de cara amarrada de cerca de 15 anos, sentada num banquinho sob uma das janelas.

O fogo não passava de brasas vermelhas e cinzas brancas quando os homens entraram.

— Mexa-se e avive esse fogo, Chiara — ordenou o mais velho do grupo. — Todos queremos cerveja e um pouco daquele cordeiro de ontem antes de iniciar a preparação da cal. E precisaremos nos lavar.

Ao ouvir isso, Chiara se levantou e se inclinou para pegar um par de foles de couro. Ela se agachou diante do fogo e, enfiando a ponta do instrumento nas brasas, começou a soprar delicadamente até que algumas pequenas chamas surgiram em meio aos brilhantes pedaços de madeira queimada. Ela pôs mais um pouco de lenha por cima, e depois tornou a usar o fole. Em pouco tempo, o fogo estava crepitando por baixo de um grande caldeirão de água.

— Vai começar logo depois que comer, papai? — perguntou ela ao mais velho do grupo.

Eduardo Rossi balançou a cabeça.

— Não. Acredito que precisamos descansar um pouco antes de voltar ao trabalho.

* * *

Ao ouvir as palavras do pai, Chiara olhou para um dos trabalhadores, um rapaz forte mais ou menos da idade dela, e fez um sinal com a cabeça na direção da porta. Ele ergueu uma sobrancelha e assentiu uma vez; Chiara sorriu enquanto fatiava uma perna de carneiro, que havia colocado sobre uma travessa. Ela pegou dois pães de forma na prateleira e os passou, com o carneiro, para o pai e para os demais, que se sentaram em volta da mesa. Então saiu da cozinha, como se fosse subir a escada, mas ficou agachada ao lado da porta, vendo o pai partir o pão e distribuí-lo. Os homens se serviram de fatias de carneiro.

O rapaz atarracado, ela ficou contente de perceber, foi o primeiro a terminar. Empurrando a cadeira para trás, ele foi até o fogo. No chão, próximo dele, havia uma grande tigela de madeira, no formato da metade de um barril, toda de ripas. Enrolando uma das mãos com um pano, o rapaz inclinou o caldeirão e encheu a tigela de água quente.

— Lave direito essas mãos, Niccolò — falou o pai de Chiara. — Eu sei que vamos usar luvas, mas não quero que a cal fique suja.

Niccolò assentiu com a cabeça. Ajoelhando-se, lavou as mãos com cuidado na água quente, tirando a terra sob as unhas, depois esfregando vigorosamente até acima dos pulsos. Ele verificou as palmas e as costas das mãos, depois jogou água no rosto. Tirou os cabelos dos olhos, esfregou o rosto com a aba da camisa e enxugou a mão nas calças. Com um aceno de cabeça para os demais, ele saiu da cozinha pela porta do pátio.

— Não achei que fosse conseguir conversar com você a sós hoje. Todos pareciam tão ocupados mais cedo — disse Chiara. Niccolò não respondeu, apenas se inclinou para beijá-la. Ela ergueu o rosto para ele e os dois se beijaram. Niccolò

apertou um seio e a jovem arqueou as costas e grudou seu corpo no dele, apertando-o com os quadris. Niccolò buscou com a mão livre a bainha do vestido dela. Atrapalhou-se com o tecido ao enfiar a mão por baixo de sua saia. Chiara afastou os joelhos.

Mas, poucos segundos depois, eles ouviram a porta da casa bater e vozes altas no pátio. Niccolò e Chiara ficaram imóveis.

— *Cazzo!* — sibilou Niccolò.

Ele tirou a mão de baixo da saia de Chiara e ela afastou do rosto as mechas de cabelo que haviam se soltado.

— Seu maldito pai! — sussurrou Niccolò. — Achei que teríamos pelo menos meia hora.

Chiara se afastou dele. Sua boca estava úmida e inchada — enxugou-a com as costas da mão.

— Niccolò, rápido! Vá por aquela porta. — Ela apontou para o outro lado do celeiro. — Vou ficar aqui até vocês retornarem ao trabalho.

Niccolò se inclinou para beijar a área onde seus seios estufavam o decote do vestido.

— Vamos encontrar um momento logo, eu prometo — disse ele.

— Por favor, tome cuidado — replicou Chiara. — Odeio quando é você quem mistura a cal. É sua vez hoje?

— Não.

— Bem, agradeço isso a Deus, pelo menos.

— Barnabeo e Niccolò, tragam um barril para cá! — gritou o pai de Chiara.

Os dois homens rolaram um barril até bem perto do buraco recém-aberto. Era pesado, fortemente cintado com ferro e com a borda larga.

— Certo. Água! Chiara, *cara*, venha cuidar da alavanca.

Chiara surgiu de trás do celeiro e tomou seu lugar no poço.

Os cinco homens se enfileiraram entre o barril e o poço, com baldes de madeira na mão, e, em pouco tempo, encheram um quarto do barril.

— Agora — disse o pai de Chiara —, cubram-se, todos!

Ele e os demais vestiram longos aventais de couro, amarraram tiras largas de pano na parte inferior do rosto e enfim calçaram pesadas luvas de couro.

— Barnabeo, você e Antonio tragam um saco.

Chiara prendeu a respiração. Não importava quantas vezes ela tivesse visto aquilo ser feito, sendo filha do chefe da guilda dos estucadores da cidade. Ela nunca assistira ao início da fabricação de cal sem ficar apreensiva. Havia presenciado muitos acidentes — e tinha horror a queimaduras.

* * *

Barnabeo e Antonio ergueram o grande saco até a borda do barril. Eduardo pegou uma faca.

— Preparados?

Eles assentiram com a cabeça.

— Niccolò, a cobertura está pronta?

Outro aceno afirmativo.

— Bem úmida?

Aceno.

— Tudo bem, então. Lá vamos nós.

Eduardo fez uma pausa, como um homem se preparando para mergulhar de uma grande altura. Então, após respirar fundo, ele enfiou a lâmina da faca no saco e o rasgou em toda a sua extensão. O pó branco caiu rapidamente, com um chiado, dentro da água no barril. Barnabeo e Antonio sacudiram o restinho do que sobrara e Niccolò avançou depressa para tapar a abertura com um pano molhado enquanto o vapor subia furiosamente.

Todo mundo, exceto Eduardo, recuou. Barnabeo passou uma das pás de madeira de cabo comprido para ele.

Houve um momento de silêncio. Como sempre fazia ao misturar a cal, Eduardo apurou os ouvidos para escutar o primeiro som.

Uma batida ritmada. O líquido chiou e roncou e o barril se mexeu quase imperceptivelmente. O ruído se intensificou e o barril começou a tremer, como se uma criatura furiosa estivesse presa em seu interior, tentando se soltar. Um canto do saco de aniagem levantou, uma onda de vapor saiu e o pano começou a bater freneticamente. Eduardo ergueu a pá de madeira e a deitou sobre o pano, tentando alisá-lo, mas o vapor continuou a sair por todos os lados. Uma boa quantidade de cal quente jorrou e ele deu um salto para trás, reprimindo um gemido de dor quando uma gota caiu na pequena parte do braço exposto entre a luva de couro e a manga arregaçada de sua camisa. A pele ficou vermelha de imediato no ponto onde a cal a tocou. Essa seria mais uma cicatriz para se somar às centenas de outras que tinha nos braços e no rosto.

Eduardo esperou até o borbulhar começar a diminuir, depois ergueu a pá de madeira, segurou o pano de aniagem com uma das mãos e o levantou bem devagar, com uma careta de antecipação, inclinando o máximo possível para longe do barril. A cal ainda efervescente demonstrou seu desagrado por ter sido exposta cuspindo mais algumas gotas brancas e quentes na direção dele, mas dessa vez todas erraram o alvo e caíram no chão. Eduardo enfiou a pá de madeira no conteúdo vulcânico do barril, os olhos quase fechados, a boca distorcida na forma de um grito. Por um instante, segurando o cabo firmemente com as mãos, ele fez movimentos em forma de oito com a pá, remexendo a cal de um lado para o outro, depois a retirou, bateu com ela na beirada do barril para limpar qualquer parte da mistura que tivesse ficado agarrada e tornou a colocar o pano sobre a borda.

A atividade frenética no interior do barril começou a diminuir. Eduardo tornou a misturar. Esperou. Misturou de novo.

— Certo, rapazes. Para dentro do buraco agora.

Todos os estucadores se reuniram em volta do barril para arrastá-lo até o buraco. Cuidadosamente, centímetro a centímetro, eles o manobraram e então o inclinaram. A mistura parecendo um mingau jorrou no buraco forrado de pano de aniagem.

Eduardo e os outros deram um passo para trás, ofegantes.

— Pronto, rapazes. Um derramado, só faltam três. Essa vai ser — disse, com orgulho na voz — uma argamassa perfeita para o novo afresco do Castello Estense. Deveríamos nos orgulhar de poder prestar tal serviço para nosso duque.

Chiara olhou para Niccolò. Ele sorriu para ela — um sorriso cheio de promessas —, e a jovem passou a ponta da língua pelo lábio superior, que de repente havia ficado seco.

8

A principal ponte levadiça estava abaixada. O céu tinha um tom azul-acinzentado e uma chuva fina agitava a superfície da água do fosso. As quatro grandes torres vermelhas do Castello Estense contemplavam a cidade molhada como sentinelas, com a precisão da agressividade militar de suas dimensões um tanto esmaecida e suavizada pelo ar carregado de umidade. Gotas de diamante pendiam ao longo de toda a extensão da balaustrada de pedra branca.

Um grupo encharcado entrou na *piazza* principal em frente ao Castello quando o sino da catedral bateu meio-dia: quatro cavaleiros, uma pequena carroça carregada de bagagem e, amarrada atrás dela, uma mula branca, orelhas pendendo, pequenos cascos arranhando as pedras do chão, como se estivesse exausta demais para erguer as patas. O grupo atravessou a *piazza* e retiniu ao atravessar a ponte levadiça.

Quando chegaram ao pátio central, Giovanni de Medici afagou o pescoço de seu cavalo. Ele tirou os pés dos estribos e saltou. Arqueando as costas e girando os ombros, o rapaz se esticou para amenizar a rigidez do corpo depois das horas passadas sobre a sela, enquanto diversos cavaleiros estenses apareciam para cumprimentar os recém-chegados. Um deles, alto, de rosto redondo e alegre, pegou as rédeas do cavalo de Giovanni.

— Obrigado — disse Giovanni. — Ela está completamente encharcada. Bem,

todos estão. Pode dar uma boa esfregada nela e cobri-la com uma manta?

— É claro, *signore*. Todos os cavalos serão secos e levados para a cocheira imediatamente.

— O nome dela é Brezza — falou Giovanni —, e ela...

— Vanni! — Ele foi interrompido por um grito. — Vanni!

Lucrécia corria pelo pátio, segurando as saias sem nenhuma elegância. Ele sorriu e começou a caminhar na direção da prima. Ela largou o vestido e se jogou sobre Giovanni, abraçando-o, enquanto ele a erguia do chão.

— Ah, Vanni, você finalmente está aqui! Mas está *encharcado*! Como foi a viagem? Muito ruim? Como vão mamãe e... Ah! — Ela parou e se afastou dele, com um ar de surpresa no rosto. — Ah, *cielo*! Violetta!

Ela avistara a mula. Contente pelo impacto da surpresa que havia trazido, Giovanni viu a prima atravessar o pátio até onde o animal irritado estava parado atrás da carroça. Ela abraçou o pescoço branco e sujo da mula, que balançou a cabeça, batendo com o casco no chão, zangada. Um dos cavalariços a soltou da carroça. Lucrécia segurou o focinho de Violetta e o beijou, depois se virou para Giovanni com os olhos brilhantes. O corpete e as mangas do vestido salpicados e manchados de chuva e lama, o rosto sujo. Giovanni esfregou os olhos e riu.

— Olhe só para você. Não mudou nada...

— Você a trouxe — falou Lucrécia, abrindo um amplo sorriso e ignorando o primo.

— Imagino que tenha ficado contente.

— Ela reclamou o tempo *inteiro*?

— Não tenha dúvida. Por Deus, Crezzi, não entendo por que você gosta tanto desse animal. Ele tem um gênio terrível e...

— Não diga isso! Não seja desagradável! Ela é minha querida mula e eu a amo. E amo *você* por tê-la trazido. — Lucrécia tornou a abraçá-lo. — Venha, vamos sair da chuva.

Então, elevando a voz, ela falou:

— Por favor, entrem todos. Os criados irão lhes mostrar seus quartos, onde

poderão trocar as roupas molhadas. Vamos ter sopa quente e vinho e acredito que a lareira do Salão Leste esteja acesa.

Giovanni lhe ofereceu o braço, sentindo-se de repente contente consigo mesmo, bem mais velho que seus 15 anos. Lucrécia segurou no braço do primo com as mãos e voltou a sorrir para ele. Mais criados em trajes vistosos surgiam pela porta agora; pareciam, pensou Giovanni, deslocados ali ao ar livre, como um grupo de gatos de estimação no meio do mato. Eles estavam curvados para se proteger da chuva e se apressaram em levar os recém-chegados para dentro. Então, finalmente, o grupo de Cafaggiolo saiu da chuva e entrou no Castello.

Alfonso ouviu a confusão no pátio quando estava voltando da falcoaria.

Ele diminuiu o passo.

Parando nas sombras do túnel que saía da ponte levadiça dos fundos, ele passou a mão pelos cabelos molhados e estudou cada figura. A chuva escorria por sua nuca. Um de seus cavalariços conduzia um cavalo enlameado, ainda preso a uma carroça coberta, enquanto outro segurava as rédeas de uma bela égua castanha. Três outros cavalos eram conduzidos para as cocheiras, junto de uma mula branca coberta de lama, obviamente muito velha. Um grupo de criados retirava a bagagem da carroça, e então Alfonso a viu.

Lucrécia.

Tinha lama no rosto e nas mãos e seu vestido estava inacreditavelmente imundo, porém seu rosto parecia radiante. Os olhos brilhavam e ela ria para um rapazinho magro e moreno. Alfonso sentiu um aperto no peito até reconhecer o recém-chegado. Com o pensamento nos falcões, ele havia esquecido que o primo da esposa chegaria naquele dia.

As mãos de Lucrécia envolviam o braço do rapaz e ela caminhava, bem perto dele, em direção à entrada principal. O rapaz inclinou a cabeça para trás e riu de algo que Lucrécia dissera. Ela largou o braço dele e o empurrou com força, fazendo-o perder o equilíbrio. Ele se recuperou, colocou um dedo nas costelas dela e Alfonso a ouviu dar um grito e começar a rir.

Alfonso sentiu uma onda de desaprovação em suas entranhas. Seu rosto ficou tenso e ele sentiu um súbito vazio no âmago. Como nos momentos em que seu cavalo se assustava e empinava sob ele, Alfonso foi sacudido pelo sentimento da precariedade de uma força potencialmente incontrolável.

Respirando pesado, os punhos cerrados, ele se escondeu nas sombras do túnel e esperou que a esposa e o primo entrassem no castelo. Após ter certeza de que não estavam mais por perto, ele entrou por uma porta lateral, desceu uma escada estreita e atravessou o corredor que levava aos calabouços.

— Alfonso não está aqui — disse Lucrécia, enquanto subia com Giovanni a larga escadaria em espiral. Ele sentiu um alívio culpado, mas que durou pouco quando ela acrescentou: — Ele saiu para caçar, mas vai voltar logo. Pensei que estaria aqui antes de sua chegada.

As botas encharcadas de Giovanni rangiam a cada passo, formando bolhas ao longo das costuras. Olhando para trás, ele viu uma trilha de pegadas brilhantes. Os pés estavam gelados. Ele estava louco para perguntar a Lucrécia sobre sua nova vida. Todas as perguntas que havia remoído durante os três dias de viagem de Cafaggiolo até lá gritavam em sua cabeça. Ele as repetira mentalmente diversas vezes, imaginando os dois sentados sozinhos, ele fazendo as perguntas e ela se desmanchando em lágrimas, admitindo uma vida de sujeição brutal com um homem que, na mente de Giovanni, tinha se transformado de um sujeito desagradável em um monstro capaz de tudo. Mas agora, ali em Ferrara, ele se viu diante de uma Lucrécia que apenas parecia encantada em vê-lo; que parecia acostumada a sua nova vida, mais adulta que nunca. Giovanni se sentiu estúpido e infantil, suas perguntas agora lhe soavam ridículas.

Compreendeu que não devia fazê-las.

— Chegamos. Você pode trocar de roupa. Sei que vou ter de trocar as minhas. Como vão mamãe e papai? — Lucrécia tornou a perguntar. — Estou tão chateada por não poderem vir. Papai está mesmo melhorando? E quanto a Giulietta, ela está bem?

Giovanni a seguiu para dentro do amplo quarto. Uma tapeçaria cobria uma das paredes, mostrando o auge de uma caçada bem-sucedida, com o alto das torres do Castello visíveis ao fundo, acima de uma fileira de árvores. Havia uma cama com dossel, duas cadeiras muito bem-enceradas e uma mesa baixa. Não muito diferente do quarto dele em Cafaggiolo, apenas mais arrumado.

Lucrécia se sentou na beirada da cama.

— Estão todos bem — respondeu Giovanni. — Tio Cosimo ainda está descansando, mas tia Eleanora diz que, após se mostrar um paciente dócil e obediente por várias semanas, ele está ficando irritado de novo, então ela está mais tranquila, achando que tio Cosimo está se recuperando do ataque.

Lucrécia riu.

— Mandaram-lhe lembranças e um monte de presentes e cartas.

Giovanni se sentou e tentou tirar uma das botas. Como ela estava molhada, era difícil. Ele lutou, praguejando em voz baixa, depois estendeu a perna para Lucrécia. A garota sorriu, se inclinou e segurou o calcanhar do primo. Firmando um dos pés no assento da cadeira, ela puxou com força. Com um estalo, a bota saiu, e Lucrécia quase caiu para trás, rindo.

— Pode tirar a outra agora? — pediu Giovanni.

Lucrécia tentou prestar atenção nas notícias de Cafaggiolo enquanto o primo vestia roupas limpas e secas, no entanto, agora que a euforia em tornar a vê-lo havia passado, ela se percebeu confusa e estranhamente distante, incapaz de prestar atenção no que ele dizia. Ao olhar para Giovanni, sentiu-se dividida. Primeiro, uma forte saudade de casa a deixou com um nó na garganta quando ele declamou a longa ladainha de conselhos que Giulietta enviara. Foi uma imitação imediatamente identificável da voz de Giulietta: *Ela está escovando direito os cabelos toda noite. E aquela* ajudantezinha de cozinha *está pondo as combinações de Lucrécia para arejar e secar direito antes de entregá-las para vestir?* Mas, ao mesmo tempo, uma incômoda mágoa dos pais, que vinha aumentando desde sua noite de núpcias, pesou em seu estômago como se ela tivesse comido demais.

Do jeito que as coisas estavam entre ela e Alfonso, Lucrécia sabia que não cumpria o papel que os pais imaginaram. Ela era o recipiente que carregaria o herdeiro da dinastia Este — mas estava cada vez mais consciente de ser, afinal, pouco mais que uma mercadoria, criada para esse objetivo como um animal de raça e vendida a seu marido no último outubro pelos pais. Sua mãe e seu pai, é claro, não sabiam da existência daquela terrível tensão que agora tirava toda a espontaneidade de sua convivência com Alfonso. Como poderiam? Mas, de algum modo, pensou Lucrécia, irritada, eles *deveriam* saber. Deveriam ter adivinhado.

— Você está escutando, Crezzi? — Ela ouviu Giovanni dizer.

— O quê?

— Você está escutando? Parece sonolenta.

— Não, quero dizer, sim. Estou escutando. E não estou sonolenta. É claro que não.

Giovanni franziu a testa. Lucrécia queria contar a ele — ah, Deus, como queria contar a ele! As palavras estavam quase saindo de sua boca. Mas, se contasse, estaria pisando nas águas traiçoeiras de uma intimidade que ela sabia não poder compartilhar. Havia confiado em seu primo por tanto tempo, a respeito de tanta coisa — foram companheiros muito próximos durante anos. Esta nova situação, porém, se erguia entre os dois como um muro de tijolos. Lucrécia sabia que não podia descrever o fracasso vergonhoso de seu casamento a ninguém. Só imaginar as palavras saindo de sua boca fazia suas entranhas se revirarem e o rosto enrubescer.

Giovanni perguntou:

— Crezzi, há algum problema?

Ela sabia que ele achava que havia. Respirou devagar, hesitou; depois, sabendo que não podia contar, sorriu e respondeu:

— Não. Não há problema nenhum. De verdade.

Encararam-se por alguns instantes. O sorriso de Lucrécia foi se tornando forçado. Então Giovanni falou:

— Bem, se algum dia você tiver algum problema, conte-me, entendeu? Quero que me conte.

Lucrécia assentiu com a cabeça.

Era a semana anterior ao Natal e o sol tentava surgir em meio às nuvens. Do lado de fora do Castello, no grande espaço aberto a sua frente, meia dúzia de homens estava construindo uma galeria de madeira grande o suficiente para abrigar vinte ou trinta convidados. Carrinhos de mão cheios de areia eram descarregados e a areia estava sendo espalhada sobre a praça inteira, no centro da qual havia uma balaustrada de estacas de madeira até a altura da cintura, com listras em espiral nas cores da família Este: vermelho, verde e branco; aquela balaustrada dividia o espaço ao meio.

— Vai haver um torneio amanhã antes do banquete — explicou Lucrécia. — Alfonso falou que dependia do tempo, mas, agora que a chuva parou, espero que aconteça. Estou torcendo para isso.

Giovanni assistiu à nova arena tomando forma.

— Gosto da ideia de entrar no torneio.

Lucrécia deu um muxoxo.

— Só por que acha que monta bem? — falou, zombando. — Não se esqueça do que aconteceu com o pobre rei da França. — Ela fez uma careta. — Vamos, vamos assistir aos últimos preparativos para o banquete.

Eles atravessaram a ponte levadiça e entraram no castelo pelas enormes portas da frente. De braços dados, passaram pelo saguão de entrada, desceram um corredor e entraram no Salão Norte onde o banquete seria servido.

A sala estava quase literalmente coberta de homens. Homens sobre escadas, amarrando centenas de pequenas bandeiras vermelhas, verdes e brancas; homens pendurando candelabros de onde pendiam enfeites de papel dourado; homens construindo um enorme toldo listrado e enfeitando toda a superfície disponível — horizontal e vertical —, com imensas grinaldas de flores. As três mesas também estavam decoradas, com mais flores, frutas, velas, fitas e uma grande

quantidade de pequenas estatuetas nuas, muito parecidas com figuras humanas e feitas de algum material marrom.

— O que é isso? — quis saber Giovanni, pegando uma.

— Um tipo de biscoito — replicou Lucrécia.

Giovanni bufou.

— Hummm. Proporções impressionantes para um biscoito... — Ele ergueu as sobrancelhas para a prima.

Lucrécia riu.

— Ah, estou tão contente por você estar aqui, Vanni!

Ele pôs a estatueta de volta na mesa e, com muito cuidado, pendurou uma grinalda de flores na frente dela para preservar sua modéstia. Ele apertou a mão da prima e disse:

— E eu estou contente por você não estar mais ocupada. Achei que estaria correndo de um lado para o outro para tomar conta de tudo isso. Tia Eleanora sempre fica agitadíssima no dia de um banquete e nunca houve nada *nessa* escala em Cafaggiolo.

Houve um momento desconfortável de silêncio.

— Bem, Alfonso prefere organizar ele mesmo esses eventos — disse Lucrécia, sem graça. Ela não acrescentou o que gritava em sua cabeça, que estava ansiosa, *ansiosa*, para desempenhar no castelo outro papel que não apenas o de "tesouro artístico recém-adquirido", mas que Alfonso parecia determinado a não permitir que ela tomasse parte ativa na administração da casa.

— Você se importa com isso? — perguntou Giovanni, franzindo a testa.

— Um pouco, eu acho. — O sorriso de Lucrécia era forçado e um tanto evasivo. — Talvez ele ache que eu não deva querer cuidar disso.

— Você perguntou a ele?

Lucrécia balançou os ombros. Fazia apenas uma semana desde que Alfonso deixara suas opiniões a respeito do assunto bem claras para que ela não pensasse em questioná-lo quanto a isso.

As cozinhas do Castello são maiores, mais bem equipadas e muito mais eficientes que as velhas cozinhas de Cafaggiolo, mas, na mente de Lucrécia, as fileiras de fornos de tijolos vermelhos novinhos e as paredes quase sem janelas possuem muito menos encanto. Ela fica parada no portal, observando os cozinheiros, os encarregados dos vinhos, os ajudantes de cozinha suados, realizando suas inúmeras tarefas. Durante alguns minutos, no meio daquela barulheira e da fumaça azulada, ninguém nota a presença dela. Então, um rapazinho — com não mais de 12 anos, pensa Lucrécia — cutuca o vizinho e faz um sinal de cabeça na direção dela. Um a um, como veados num bebedouro, conscientes de um possível perigo, eles erguem as cabeças do que estão fazendo e olham para ela. Toda a atividade na cozinha cessa.

O rosto de Lucrécia arde.

— Por favor — diz —, não interrompam o que estão fazendo por minha causa. Só quero conhecer melhor meu novo ambiente. Por favor, continuem.

Eles voltam ao trabalho, mais uma vez inclinados sobre potes e panelas, porém um homem avantajado se aproxima, sorri e faz uma reverência. Lucrécia sorri também.

— Minha senhora — diz o homem —, estamos honrados em vê-la aqui embaixo. Seja bem-vinda a Ferrara. Existe algo em particular que a senhora deseje ver?

Lucrécia balança a cabeça.

— Não, só queria explorar um pouco mais o castelo hoje. E... *— Ela hesita.*

— Senhora?

Mordendo a unha do polegar, Lucrécia prossegue:

— Estou com um pouco de fome...

A figura robusta fica parada com as mãos nos quadris e ri.

— Bem, se minha senhora está com fome, temos de tomar uma providência imediatamente.

Ele indica com o braço que ela deve acompanhá-lo até o outro lado da cozinha. Atravessam juntos o aposento grande e cheio de gente.

— O que vai querer, signora*? — pergunta o homem, pegando uma tigela. — Um pêssego, talvez? — Ele joga o pêssego no ar e torna a pegá-lo, com apenas uma das mãos e com uma agilidade surpreendente. Depois o estende para ela com uma*

reverência e um floreio, como um mágico depois de um truque. — Ou por que não comer um pouco de ricota com mel? Temos uma deliciosa ricota doce que veio essa manhã da leiteria.

Lucrécia está começando a decidir o que vai querer, quando sente certa rigidez em seu companheiro. Ela se vira e vê Alfonso no portal que havia acabado de deixar. A censura no rosto do marido é evidente.

— Madame, uma palavra, por favor — diz Alfonso.

Fala quase em um sussurro, mas as palavras soam acima do ruído da cozinha. Lucrécia pede licença, depois se aproxima do marido, que a pega pelo braço, com uma força que a machuca, e a leva para fora.

— Estou mais que surpreso por tê-la encontrado lá dentro, Lucrécia.

— Eu estava explorando o Castello.

— Achei que tinha deixado claro que qualquer solicitação de comida, qualquer planejamento de cardápio, deve ser comunicado à cozinha através de Guarniero...

— O senhor disse isso. Eu não estava...

— Não importa o que você não *estava fazendo. O que me preocupa é o que você* estava *fazendo.*

Lucrécia sente um aperto na garganta. Os olhos de Alfonso brilham de raiva. Ela sente uma ira profunda por trás daquela expressão fechada — o ar entre eles fica tão tenso quanto uma trovoada não ouvida numa noite densa —, mas a voz do marido, quando volta a falar, é calma, apenas um leve tremor trai sua raiva.

— Talvez — diz ele — seja melhor você continuar a deixar comigo a administração da casa. Familiaridade como essa que vi agora irá inevitavelmente levar a ineficiência e a liberdades por parte dos criados. Você não precisa se preocupar com a administração da cozinha.

O olhar que ele lhe lança é assustador: vazio e impenetrável. Os olhos de Alfonso descem para sua boca, param por um momento sobre seus seios, então voltam para seu rosto. Ele diz friamente:

— Espero não tornar a vê-la na parte inferior do castelo, Lucrécia.

Lucrécia se virou para Giovanni, com os pensamentos fragmentados, como se um pé de vento sacudisse as vidraças da janela do quarto.

A multidão aplaudiu quando a figura vestida de armadura levantou a viseira e sorriu para Lucrécia. Ele inclinou a lança para cima e a estendeu para a frente, na direção de onde ela estava sentada na galeria. Lucrécia estendeu o braço, com uma longa fita verde na mão, e a amarrou na ponta da lança. Para sua surpresa, isso pareceu embaraçosamente íntimo, e um rubor subiu por seu rosto. Ao notar isso, o sorriso do cavaleiro ficou mais acentuado, no entanto Lucrécia o viu desviar o olhar para Alfonso. O olhar indolente do marido estava pousado, impassível, no rosto do cavaleiro. O sorriso, então, murchou e ele recuou, com a lança agora na horizontal, o cabo apoiado no quadril.

— Por que você o escolheu? — perguntou Alfonso calmamente, enquanto o cavaleiro conduzia o grande cavalo cinzento para a esquerda e voltava para a extremidade do pátio sob aplausos da plateia, a fita verde balançando alegremente na ponta de sua lança. — Por que ele e não um dos outros?

Lucrécia estava insegura em relação à resposta. Ainda magoada com Alfonso por não permitir que ela se estabelecesse como senhora do castelo, viu-se lutando para não demonstrar seus ressentimentos na voz.

— Gostei da aparência dele. — A resposta o deixaria irritado? Ela ergueu o queixo um pouco e acrescentou: — E gostei mais do cavalo dele do que dos demais.

A boca de Alfonso se contorceu.

— Um motivo tão bom quanto qualquer outro, suponho. O que me diz, *signore*? — Ele se virou para Giovanni.

— Crezzi tem um olho bom para cavalos, senhor. Aquele percheron é uma beleza.

— Sem dúvida. E Zudio é um cavaleiro excepcional. Já o vi em diversas ocasiões. Você escolheu bem — falou Alfonso para Lucrécia. Ela conseguiu sorrir.

Os combatentes colocaram seus cavalos em posição, um de cada lado da balaustrada nas duas extremidades do pátio. Os grandes animais bufavam, agitados; um deles batia com a pata na areia como um touro zangado, sacudindo a cabeça e tentando morder as rédeas. Os cavaleiros prepararam suas armas.

De um lado do pátio, a meio caminho entre os dois combatentes, um pequeno pódio havia sido coberto com as cores da Casa de Este. Sobre ele estava um rapaz. Em sua mão havia uma bandeira — as armas de Este — erguida o mais alto que ele conseguia.

A multidão fez silêncio. Cada combatente baixou a viseira.

Os dedos de Lucrécia estavam tão fortemente entrelaçados que chegavam a doer.

O rosto do rapaz mostrou uma expressão determinada quando ele baixou a bandeira.

Os dois cavalos começaram a se mover. Ganharam velocidade. Seus cascos batiam na areia, as duas lanças estavam agora na horizontal. Ao se aproximarem do centro, Lucrécia ergueu os ombros e semicerrou os olhos, encolhendo-se no assento como se quisesse se proteger da colisão.

Ela exclamou baixinho quando a lança de Zudio acertou o alvo, estilhaçando-se com o impacto; seu oponente quase caiu para trás, mas recuperou o equilíbrio. Um murmúrio se elevou da multidão. Lucrécia bateu palmas. Giovanni gritou. Alfonso não falou nada, mas se inclinou para a frente e apoiou os braços no parapeito da galeria.

Os cavaleiros retomaram as posições e tornaram a se preparar. Alguém amarrou a fita verde de Lucrécia na ponta da nova lança de Zudio e ele ajeitou a arma, apoiando o cabo no quadril. As patas dianteiras do grande percheron se ergueram do chão e ficaram paradas no ar por um segundo. Lucrécia prendeu o fôlego. Ao ver o grande pescoço arqueado e as pernas musculosas com os cascos batendo no chão, ela ficou fascinada pela força do cavalo, sentindo o vigor, a energia e a *masculinidade* da cena diante de si, aquela masculinidade que ainda era tão confusa, angustiante e desconcertante em seu quarto. Quando Zudio e

seu oponente voltaram ao ataque, Lucrécia teve a impressão de que suas lanças estendidas debochavam dela e de Alfonso. O marido estava pensando o mesmo? Os olhos dele brilhavam, seu olhar fixo nos dois cavaleiros. Ela sentiu um calor no estômago ao imaginar se aquela exibição de força e masculinidade iria enfim romper a barreira inexplicável do marido. Talvez isso fosse capaz de...

Giovanni assobiou e gritou.

A multidão aplaudiu.

Lucrécia tornou a prestar atenção no combate.

Zudio estava levantando a viseira. Sua mão direita, na qual segurava uma segunda lança quebrada, erguia-se bem alto. O percheron estava de novo empinado sobre as patas traseiras e, esparramado na areia do outro lado da balaustrada, encontrava-se o outro cavaleiro, erguendo o corpo com dificuldade sobre os cotovelos. Seu cavalo, com as rédeas soltas, trotava em direção à extremidade do pátio, onde diversos rapazes se posicionavam para capturá-lo.

— Um estrondoso sucesso para o combatente escolhido, Lucrécia — anunciou Alfonso, batendo palmas com entusiasmo. Ele olhou de relance para a esposa, seu olhar indo e voltando dos olhos para a boca da jovem. Lucrécia lhe sorriu.

— Ela é um achado e tanto, Este. No evento, a Medici foi motivo de orgulho para você.

Agnese de Rovigo não disse nada quando seu marido se inclinou para Alfonso e exprimiu sua aprovação sobre a nova duquesa de Ferrara. Mas Alfonso pôde perceber que os olhos negros de Agnese estavam fixos em Lucrécia, que no momento conversava animadamente com um dos convidados.

— Ela não faz seu tipo, Alfonso — cochichou ela quando o marido se virou para falar com outro convidado. — Como você se referiu à família dela pouco antes do casamento? *Nada além de um bando de comerciantes novos-ricos*, não foi isso?

Alfonso ergueu uma sobrancelha. Havia, pensou, mais que um toque de

veneno nessa observação, e ele foi obrigado a recordar o alívio que havia sentido alguns anos antes, quando a chegada inesperada de Francesca tinha colocado um ponto final em seu caso com essa mulher, a linda mas extremamente exigente condessa de Rovigo. Achava que ela nunca aceitara inteiramente o término do romance — sem dúvida, observando-a agora, qualquer um pensaria que ela era a esposa enganada e não a amante desprezada que era na realidade. Mas, pensou Alfonso, olhando para Lucrécia, Agnese estava certa. Aquela moça esguia, de cabelos cor de cobre e sem sofisticação — vinda ou não de uma família de novos-ricos —, era diferente de qualquer outra mulher que ele tivesse levado para a cama.

Ou, pelo menos, tentado.

Um mosaico de imagens surgiu em sua mente: os cascos daqueles dois cavalos batendo no chão; os dedos de Lucrécia amarrando a fita na ponta da lança de Zudio — e seu encantador embaraço ao perceber o simbolismo do que estava fazendo; a admiração no rosto dos convidados ao verem a nova duquesa; a pele sedosa dos seios de Lucrécia sob seus dedos; a curvatura do pescoço do percheron de Zudio... As imagens se superpunham. Ele se recusou a pensar na imagem da duquesa na cozinha uns dias antes: ela sorrindo para o cozinheiro grandalhão como se o admirasse... e pelo menos dois ajudantes de cozinha olhando para seus seios. Isso não podia ser tolerado. Mas uma parte dele, infantil e envergonhada, secretamente se regozijava com a ideia de dormir com uma mulher que sabia ser desejada pelos subalternos. Alfonso começou a ter a sensação de que essa noite, enfim, diante da aprovação quase universal de sua escolha, iria finalmente vencer os obstáculos incompreensíveis que até agora o impediram de consumar seu casamento.

Aprovação quase universal.

O ciúme direto de Agnese de Rovigo era óbvio, mas isso apenas aumentou sua certeza. Ele comparou Lucrécia com a sibarita debochada que o fitava com tanta raiva; embora tivesse apreciado bastante as horas passadas trepando com a *contessa*, havia compreendido, assim como todos os homens que dormiram com

Agnese (e foram muitos), que, apesar de sua beleza, no fundo ela não passava de uma prostituta desmiolada. Alfonso se sentiu de súbito orgulhoso de sua sensibilidade estética e teve pena do corno ignorante do marido de Agnese. Virou-se para a *contessa* e pôs a mão em seu braço. Ele a sentiu estremecer, mas continuou segurando a manga. Acariciando o pulso dela com o polegar, disse baixinho:

— Você tem razão, Agnese. Ela não é meu tipo. Mas ouvi dizer que o gosto da pessoa melhora com a idade.

Ela não disse nada, mas encarou a mão dele em seu pulso. Sua respiração ficou mais ofegante e Alfonso viu os seios da condessa subindo e descendo contra seu corpete. E então, sabendo como ela ia detestar o encontro, ele segurou o braço da condessa com mais firmeza e falou:

— Mas, Agnese, você precisa conhecer a duquesa. Lucrécia!

Lucrécia se virou.

— Venha cá! — chamou ele. — Quero que você conheça uma pessoa.

Lucrécia pousou sua pequena mão no braço do convidado e sorriu para ele, pedindo licença. Alfonso viu o rapaz sorrir de volta e — de modo completamente inesperado — um relâmpago assustador de ciúme de repente ofuscou o salão do banquete, os convidados e a puta da condessa que ainda estava ao seu lado. Por um instante ele não viu nem ouviu nada. Então sentiu que Lucrécia estava ao seu lado e a observou. Ela tornou a sorrir ao encará-lo, o desejo tomando conta dele e, atrás de Alfonso, o barulho e as cores do salão voltaram a ganhar vida.

— Lucrécia — falou Alfonso, com mais calma do que sentia. — Essa é Agnese, a condessa de Rovigo. Agnese, conheça minha duquesa.

— É um grande prazer conhecê-la — respondeu Lucrécia docemente.

Agnese de Rovigo não sorriu. O rosto dela se contorceu numa paródia de interesse educado, embora Alfonso pudesse sentir um tremor no braço que ainda segurava e soubesse imediatamente que ele não era a única pessoa na sala experimentando os tormentos do desejo frustrado. O desconforto dela o agradou, no entanto. O hedonismo autocentrado de Agnese já se tornara entediante havia

tanto tempo que Alfonso ficou encantado ao vê-lo ser contrariado por sua pequena duquesa, apesar da própria frustração que sentia em relação a Lucrécia.

Ele sentiu o desejo de provocar Agnese, como alguém tem vontade de cutucar um cão adormecido.

— Conheço Agnese há muitos anos, Lucrécia — falou Alfonso. — Sinto que vocês duas deveriam se esforçar para se tornarem próximas. Você encontraria nela uma ótima fonte de informação a respeito do ducado e suas tradições, e — Alfonso fez uma pausa — ela provavelmente tem muito o que contar a meu respeito também.

O rosto de Agnese ficou tenso de agitação com aquela impropriedade e Lucrécia ficou boquiaberta. Alfonso as observou por um instante, divertindo-se com o espetáculo, até que Ricardo de Rovigo — o "corno ignorante" — se virou e exclamou de prazer ao ver Lucrécia ali ao lado.

— Ora, *signora* — disse, fazendo uma reverência exagerada —, que privilégio!

Agnese revirou os olhos e deu um puxão no pulso, soltando-o da mão de Alfonso.

— Espero — prosseguiu Rovigo — que a senhora esteja encontrando formas de ficar à vontade nesse enorme castelo que mais parece um sarcófago. — Ele lhe lançou um sorriso.

— O Castello é mesmo enorme — concordou Lucrécia —, mas a cada dia me familiarizo mais com ele.

— Muito bem dito, minha senhora, muito bem dito! Uma resposta diplomática! Mas o que a senhora está realmente querendo dizer é que concorda comigo e que esse castelo é uma grande, velha e desconfortável fortaleza. Algumas gerações de Estes tentaram, sem sucesso, eu deveria acrescentar, convencer os ferrarenses de que ela foi transformada num palácio, mas no fim continua sendo uma fortaleza desconfortável. E a senhora é bem-educada demais para admitir isso.

— Eu não sonharia em falar tão mal de minha nova casa, *signore* — replicou Lucrécia. Ela sorriu ao falar e Alfonso se pegou olhando para sua boca. Ele

queria falar com Rovigo e se virou para o amigo, porém sentiu a cabeça girar antes de conseguir desviar os olhos dos lábios semiabertos de Lucrécia.

Ele disse, tentando usar um tom amigável:

— O senhor toma uma liberdade considerável, senhor, apesar de sua posição necessariamente humilde como convidado em meu enorme e frio sarcófago.

— Tomo mesmo, Este, tomo mesmo, pois estou seguro por saber que um anfitrião magnânimo como o senhor interpretará essas liberdades como uma brincadeira. Só estou brincando, meu senhor, só estou brincando.

— É claro.

Agnese deu o braço a Ricardo e, contrariada, olhou com arrogância para Alfonso e Lucrécia, antes de puxar o infeliz marido para o outro lado da sala.

— Eu disse alguma coisa que ofendeu a *contessa*? — quis saber Lucrécia.

— Não se preocupe. Acho que não foi o que você disse, mas sim o que você é.

Lucrécia estava evidentemente aflita. Seus olhos estavam muito abertos e nervosos. Alfonso a observou por algum tempo, esperando ter deixado bem claras suas intenções.

Depois de onze pratos, quase todos os convidados do grande banquete de Natal no Castello Estense imaginavam se teriam lugar para mais uma garfada — porém, segundo os criados, ainda faltava servir um prato. Até mesmo Giovanni, Lucrécia notou, havia passado a comer um pouco menos.

Tinha sido sem dúvida um evento espetacular. Não só a comida fora a mais extravagante que Lucrécia já havia visto mas também a música que acompanhou cada prato tinha sido fantástica: trombetas soando com a carne de cervo, flautas com o peixe e um cantor com um alaúde quando ostras e frutas foram servidas. Os pratos de massa e as saladas foram trazidos por uma dúzia de homens usando trajes coloridos de camponês ferrarense, com flores nos cabelos, e as frutas cristalizadas, os doces e os bolos haviam sido acompanhados por um grupo de malabaristas. Lucrécia tinha assistido, atônita, enquanto eles impressionavam os convidados ao executar malabarismos não apenas com bolas mas com frutas,

facas, colheres e — o mais espantoso — com a louça. Nada se quebrara, e, quando terminaram o número de malabarismo, deram cambalhotas ao redor das três mesas compridas e saíram do salão sob aplausos entusiasmados de todos.

Lucrécia terminou de beber o vinho. Um criado apareceu ao lado dela e voltou a encher sua taça de imediato. Ela se virou para continuar a conversa com o homem à sua esquerda. Baixo, de cabelos encaracolados, com um nariz fino e adunco, Francesco Panizato era um dos poucos amigos íntimos de Alfonso.

— Acho que sim — disse ela, respondendo a uma pergunta que o sujeito havia feito. — Meu pai está pensando em chamá-lo para trabalhar como escultor em Cafaggiolo.

— Ele é muito jovem, não é? — perguntou Panizato.

— *Parece* jovem, sim. Não sei exatamente a idade do rapaz. Ele foi muito simpático. Gostei dele.

— A senhora o *conheceu*?

— Sim. Na Páscoa. Ele...

Panizato a interrompeu. Inclinando-se para a frente, ele ergueu um pouco a voz e falou:

— Alfonso, sabia que sua esposa *conheceu* Giambologna?

Alfonso interrompeu a conversa que estava tendo com uma senhora idosa, cujo nome Lucrécia esquecera. Ele olhou para Panizato e depois para ela.

— É verdade?

— Sim, na Páscoa — voltou a dizer Lucrécia.

— Você nunca me contou.

— Não pensei que estivesse interessado.

— Já faz algum tempo que quero comprar uma de suas esculturas. Ou talvez encomende uma nova. O que acha do trabalho dele?

Lucrécia prendeu a respiração. Prender a respiração era seguro. Se ela a soltasse, as palavras erradas poderiam escapar de sua boca antes que conseguisse evitar. Alfonso olhava para ela intensamente, Panizato sorria, Giovanni havia parado com o garfo a meio caminho da boca e diversos outros convidados

interromperam suas conversas e pareciam de repente interessados no que a nova duquesa teria a dizer.

Alfonso não repetiu a pergunta, mas ergueu uma sobrancelha e inclinou a cabeça, deixando bem claro que aguardava a resposta.

Lucrécia soltou o ar. Havia muitas semanas que tinha se dado conta da frequência — e da facilidade — com que desagradava o marido. Após aquele fracasso terrível e vergonhoso na noite de núpcias, passaram por outras tentativas humilhantes. Elas se tornavam cada vez mais raras — de fato, fazia três semanas que Alfonso não ia ao quarto dela. Lucrécia estava se perguntando se ele tentaria outra vez, mas hoje, por algum motivo, algo havia mudado. Desde que Alfonso se sentara na galeria, vendo-a amarrar aquela fita na ponta da lança de Zudio, seus olhos recuperaram a expressão de desejo: um desejo por ela que ele não demonstrava desde o casamento. Desde antes do primeiro fracasso.

O desejo estava bem visível agora enquanto aguardava a resposta da esposa. O que deveria dizer? As ideias dela acerca do trabalho de Giambologna iriam agradá-lo — ativar a chama — ou extinguiriam por completo seu apetite com sua ignorância?

— Segundo papai...

— Não, não quero saber a opinião de seu pai. O menos inteligente dos criados poderia repetir a opinião do patrão. Quero saber o que *você* pensa.

O rosto de Lucrécia ficou tão quente que seus olhos arderam. Ela tomou mais alguns goles de vinho, sentindo-se cada vez mais tonta. Imaginou que essa deveria ser a sensação de estar num julgamento, sendo falsamente acusada de algum crime; tanta coisa poderia depender de algo tão simples quanto a escolha de uma palavra. Lucrécia quase podia sentir os convidados prendendo a respiração enquanto esperavam pela resposta, como se eles estivessem com os arcos esticados, apontados para ela, prontos para lançar a flecha.

— Bem... — começou ela, e sua voz pareceu a de uma estranha naquele silêncio. Ela segurou os dois primeiros dedos da mão esquerda com a mão direita e os torceu. — Gosto do modo como ele parece tentar criar uma sensação de...

de leveza. De delicadeza. Com algo tão sólido e pesado como mármore. — Lucrécia fez uma pausa. — Papai tem duas peças e... e foi o que pensei quando as vi.

Panizato sorriu. Os convidados olharam dele para Alfonso e para Lucrécia, esperando, presumiu Lucrécia, pela reação do duque à opinião dela. Os arcos se retesaram ainda mais. Alfonso a encarou, dando um leve sorriso.

— Um mármore leve? — questionou.

Diversos convidados riram, atiraram suas flechas. Lucrécia se encolheu.

— Muito inteligente, madame, muito inteligente. *Contradictio in terminis*, nada mais nada menos.

Mais risadas.

Lucrécia, sem entender as palavras de Alfonso mas ouvindo seu tom debochado e percebendo que agora havia se tornado o alvo da diversão dos convidados, sentiu lágrimas nos olhos. Decidida a não deixar Alfonso perceber sua aflição, entretanto, ela mordeu a ponta da língua e por quase um minuto eles se encararam. Lucrécia imaginou dois lutadores, com os punhos erguidos, andando em círculos enquanto uma plateia sedenta de sangue os incentivava, esperando o primeiro soco ser desferido. O desejo nos olhos de Alfonso agora era inegável.

— Estou vendo que vou ter mesmo que comprar uma das obras dele para o Castello — comentou o duque, olhando para os lábios da esposa. — Uma encomenda, eu acho. Algo substancial. — Ele sorriu com ironia para ela. — Leve, é claro, mas substancial.

Houve mais risadas apreciativas, mais uma rodada de flechas encontrou o alvo, e então os convidados pareceram entender que o espetáculo havia terminado, porque, com um zumbido, diversas conversas paralelas recomeçaram.

Alfonso se recostou na cadeira e falou com Panizato pelas costas de Lucrécia.

— Peça desculpas por mim, está bem, Francesco? — Em seguida, apertando os dedos da esposa, ele falou para Lucrécia: — Venha comigo. Quero lhe mostrar uma coisa.

Eles se levantaram da mesa e Alfonso caminhou à frente sob o olhar de dezenas de convidados curiosos. Lucrécia observou expressões francamente lascivas no rosto de vários presentes que, obviamente, tiraram suas próprias conclusões ao verem-nos de mãos dadas. Ela ficou surpresa por não se sentir envergonhada, e sim tonta e distante de tanto vinho que tomara, praticamente indiferente a tudo. Tentou manter uma expressão de razoável dignidade até saírem do salão, o rosto rígido pelo esforço.

Giovanni viu Lucrécia e o duque deixarem o salão do banquete de mãos dadas. O rosto de sua prima estava vermelho, como se ela tivesse bebido demais. Uma raiva estupefaciente pulsava na cabeça do rapaz e, olhando para a mesa, ele pegou um pedaço de pão e o esmagou com os dedos. Aquele filho da mãe — como ousava debochar de Crezzi na frente dos convidados? Fora um gesto ordinário. Imperdoável. Giovanni estava certo de que o duque não teria ousado se comportar daquele jeito na frente de tio Cosimo.

A princípio, ele havia ficado contente com o fato de o tio e a tia não o terem acompanhado para Ferrara, por mais que gostasse dos dois: nas últimas duas semanas no Castello, tinha apreciado bastante a independência e a falta de supervisão que a ausência dos tios proporcionara. Mas agora, vendo *il duca* conduzindo sua prima para fora da sala, com um sorriso presunçoso no rosto e um volume nas calças — como um homem num bordel que sabe que pegou a *puttana* mais cobiçada —, Giovanni desejou com ardor que tio Cosimo estivesse ali naquela noite para assistir à maneira vergonhosa com que seu adorado genro havia tratado sua amada filha.

Giovanni ia ficar apenas mais alguns dias em Ferrara; talvez, ele pensou, fosse melhor partir de manhã, correr de volta a Cafaggiolo e relatar ao tio e à tia suas suspeitas, suas observações e seus medos que retornavam de que, apesar das afirmações em contrário, Lucrécia estivesse profundamente infeliz.

Mas então ele se lembrou de por que o tio e a tia não estavam ali.

Relembrou a manhã em que tio Cosimo tivera um colapso. O tio havia

voltado de uma cavalgada e desmontara, então tinha posto a mão no peito e caído de joelhos, com falta de ar. Ah, ele havia se recuperado em pouco tempo, mas tia Eleanora deixara bem claro para todos (não na frente do tio, é claro) em diversas ocasiões desde então que o marido não podia ser incomodado nem agitado se não fosse preciso, que ele não deveria viajar mais que o necessário e que todos deveriam se esforçar para mantê-lo calmo.

O que Giovanni queria dizer provavelmente iria matá-lo.

Ele precisaria guardar seus temores para si mesmo.

Mas voltaria para Cafaggiolo no dia seguinte.

Ele empurrou a cadeira para trás e saiu da sala do banquete pela porta do lado oposto.

— Aonde estamos indo? Para seus aposentos? — perguntou Lucrécia.

— Não.

Alfonso, ainda segurando com força a mão dela, levou-a para uma pequena sala logo depois do grande saguão de entrada.

— Quero ver se você pode me dar outra opinião inspirada a respeito de uma obra de arte.

Lucrécia se sentiu enjoada.

— Veja, Lucrécia, diga-me o que acha.

Alfonso parou diante de um pequeno quadro numa simples moldura dourada. Retratava uma mulher lânguida, com os seios nus, recostada sobre uma das mãos. Tinha uma das pernas esticada à frente do corpo e a outra encolhida sob o vestido branco amarrotado, que pareceu a Lucrécia não passar de um lençol enrolado. Inclinado sobre ela havia um homem usando trajes romanos, uma coroa de folhas ao redor da cabeça. A pintura parecia estranhamente inacabada: as pinceladas eram amplas, livres e pouco detalhadas.

Uma luva fora claramente atirada aos pés da mulher.

— Lembra-me de outra pintura — disse ela, devagar. — Uma que acho que vi aqui no Castello. Mas essa parece um esboço, como se não estivesse acabada.

A última observação escapou antes que Lucrécia pudesse impedir, e por um instante achou que tinha dito a coisa errada, que havia criticado uma nova aquisição e demonstrado sua ignorância. Ela olhou para Alfonso, com um arrepio de ansiedade formigando no couro cabeludo, à espera de ver os olhos escuros dele faiscando de raiva.

No entanto, o marido falou:

— Estou impressionado. Esse é um estudo para *A festa dos deuses* que Bellini fez para meu pai há quase quarenta anos. Você tem razão: você o viu, na Grande Galeria. Gosta do estudo? Eu o vi e comprei na semana passada.

— Gosto mais dele que do quadro grande.

— Por quê?

— Ele é... — Lucrécia tentou falar com sensatez apesar de estar com a cabeça desorientada de tanto vinho. — Ele é como um breve segundo de realidade capturado, de alguma forma, pelo pincel. A pintura acabada é mais... mais estática. Artificial.

Alfonso não respondeu; pegou a mão de Lucrécia e a conduziu para fora da sala. Quando passaram pela porta do salão do banquete, a mistura de vozes, talheres e louças batendo e música alegre deu uma impressão de travessura ilícita à passagem deles por ali. Uma sensação de euforia começou a tomar conta de Lucrécia, e, quando chegaram aos aposentos de Alfonso, ela se sentia visivelmente nervosa e excitada.

Folletto, o cão de caça, se levantou quando Alfonso e Lucrécia entraram no maior dos três quartos. Ele deu alguns latidos de prazer ao ver o dono, mas parecia que essa noite a atenção de Alfonso estava em outro lugar.

— Saia! — sibilou Alfonso. Ele deu um pontapé no cachorro, que ganiu. Alfonso abriu a porta do aposento e voltou a dizer: — Ande, saia daqui! — O cachorro pôs o rabo entre as pernas e, com um olhar insatisfeito, deixou o quarto.

Alfonso fechou a porta, virou-se para Lucrécia e a levou de costas para sua alcova, desatando laços enquanto andava. Começou a beijá-la ao alcançarem a cama. Com a boca sobre a dela, abriu seu corpete e, quando ela se deitou,

Alfonso ergueu suas saias, expondo as pernas da esposa, amassando o pano em volta de sua cintura. Por algum tempo, aquilo era o que Lucrécia havia esperado que acontecesse e ela apreciou a sensação e a visão das mãos de Alfonso em seu corpo, morenas contra sua pele clara.

Mas então, na hora da consumação, com toda a expectativa de sucesso, dessa vez, seus olhares se encontraram. Mais cedo naquela noite, Lucrécia vira o desejo nos olhos dele — um desejo que havia realmente despertado a avidez dela por satisfação física —, mas a expressão agora era diferente. Não mais desejo, e sim cobiça: um olhar cobiçoso e dissoluto, desprovido de carinho ou afeição. Ela nunca tinha visto aquela expressão no rosto de Alfonso antes e aquilo a assustou. Não havia amor ali. Aquele era o modo como um homem olharia para uma prostituta. Com os olhos arregalados de medo, Lucrécia se encolheu, cruzando os braços sobre os seios e puxando os joelhos de encontro ao peito.

A expressão de Alfonso mudou. Por um segundo, o rosto do marido demonstrou algo que pareceu pânico, mas em seguida veio a raiva.

— *Cazzo!* — sussurrou ele. Então, bem baixinho, quase um gemido, disse: — *Merda!* De novo não! — E então, mais alto, com uma voz mais gutural: — Não, não, não! Pelo mijo de Belzebu, você *não* vai foder tudo *outra vez*!

Ele cerrou o punho.

Lucrécia levou um susto. Por um segundo, já escandalizada pelo veneno das imprecações de Alfonso, achou que ele bateria nela. Fechou os olhos e virou o rosto, os ombros curvados, as palmas das mãos cobrindo o rosto.

Mas a pancada não veio.

Lucrécia abriu os olhos e o viu sair da cama. Ele se inclinou e pegou o gibão que havia ficado no chão. De repente, consciente de suas pernas e seios expostos, Lucrécia sentou na cama, fechou o corpete com os dedos trêmulos, então baixou as saias cobrindo os joelhos.

Alfonso disse:

— Vá para seu quarto, Lucrécia. Acho que não devemos nos ver outra vez essa noite. Eu... Eu vou voltar ao banquete. — Ele fitou fixamente os cadarços

de seu gibão enquanto falava.

Sem uma palavra, Lucrécia atravessou o quarto e abriu a porta. Folletto estava deitado na soleira, bloqueando a passagem. Quando ela tentou pular por cima dele, ele rosnou e se levantou. A cabeça do animal quase batia no ombro dela.

— Ah, Deus, por favor, saia da frente! — exclamou Lucrécia.

Alfonso voltou a praguejar.

— Folletto! — gritou. O cachorro passou por Lucrécia e entrou no aposento. Virando-se para olhar para dentro do quarto, Lucrécia viu que o marido estava de costas para ela, observando em silêncio pela janela. O cão se sentou aos pés dele, que pôs uma das mãos sobre a cabeça do animal.

Por algum tempo, ninguém se moveu. Então, com lágrimas quentes escorrendo pelo rosto, Lucrécia atravessou os dois corredores e subiu a escada em espiral que levava a seus aposentos, descalça, com os braços cruzados sobre o peito para manter o corpete fechado.

Catelina se levantou quando a porta do aposento da *signora* foi aberta. Ao ver a senhora, ela largou a combinação que consertava. Os cabelos da *signora* estavam emaranhados, seu corpete, desamarrado, seus pés, descalços — e seu rosto, inchado e molhado de lágrimas.

— Ah, minha senhora, ah, meu Deus! O que aconteceu?

A *signora* balançou a cabeça, ou sem querer ou sem conseguir falar. Catelina se aproximou e abraçou a *signora*, que ficou com o corpo tenso em seus braços; parecia tão pequena e magra, e aquela fragilidade partiu o coração de Catelina. Então a *signora* começou a chorar: soluços sacudiam seu corpo inteiro. Um som de completo desespero, pensou Catelina. Os braços finos enlaçaram a criada e os pequenos dedos agarraram seu vestido. Elas ficaram um longo tempo abraçadas, e Catelina acariciou os cabelos da *signora*, murmurando palavras de consolo até que o choro parasse.

Parte 3

FERRARA, ABRIL DE 1561
QUINZE MESES DEPOIS

9

Um afresco é mesmo uma monumental expressão artística, pensava Alfonso, enquanto deitava de costas com os dedos entrelaçados atrás da cabeça. Quanto tempo havia se passado desde que vira aqueles primeiros esboços? Mais de um ano. Admitidamente, Pandolf havia sido forçado a terminar outra encomenda e não pudera se dedicar à pintura do Castello até cerca de dez meses antes. Mesmo assim, fora só naquela manhã que havia chegado a carta anunciando sua disponibilidade para começar a trabalhar no local. O planejamento e o desenho levaram boa parte do ano. A grandiosidade do trabalho agradava bastante Alfonso. Ele passou a mão no traseiro de Francesca e admitiu a si mesmo que estava animado de modo quase infantil com a iminente chegada dos pintores.

— Saia daqui! — murmurou Francesca, sonolenta.

Sorrindo, ele apertou os dedos com mais firmeza em uma das nádegas. Francesca, com os olhos ainda fechados, afastou-se de Alfonso e mudou de posição, ficando de barriga para cima. Seu belíssimo corpo ainda estava úmido de suor e seus cabelos haviam caído sobre o rosto e os ombros. Ele pegou um cacho e o enrolou no dedo. Estava contente por ela não ter tentado colori-lo, como muitas mulheres faziam agora; ainda era negro e lustroso. O cacho escorregou de seus dedos e ficou curvado sobre o seio dela, em volta do mamilo marrom. Como uma vírgula escura, pensou Alfonso, pontuando a afirmação inebriante do corpo

perfeito.

Francesca viu e passou a mão sobre o peito, tirando dali o cabelo; seu mamilo deslizou dentro e fora do espaço entre o indicador e o dedo médio.

Alfonso a observou por um momento, mas, em vez disso excitá-lo novamente, a lânguida volúpia de sua prostituta o fez pensar, sem querer, no contraste entre ela e a diminuta criatura cuja fascinação tênue e infantil continuava a deixá-lo obcecado. Francesca sempre havia sido flexível, entusiástica, desinibida: um recipiente disposto, sobre o qual ele sabia que podia afluir quando precisasse saciar sua energia. Porém, mesmo depois de tantos meses, o acesso aos encantos mais íntimos de Lucrécia ainda lhe eram negados.

Apesar de sentir um desejo quase contínuo pela esposa, as tentativas de consumação haviam se tornado mais raras; a humilhação ardente que sentia a cada fracasso era tão dolorosa que Alfonso sabia que agora evitava a questão sempre que podia. Mas ele tinha de continuar tentando. Precisava fazer um herdeiro. Sem um herdeiro, o futuro do ducado estava perigosamente instável.

Uma onda de raiva subiu por sua garganta como suco gástrico: uma raiva negra e exposta que Alfonso sabia ser direcionada tanto a ele quanto a Lucrécia. Ali estavam, presos em um contrato vitalício que era impossível rescindir pela dor da condenação. Seria esse um jogo de Deus? Estaria o Todo-Poderoso punindo-o por algum pecado inconsciente? A injustiça parecia catastrófica: sua esposa — a potencial mãe do herdeiro do ducado — reduzia-o ao status de eunuco toda vez que ele tentava se deitar com ela. De que lhe valia trepar com Francesca como um sátiro lascivo sempre que quisesse e ter se tornado pai de duas lindas bastardas com ela? Nada, pois a única coisa que interessava ao destino do ducado era que sua esposa... o havia castrado, aleijado, tornado-o impotente. As palavras lhe chegaram desdenhosas. Alfonso trincou a mandíbula e cerrou os punhos numa tentativa de represar a crescente maré que parecia ameaçadoramente próxima do pânico.

Ele empurrou as cobertas e andou pelo gélido chão de tijolos até a janela. A *villetta* tinha vista para campos planos, com valas nas bordas e orlado por

regimentos de plantas. Regimentos, pensou Alfonso com azedume. Uma imagem apropriada. Parecia-lhe que, no interior de sua cabeça pronta para o combate, os pensamentos forçavam implacavelmente o caminho como uma massa de legiões. Derrube um, derrote outro, e uma quantidade infinita de substitutos iria se mobilizar e continuar a chacina.

— Qual é o problema? — perguntou Francesca.

Alfonso não respondeu.

— O que foi? Eu não lhe agradei hoje?

Ele se virou para o quarto.

— Você parecia satisfeito ainda agora — falou Francesca. Ela esfregou os pulsos ainda irritados e avermelhados, de forma melancólica.

— Não é nada que você tenha feito.

Alfonso sabia que Francesca não iria questioná-lo, mas podia ver que ela estava reprimindo a curiosidade. A grande massa de verdades não ditas pesava em seu peito e a necessidade de descarregá-la subiu até sua garganta como náusea.

— Lucrécia — declarou, afinal.

As três sílabas pairaram no ar. Alfonso sentiu Francesca se retesando. Ela não replicou, mas se sentou ereta e ergueu os dois braços até os cabelos, reunindo-os no topo da cabeça. Alfonso observou, prendendo o fôlego, enquanto os seios dela se agitavam com os movimentos dos dedos. Segurando os cabelos com uma das mãos, ela se inclinou até a mesa de cabeceira e pegou um longo prendedor de marfim, utilizando-o. Ela abaixou os braços, seus olhos fixos no rosto de Alfonso. Ele respirou lentamente, tentando decidir quais das incontáveis e intragáveis verdades aguentaria revelar.

— Ela é tão... indiscriminada — explicou, finalmente.

— Outros homens? — quis saber Francesca, parecendo surpresa.

Ele balançou a cabeça.

— Você não compreende. Ela é... é uma ótima companhia, e muitos de meus convidados insistem em me parabenizar pela sorte de conseguir uma esposa tão

linda e encantadora quanto Lucrécia. Mas...

As terríveis verdades queriam se libertar, como destroços se acumulando em uma represa. Porque não era só na cama, pensou Alfonso, que Lucrécia o humilhava de maneira tão eficaz. Não, era bem mais que isso — a eviscerante influência sobre ele se tornara cada vez mais insidiosa e abrangente. Lucrécia ainda parecia não ter noção da posição de importância que ele tinha lhe dado com o casamento. Não, aquilo não estava certo, não é que ela não soubesse...

— Sabe o que ela me disse outro dia? — indagou Alfonso.

Lucrécia olha para ele, perplexa, e a irritação aperta a garganta de Alfonso como um estrangulamento.

— Não pode ser difícil de entender — diz ele. — Você entrou através de um casamento para uma família consideravelmente mais antiga e prestigiada do que aquela em que nasceu.

— Eu sei. — Ela parece desconfiada.

— Então não acha que, dada a posição em que foi colocada agora na sociedade, deveria ter um pouco mais de seriedade?

Lucrécia franze as sobrancelhas.

— Não sei o que está querendo dizer.

— É... — Alfonso procura a palavra adequada — é, para dizer o mínimo, desagradável *para a duquesa de Ferrara ser vista por todos no Castello, comportando-se como um garoto de rua.*

— Ainda não entendo o que está querendo dizer. — A voz dela está um pouco mais alta agora.

— Outro dia você estava na cozinha implorando por comida de novo, não estava? E essa manhã encontro você tendo um ataque de riso no pátio central em companhia de um dos empregados.

— Ele é muito engraçado.

— Ele é um criado, Lucrécia!

— Você sabe o que ela respondeu? Escute isso, Francesca, essa é minha duquesa! A mulher de maior prestígio na Casa de Este! Ela me diz: "Certamente, se uma pessoa é engraçada, ou inteligente, ou talentosa em qualquer outro aspecto, deveria ser admirada como tal, não importa a posição na sociedade que Deus escolheu para ela."

Francesca não disse nada.

Alfonso continuou:

— *Tudo* a *agrada!* E todos.

Francesca franziu o cenho.

— E o que há de errado nisso? Não compreendo. Isso não é bom?

— Poderia ser visto dessa forma, suponho, porém minha duquesa parece tão satisfeita com um simples e humilde presente que lhe é oferecido por um visitante qualquer, por um sorriso de um ajudante de cozinha, por sua velha e malcheirosa mula, quanto pela honra de meu eterno presente de um espaço na linhagem Este. É... É... — Ele gaguejou, frustrado. — É... humilhante.

— Você disse a ela como se sente?

— Da melhor maneira que sou capaz.

— Talvez a situação melhore quando... — Francesca hesitou — quando ela lhe der um herdeiro. Talvez aí repense sua posição.

Alfonso recuou.

— Sim. Bem. Ela ainda não conseguiu cumprir essa tarefa — declarou azedamente. Por dentro, ele se contraiu com as palavras, sabendo o quanto estava sendo injusto em repartir a culpa, apenas para acalmar o próprio sentimento de vergonha e culpa.

Francesca não replicou. Ela suspirou, e Alfonso se perguntou se estaria pensando em suas filhas. As duas bastardas que ele nunca poderia, ou iria, reconhecer. Eram lindas, pensou ele. Putinhas lindas, determinadas e espertas — iguais à mãe.

— O que você vai fazer? — perguntou Francesca, enfim.

— Nada. Como costumo dizer, não me interessa *fazer* com que ela mude suas

maneiras. Preciso que ela compreenda e aprecie sua posição sem minha intervenção. Se eu tivesse de *dizer* como pensar, não haveria mérito nenhum dela.

Alfonso ficou surpreso ao notar um olhar irritado no rosto normalmente passivo de Francesca, mas rapidamente se deu conta de que era um reflexo do que ela havia visto em seu semblante, pois, quando relaxou e suavizou a expressão, percebeu as linhas irritadas desaparecerem das sobrancelhas dela.

Cruzando até a pilha bagunçada de suas roupas, Alfonso pegou a camisa e a enfiou pela cabeça.

Francesca se endireitou.

— Não vá ainda, Alfonso. Talvez, antes que vá, se tiver tempo, eu possa... — a ponta de uma língua rosa umedeceu seus lábios — possa... melhorar um pouco seu estado de espírito.

Alfonso verificou o quanto o sol havia subido e decidiu que poderia ficar mais uma hora até sua presença ser necessária no Castello. Francesca foi até Alfonso e se agachou diante dele, com as mãos em sua cintura. Alfonso fechou os olhos e mergulhou os dedos nos cabelos da mulher, enquanto ela se curvava para a frente.

Um pouco mais tarde, Francesca se levantou da cama e observou pela janela enquanto Alfonso chicoteava sua égua e galopava pela estrada, depois se deitou e passou as palmas das mãos pelo rosto. Fechou bem os olhos e massageou com delicadeza a mandíbula com os dedos, aliviando a rigidez, então passou a língua sobre os lábios, inchados e quentes. Permaneceu imóvel por um tempo, com a leve brisa da janela eriçando os pelos de seus braços, das pernas e da barriga.

Ao menos ele havia partido de bom humor.

— Uma chupada rápida e ele está sorrindo de novo — murmurou, lembrando a primeira vez que tinha sido convidada a realizar *aquele* truque em particular. Em sua primeira noite como puta.

Ela tem 17 anos, recém-chegada de Crespino, e está parada do lado de fora de uma taverna próxima à catedral: sem dinheiro, faminta, ansiosa, mas feliz apesar de tudo por ter escapado da perspectiva de substituir sua falecida mãe em ser o alvo preferido dos punhos do pai embriagado.

— Meu Deus, você é linda, mignotta*! Que boca! Quanto você quer... só por uma...? — diz o homem, estufando a bochecha com a língua e fazendo um movimento para a frente e para trás. Ele olha fixamente para as próprias calças, então acaricia os cabelos dela e segura seu queixo. Ele é jovem, louro, de rosto fino e cheira a aguardente.*

Ela esperava algo assim havia dias. A ideia a assustava, mas desde que chegara a Ferrara, presumiu que prostituição seria sua provável fonte de renda. Sentindo-se enjoada, ela sugere um preço, tentando soar despreocupada, experiente. Ele infla as bochechas, surpreso, mas então concorda com a cabeça, afasta-se da taverna e diz:

— Bem, venha então...

Tomando-a pelos pulsos, o homem a leva para um canto escuro, próximo ao último estabelecimento situado ao longo da grande muralha lateral da catedral.

E então ela está de joelhos na lama, com dedos de ferro segurando seus ombros; agarra-se na roupa dele para manter o equilíbrio. Ele põe uma mão atrás da cabeça dela, começando a se satisfazer, e nos momentos seguintes, cega de pânico e engasgada, ela teme morrer sufocada.

Francesca deitou de bruços sobre a grande cama na *villetta*, com aquele enjoo nunca esquecido apertado em sua garganta mais uma vez. Ela se lembrou do homem louro finalmente gemendo, soltando as mãos e empurrando-a para longe; lembrou-se de cair de quatro na lama, com ânsia de vômito, e recordou a humilhação final.

— Bem — diz o sujeito —, você certamente se considera acima do que oferece, stronza*. Sugiro que não cobre um preço desses novamente.*

Atirando algumas moedas de prata no chão na frente dela, ele vai embora, assobiando e arrumando as calças enquanto anda.

Tremendo de alívio, ardendo de raiva, ela o vê partir.

— Nunca mais — diz Francesca, cuspindo o que sobrara dele na terra. — Nunca mais farei algo assim sem garantir meu dinheiro adiantado.

— Vamos lá, *puttana* — murmurou Francesca a si mesma. — Pare com isso, é hora de levantar.

Suspirando, ela caminhou pelo quarto e pegou sua combinação no chão; vestiu-a e correu as mãos pelo tecido, alisando as dobras. Colocou o espartilho e a saia com facilidade, apertando os laços, mexendo os ombros e ajeitando com os dedos cada seio para uma posição mais confortável dentro do tecido rígido em tom de damasco.

Ela fechou as janelas, limpou as brasas da lareira, arrumou as cobertas, calçou os sapatos.

Uma bolsa de moedas estava na mesa próxima à porta. Francesca a pegou e a sopesou na palma da mão.

— Ao menos hoje consigo um preço melhor.

Jogou a pequena bolsa para cima e a apanhou no ar. Fechando a porta e trancando-a, partiu para a cidade. Era uma boa meia hora de caminhada, mas Francesca se acostumara a andar a pé. Sob o sol suave do dia, sentia-se feliz por estar do lado de fora. Fragmentos da conversa de Alfonso se repetiam com insistência em sua cabeça, e, enquanto caminhava, uma pequena semente de curiosidade começou a germinar.

Ela é indiscriminada, dissera ele, e *tudo a agrada*. Aquilo implicava uma doçura e um caráter generoso, considerou Francesca, ou nada mais que ausência de bom senso. *Se eu tivesse de dizer como pensar, não haveria* mérito *nenhum dela...* Francesca se perguntou, não pela primeira vez, como aquela garota realmente era. Ela até aprovava que alguém precisasse ser "ensinada a pensar": aquilo sugeria certa impertinência com a qual poderia facilmente se identificar; e estava impressionada com aqueles sentimentos que Alfonso achava tão incômodos. "Não importa a posição na sociedade que Deus escolheu para ela", repetiu a si

mesma. Deus não havia escolhido um lugar muito confortável na sociedade para a duquesa, pensou ela: não devia ser fácil estar casada com o complexo e controlador Alfonso.

Francesca esfregou os pulsos avermelhados, sentindo-os quentes e doloridos, e se perguntou por um momento se ele impunha à esposa as mesmas exigências na cama que a ela, e, caso o fizesse, se aquilo a... *agradava*. Alfonso havia lhe dito várias vezes que a duquesa era *linda e encantadora*. Bem, pensou Francesca, a *beleza* e o *encanto* da garota pareciam não estar *agradando* ao marido: Alfonso parecia cada vez mais impaciente com ela conforme os meses se passavam. E a garota ainda não engravidara. Aquilo devia significar algo.

— Quer saber? Depois de todo esse tempo, acho que gostaria muito de ver essa mulher com meus próprios olhos — anunciou Francesca em voz alta, subitamente consciente da estranheza do fato de ainda não o ter feito.

Um homem velho, cochilando em um banco de pedra ao lado da estrada, com um cachorro esquelético enroscado aos pés, assustou-se com o som de sua voz quando ela passou. Francesca sorriu para ambos; o cachorro balançou o rabo na poeira, mas o velho não deu nenhuma resposta.

Sentadas no chão da sala de Francesca estavam duas meninas, por volta de 6 anos, cabelos negros, olhos enormes, idênticas da cabeça aos pés. Pegavam contas de vidro em uma tigela e as enfiavam cuidadosamente em um barbante fino.

— Meninas, quero ir ao Castello de novo — disse Francesca.

— De novo?

Francesca sorriu.

— Sim, de novo. Se não quiserem, é claro que podem ficar na casa da *signora* del Sarto.

As duas meninas balançaram as cabeças, então, pelo quarto dia seguido, elas e Francesca andaram de sua pequena casa na Via Vecchie, ao redor da fachada da catedral, e chegaram à grande praça em frente ao Castello.

— Faremos o mesmo que ontem e anteontem: caminharemos ao redor de

toda a construção — explicou Francesca. — Talvez a avistemos hoje. — Ela viu as gêmeas se entreolharem, mas não fizeram nenhum comentário.

Andaram em volta da grande fortaleza vermelha, parando de vez em quando para as meninas jogarem cascalhos na água escura do canal e contarem as ondas, e então, quando se aproximavam do portão da principal ponte levadiça, elas pararam, ouvindo cascos na ponte de madeira.

— Deem as mãos e fiquem para trás — mandou Francesca. Elas recuaram um passo, para longe do portão, com os dedos bem entrelaçados.

Dois cavalos apareceram: um preto e robusto, com uma longa crina escondendo os olhos, e um baio menor. Um homem de cabelos cinzentos montava o robusto, porém o baio carregava uma garota magra. Ela estava com um belo vestido de veludo verde-escuro, mas ainda assim Francesca pôde ver que, apesar de seu refinamento, a garota montava com pouca confiança. O homem de cabelos cinzentos apontou para as mãos da garota, e, gesticulando com as suas próprias, disse algo que Francesca não foi capaz de entender, apesar de ter ouvido as palavras "minha senhora". A garota apertou as rédeas e, de forma cuidadosa, ajeitou sua posição na sela. O baio girou a cabeça; a garota mordeu os lábios.

Francesca observava. Só podia ser ela — as roupas elegantes, as joias, o ar de deferência de seu companheiro. Os cabelos castanhos e as sardas combinavam com a descrição de Alfonso. Com certeza aquela era a duquesa.

Seu desejo de ver a esposa de Alfonso com os próprios olhos vinha crescendo e, para o aborrecimento de suas filhas, já fazia vários dias que elas andavam pelos arredores do Castello. Agora, para sua surpresa, Francesca reparava que seu pulso estava se acelerando com a visão da duquesa. A descrição de Alfonso de sua esposa como "linda" era talvez um pouco imprecisa, pensou, mas havia algo de cativante naquele rosto pequeno e sardento, enquanto os ombros finos, vestidos de veludo verde, faziam-na parecer vulnerável.

Involuntariamente, Francesca começou a imaginar essa garota na cama de Alfonso e se deu conta, com um inesperado frio na barriga, que a emoção que

sentia com as imagens que se formavam em sua mente não era inveja, mas preocupação. Zelo. Ele seria capaz de despedaçar essa criatura com facilidade. Ela respirou fundo.

— O que foi, mamãe? — Beata segurava sua mão e a olhava nos olhos.

— Nada.

Mas não era nada: era a súbita e gélida alvorada de uma desafeição arrepiante.

Os dedos de Beata apertaram sua mão com mais força. Francesca percebeu que a duquesa estava olhando para as gêmeas, com um sorriso tímido encurvando os cantos de sua boca. Ela então se virou para Francesca, o sorriso se abriu e um olhar límpido e doce surgiu em seu rosto.

— *Signor* Bracciante — disse ela ao companheiro, com os olhos ainda em Francesca —, pode esperar um momento, por favor?

O homem de cabelos cinzentos segurou as rédeas do cavalo.

— Perdoe-me, não tinha a intenção de encarar — desculpou-se a duquesa —, mas por um momento pensei que meus olhos estavam tentando me enganar...

— Minhas filhas são mesmo muito parecidas — explicou Francesca.

— É fascinante. — A duquesa se virou para as meninas. — E não apenas são muito parecidas como também são muito lindas!

Beata e Isabella sorriram para ela com timidez, envergonhadas.

Francesca ficou surpresa ao ver um desejo de ser mãe por trás do sorriso da duquesa e ouviu de novo a frieza na voz de Alfonso de alguns dias atrás: "*Sim. Bem. Ela ainda não conseguiu cumprir essa tarefa.*" Ela havia se perguntado às vezes se as frustrações de Alfonso vinham da retenção deliberada dos favores de sua esposa, mas agora, ao ver aquela ânsia no rosto dela, estava claro, pensou Francesca, que não era culpa da garota ainda não ter engravidado.

A duquesa falava novamente com as gêmeas.

— Esperem um momento, não saiam daí; tenho algo para vocês duas...

As meninas se deram as mãos e a fitaram. Francesca observou enquanto ela se virava para o companheiro.

— *Signor* Bracciante, pode segurar as rédeas por um momento?

O homem se inclinou e pegou as rédeas do baio. A duquesa puxou um dos laços de fita verde de sua manga. Após um instante, ele se soltou, deixando um fio puxado e um pequeno buraco no veludo.

— Aqui está um... — Ela se curvou e o entregou a Beata. A menina olhou para Francesca, que sorriu e assentiu com a cabeça. Beata pegou a fita da mão esticada, então a duquesa soltou mais uma e deu a Isabella.

— Obrigada, minha senhora — falou Francesca. — Agradeçam, meninas! — Ela cutucou Beata com o quadril, e ambas as meninas ergueram os olhos da contemplação do novo tesouro e murmuraram sua gratidão.

A duquesa abriu um grande sorriso.

— Tome conta delas, está bem?

Francesca imaginou que aquele apelo era tanto para ela como mãe quanto para as novas donas das fitinhas verdes.

A duquesa pegou suas rédeas, estalou os lábios e o baio começou a andar dois passos atrás do outro cavalo. No instante seguinte, ambos começaram a trotar e logo estavam fora de vista.

Alfonso, observando de uma janela em seu aposento na Torre dei Leoni, viu Lucrécia e o mestre de equitação saindo da praça, virando para o sul, sem dúvida em direção ao terreno do outro lado das muralhas da cidade.

Ele vestiu uma camisa, pegou algumas velas na mesa e saiu do aposento. Andando rapidamente, desceu pelo Castello. Na entrada do longo e inclinado corredor que levava às masmorras, deu uma olhada para a direita e para a esquerda. Seguro de que não era observado, acendeu uma de suas duas velas, usando uma tocha em um suporte na parede, e desceu em direção ao brilho frio das celas subterrâneas.

Abaixando a cabeça, virou à esquerda em uma pequena passagem, onde o teto não era mais alto que seu ombro. Ele andou sem jeito, curvado, uns cinco passos, e desceu em um aposento baixo e abobadado. Se quisesse erguer os braços, seus dedos tocariam facilmente o teto de pedra. A porta para esse cômodo, feita de

ferro, pesada, estava totalmente aberta. Não havia janelas; em vez disso, uma única abertura, por onde Alfonso talvez conseguisse passar espremido se não possuísse barras, que se elevava abruptamente, afunilando-se, até acima do canal, permitindo a entrada de ar. Nenhuma luz penetrava por ela.

Alfonso se sentou no chão com as costas na parede e, segurando de lado a vela acesa, deixou que algumas gotas de cera caíssem no chão de pedra. Ele colocou a vela de pé no acúmulo macio de cera e deitou a outra perto. Cruzando até a porta, ele a empurrou com ambas as mãos, até que estivesse a um centímetro de se fechar, então retornou até a vela e se sentou novamente.

Inclinando a cabeça para trás, ele fechou os olhos e descansou os braços sobre os joelhos dobrados, com os dedos se tocando de leve.

O silêncio na cela era espesso e suave, pressionava ao redor dele, bloqueando seus ouvidos e enchendo sua garganta. Aqui, nesse silêncio relaxante, ao menos por alguns minutos, sua mente se aquietava.

10

Lucrécia ficou surpresa com a falta de formalidade quando os pintores chegaram. Contagiada pelo entusiasmo crescente de Alfonso durante a semana anterior, ela esperava drama, um número impressionante de gente, algo significativo para indicar a eminência da reputação de *fra* Pandolf. Mas, quando a caravana de Assis chegou ao pátio central do Castello na segunda semana de abril, ela ficou um pouco desapontada em descobrir que o grupo consistia no frade, seu aprendiz e outro rapaz, que parecia estar ali apenas para tomar conta dos três cavalos e da pequena carroça surrada. Não parecia apropriado para os autores daquilo que ela acreditava ser uma significativa obra de arte.

Alfonso, entretanto, sorria amplamente enquanto caminhava para receber os recém-chegados. *Fra* Pandolf se levantou, cansado, da carroça, o aprendiz e o garoto desceram de seus cavalos, e todos alongaram os membros e olharam ao redor.

— *Fra* Pandolf, todos vocês, sejam bem-vindos ao Castello — saudou Alfonso.

O frade sorriu, erguendo os braços como se fizesse uma oração. O aprendiz alto com a mancha vermelha na bochecha esboçou uma breve saudação e o garoto inclinou a cabeça, envergonhado por ser notado.

Pandolf segurou uma das mãos de Alfonso, fez uma reverência para Lucrécia, então disse por cima dos ombros para seus companheiros:

— Tomaso, pode se encarregar dos cavalos? Jacomo, traga a caixa de pigmentos e os pincéis, está bem? Quero fazer isso o mais rápido possível.

Tomaso começou a pôr em ação o que lhe tinha sido pedido. Jacomo estendeu os braços para dentro da carroça e levantou uma grande caixa de madeira, inclinando-se um pouco para trás para suportar o peso considerável do objeto. Lucrécia sorriu para ele, que seguia o frade e seus anfitriões para dentro do Castello, mas Jacomo olhava para o chão, pelo canto da caixa, conforme caminhava através do terreno pedregoso, e não a viu. Ela rapidamente mudou a expressão e fez um movimento teatral de colocar um fio do cabelo atrás de uma orelha, sentindo-se tola e torcendo para que ninguém tivesse notado.

Dos recém-chegados, apenas *fra* Pandolf compareceu à refeição naquela primeira noite. Lucrécia se perguntou brevemente por que Alfonso não havia convidado o aprendiz ou o garoto, mas assumiu que algum protocolo incompreensível do castelo estava por trás de sua decisão. Temendo desagradá-lo, decidiu não questionar.

Ela observou o aposento, vislumbrando-o agora com os olhos de Pandolf, tentando imaginar o que sua mente artística pensaria do lugar. A Sala Longa: Alfonso normalmente a chamava de Sala dos Espelhos, em virtude dos doze grandes espelhos venezianos — quatro em cada parede lateral, dois nas outras —, que criavam a sensação de repetição sem fim enquanto refletiam uns aos outros. Apesar de apenas quatro pessoas estarem sentadas à mesa naquela noite, nas paredes parecia haver uma multidão saboreando a refeição: uma dúzia de frades, tantos quantos duques vestidos de preto, um rebanho de duquesas brilhantes, ornamentadas em seda, e um punhado de nobres bem-vestidos. Lucrécia assoprou com gentileza uma das velas e observou a chama ondular e se multiplicar uma centena de vezes através dos espelhos reluzentes, como a luz do entardecer na água.

— O pároco de Assis é mesmo muito generoso por permitir que seu filho mais talentoso conceda seus dotes extraordinários ao Castello Estense —

comentou Francesco Panizato, inclinando a cabeça em direção ao frade.

O frade enrubesceu intensamente com o comentário lisonjeiro — para o deleite de Lucrécia, até mesmo o couro cabeludo do interior de sua tonsura havia ficado avermelhado.

— Caro *signore*, está interpretando isso de maneira equivocada — replicou o frade com seu sotaque genovês. — Não se esqueça de que nós, franciscanos, somos pedintes, mendicantes. Vamos aonde queremos e louvamos a Deus com quaisquer talentos que Ele tenha julgado adequado nos conceder. — *Fra* Pandolf fez uma reverência a Alfonso. — O *signor* d'Este está apenas me dando uma bela oportunidade de louvar ao Senhor com pincel e gesso...

Uma imagem forçou passagem para a mente de Lucrécia: uma multidão de felizes anjos alados, segurando sem aptidão pincéis de tinta e moldes de gesso, lançando respingos e blocos molhados ao redor dos portões do Céu. Um furioso são Pedro de pé, com as mãos na cintura, as chaves tilintando, espiava-os com uma mancha azul-clara cobrindo o nariz, o queixo e a frente de sua branca e brilhante túnica. Ela conteve o riso. E então, olhando através de um dos espelhos, viu a raiva imaginada do guardião dos portões reproduzida na face de seu marido. Os olhos de Alfonso ardiam e sua boca não passava de uma fina linha. Lucrécia voltou o olhar para a mesa, as bochechas queimando e os olhos lacrimejando.

Pegando o garfo, ela começou a mexer na comida. Sardinhas com calda de laranja. Um dos favoritos de sua mãe. Sua própria escolha naquela noite. Suspirou. Pela primeira vez, ela havia recebido a tarefa de escolher a comida, visto que Alfonso estivera preocupado com a chegada dos pintores e, inesperadamente, delegara-lhe essa responsabilidade. Ela e Catelina tinham montado o cardápio daquela noite ao longo da semana.

— Eu tinha pensado — diz a Catelina em um momento de descuido, com a pena em mãos enquanto listavam os possíveis pratos —, quando saí de Cafaggiolo, que essa seria uma das tarefas pela qual eu seria responsável como nova duquesa. — Sua voz parece,

até para ela mesma, forçada e artificial, enquanto luta para não trair sua raiva. — Mamãe sempre escolhe a comida para as refeições mais importantes do dia lá em casa. Frequentemente me mostrava o que fazer. Como montar uma variedade interessante de pratos. Acho que provavelmente eu conseguiria fazê-lo muito bem. Conversamos sobre isso diversas vezes quando fui visitá-los em casa alguns meses atrás. Ela estava muito surpresa por eu ainda não ter começado a deixar minha marca sobre a vida do castelo. Ficou bastante insatisfeita com isso.

Catelina olha inquieta para ela.

Lucrécia fala, com uma nota aguda de amargura na voz:

— Não quis dizer a ela que Alfonso não confia em minhas habilidades para fazer quase nada.

— Ah, tenho certeza de que não é isso, minha senhora.

E então irrompe:

— Mas é sim, Lina! Ele me disse de forma direta! E se assegura com frequência de que eu não demonstre por acaso, pelas suas costas, qualquer habilidade inesperada que ele não tenha pessoalmente aprovado. O que de relevante você já me viu fazer nesse lugar? — Lucrécia olha para a dama de companhia com raiva e responde a própria pergunta. — Nada! Não faço nada! Qual é o sentido em estar aqui? Por que ele me quer aqui?

A ponta de sua pena se quebra conforme ela a pressiona com força demais sobre o papel e a tinta se espalha sobre a lista de pratos que já havia escrito. A resposta óbvia para sua pergunta grita através do silêncio. A óbvia e horrível resposta. Ela havia sido trocada entre famílias como uma égua de raça. Mas não é um fato, pensa com angústia, que uma égua de raça que fracassa continuamente em excitar o garanhão seja inútil para qualquer um, a não ser como comida de cachorro? Talvez por ela ser malsucedida nesse papel tão fundamental Alfonso não queira incumbi-la de nenhuma outra tarefa.

Ela e Catelina se entreolham, sem dizer uma palavra.

Lucrécia se lembra de estar tão curiosa quando chegou ao Castello que simplesmente absorver seu novo ambiente parecia estimulante o suficiente. Por semanas estivera feliz em ser não mais que uma espectadora fascinada. Porém, conforme os meses

transcorreram, ela passou a desejar assumir cada vez mais um papel ativo em sua nova vida. Entretanto, por mais que tente, encontra suas ideias esmagadas quase antes de pronunciá-las, suas opiniões ridicularizadas ou ignoradas e suas interações com os criados continuamente controladas e limitadas pelo marido.

É tudo tão diferente da vida que ela conhecia antes do casamento.

Alfonso quase não fala com Lucrécia sobre sua infância ou sobre os pais e sua criação no Castello, mas, dos fragmentos de memória que ele às vezes permite que a esposa capte durante suas raras conversas, ela imagina uma infância quase insuportavelmente insossa em comparação com suas próprias experiências. Ela sente uma surpreendente onda de simpatia pelo marido ao imaginar um menino solitário, sem amigos, nessa fortaleza imensa com formato irregular no meio da cidade. Seu pai, de acordo com o próprio Alfonso, era um homem distante e nada afetuoso, e Lucrécia descobriu que o marido havia passado grande parte da juventude sem a mãe.

Sua formalidade e falta de carinho são, supõe ela, compreensíveis, apesar de parecer algo estranho e restritivo. Ela se sente realmente natural somente com Catelina, no entanto mantém bem escondidas de Alfonso a intimidade e a informalidade que possui com a empregada.

— Ele faz com que eu me sinta tão impotente, Lina — diz, pressionando a ponta quebrada da pena contra seu dedão. — Que tipo de mulher estou me tornando? Não tenho oportunidade de cuidar de minha casa, sou proibida de me comunicar com meus empregados e, com a mera visão de meu corpo nu, o membro de meu marido murcha como uma margarida colhida no dia anterior.

Catelina fica completamente envergonhada com aquela intimidade.

A voz de Lucrécia é severa.

— Continuar virgem após um ano e meio de casamento! Quão vergonhoso é isso? Posso apenas imaginar que deva magoar Alfonso tanto quanto a mim. Mas como saberei? Ele nunca fala comigo.

Ela fica silenciosa, relembrando as embaraçosas tentativas de consumação que ela e Alfonso realizam às vezes. Inevitavelmente, pensa, esses momentos são cada vez mais desagradáveis, silenciosos, sem amor. Em cada ocasião, ela havia passado a sentir que o

herdeiro ainda não concebido estava agachado no canto do quarto, como um pequeno íncubo, observando, acusando, exigindo a oportunidade de existir, derramando um desprezo raivoso sobre aqueles fracassos.

Fra Pandolf raspou o último pedaço de sardinha do prato e se virou para Lucrécia com uma taça dourada na mão.

— O que acha, minha senhora, da ideia de ter um afresco pintado aqui no Castello Estense?

Lucrécia voltou os pensamentos ao presente.

— Se a promessa dos desenhos que vi antes for realizada no afresco, será um feito maravilhoso, senhor — respondeu, sorrindo para o pintor e desejando remover o pequeno fragmento de peixe preso no lábio inferior do frade. Ela pensou no dia que viu os extraordinários esboços preliminares e prosseguiu: — O senhor e seu aprendiz trabalharão juntos no afresco?

Por um momento, Lucrécia pensou detectar uma contração no rosto do frade, mas então ele sorriu e respondeu:

— Ah, sim, *signora*, Jacomo é indispensável. Há anos não tenho um aprendiz tão capaz.

— Onde o encontrou? — perguntou Alfonso.

— O pai dele me procurou anos atrás e perguntou se eu o aceitaria. Disse que achava que o rapaz tinha talento. Hoje admito que não esperava muito. O senhor se surpreenderia, *signore*, com o número de pais interesseiros que estão convencidos de que seus filhos serão os próximos Buonarottis...

Alfonso e Francesco Panizato sorriram.

— Mas — continuou *fra* Pandolf — neste caso ele provou ser um artista extraordinário. Na verdade, eu... Ah, sim, obrigado.

O frade interrompeu o raciocínio enquanto lhe era oferecido um prato com peixe grelhado. O prato de Lucrécia foi posto em sua frente. Ela sabia que devia comer. O vinho que havia bebido embaralhava seus pensamentos e sua cabeça parecia emaranhada. Ela começava a perder o fio da meada das conversas que

relampejavam pela mesa como espadas de competidores de esgrima. Brincou com o peixe no prato e viu Alfonso e Francesco competindo alegremente para provar a *fra* Pandolf quem era o maior conhecedor de arte.

Ambos estavam com olhos brilhantes e rostos corados, mas Lucrécia podia ver que Alfonso se esforçava para manter a dignidade apesar da conversa enérgica. Por mais apaixonado que ele se sentisse por algo, refletiu Lucrécia, ela sabia que preferia não demonstrar. Agora mesmo lutava para conter a empolgação. Alfonso gostaria de parecer um grande conhecedor, mas estava sempre preocupado em não revelar muito da emoção por trás do entusiasmo.

Panizato fazia um forte contraste com seu anfitrião vestido de preto — e sua roupa vermelha e dourada cintilava à luz de velas, dando-lhe um ar brincalhão. Era magro e esguio, com cachos suaves que desciam como tentáculos sobre o rosto de aparência élfica. Seus olhos, que ficavam perto do nariz, estavam acesos com o prazer da conversa, e um sorriso infantil e empolgado aparecia cada vez que ele pensava ter marcado um ponto.

Lucrécia então se virou para *fra* Pandolf, que observava os dois homens com leve interesse, respondendo com desapego e muita calma todas as perguntas que lhe dirigiam. Sua túnica era surrada e de um marrom da cor da terra, suas mãos rechonchudas e pequenas sobressaíam nas mangas e estavam pousadas sobre o linho branco da toalha de mesa. Eram ásperas e morenas, e ele possuía manchas de tintas de diferentes cores ao redor das unhas, pequenas e bem-aparadas. Essas, pensou Lucrécia, são mãos que passaram a vida inteira louvando a Deus — em oração e pintura. E que, no dia seguinte, começariam a trabalhar no grande afresco.

11

Chiara Rossi abriu a porta que levava ao pátio e chamou o pai. Ele pareceu não a ter escutado a princípio, imerso na conversa com um rapaz alto que vestia um desgastado gibão de veado. Os dois homens estavam ao lado de um dos buracos de cal. Seu pai havia tirado a cobertura de pano e estava agachado. O rapaz falou algo que Chiara não conseguiu ouvir, fez um gesto largo de medição com os dois braços e indicou uma altura com uma das mãos dobrada horizontalmente sobre a cabeça. Seu pai assentiu e calculou algo com os dedos. Ambos sorriram. Apertaram as mãos.

— Papai! — chamou ela novamente.

Desta vez o pai se virou, erguendo as sobrancelhas em resposta. O rapaz moreno se virou também e Chiara imaginou se a mancha avermelhada em sua bochecha seria uma queimadura de cal.

— Já quer jantar, papai, ou tenho tempo para levar o pão à casa de Anna?

— Vá se quiser, *cara*. *Signor* Pennetti e eu precisamos de um tempo para discutir quantidades e datas de entrega. Devemos demorar... — olhou para o *signor* Pennetti. — Cerca de meia hora?

O rapaz concordou.

— Obrigada, papai. Voltarei o mais rápido possível.

Chiara fechou a porta, atravessou a cozinha até o pequeno saguão de entrada, tirou de um gancho na parede um saco de pano e o colocou sobre os ombros.

Pegando uma cesta que continha vários pãezinhos e pedaços de queijo, ela saiu de casa.

Levou pouco tempo para chegar ao pequeno chalé de Anna — tão simplório que poderia ser descrito como uma cabana. Ela não se importou em bater à porta e entrou no cômodo principal do andar de baixo. Uma pequena lareira ardia no canto mais distante, com o vapor saindo suavemente por uma chaminé meio solta. Diante dela, uma mulher mais velha estava sentada, curvada sobre um de dois banquinhos, com um cachimbo de barro acomodado entre os dentes e as mãos entrelaçadas entre os joelhos estendidos.

— Anna? — chamou Chiara em voz baixa. Ela colocou a cesta em uma mesa perto da porta.

— Entre e sente-se, menina — falou Anna. Com uma das mãos ela deu um tapinha no outro banco, ainda olhando para as chamas.

Meio desajeitada, Chiara se sentou.

— E então? Já disse a ele? — perguntou Anna.

— Não.

— Acha que ele percebeu?

— Tenho quase certeza de que não.

— O homem deve ser cego. Ou estúpido. Como está se sentindo?

— Melhor, nas últimas semanas. Pelo menos.

— E o tal do Niccolò? — indagou Anna, severamente.

A simples menção do nome fez Chiara sentir uma pequena e afiada dor no peito.

— Não o tenho visto. Ainda não sei onde está trabalhando agora.

— O que você vai fazer?

Chiara acariciou a barriga arredondada, com ambas as mãos, para acalmar a criança lá dentro.

— Não sei.

— Agora ouça. Estúpido ou não, seu pai logo saberá, menina. Agora é uma questão de poucas semanas. Você foi capaz de esconder por tanto tempo apenas

porque sua barriga não cresceu muito. Precisa contar a ele.

— Mas não sei como. Não sei o que dizer.

— Quer que eu o faça por você?

Chiara encarou a senhora com os olhos arregalados. Ela não sabia como responder. Estava letárgica de tanta ansiedade, sonolenta, desligada.

Anna estalou a língua, irritada. Ela deu um tapinha na bochecha de Chiara.

— Acorde, Chiara! Uma de nós tem de contar. Precisamos fazer preparos para o nascimento, *cara*. O tempo está se esgotando. Um buraco de cal não é lugar para trazer uma criança ao mundo e um grupo de estucadores ignorantes não pode assumir a responsabilidade pelo parto. Não estou bem para realizá-lo. Precisamos fazer arranjos para que você vá à cidade.

— Papai não vai me perdoar.

— Ele vai precisar.

— Você não conhece papai.

— Ah, acho que conheço, menina.

Chiara pressionou as mãos contra a barriga. Uma pequena protuberância redonda fez força de volta contra a palma de sua mão.

— Vou dizer a ele quando voltar.

Eduardo Rossi encarava a filha. Quando ela terminou de falar, o olhar dele se moveu em direção à barriga da menina, sobre a qual suas pequenas mãos estavam agora abertas em um gesto de proteção. Ele notou o inchaço por baixo do vestido de pano, como se ela segurasse uma tigela de pudim de cabeça para baixo sob os dedos. Reparou nos seios pesados e se deu conta de que havia uma intumescência em suas bochechas: inconfundível, evidente. Como ele podia não ter notado? Por um breve instante, o rosto acusador de sua falecida esposa o encarou. *Como pôde, Eduardo? Olhe só para ela! Como pôde ser tão estúpido? Como pôde deixar Chiara enfrentar isso sozinha?* Uma onda de culpa por sua falta de atenção tomou conta dele; mas então uma vergonha ardente e uma raiva que nunca sentira antes se abateram, expulsando qualquer outro sentimento.

— Quando? Quando isso aconteceu? — A voz de Eduardo tremia. Ele podia sentir sua mandíbula vibrando.

— No começo de novembro.

Eduardo calculou rapidamente.

— Meu Deus! Você está grávida há quase sete meses? — perguntou, realmente surpreso. — Chiara, quem...?

A filha enrubesceu, olhou para o chão e não respondeu.

— Quem é o pai dessa criança? — perguntou novamente, subindo o tom da voz.

Uma longa pausa.

— Responda, Chiara!

Ainda assim, ela não disse nada. E então um pensamento ocorreu a ele. A partida do jovem Contadino durante o Natal havia sido uma triste surpresa: um garoto talentoso, com um bom futuro pela frente.

— Foi Niccolò?

Então as lágrimas que brilharam de imediato nos olhos de Chiara lhe responderam. Ele viu o lábio inferior da filha tremer, viu-a mordê-lo para estabilizar o tremor. Uma sensação pouco familiar de compaixão paternal se moveu dentro dele, frágil como um inválido mal-acostumado à luz e ao ar fresco. Tão rápido quanto ele notou aquela emoção, porém, ela se esfarelou sob a torrente de acusações imaginadas e da provável arrogância da família e dos amigos. Eduardo sabia que nunca tivera tempo para cuidar da menina sem mãe, que não lhe dera nada além do conforto material básico. Ela havia sido uma criada não remunerada — cozinheira, assistente de jardinagem, lavadeira — ao longo dos anos, desde a morte da mãe, fora cuidada e abrigada, mas não, como ele agora percebia, realmente amada ou apreciada. Eduardo sempre tinha algo a fazer. Não era surpresa, pensou ele, sentindo outra desagradável e traiçoeira sensação de culpa, que a filha tivesse afogado a solidão com um jovem irresponsável que só estava à procura de diversão.

Mas ele não criaria um bastardo sob seu teto. Não podia suportar a vergonha.

Teria de achar outro lugar para a criança viver. Ele podia perdoar o erro de Chiara — claro que o faria —, mas não viveria com a prova. Ela teria de ser levada a Bolonha para ter o bebê, não Ferrara — muitos de seus melhores fregueses vinham de Ferrara —, e então, talvez as irmãs dominicanas ficassem com a criança.

— Teremos de encontrar um lar para o bebê.

— Não!

Eduardo foi surpreendido pela veemência na voz de Chiara. Ele retrucou:

— Não tenho nenhuma intenção de ficar com seu bastardo sob esse teto.

— Eu não deixarei que faça isso!

— Temo que não tenha escolha.

A expressão de Chiara era indecifrável. Então, retesando os ombros estreitos e erguendo o queixo em um gesto desafiador que forçou Eduardo a se lembrar da falecida esposa, sua filha saiu do recinto pela porta que levava às escadas.

12

O sol já estava alto no céu quando Lucrécia abriu os olhos. A luz banharia o Salão Norte, por toda a galeria, durante a manhã inteira, pensou com alegria, piscando para a janela aberta. Exatamente o que os artistas precisavam para preparar a parede para o afresco.

Estava tirando as cobertas quando Catelina bateu vigorosamente à porta.

— Ah, *signora*, precisa vir ver! Já estão trabalhando — avisou a dama de companhia. — Tem um rapaz raspando a parede até os tijolos.

Lucrécia se vestiu apressadamente e atravessou o Castello com Catelina até o salão. Três pessoas estavam ocupadas trabalhando na galeria de madeira entalhada. *Fra* Pandolf tinha as mangas do hábito dobradas acima dos cotovelos. Ele estava sentado em um banco pequeno, examinando uma folha enorme de papel. O rapaz magro, que ficara encarregado dos cavalos no dia anterior, equilibrava-se em uma escada, raspando a parede. Lucrécia viu que ele já havia raspado completamente, do chão ao teto, uma seção com cerca de dois metros de comprimento, então imaginou que ele estivesse trabalhando já havia algum tempo: seus cabelos pretos e curtos estavam cinzentos por causa da poeira do reboco.

O jovem alto de olhos negros chamado Jacomo estava de pé no alto da escada em espiral, tirando um colete de pele de veado surrado. Lucrécia observou dissimuladamente enquanto ele o pendurava sobre o corrimão, passava uma das

mãos pelos cabelos despenteados e em seguida colocava a camisa amassada para dentro das calças. Jacomo arregaçou as mangas. Ela viu que seus braços e suas mãos eram morenos e fortes. Um pequeno calafrio desceu por seu corpo enquanto ela o observava atravessar a galeria e se agachar ao lado de *fra* Pandolf. O frade pôs uma das mãos em seu ombro. Trocaram algumas palavras, mas Lucrécia não conseguiu distinguir o que diziam. Jacomo deu uma folha de papel dobrada ao frade, que a abriu, leu, balançou a cabeça em aprovação e apontou para a parede. Jacomo tirou um martelo de madeira e um cinzel de uma grande caixa de ferramentas.

Os olhos de Lucrécia pareciam ter uma estranha personalidade própria: se tentasse desviar o olhar de Jacomo, sentia a visão ser puxada, levando-a de volta ao rosto dele, a suas mãos, às marcas em forma de lua crescente no canto de sua boca, como um ímã.

Ela queria que ele a notasse.

Ela não queria que ele a notasse.

Ela se sentou no parapeito largo de uma janela, colocou-se em uma posição confortável e observou enquanto Jacomo batia o cinzel contra o velho reboco.

Tomaso havia feito um bom trabalho, considerou Jacomo enquanto comprava argamassa naquela manhã. Tinha sido uma viagem que valera a pena: a cal era de boa qualidade; um bom presságio para o sucesso do afresco. Ele ficou feliz com o que viu e o estucador parecia conhecer bem seu negócio.

— Está saindo facilmente, Jacomo — avisou Tomaso, dando tapinhas afetuosos na parede. Projetando o lábio inferior para fora e fechando os olhos, ele assoprou o nariz para limpar a poeira.

Jacomo passou uma das mãos sobre os tijolos recém-expostos, verificando a superfície áspera com a ponta dos dedos.

— Isso é bom. Está completamente seco. A parede parece ser toda de tijolos, graças a Deus. Podemos aplicar a primeira camada assim que limparmos tudo.

— Nem sempre é tão fácil, certo? — perguntou Tomaso.

— Não, sem dúvida. — Jacomo analisou o restante da parede. — Vamos terminar logo com isso. Vou começar na outra extremidade e nos encontramos no meio do caminho. — Ele passou sobre uma pilha de entulho, foi para o outro lado da galeria e pôs a ponta do cinzel sobre o reboco.

Jacomo sempre apreciara o tempo despendido no preparo de uma parede. Apesar de saber que muitos clientes ficavam surpresos ao ver que um artista com a reputação de *fra* Pandolf não tinha uma equipe de rebocadores, fora sugestão do próprio Jacomo que eles cuidassem de todo o trabalho. Ele sempre havia acreditado que as horas passadas junto à parede onde seria criado o afresco eram inestimáveis. Aquela era uma forma de pintura diferente de todas as demais: era necessário estabelecer um relacionamento com a parede, com a argamassa, com os pigmentos. Eles eram elementos imprevisíveis. Era preciso entender as exigências e, ao mesmo tempo, impor suas próprias restrições e obrigações: preparar a parede era, para Jacomo, semelhante à conversa inicial que se tem com um novo conhecido, formando as fundações de uma amizade ou até de um caso amoroso. E, além de se familiarizar com os materiais, Jacomo gostava de passar um tempo no espaço onde ia trabalhar, planejando o que estava por vir, pensando no desenho geral, decidindo como dividiria tudo em *giornates* — seções que podiam ser finalizadas em um único dia.

Ele e Tomaso rasparam a parede por algum tempo, removendo as camadas de argamassa, deixando apenas os tijolos avermelhados originais expostos ao longo da galeria. Tomaso cinzelava sem parar, mudo e com um olhar severo, porém Jacomo assobiava suavemente enquanto trabalhava, adaptando suas melodias ao ritmo das batidas do martelo. Entulho e areia se acumulavam ao redor de ambos.

Pouco tempo depois, Jacomo se virou da parede, precisando tossir para tirar a poeira do nariz e da boca. Olhando por cima do corrimão em direção ao salão, ele viu uma pequena figura sentada no parapeito de uma das janelas: uma garota magra usando um belo vestido verde. A duquesa.

Jacomo se lembrou da expressão no rosto da jovem em certa ocasião, há cerca de um ano, quando ela notou o olhar furioso que ele lançara a Pandolf por causa

dos primeiros rascunhos que trouxeram para mostrar ao duque. Ele se perguntara se a duquesa teria compreendido a causa de sua raiva. Não havia nenhuma razão para ela ter entendido, mas, vendo-a agora, Jacomo teve uma sensação arrepiante de que a duquesa, de fato, entendera tudo.

Ele a encarou por um momento e então sorriu. A duquesa corou e retribuiu o sorriso. A doçura de sua expressão surpreendeu Jacomo.

— Você se importa que eu suba para ver o que está fazendo? — perguntou ela.

Jacomo ergueu uma sobrancelha para *fra* Pandolf, que assentiu amigavelmente. Voltando-se novamente para a duquesa, ele acenou para que subisse a escada. Ela pareceu satisfeita; desceu do parapeito da janela, segurou a saia e correu como uma garotinha em direção aos degraus em espiral.

No topo da escada, a duquesa olhou ao longo da parede sem parte do revestimento, então, baixando o olhar para o chão coberto de sujeira, começou a atravessar a galeria. Jacomo andou em sua direção e se esticou para ajudá-la a atravessar a maior pilha de entulho. A mão da jovem era pequena e lisa. Seus olhos não se encontraram a princípio, visto que ela estava olhando para os pés e segurando a saia para tirá-la do caminho. Mas, assim que pisou em um lugar limpo, largou a saia e olhou para ele. Estavam muito próximos e o fato de terem as mãos dadas demonstrava uma intimidade inapropriada, pois era como se o rapaz estivesse levantando seus dedos para beijá-los. Ambos se soltaram rapidamente. Os olhos da duquesa se arregalaram por um instante — um breve instante — e logo ela recuou e olhou novamente para o chão.

— Como pode ver, *signora*, já começamos o trabalho — declarou *fra* Pandolf com alegria.

— Vejo que já começaram a demolir o Castello Estense... — replicou a duquesa, com um leve sorriso.

Pandolf levou um momento para rir. Jacomo, entretanto, deu logo uma leve risada, fazendo com que o olhar da duquesa se voltasse para ele. O estômago do rapaz se revirou ao vê-la fitando sua bochecha, mas aquele olhar estava aceso,

repleto de interesse.

— Pode me explicar o que estão fazendo? — pediu ela. — Já estou observando há algum tempo.

— Temos de raspar a parede inteira até que fiquem só os tijolos aparecendo, *signora* — respondeu Jacomo. — Qualquer argamassa antiga precisa ser removida. Depois disso, colocaremos o que chamamos de "capa bruta", uma argamassa feita de cal e areia, e iremos deixá-la secar.

— E aí pinta em cima disso, não é?

Jacomo sorriu.

— Não, é bem mais complicado que isso.

Pandolf interveio:

— Bem mais complicado, minha senhora, com certeza. Várias camadas de argamassa precisam ser sobrepostas antes que a parede fique pronta para a pintura. Como dizia Jacomo, começamos com a parede bruta, então...

Uma voz o interrompeu:

— Minha senhora?

Uma moça de cabelos negros e vestido amarelo cor de milho havia surgido. A duquesa colocou a mão sobre o braço do frade em um gesto de desculpas e se debruçou no corrimão.

— O que foi, Lina?

— Meu senhor deseja vê-la antes de partir para Florença.

— Ah. — A duquesa fez uma pausa e depois disse, mais para si mesma que para qualquer outro: — Sim, esqueci que ele estava indo. — Então respondeu: — Sim, Lina, estou indo. Espere por mim.

Ela olhou brevemente para *fra* Pandolf, então para Jacomo.

— Obrigada. Muito obrigada por me mostrarem o que estão fazendo. Adoraria vir amanhã para ver a parede ganhando forma, se não for um incômodo...

— Será um trabalho sujo, *signora* — alertou Jacomo.

— Ah, não me importo com isso. — Ela começou a voltar pelo chão

entulhado, segurando a saia com uma das mãos.

— Minha senhora? — disse Jacomo, oferecendo a mão.

— Ah, obrigada.

Ele a ajudou a chegar ao topo da escada em espiral.

— Vejo o senhor amanhã de manhã, então — despediu-se a duquesa. Por um momento os olhos dela fitaram sua boca, depois ela soltou sua mão e começou a descer os degraus. Jacomo se debruçou com os braços cruzados sobre o corrimão, o peso do corpo em um dos pés, e a observou puxando a criada para perto, como se fosse lhe contar um segredo.

Ela se virou, olhou brevemente para ele e foi embora do salão.

Lucrécia sentiu um calor na barriga por causa do sorriso do rapaz, uma mistura de excitação, culpa, curiosidade e desejo. Ela viu as covinhas em forma de meia-lua em cada bochecha se aprofundarem nos cantos de sua boca e sentiu um aperto no estômago.

Catelina estava aturdida. Ela nunca vira o rosto de sua senhora radiante daquele jeito. Conforme a *signora* descia as escadas da galeria, parecia bem diferente da triste e pequena criatura que havia sido nos últimos meses. Desde o dia em que a vira naquele estado terrível — ah, *cielo*! Catelina ficara muito perturbada com a visão da senhora no dia do banquete, os cabelos em desalinho, assustada e tão infeliz. E quanto às revelações que sua senhora tinha feito naquela noite... Catelina estava pasma. Era verdade que sempre tivera suas reservas em relação ao senhor, mas nunca tinha imaginado que ele teria os problemas descritos pela *signora*. Pelo contrário! Sempre havia acreditado que ele possuía ao menos outra mulher em algum lugar na cidade — Catelina tinha visto aquele brilho em seus olhos em tantas ocasiões, ao sair do castelo no belo cavalo ruivo; o mesmo brilho que via com frequência no rosto de seu pai, quando ele costumava desaparecer em algum canto de Mugello, bem debaixo do nariz de sua pobre mãe. Conhecia bem aquilo. Tinha certeza de que estava certa. Então como as coisas poderiam

estar daquele jeito entre ele e a *signora*, se o que a senhora tinha dito era verdade?

— Estive aprendendo a preparar uma parede para um afresco, Lina — falou a *signora*.

Catelina a viu se virar e olhar para o rapaz moreno, de olhos grandes que estava debruçado no corrimão, vendo-as partir. Bem, Catelina achou que seria mais correto dizer que ele estava olhando a *signora* partir: não achou que tivesse prestado nenhuma atenção nela mesma. O monge gorducho e o rapaz magricela já haviam voltado ao trabalho na parede.

Catelina se sentiu subitamente enjoada.

Ela pediu a Deus que a *signora* não planejasse fazer alguma bobagem enquanto o *signore* estivesse fora.

Se ela fizesse e o senhor descobrisse, Catelina achava que ele seria capaz de matar os dois. E provavelmente também a própria Catelina, simplesmente por ser sua dama de companhia.

13

O enviado do papa ergueu as mãos finas no que pareceu a Alfonso como algo entre uma bênção e uma conciliação apaziguante.

— ... E acredito que seja tudo — concluiu o enviado. — Eu sei, é claro, que o que fiz foi apenas repetir a informação que foi apresentada por Sua Santidade no documento que os senhores têm em mãos, mas, se houver qualquer...

— Não — interrompeu Alfonso. — Não há necessidade de se estender, Vossa Graça. Compreendo perfeitamente os fatos. Está óbvio que são totalmente intragáveis. Quero pedir que diga a Sua Santidade que eu e meu primo desejamos marcar um encontro para vê-lo em pessoa, caso esteja disposto a nos garantir uma audiência, assim que Cesare retornar da França.

— Farei o possível para providenciar, *signore*. É claro que esperamos que essa situação se resolva naturalmente para sua satisfação. Vale dizer que, com menos de dois anos de casamento, a falta de prole ainda não é uma catástrofe, mas Sua Santidade achou que o senhor deveria ficar ciente da gravidade da situação.

— Eu ficaria muito agradecido se o senhor informasse a *Sua Santidade* que agora estou perfeitamente ciente da "gravidade da situação" e que não tenho nenhuma intenção de deixar isso como está, sem investigar todas as possibilidades de uma solução alternativa.

Alfonso estava com dificuldade para controlar a raiva. Prosseguiu:

— Deixei minhas intenções bem claras e acho difícil entender por que Sua

Santidade se recusa a aceitar a legalidade dos acordos que já finalizei com meu primo. Levarei o assunto a Sua Santidade, como já disse, assim que Cesare retornar da França.

O arcebispo Ercole Verdi, *legatus a latere* de Sua Santidade, o papa Pio IV, balançou a cabeça enfaticamente. Como enviado papal — um permanente representante da Santa Sé —, ele servia de intermediário entre o Santo Padre e aqueles soberanos, governos ou outros grupos descontentes com os quais Roma pretendia negociar. O arcebispo Verdi, refletiu Alfonso, era um intermediário habilidoso: sua estatura diminuta o tornava imediatamente em uma figura amigável, e seu tom de voz era suave e apaziguador. Mas Alfonso não tinha a intenção de deixar essas notícias imprevistas e desconcertantes passarem por ele, tornando-se fatos irrevogáveis, sem lutar firmemente, independentemente do talento de seu companheiro como diplomata.

Ele se despediu do pequeno enviado e saiu da construção. Atravessando a praça banhada pelo sol e caminhando ao lado da fachada da grande catedral de Brunelleschi, mal reparou no alívio da sombra quando chegou ao Palazzo Vecchio, onde havia deixado Panizato.

Panizato o esperava, como disse que faria, no ar fresco do aposento que conseguiram emprestado. Alfonso abriu a porta com mais força do que pretendia. Ele bateu contra uma cadeira e a derrubou, mas, deixando-a caída, ele atravessou a sala para olhar pela janela, sem conseguir encontrar palavras para expressar sua agitação. Seus pensamentos normalmente caóticos estavam fragmentados a ponto de Alfonso ser incapaz de obter qualquer sentido deles.

Panizato saiu de onde estava e, ainda olhando para a rua, Alfonso ouviu o amigo colocando a cadeira de pé sem comentar nada.

Após uma pausa, Panizato perguntou:

— O que ele disse?

Alfonso lutou para encontrar palavras para explicar. Era como se estivesse de pé sobre a forte correnteza de um rio: tudo passava por ele em tal velocidade, tão inexorável, que se sentia completamente incapaz de alcançar e expressar qualquer

parte da história. Todas as aflições de seu casamento, sua crescente e infeliz consciência da ânsia de Lucrécia por afeto — tudo agora passava por ele como destroços em alta velocidade, misturados ao alívio que essa nova e assustadora revelação trazia.

— Francesco, se eu morrer sem um herdeiro legítimo — explicou Alfonso para a rua abaixo —, Sua Santidade pretende recuperar os direitos sobre todo o ducado de Ferrara. Quaisquer bastardos que eu tenha gerado ao longo dos anos são, é claro, indignos de contemplação e minhas intenções de deixar os títulos para meu primo, Cesare d'Este, caso não haja herdeiros quando eu morrer, aparentemente não serão levadas em consideração. Sua Santidade está graciosamente sugerindo que Cesare mantenha direitos sobre Modena e Reggio, mas, sem Ferrara, o poder dos Estes será aniquilado, como ele bem sabe. Venho me preocupando com isso há meses, achando que a influência dos invasores franceses na Itália foi posta para desestabilizar o futuro do ducado — e agora me dizem que, caso eu não faça um herdeiro legítimo, tudo aquilo que valorizo será tirado de mim à força, não por um estrangeiro, e sim por meus próprios compatriotas.

Na imobilidade que se seguiu ao pronunciamento, Alfonso observou uma jovem caminhando sem jeito na rua abaixo. Ela estava com roupas simples e descalça, inclinando-se para longe do peso de uma criança em seu colo, com as pernas gordas em volta de sua fina cintura. Uma criança maior segurava sua outra mão e um menino magricela de uns 10 anos arrastava os pés com sapatos malcalçados, seguindo a trilha dos demais. A ironia dessa imagem apresentando-se a Alfonso enquanto contemplava as consequências devastadoras de não ter filhos pareceu-lhe amarga. Sua raiva fragmentada e confusa começou a se cristalizar em um ressentimento direcionado a Lucrécia. Não apenas, pensou ele, a esposa continuava a roubá-lo de sua masculinidade como agora parecia se tornar o agente em potencial da destruição de toda a Casa de Este.

Ainda assim, algo dentro dele, que não podia ignorar, ainda ansiava por possuí-la. Apesar de tudo, continuava a desejar o inalcançável.

— Mas, Alfonso — falou Panizato —, você só está casado há dois anos ou nem isso. Certamente sua falta de filhos ainda não é um problema sério. Por que Roma está agindo como se sua morte sem herdeiros fosse um fato consumado?

Alfonso, ainda virado em direção à janela aberta, falou:

— Eles apenas querem que eu saiba de suas intenções. A não ser que tenham algum dom de clarividência divina, imagino que isso seja apenas Sua Santidade querendo fazer uma pequena chantagem emocional a minha custa.

— Estou abalado, Alfonso. O que fará agora?

Alfonso se virou para o amigo, agradecido pelo apoio.

— Cesare volta da França em agosto. Eu disse a Sua Graça Verdi que gostaríamos de falar diretamente com o Santo Padre. Levaremos novamente o caso a sua atenção.

— Enquanto isso — Francesco sorriu —, você vai ter de continuar tentando provar que estão errados. Pelo menos vai aproveitar as tentativas, não é?

Sem comentar, Alfonso se virou de costas, lutando para controlar a náusea que surgiu em sua garganta ao contemplar seu leito conjugal. Panizato não podia ter dito nada pior. Se Lucrécia continuasse a castrá-lo dessa maneira, tornando-o incapaz de gerar um herdeiro e garantir o futuro do ducado, Alfonso não seria capaz de continuar coexistindo com Lucrécia.

Ele desejava possuí-la e ansiava para se ver livre dela.

Nenhuma das opções parecia possível.

Mas, se quisesse manter a sanidade, ele sabia que precisava tentar alcançar uma ou outra.

14

O Castello, pensou Lucrécia, ficava com certeza mais calmo sem Alfonso. Com o passar dos meses, ela se sentia cada vez mais desapegada e também mais nervosa do que nunca, temendo causar sua desaprovação. Ficar na companhia dele era sempre cansativo. Mas, conforme os dias — e as noites — se passavam desde sua partida, percebeu que estava se sentindo mais espontânea, mais ela mesma, novamente. Tinha o ânimo elevado. O sorriso dissimulado — atrás do qual ela frequentemente escondia suas respostas instintivas — podia ser guardado por um tempo.

Apesar de, graças às rígidas restrições domésticas de Alfonso, Lucrécia nunca estar tão ocupada quanto pensou que uma duquesa estaria, ela agora não se importava com as longas horas nas quais ficava normalmente desocupada. Havia encontrado algo para fazer. Aprendera o nome de pelo menos vinte e cinco diferentes tipos de pigmentos e suas diversas propriedades; agora sabia misturar argamassa, ou ao menos na teoria: não tinha tentado fazê-lo ela mesma — e no dia anterior lhe foi dado a entender que, uma vez misturada, a argamassa de cal ganhava vida própria.

— É como uma criatura viva: tem humor variável. O modo como absorve a cor muda de acordo com a hora do dia — diz Jacomo, colocando a mão sobre uma seção recém-firmada da parede e esfregando-a suavemente com os dedos.

Lucrécia franze o cenho, observando as mãos dele.

— Então está dizendo que, se pintar de manhã, ela vai se comportar de maneira diferente do que se pintasse à noite?

Jacomo sorri para ela.

— Seu apetite muda a toda hora, é como um bebê: é preciso alimentá-la com o que ela deseja, quando ela deseja.

— Mas como saber o que ela deseja?

— Lembramos o que nos foi ensinado — responde Jacomo, olhando para onde fra *Pandolf está limpando sua palheta — e experimentamos, gravando os resultados.*

— Conte-me algo que descobriu sozinho.

— Que é importante lavar os pincéis em água de cal. Se você usar água da chuva ou do rio, não ficarão completamente limpos, e pode-se acabar com manchas de ferrugem na pintura.

— Isso já aconteceu com você?

Jacomo balança a cabeça afirmativamente.

— Peguei água de um poço em Milão para lavar os pincéis no ano passado. Um grupo de manchas de ferrugem no lugar errado de um afresco deram ao pobre são Sebastião um rosto cheio de sardas.

Seu olhar vai em direção ao rosto dela enquanto fala, com os lábios levemente separados, e Lucrécia fica vermelha. Ele a observa por mais tempo do que ela espera. Envergonhada, Lucrécia muda o assunto.

— Há algum pintor que admire em particular?

Jacomo responde imediatamente:

— Ticiano Vecellio. Ele é um gênio.

— Ah, vi uma pintura dele em Florença uma vez. Um homem de preto segurando uma luva.

— E gostou?

— Adorei. Senti que conhecia o homem, logo de cara.

Jacomo sorri, mas Lucrécia se corrige:

— Não. Isso não está certo. Não é que eu tenha sentido que o conhecia; era mais

como se ele me conhecesse.

O sorriso de Jacomo desaparece. Ele parece estar fitando sua mente, e então acena lentamente com a cabeça, sem tirar os olhos dos dela.

* * *

Entretanto, Lucrécia sabia que Catelina não estava muito contente com o novo interesse de sua senhora no andamento do afresco. Ela suspeitava que a criada soubesse exatamente o que a atraía para a galeria com tanta frequência e estava determinada a evitar qualquer confronto a respeito do assunto. Pensar em Jacomo fazia seus pelos dos braços e do pescoço se eriçarem. Lucrécia duvidava ser capaz de falar dele sem ficar com o rosto completamente vermelho.

— Está indo ao Salão Norte de novo, *signora*? — perguntou Catelina, poucas semanas após a partida de Alfonso, enquanto Lucrécia escovava os cabelos e tentava desfazer um nó.

— Ah, sim, Lina. Eles estão colocando o *arricio* essa tarde — falou num tom deliberadamente neutro.

Catelina permaneceu em silêncio.

— O quê? — perguntou Lucrécia, abaixando as mãos dos cabelos. — O que foi, Lina?

Após um momento, Catelina disse:

— Desculpe-me, *signora*, mas... mas...

— Mas o quê?

— Espero que não pense que estou me metendo, *signora*, mas talvez pareça... bem... estranho que uma mulher nobre como a senhora tenha tanto interesse no... no trabalho de um artesão.

— Ah, Lina, *fra* Pandolf é um artista, não um artesão! — replicou Lucrécia, determinada a levar a conversa para longe de Jacomo. — Sou privilegiada por ter a chance de vê-lo criando uma pintura que talvez seja comentada na Itália por muitos anos, e... — Ela parou, percebendo a dúvida em Catelina. — Com o que

você pode estar preocupada? Estou apenas os vendo trabalhar.

Catelina não precisou responder. Sua expressão era eloquente. Lucrécia falou, examinando as unhas e girando um anel de ouro em um dos dedos:

— Devo estar de volta a tempo de trocar o vestido para a refeição da noite. Esteja aqui para me ajudar, sim?

— Claro, minha senhora. Deixarei tudo preparado.

A suspeita implícita de Catelina ficou no ar como uma nuvem de mosquitos.

* * *

Todos trabalhavam arduamente. Tomaso estava curvado, remexendo um grande pote de argamassa com um pedaço de pau, enquanto *fra* Pandolf e Jacomo seguravam uma palheta de madeira quadrada numa das mãos. Estavam de pé, separados por uma pequena distância, trabalhando em direção ao meio. Usando uma longa e estreita colher de pedreiro, cada um levava a argamassa da palheta até a parede com movimentos contínuos.

Olhando para o monte de argamassa nas duas palhetas, Lucrécia podia perceber que essa era uma substância mais suave e refinada que as demais camadas que vira sendo colocadas na parede; essa era como nata batida. Com cada movimento do braço, a massa molhada e brilhante deixava a lâmina da colher de pedreiro e era alisada em um arco na parede. Os dois homens trabalhavam num ritmo constante e o *arricio* já se encontrava espalhado por boa parte da galeria.

O hábito de *fra* Pandolf e sua cabeça reluzente estavam manchados com respingos de argamassa. Jacomo também estava sarapintado com a massa, que sobressaía claramente contra a mancha vermelha em sua bochecha. Havia gotinhas presas em seus cabelos e suas mãos estavam cobertas como se usasse luvas brancas surradas. Já os braços eram muito morenos por contraste. Ambos os homens estavam absortos no trabalho, e Jacomo assobiava suavemente mais uma vez.

Fascinada, Lucrécia os observou por algum tempo, como ferro atraído irresistivelmente para o ímã. A suspeita no rosto de Catelina lhe veio à mente e ela não pôde expulsá-la. Sabia que, como uma esposa obediente — como duquesa de Ferrara —, deveria sair dali e evitar o Salão Norte até que os pintores tivessem deixado o castelo. Deveria evitar a tentação. O Castello Estense, pensou, era grande o suficiente para evitar o encontro de pessoas que não quisessem se encontrar, ou... que se quisessem encontrar. Mas...

— Minha senhora!

Fra Pandolf ergueu uma das mãos em saudação. Lucrécia torceu para que não estivesse vermelha demais enquanto Jacomo parava o que fazia, passava a mão pelos cabelos e sorria para ela. O rapaz sussurrou algo para *fra* Pandolf, que então a chamou:

— Suba aqui na galeria, minha senhora. Jacomo quer lhe mostrar uma coisa.

Lucrécia atravessou o salão, forçando-se a caminhar com dignidade. Seria inadequado correr, pensou.

Quando chegou ao topo da escada, Jacomo fez um gesto em direção a uma seção da parede que tinham terminado ainda havia pouco.

— A senhora lembra de que falei que a argamassa esquenta conforme seca?

Lucrécia assentiu com a cabeça.

— Sinta isso.

Ele pegou a mão dela e a colocou espalmada sobre a nova superfície, cobrindo-a com a própria. Ele riu com o arquejo de assombro da duquesa.

— Eu lhe disse — falou Jacomo.

— Sim, mas achei que estaria *quente*. Isso é uma fornalha! Quanto tempo fica assim?

— Não muito. A senhora deu sorte de conseguir sentir.

Os dois estavam bem próximos da parede, a mão de Lucrécia contra a argamassa, com a de Jacomo pressionada, quente, sobre a dela — quase tão quente por cima quanto a argamassa que havia por baixo. O corpo dele estava bem perto. Ela podia sentir a respiração em sua nuca. Então, retirando a mão da

parede e apertando os dedos dela por um brevíssimo instante, ele falou:

— Preciso voltar ao trabalho. Tomaso vai ficar aborrecido se o que ele preparou passar do ponto antes de ir para a parede.

— É isso mesmo, Jacomo — replicou Tomaso, ranzinza.

Lucrécia sorriu da expressão dele e Jacomo deu uma risada enquanto se abaixava sobre o balde e colocava outro monte de argamassa na palheta. Ele começou a colocar a argamassa na parede novamente, usando a colher de pedreiro. Lucrécia sentou na tampa da caixa de ferramentas com as costas apoiadas no corrimão. Tomaso, que, ao que presumiu, não era experiente o suficiente para trabalhar na parede, ocupava-se em manter o grande pote cheio de argamassa fresca enquanto *fra* Pandolf e Jacomo trabalhavam ao longo da galeria.

Após algum tempo, eles estavam no ponto onde suas duas seções se encontrariam. Jacomo, observou Lucrécia, estivera trabalhando mais rápido que seu mestre. Cobrira uma parte maior da parede, de modo que o ponto de encontro não ficava exatamente no meio do caminho.

— Deixarei você terminar, Jacomo — disse o frade, dando um passo para trás e admirando o trabalho já realizado.

Jacomo concordou e encheu a colher de pedreiro com mais argamassa úmida, que fez um som satisfatoriamente arenoso ao atingir a parede. Em minutos, a lacuna estreita que separava as duas seções estava preenchida, sem deixar nenhuma marca determinando o local de encontro. Os dois homens se afastaram um pouco, analisando os resultados do trabalho.

— Muito bem, rapaz, um belo trabalho — elogiou *fra* Pandolf, dando um tapinha nas costas de Jacomo.

Jacomo limpou a palheta e removeu os últimos pedaços de argamassa da colher de pedreiro, colocando-a em um balde de água limpa. Ele pegou a palheta e a colher de *fra* Pandolf, removeu a argamassa, então se agachou em frente ao balde, lavou e secou tudo cuidadosamente.

Enquanto fazia isso, *fra* Pandolf virou para Lucrécia e falou:

— Assim que isso estiver seco, *signora*, poderemos passar a *sinopia*.

Lucrécia não fazia ideia do que era aquilo.

— O *arricio*, como sabe, é a penúltima camada de argamassa; funciona como uma segunda pele de grãos mais finos — explicou Pandolf. — Então vem a *sinopia*, minha senhora: um esboço da composição final do afresco, que cobrirá toda a extensão do *arricio*, dando-nos uma guia para planejar a ordem de pintura das seções. Aí, a cada dia, cobriremos a seção em que vamos trabalhar. Isso é a *giornata*. Jacomo fará a *sinopia* baseado nos desenhos. — Ele apontou para vários rolos de papel no fundo da galeria, encostados na parede.

— Aqueles são os desenhos que vi antes?

— O modelo é o mesmo, mas agora os desenhos estão em tamanho real, *signora*.

— Posso vê-los?

— É claro. Jacomo, pode mostrá-los à *signora*? Leve-os para o salão: aqui em cima tem muita sujeira no chão. Voltarei em breve. Quero resolver umas coisas antes de começarmos o próximo estágio... — Ele pareceu um tanto vago, e foi rapidamente em direção à escada, cantarolando para si mesmo.

Jacomo estava lavando as mãos em um balde d'água. Ele as sacudiu e depois as secou nas calças manchadas de tinta.

— Vá lá para baixo, minha senhora — pediu. — Levarei os desenhos.

Lucrécia caminhou até o topo da escada.

— Espero não estar atrapalhando.

— Não muito — disse Jacomo, erguendo um dos rolos de papel até apoiá-lo em seu ombro, depois se agachando para pegar outro.

Lucrécia sentiu um desconforto nas entranhas. Parou, hesitante, no primeiro degrau, com medo de tê-lo aborrecido de alguma forma. Mas então viu que seu rosto estava cheio de divertimento, apesar de sua boca mal ter se mexido. Era o tipo de coisa, considerou Lucrécia, que Giovanni teria dito, e ela quase respondeu como o faria a seu primo. Mas, bem a tempo, decidiu que "Seu idiota!" provavelmente não era a melhor maneira para uma duquesa falar com o

pintor contratado por seu marido. Ela endireitou os ombros, ergueu o queixo e tentou expressar desaprovação, porém o sorriso de Jacomo apenas aumentou conforme ele acenava com a cabeça em direção aos degraus, incentivando-a a descer na frente até o salão.

Algumas pessoas ficam melhor quando sorriem, pensava Lucrécia ao chegar ao último degrau; já outras, como Alfonso, ficam mais belas com outras expressões no rosto. Seu marido provavelmente ficava melhor ao usar seu ar costumeiro de superioridade mal-humorada: um sorriso era como um convidado ao seu semblante, não necessariamente indesejável, mas um convidado que não o deixava muito à vontade. Entretanto, Lucrécia podia ver que, para Jacomo, o sorriso era um convidado frequente e bem-vindo.

— Aqui, venha ver — chamou o rapaz.

Ele ficou de quatro, segurando as pontas do papel, com o corpo arqueado sobre o desenho. Sua camisa estava solta e havia subido. Lucrécia ficou paralisada ao ver a pele castanha no espaço entre a camisa e a calça. Ela passou a ponta da língua sobre o lábio e engoliu em seco.

— Esse é o *Argo* — anunciou Jacomo.

Lucrécia se ajoelhou ao lado dele, sentou sobre os calcanhares e examinou a linda imagem do navio abrindo caminho com orgulho através da água. Comparados aos rascunhos que ela tinha visto, esses desenhos eram mais belos, complexos e detalhados — com certeza resultado de muitas e muitas horas de trabalho. Jasão era nobre, pensou Lucrécia, de pé ao lado da arrogante carranca da proa, com um braço ao redor de seus ombros. A sabedoria e o conhecimento superiores dela eram óbvios, e Jasão parecia ter esperanças de adquirir um pouco de sua eminência pela simples proximidade. Sua tripulação, entretanto, não estava impressionada com aquilo. Os homens moviam os remos com ressentimento e falta de entusiasmo, obviamente sem dar valor ao prestígio de seu capitão.

— Adoro as expressões — comentou Lucrécia, apontando para um dos remadores. — Eles parecem não gostar muito de Jasão, não é?

— Com razão. Acredito que ele deve ter sido um grande estorvo. Achava-se o dono da verdade e sempre levava todos em direção ao perigo. Quer ver mais?

— Por favor.

Lucrécia esperava pela próxima cena — Talos, o grande guerreiro de bronze —, mas, quando Jacomo se curvou sobre o novo desenho, com os músculos de seu braço moreno contraindo-se conforme se esticava para segurar a ponta do papel, ela viu a selvagem Medeia, esperando e observando a chegada de Jasão enquanto ele corria pela praia em direção à cena.

Lucrécia subitamente perdeu o fôlego.

A imagem de Medeia era, claramente, um retrato dela.

Sua boca se abriu, mas nenhuma palavra saiu e ela voltou a fechá-la.

Ela observou a imagem. Nunca havia usado tiras de seda como aquelas e seus cabelos, apesar de rebeldes, nunca se contorceram ao redor dela daquele jeito, como a névoa de um pântano. Mas não havia dúvida quanto aos traços da expressão em seu rosto. Lucrécia não sabia o que dizer.

— *Fra* Pandolf gosta de ter retratos dos clientes em seus afrescos — murmurou Jacomo, e Lucrécia se deu conta de que ele estivera observando sua reação.

— Mas não posei para esse retrato. Como o reverendo irmão conhece meus traços tão bem?

— Se o rosto do modelo for marcante, pode ser feito de memória.

O coração de Lucrécia começou a bater mais rápido. Aquilo teria sido uma decisão de *fra* Pandolf ou Jacomo teria pedido que ele a incluísse? Ou o próprio Jacomo havia feito o desenho e dera a imagem para o frade? Se o fez, aquilo significava que ele sentia a mesma confusão na qual ela própria estava tão desordenadamente emaranhada?

Com o coração aos tropeços, ela voltou os olhos para o desenho e perguntou:

— O que acontece depois?

Nos segundos silenciosos que se seguiram, pareceu a Lucrécia que havia várias respostas em potencial. Uma possibilidade terrivelmente grande se estendeu

como um gigante acordando, sentou-se e piscou para ela.

Jacomo fez uma pausa. Então disse, em uma voz estranhamente desapegada, como se estivesse pensando em algo diferente das palavras que proferia:

— Preciso transferir o modelo para o *arricio*. Posso demonstrar com um dos desenhos agora, se desejar.

Lucrécia sentou sobre os calcanhares e pôs as mãos no colo; o gigante estava sentado em silêncio atrás dela, tentando não chamar atenção.

Jacomo subiu novamente a escada em espiral e logo voltou com uma caixa de madeira nos braços. Ele se sentou, tirou as botas e as jogou sem cerimônia para o lado. Abrindo a caixa, tirou vários pesos de chumbo, cada um aproximadamente com o tamanho de seu punho. Então desenrolou o primeiro desenho e engatinhou sobre ele, colocando pesos em três das bordas do papel. Ele tirou uma longa agulha que estava alfinetada em sua camisa e, quase deitado sobre o desenho, colocou um braço por baixo do papel na extremidade livre para erguê-lo um pouco do chão e começou a seguir a imagem, furando o papel com a agulha ao longo das linhas desenhadas. Após um tempo, havia pequenos buracos por todo o canto do papel. Ele se endireitou e analisou o que tinha acabado de fazer.

— Ainda há bastante a ser feito, terminarei mais tarde. Porém, antes que eu guarde, quer tentar fazer?

— Eu? — Lucrécia viu a mancha vermelha na bochecha do rapaz se enrugar e marcas de expressão em forma de meia-lua surgiram ao redor de sua boca, como se o rosto quisesse enfatizar o sorriso confinando-o entre parênteses.

— Não é difícil. Eu lhe mostro.

Ele recuou um pouco, para que Lucrécia pudesse se ajoelhar na borda do papel. Agachando-se atrás dela, entregou-lhe a agulha e apontou a seção que devia furar. Seus cabelos roçaram contra a bochecha dela quando se inclinou. Ela sentiu o cheiro de pele quente e argamassa. Um pequeno estremecimento de desejo pressionou sua barriga.

— Coloque o outro braço ali embaixo, como eu fiz. Isso mantém o papel acima do chão. Então faça o furo.

Lucrécia se curvou e deslizou o braço esquerdo por baixo do papel. Ela segurou a agulha acima do desenho e olhou para Jacomo.

— Assim?

Um aceno com a cabeça e um sorriso.

Ela fez um furo, tirou a agulha, fez outro. Apreciando o processo, terminou as poucas linhas que devia perfurar com facilidade.

— Perfeito. Agora, se estivéssemos prontos para usar o desenho, o que não é o caso, precisaríamos de uma almofada para fazer o decalque — falou Jacomo.

— O que é uma...? — começou a dizer, mas Jacomo já estava remexendo sua caixa de madeira. Dali tirou um saquinho redondo de musselina, cheio de algo escuro e macio. Ele o ergueu e deu um tapinha, fazendo com que uma poeira cinza fosse assoprada através do tecido.

— Carvão vegetal — explicou.

Lucrécia logo compreendeu.

— Então você põe o desenho na parede e dá uns tapinhas com o saquinho nos buracos, deixando marcas na argamassa?

Outro sorriso.

— Muito bom. Borrifamos o modelo inteiro no *arricio* a partir dos desenhos, então pintamos a mão livre sobre as marcas para ter o desenho da silhueta inteira na parede. Então, a cada dia, preparamos a área da *giornata*, e essa camada de argamassa é chamada de *intonaco*, e pintamos direto sobre ela, seção por seção.

— Parece tão complicado.

Sorrindo, Jacomo deu de ombros.

Tomaso entrou no Salão Norte desajeitado, carregando um pão e um grande pedaço de queijo. Passou por eles, subiu pesadamente a escada, então se curvou no corrimão e perguntou indistintamente, com a boca cheia:

— Está com fome, Jacomo?

— O que você acha? Já estou indo. — Jacomo enrolou os desenhos e os equilibrou sobre o ombro. — E a *signora*? Está com fome?

Lucrécia percebeu que de fato estava — mas de coisas que não eram pão. A

gigantesca possibilidade se ergueu atrás dela. Com o olhar de Jacomo sobre ela e a língua subitamente travada, Lucrécia acenou com a cabeça. Ele ergueu o braço livre em direção à escada e ela foi na frente.

Subiram juntos até a galeria e Jacomo encostou os desenhos novamente contra a parede do canto, como pilares caídos num templo em ruínas. Tomaso estava sentado no chão. Havia partido o pão em dois; deu um dos pedaços a Jacomo, que agradeceu.

Lucrécia fez um gesto de que ia sentar, mas Jacomo disse:

— Não, espere! A *signora* não pode se sentar no chão.

Ele largou a comida, desceu correndo a escada e, em segundos, retornou com a caixa nos braços. Colocou-a no chão, pegou seu gibão que estava pendurado no corrimão, dobrou-o como uma almofada e pôs sobre a tampa. Jacomo segurou a mão de Lucrécia e a ajudou a se sentar no banco improvisado.

— Agora — falou ele —, ao pão. — Deu-lhe a metade que Tomaso tinha lhe entregado. Lucrécia tirou um pedaço e devolveu o restante a ele.

— Queijo? — perguntou Jacomo, pegando-o de Tomaso.

Lucrécia balançou a cabeça negativamente.

— Não está com tanta fome então. Vai ver não lhe dei trabalho suficiente naquele desenho. — Jacomo começou a comer.

Lucrécia havia acabado de dar uma mordida em seu pão quando ouviu passos e *fra* Pandolf apareceu no fundo da galeria. Ele pareceu perplexo ao vê-la sentada sobre uma caixa de ferramentas, comendo um pedaço de pão com seus dois assistentes. Ela se levantou e sacudiu a saia para tirar as migalhas.

— Obrigada por me mostrar os modelos — disse ela, rígida. — Estou agradecida pelo seu tempo, *signore*.

— Foi um prazer, *signora* — respondeu Jacomo. Ele falou com seriedade e inclinou a cabeça em um gesto formal, mas Lucrécia percebeu que seus olhos brilhavam.

— Então a senhora viu os desenhos? — perguntou *fra* Pandolf.

Lucrécia falou com a voz meio hesitante:

— Ah, sim, obrigada. São muito bonitos. Estou ansiosa para ver a pintura tomando forma.

— Bem, agora não falta muito para começarmos, minha senhora — disse *fra* Pandolf, sorrindo largamente. — Não é mesmo, Jacomo?

— Sim. Acho que tudo está prestes a começar — respondeu Jacomo, fitando Lucrécia.

A estrada que saía de Florença estava esburacada, irregular e cheia de gente: com pessoas a pé, a cavalo e carruagens de todos os tamanhos. Alfonso e Francesco Panizato diminuíram o passo dos cavalos. Alfonso relaxou as rédeas, segurando-as em uma das mãos, e limpou o suor do rosto com a outra. Apesar de cedo, já estava bem quente.

— Pode esperar um momento, Francesco? Vou tirar meu gibão.

Panizato deteve o cavalo. Conforme os animais baixaram a vista para observar a lateral da estrada, os dois homens tiraram seus agasalhos e os guardaram atrás das selas.

— Quanto tempo acha que vamos levar até Ferrara? — perguntou Panizato.

— Não estou com pressa. Quatro dias, talvez cinco? Não quero que Farfalla faça mais do que, digamos, trinta ou quarenta quilômetros por dia. Mais que isso pode machucar suas patas.

Ele pensou por um momento.

— Se chegarmos a Mugello hoje à noite, tenho certeza de que os pais de Lucrécia ficarão felizes em nos hospedar. Na verdade, agora que estou pensando a respeito, ficarei encantado em ter a oportunidade de discutir as notícias do enviado do papa com meu sogro.

Eles cavalgaram. Alfonso tentou afastar Lucrécia de sua mente, tentou se concentrar nos movimentos ondulantes do cavalo ou manter uma conversa com Panizato. Porém, com a perspectiva de se encontrar com Cosimo e Eleanora de Medici naquela noite, por mais que tentasse manter a esposa distante, não pôde suprimi-la, e turbulentas imagens ameaçaram dominá-lo.

15

— Eu tentei, Lina, eu tentei. Já faz três dias desde que estive pela última vez no Salão Norte. Eu realmente tentei, porém não aguento mais. Vou para lá essa manhã, preciso vê-lo.

Catelina não falou nada. Ela viu os olhos selvagens e o rosto pálido de sua senhora, onde as sardas marrons pareciam agora quase pretas, e ficou muito preocupada.

— Por favor, não me olhe assim.

Ela parecia estar a ponto de chorar, pensou Catelina.

— E se alguém descobrir, minha senhora?

— Descobrir o quê? Não fizemos nada!

— Mas, *signora*...

— Escute aqui, Lina. — A *signora* olhou para a porta do quarto e correu até lá, abriu-a e espiou o corredor. Fechou-a de novo. — Venha até o estúdio.

Catelina seguiu a senhora até a pequena antessala, acessível somente através do quarto; o espaço mais privado que tinham para conversar sem medo de serem ouvidas.

A *signora* fechou bem a porta, apoiou-se nela e exclamou:

— Acho que estou enlouquecendo! Você é a única pessoa com quem posso conversar que não vai sair correndo para contar a Alfonso. — Ela fez uma pausa com os olhos bem abertos. — Ah, Deus, você não fará isso, certo?

A *signora* apertou com tanta força as mãos de Catelina que ela arquejou.

— Ah, minha senhora, é claro que não! — respondeu, magoada. — Como pode pensar uma coisa dessas? Mas o que...?

A voz da *signora* era pouco mais que um sussurro. Ela ficou imóvel enquanto falava.

— Você sabe que nosso casamento ainda não foi consumado, Lina, depois de todo esse tempo. Que tipo de admissão vergonhosa é essa? Meu marido quase não fala mais comigo, provavelmente porque olhar para mim deve lembrá-lo de seus fracassos. Às vezes, percebo um vazio tão frio em seus olhos que fico assustada.

— Mas... — Catelina não sabia o que dizer.

A *signora* continuou falando baixo e rápido, tremendo com o que poderia ser raiva ou medo:

— Eles me venderam, Lina. Minha vida se resume a isso. Minha mãe e meu pai... Eu os amei, confiei neles, pensando que queriam minha felicidade. Mas eles me trocaram por uma participação na eminência do ducado de Ferrara e agora estou presa de vez nessa vida sob pena de condenação eterna. Não sou nada! Não tenho nada! Tenho menos que você! Bem menos! Se eu a fizesse infeliz, você poderia simplesmente ir embora, mas eu? Não posso ir a lugar algum. Deus e a maldita nobreza me prenderam nesse castelo como um coelho em uma armadilha. Sou um fracasso. Não posso ser chamada de uma verdadeira duquesa, como poderia? Meu duque não vai para a cama comigo e, por não querer ou não conseguir fazê-lo, não tenho filhos, nem mesmo a perspectiva de me tornar mãe um dia... E quero tanto isso. Não posso conversar com Alfonso. Não posso dividir minha infelicidade com ele nem tentar confortá-lo na sua, porque ele nunca me deixa chegar perto.

"E você ainda vai me dizer que é errado querer passar um pouco de tempo com alguém que me faz sorrir, Lina? Alguém que parece gostar de minha companhia pelo que sou? Quem não me olha como se eu fosse um raro e caro pedaço de escultura, e então levanta o punho quando eu, de alguma maneira,

demonstro minha imperfeição? Há momentos em que penso que Alfonso preferiria que eu estivesse *morta*!"

Catelina encarava sua senhora, perplexa com aquela explosão.

— Vou ao Salão Norte agora. Não tente me impedir.

E Catelina pôde apenas observar enquanto a *signora* colocava uma mecha de cabelo atrás da orelha, beliscava as bochechas para pôr um pouco de cor nelas e saía do quarto.

Ela levou as mãos à boca.

— Ah, Deus! — disse em voz alta, através dos dedos. — O que, em nome do Senhor, ela planeja fazer?

Jacomo estava exausto. Estivera jogando a mistura de tinta com cal — o *verdaccio* — na argamassa durante horas. As cores enfim se destacavam da parede, vivas e atrevidas, claramente valendo todo o seu esforço. O coração soava alto em seus ouvidos, seus braços doíam e ele respirava ofegante como se tivesse corrido uma grande distância. Ele, contudo, agradecia a Deus o esforço que sempre fazia para colocar o *verdaccio*, pois, nos últimos três dias, pudera descontar sua frustração na parede sem que o reverendo suspeitasse de alguma coisa.

Não a tinha visto por três dias inteiros. Três *giornate* haviam ficado prontos e nenhum sinal dela. Jacomo estava pasmo com a falta que sentia dela. Isso, insistia ele em dizer a si mesmo, era loucura. Ridículo. Ela era uma duquesa, uma mulher casada e totalmente inalcançável. O que importava que fosse jovem e bonita e tivesse um sorriso que o fazia fraquejar de desejo? Ele não podia tê-la — não havia dúvida. Era um pintor, filho e neto de pescadores, enquanto ela era uma aristocrata. Casada com o duque de Ferrara, um dos homens mais poderosos da Itália; seu patrão. Um homem incapaz de sofrer qualquer tipo de humilhação sem retribuir, Jacomo tinha certeza.

Mas ele sabia que a duquesa sentia o mesmo. Sabia. Deus, até mesmo pensar naquilo parecia estúpido. Quão arrogante ele poderia ser? Só porque ela passara algumas horas no Salão Norte nas últimas semanas, mostrando interesse por sua

pintura, significava que tinha se apaixonado por ele? Jacomo estava perdendo a razão.

Ele olhou para a galeria, onde o reverendo trabalhava arduamente. Então voltou a pintar.

Lucrécia subiu a escadaria até a galeria. Seu coração estava disparado como se houvesse corrido por todo o Castello. Nem *fra* Pandolf nem Jacomo a ouviram chegar. Ambos estavam concentrados em suas tarefas: *fra* Pandolf se encontrava de pé em um andaime baixo, de madeira, Jacomo estava sobre os degraus de uma escada mais alta. Agora ela via que os pintores estavam despertando a parede com cores vívidas e brilhantes. Lucrécia sentou por algum tempo na tampa da caixa de madeira, absorta e despercebida, até que Jacomo se virou para reabastecer o balde de tinta. Lucrécia viu que seu rosto e suas roupas estavam cheios de manchas e respingos azuis e roxos, e suas mãos inteiramente cobertas de tinta.

Ele a viu e ficou paralisado, com a boca entreaberta e os olhos arregalados, sem piscar.

Fra Pandolf também se virou. Ele, entretanto, acenou com alegria e desceu do andaime para tornar a encher o próprio balde.

— *Signora!* — saudou ele. — É um prazer revê-la. Já faz alguns dias desde a última vez que... — Ele parou, franzindo o cenho para as jarras de tinta. — Jacomo, não temos mais siena?

Jacomo balançou a cabeça, com os olhos fixos em Lucrécia. Ela pôde ouvir *fra* Pandolf dar um muxoxo de irritação, estalando a língua nos dentes. Ele atravessou a galeria, limpando as mãos em seu uniforme já todo manchado.

— Então vou correr, Jacomo. Preciso ir até o irmão Alessandro e pegar mais pigmentos. Precisamos disso com urgência. Vou eu mesmo, a caminhada vai me fazer bem. Espero vê-la quando voltar, minha senhora. Não me demoro.

Murmurando alegremente uma melodia, sem suspeitar de nada, *fra* Pandolf desceu pela escada em espiral e deixou o salão.

Jacomo desceu de sua escada. A visão da duquesa havia provocado uma descarga tão intensa através de seu corpo que quase o fez cair. Ela estava pálida, fazendo com que as sardas ao redor de seu nariz parecessem mais escuras, e seus olhos, maiores que o normal. Jacomo tinha de estar certo. Ela *realmente* sentia o mesmo que ele. O que mais poderia fazer com que o fitasse daquele jeito, com os olhos cheios do eco eloquente do desejo que agora o consumia?

Ele ouviu um som suave e olhou para baixo, vendo a tinta pingando ritmadamente de seu pincel para o chão.

Precisava falar com ela. Mas o quê? O que havia para ser dito? Ele desceu a escada em espiral e deu um passo na direção da duquesa.

Ela se levantou.

— *Signora*, eu... eu... — Ele parou. O que poderia dizer? *Eu quero tanto a senhora que não consigo pensar direito, não consigo mais pintar e faz três dias que não tenho apetite?* Não. Jacomo lutou contra a vontade. Ele sabia que não havia escolha: ela tinha de ficar longe. Qualquer outra coisa seria loucura. Ele precisava falar com ela. Jacomo disse: — A *signora* deve... Ah, Deus, a *signora* deve... — Mas parou quando ela deu um passo à frente, segurou seu rosto e o beijou na boca.

Jacomo a beijou por um momento selvagem. A onda de desejo que o atingiu quase saiu de controle, mas ele sabia que, se tocasse nela, as manchas de tinta em suas roupas condenariam ambos. Manteve, então, os braços afastados do corpo da duquesa enquanto ela beijava sua boca e então beliscava levemente a mancha vermelha em sua bochecha. Carinhosamente, os lábios da duquesa se moveram sobre a pele irregular enquanto os dedos acariciavam seus cabelos e circulavam sua nuca.

Então ela o soltou e deu um passo para trás.

Mesmo em meio à turbulência, Jacomo sorriu: havia tinta roxa e azul ao redor da boca e em uma das bochechas dela, como uma criança que tivesse sido apanhada devorando frutinhas roubadas. Só que, por mais encantador que aquilo

pudesse parecer, ele sabia que seria uma sentença de morte para ambos se alguém a visse. Jacomo se ajoelhou, pegou um pano e o encharcou em um balde d'água fresca ao lado da escada. Ainda sem dizer nada, limpou as próprias mãos, então parou em frente a ela e lavou a tinta de sua boca, bochecha e mãos.

Ele era carinhoso como uma mãe, pensou Lucrécia, imóvel, enquanto Jacomo puxava a ponta da camisa para fora da calça, limpava seu rosto e suas mãos com o tecido morno de sua pele e depois afastava seus cabelos da testa.

Ela não encontrou palavras.

Não tirou os olhos dele, examinando seu rosto, *estudando-o*. Os olhos de Jacomo estavam fixos nos dela e brilhavam castanhos em sua face manchada de tinta.

Então ele disse num sussurro:

— Isso é loucura. Não devíamos estar fazendo isso.

— Eu sei.

— Você deve ir. Fique longe daqui e de mim, até que tenhamos terminado o afresco e deixado o Castello.

— Eu sei.

— Se isso fosse descoberto, provavelmente acabaríamos mortos.

— Eu sei.

— Mas... Ah, Deus, *signora*! Não tenho conseguido parar de pensar em você.

— Eu sei. — Lucrécia fez uma pausa. — Mas escute, não podemos conversar agora, não aqui, é muito público, alguém pode nos ver. Venha aos meus aposentos hoje à noite, Jacomo.

— Está louca? Como farei isso?

Lucrécia sorriu. Talvez estivesse louca. Talvez a loucura fosse o resultado de resistir a tanto desejo por tantos dias. Mas, repentinamente, o perigo que ela sabia estar correndo parecia irrelevante. Havia beijado Jacomo. Estivera ansiosa para beijá-lo havia dias. Sua boca era tão morna e acolhedora quanto havia imaginado, e todo o seu corpo agora ansiava por tocá-lo novamente. Ela se sentia

tensa de desejo como uma corda de arco e flecha e a possibilidade de ser descoberta parecia completamente sem importância.

— Há uma maneira de ir sem ser visto. — E Lucrécia explicou a ideia. Jacomo parecia cético enquanto escutava as detalhadas instruções, mas assentiu com a cabeça.

— Tem certeza de que estará destrancada? — perguntou ele.

— Não, mas já estive lá algumas vezes e nunca estava trancada.

— Eu estarei lá. Eu...

— O quê? O que foi?

— Eu talvez tenha algo para lhe dar, se conseguir a tempo. Como posso...

— Eu sei o jeito! Esteja lá, mas espere até ficar bem escuro. Traga o que quiser e lhe mostrarei o caminho.

Lucrécia sorriu, beijou as pontas dos próprios dedos e os pressionou contra os lábios de Jacomo. Ela examinou a mancha de tinta azul, então fechou a mão, colocou-a por baixo da outra e a pressionou contra a boca.

— Estarei esperando por você assim que escurecer.

16

Eduardo Rossi ficou de pé em uma bifurcação da estrada. Ele sabia que os dois caminhos à frente enfim levavam a Ferrara e tinha certeza de que Chiara havia ido à cidade.

— Para que lado, Barnabeo? — perguntou ao seu companheiro. — Se pegarmos o caminho errado a perderemos.

O outro homem, alto, careca, com a pele marcada dos estucadores, indagou:

— Você acha mesmo que ela foi a Ferrara?

— Aonde mais poderia ter ido? — questionou Eduardo. — Já estive com Matteo. Ela não está lá, tampouco na casa de Anna. Ela não conhece mais ninguém.

Barnabeo franziu o cenho e olhou as duas estradas.

— Qual caminho é mais longo?

Eduardo apontou.

— O outro então — concluiu Barnabeo.

— Mas e se ela espera que façamos essa escolha e tenha deliberadamente escolhido o caminho mais longo para nos despistar?

Barnabeo sugeriu:

— Você pega uma estrada, eu pego a outra.

Eduardo hesitou.

— Não faço ideia da hora em que ela deixou a casa. Pode ser que já tenha

chegado à cidade.

Barnabeo franziu o rosto em uma expressão de ceticismo. Falou:

— Você descobriu que ela estava desaparecida quando voltou do conserto daquela dobradiça...

Eduardo assentiu com a cabeça. Consertar a velha porta de seu vizinho tinha demorado horas, pensou, tentando justificar sua ausência — estava apodrecida e por isso precisou retirá-la e refazer quase tudo.

Já estava escuro havia algum tempo quando chegou em casa.

Não havia fogo, nenhuma comida cozinhando; o lugar estava — inesperadamente — solitário, frio e deserto. Um formigamento de medo manchado de culpa desceu por sua nuca. Ela podia estar desaparecida havia horas. Eduardo escutou sua própria voz naquela manhã, enchendo a sala com uma raiva dolorosa.

— Não olhe para mim desse jeito. Você causou isso a si mesma, Chiara! E envergonhou essa casa. Envergonhou os Rossi. Comportou-se como uma prostituta e não estou preparado para viver com as consequências. Não terei seu filho bastardo morando aqui, para sempre lembrando-me de sua insolência. Não, Chiara. Não! Não tente me convencer! Não tem chance.

Os olhos de Eduardo arderam conforme os ecos de sua implacável falta de amor enchiam sua cabeça. Com uma dor aguda, viu o rosto de Chiara raivoso e assustado, enquanto tentava argumentar com ele. Então Eduardo a imaginou naquela manhã, durante sua ausência, reunindo os poucos pertences em uma mala e saindo em direção a... Ah, Deus! Em qual direção?

— Eduardo, ande logo! Quanto mais rápido formos, maiores as chances de a alcançarmos — disse Barnabeo, batendo com a mão pesada no ombro de Eduardo. — E restam poucas horas de luz.

Eduardo fechou os olhos por um instante, então replicou:

— Você está certo. Pegue aquela estrada. Eu vou por essa. Nós nos encontramos do lado de fora da catedral. De acordo?

O sol matinal já estava claro e sombras azuladas se deitavam espessas e escuras ao longo da base da muralha que cercava a cidade de Ferrara, mais escuras abaixo das fortificações. O portão mais ao sul, o Porta Paula, estava aberto, e o tráfego usual da manhã fluía em ambas as direções. Havia mercadores entrando, alguns empurrando carrinhos de mão, outros conduzindo carroças; camponeses com grãos, vegetais ou animais para vender; alguns jovens nobres bem-vestidos deixavam a cidade em belos cavalos, em direção a um dia de falcoaria, com seus peregrinos encapuzados agarrados às mangas; um bando de crianças tagarelas corriam à frente de um pequeno grupo de mulheres.

E, em meio a tudo isso, despercebida pela multidão, uma viajante solitária se movia lentamente em direção ao coração da cidade. Cada passo custava a Chiara mais energia do que podia despender. O pacote mal-embrulhado que carregava não estava pesado, porém o fardo que carregava dentro da barriga tinha o peso do mundo. Suas roupas estavam úmidas da noite que havia passado em um quartinho, a cerca de dois quilômetros da cidade, dormindo em um colchão improvisado de feno, e suas costas doíam terrivelmente.

Ela parou e limpou a testa com as costas da mão, empurrando o suor para cima, sobre o cabelo já úmido. Ela havia chegado à cidade. Ainda estava com tanto medo de ser descoberta quanto na manhã anterior, quando deixara a casa, mas não viu nenhum rosto familiar entre as figuras anônimas indo e vindo através do grande portão, então, após um momento, continuou a andar.

Poucos passos à frente, entretanto, ela parou e prendeu o fôlego com a cabeça baixa e as mãos estendidas ao redor da curvatura da barriga, conforme uma câimbra intensa a enrijecia por um longo tempo. Sentia como se seu rosto estivesse inchando e os olhos lacrimejaram; então a câimbra passou e Chiara pôde respirar novamente. Ela sentou na grama ao lado da estrada, deixando o pacote cair ao lado e acariciou a barriga fazendo pequenos círculos. Sob seus dedos, a criança se esticava e empurrava, esfregando-se com desconforto por baixo das costelas de Chiara. Parte de algum membro indeterminado pressionou para cima, contra a palma de sua mão.

— Vá dormir — disse ela, suavemente. — Ainda temos um bom caminho pela frente.

17

– Sinto muito, foi estupidez de minha parte. Eu devia ter pedido isso antes que o senhor fosse até Alessandro. Poderia ter pegado todos os pigmentos de uma só vez. Desculpe-me, irmão. Vou agora mesmo. Não me demoro.

Jacomo conseguiu dar um breve sorriso ao pasmo *fra* Pandolf conforme pegava seu gibão do chão da galeria e o vestia. Sem se preocupar em amarrá-lo, ele desceu correndo a escada em espiral e saiu do Salão Norte. Reduzindo o ritmo para uma caminhada rápida, atravessou o castelo até a porta que levava à ponte levadiça dos fundos e a cruzou em direção à *piazza*.

A luz no exterior era de um branco claro, liso e sem sombras. Jacomo voltou a correr para longe do Castello, atravessando a grande fachada da catedral em direção ao centro da cidade. Ele virou na estreita e longa Via delle Volte, correndo em direção ao rio até que suas costelas começaram a doer e o ar a entrar cortante pela garganta. Com as mãos nos joelhos e a cabeça curvada, esperou até o coração se acalmar.

Os deques ao longo das margens do rio Pó eram tomados pelo tumulto das atividades à sua volta, onde vendedores e comerciantes itinerantes se acotovelavam entre embrulhos de tecidos, barris e pilhas de madeira; donos de barcos gritavam em dialetos desconhecidos e trabalhadores sobrecarregados entregavam suas mercadorias. O ar tinha um cheiro forte de madeira molhada, decomposição e um monte de temperos, com um suave toque de suor. Jacomo se

levantou e observou a multidão. Começou a roer a unha do polegar e os dedos daquela mão tocaram suavemente a pele grossa da mancha vermelha em sua bochecha.

Era loucura. Completa loucura. Ele tinha quase certeza de que aquilo que planejara — que estava prestes a preparar com Alessandro — ia provocar não apenas sua própria morte mas também a da duquesa. Ele não podia fazê-lo. Era impossível. Mesmo que conseguissem evitar a descoberta, aquilo só faria com que fosse ainda mais doloroso no final, quando tivesse de deixar o Castello — e ela. Aquele beijo já havia sido quase mais do que ele podia aguentar. Mal podia imaginar o que algo mais íntimo poderia fazer com ele. Jacomo começou a discutir consigo mesmo enquanto voltava a andar. Ele não precisava fazer isso, podia apenas pedir os pigmentos de que necessitava a Alessandro, sem mencionar seu... outro pedido. Então poderia voltar ao Castello e ficar longe dela. Não precisava ir ao seu quarto hoje à noite. Já haviam se arriscado o suficiente.

Mas...

O desejo ardente que tinha despertado com o beijo não seria ignorado com tanta facilidade. O rapaz havia sido partido em pedaços que não se encaixavam mais. Sentiu novamente aquela boca macia em sua bochecha, os dedos em seus cabelos, o cheiro doce, e uma onda de desejo o inundou. Jacomo ficou parado, deixando a sensação pulsar através do corpo.

Ele sabia o nome dela — Lucrécia —, mas nunca o usara. Deus, isso era loucura! Ele estava pensando em arriscar tudo — carreira, reputação, a vida de ambos — para fazer amor com uma mulher casada que, até então, havia chamado apenas de "*signora*".

Jacomo andou até o fim do cais e atravessou outra rua estreita, que deu em uma pequena praça iluminada. Ao redor, havia pequenos estabelecimentos com janelas amplas, alinhadas com jarros azuis e brancos de cerâmica, um monte de ervas e garrafas cheias de temperos coloridos. Ele fez uma pausa em frente à porta, ainda pesando os prós e os contras da questão. Então entrou.

O boticário ergueu a cabeça quando ele adentrou a loja; uma figura pequena e quase careca, salvo pelos pequenos fios de cabelo branco presos à cabeça como um ovo manchado. O coração de Jacomo se acalmou quando o ovo rachou em um grande sorriso. O boticário avançou e deu uns tapinhas em seu braço.

— O que foi, Jacomino? — perguntou Alessandro Giglio. — Esteve correndo?

— Sim. Estamos sem ultramarino.

— Mas o reverendo esteve aqui não faz nem meia hora. Por que ele não...

— Não o avisei a tempo.

Alessandro alcançou um grande jarro de cerâmica e tirou a tampa com cuidado.

— Quanto quer, rapaz?

— O quanto puder ceder. A seção que vamos trabalhar amanhã tem uma grande parte de céu e mar e o vestido de Medeia precisará de sombras ultramarinas. — Jacomo pigarreou enquanto tentava encontrar uma maneira de fazer o pedido mais delicado.

O boticário franziu o cenho para ele, segurando uma concha cheia de pó azul.

— Algo o está incomodando, rapaz. O que é?

Jacomo respirou fundo, prendeu a respiração por um momento e tomou sua decisão. Ele disse:

— Posso pedir um favor, Alessandro?

— É claro, rapaz. O que é?

E Jacomo lhe contou.

Ele se expressou com cuidado, tentando dar o mínimo de informações possível, mas, mesmo assim, Alessandro ficou claramente surpreso. Os tufos brancos de suas sobrancelhas subiram até o alto da testa, mas então ele deu um sorriso velhaco e concordou. Em seguida colocou o pigmento ultramarino em um pote e o tampou, então pôs tudo numa bolsa de couro que estava pendurada em um gancho na parede.

— Aqui está, rapaz. É uma reserva. Guarde-a até vir me ver novamente.

Catelina pôs a mão na cesta e tirou uma pequena bolsa de pano.

— Pão de mel — disse, erguendo-a e balançando-a para que o conteúdo fizesse barulho.

A sobrancelha do cavaleiro alto com o rosto redondo se levantou.

— Para mim? — perguntou ele.

— Você me falou que gostava, Giorgio — respondeu Catelina. — Eles estavam fazendo uma grande fornada essa manhã na cozinha, e... bem, pedi com jeitinho. Trouxe algumas peras também. — Ela ergueu a cesta.

Giorgio sorriu e pegou a bolsa. Abriu-a e, segurando-a na palma da mão, examinou o conteúdo. Com o dedão e o indicador, apanhou um cubo dourado coberto de açúcar.

— Tome aqui — disse ele, estendendo-lhe o doce. — Tome um pouco.

Catelina estendeu o braço, mas Giorgio ignorou o gesto e segurou o pão na frente dos lábios dela. Com os olhos fixos nos dele, Catelina permitiu que colocasse o pão diretamente em sua boca. As pontas de seus dedos tocaram os lábios dela. Giorgio tirou outros dois pedaços para si.

— Hummm! Está ótimo. Obrigado.

— Estará ocupado hoje à tarde? — perguntou Catelina com o coração batendo mais rápido. Estava sendo muito atrevida?

Giorgio moveu os olhos e estalou a língua.

— Esqueça essa tarde. Trabalhei o dia inteiro e ainda estou longe de terminar. Aquele cavalo ali precisa de cuidados: está imundo após a viagem de ontem. Depois, preciso fazer um cataplasma para a velha égua: seu jarrete ainda está inchado. Então, tenho de levar o percheron, aquele que Sua Senhoria vendeu no mês passado, para o novo dono mais tarde. Vou cavalgá-lo até lá, cerca de quinze quilômetros, acho, e levarei a égua murgese cinza comigo para montar na volta. Por que quer saber? — Ele pegou mais pão de mel do pequeno saco.

Catelina tentou não demonstrar sua decepção.

— Foi só uma ideia.

Giorgio segurou outro pedaço de pão com as sobrancelhas erguidas interrogativamente. Catelina assentiu com a cabeça e ele pôs mais uma vez o pão gentilmente em sua boca.

— Não voltarei até bem tarde, mas talvez... possamos almoçar juntos amanhã?

— Eu adoraria. — Ela sorriu para ele.

O ruído de passos apressados a assustou, fazendo com que se virasse para ver quem havia chegado. Surpresa, ela viu a *signora* com cabelos desalinhados e o rosto vermelho. Catelina presumiu que correra todo o caminho desde o castelo. O peito da *signora* subia e descia enquanto ela tomava fôlego.

— Minha senhora? — disse Catelina.

— Ah! — A *signora* parou abruptamente. — Lina! — Ela olhou para Catelina e Giorgio quase sem registrar a presença deles; parecia muito distraída.

— Minha senhora, há algo errado?

— O quê? Ah, não, nada. Eu... Eu estou apenas procurando algo. Eu... — Ela parou, então disse: — Lina, posso pegar sua cesta emprestada?

Catelina ergueu as sobrancelhas, surpresa, mas assentiu.

— É claro, minha senhora.

Ela refreou sua curiosidade e não perguntou mais nada, então pegou as três peras e as entregou a Giorgio, que observava a *signora* bastante fascinado. Ele pôs duas das peras com o restante do pão em um bolso grande de sua calça e começou a comer a terceira.

— Era isso que estava procurando, minha senhora? — perguntou Catelina, dando-lhe a cesta vazia.

— O quê? Bem... Não. Não, não era.

— E o que era? Do que a senhora precisa?

Lucrécia respondeu. Mais confusa que nunca, Catelina se virou para Giorgio, que deu um sorriso aberto, engoliu o último pedaço da pera e falou alegremente, limpando o queixo com a manga da camisa:

— Calma, minha senhora. Vou tratar disso agora mesmo. — Ele jogou a última parte da pera que sobrou, o talo, por cima do ombro enquanto andava em

direção à selaria.

Lucrécia tentara ignorar a óbvia e ardente curiosidade de Catelina desde que voltaram dos estábulos, mas a verdade estava prestes a explodir de dentro dela, desesperada para se revelar.

Elas haviam andado de volta ao castelo em silêncio. A agitação de Lucrécia agora era quase dolorosa — suas entranhas pareciam fermentar, expandir e borbulhar. A vontade de ver Jacomo estava se tornando avassaladora mais uma vez. Ela decidiu, enquanto andavam lado a lado, que teria de contar a Catelina. Sua pele parecia fina e esticada, como se a enormidade daquilo que planejava fazer estivesse inchando dentro de si. Se não contasse a *alguém*, pensou, era possível que pudesse, literalmente, *estourar* — abrindo-se como uma ameixa madura.

Mais para quebrar o silêncio que qualquer outra coisa, ela disse:

— O que estava fazendo nos estábulos, Lina? — E ficou surpresa ao ver Catelina corar e morder o lábio.

— Eu... Eu fui ver Giorgio, minha senhora. É o cavaleiro com quem eu estava falando. Havia levado um pouco de comida para ele.

Momentaneamente distraída de seus próprios pensamentos, Lucrécia falou:

— Giorgio? Quem é ele? Como o conhece?

A vermelhidão ficou mais acentuada.

— Bem... ele é um dos cavaleiros de meu senhor. Eu já o tinha visto com os cavalos algumas vezes, mas falei com ele pela primeira vez cerca de duas semanas atrás, quando fui à cidade para conseguir aquela renda que a senhora queria.

Lucrécia assentiu, lembrando-se.

— Giorgio também teve de ir à cidade naquele dia, para pegar com o armeiro uma peça de metal do arreio que precisava de conserto. Encontramo-nos por acaso na ponte levadiça e caminhamos juntos. Ele pegou a peça de metal e esperou para me levar de volta.

— E você gosta dele, não é? — perguntou Lucrécia, com um sorriso.

Catelina não precisou responder; o brilho em seus olhos denunciava a verdade com eloquência. Lucrécia teve um momento de inveja abrasadora. Como era simples estar na posição de Catelina, pensou: solteira, anônima, sem título de nobreza, livre para escolher o próprio futuro, um caminho simples e reto a sua frente, comparado à montanha de obstáculos impossíveis entre ela e Jacomo.

Seus sentimentos devem ter ficado estampados em seu rosto, pois Catelina pegou sua mão e apertou seus dedos.

— Ah, minha senhora — disse ela —, por favor, conte-me o que a está perturbando. Há algo errado, não é? Para que a senhora queria isso? — Ela levantou a cesta, que agora estava cheia de algo bem diferente de peras.

Lucrécia sabia que teria de contar a ela.

— Vamos até o terraço quando chegarmos. Contarei tudo lá.

Elas subiram pelo castelo até o pequeno belvedere, com laranjeiras plantadas em terracota e arbustos de louro, seguindo até o terraço ensolarado. Com cerca de três metros quadrados, era rodeado de paredes até a altura da cabeça, onde se encontravam vários pequenos orifícios de observação. Lucrécia cruzou o chão avermelhado e olhou através de um dos buracos em direção à rua movimentada lá embaixo.

Um momento depois, sentou-se num banco de pedra. Catelina se sentou ao lado.

Lucrécia hesitou, então começou a falar. Ao terminar, Catelina estava boquiaberta e com os olhos esbugalhados. Ela observou Lucrécia por um instante, evidentemente lutando para encontrar uma resposta, mas então segurou a mão da senhora entre as suas.

— *Pazza!* — sussurrou. — *Che pazza!* Ah, santo Deus, pensei que isso pudesse acontecer. Se for descoberta, *signora*, sabe que os dois estarão mortos.

Falou isso sem emoção, mas os pelos na nuca e nos braços de Lucrécia estavam completamente arrepiados. Ela sabia que Catelina estava certa. E sabia também que aquilo não iria impedi-la. A excitação começou a borbulhar novamente dentro dela.

— Ele estará lá depois que escurecer. Venha comigo aos meus aposentos, Lina. Vou tentar trabalhar um pouco naquela estúpida tapeçaria para passar o tempo e talvez depois você possa buscar algo para comermos.

— Você parece cansado — comentou *fra* Pandolf. — Mas já estamos quase acabando e a luz está indo embora, então vamos finalizar esse último canto e encerrar por hoje. — Ele sorriu para Jacomo. — Depois disso você pode descansar, rapaz.

Jacomo sorriu de volta. Ele olhou por cima do ombro. Através da janela, o sol estava baixo no céu, num tom forte de amarelo, como uma gema de ovo. Não faltava muito para escurecer completamente. Era um milagre, pensou ele, nesse estado de distração, ter conseguido completar aquela *giornata* sem arruiná-la: *mezzo fresco* é um meio-termo implacável e um único erro poderia significar um dia inteiro de trabalho tendo de ser raspado e refeito em uma nova camada de argamassa. Não pode haver excesso de tinta em um afresco.

Jacomo e o frade terminaram de pintar e ficaram mais um tempo limpando os pincéis e arrumando as coisas para a *giornata* do dia seguinte, então Jacomo deixou a galeria. Ele atravessou cegamente o castelo, com os pensamentos confusos, até os dois quartos que foram dados a ele e Tomaso.

Ele tirou algumas coisas de uma sacola grande perto da cama de Tomaso, esperando que o amigo não se importasse por estar pegando seus pertences. Ele os ergueu e avaliou.

— Um pouco grandes, mas vão servir — murmurou. Embrulhou os itens firmemente em um pano e amarrou com um barbante. Retirando uma folha de papel de uma pilha desarrumada sobre a mesinha embaixo da janela, escreveu uma nota curta e a pôs com cuidado dentro do pano enrolado.

Olhando pela janela, Jacomo imaginou que ainda faltavam duas horas para que estivesse escuro o suficiente para se arriscar a sair em sua aventura. Agitado a ponto de ser fisicamente incapaz de ficar parado, saiu do quarto com o embrulho nos braços e começou a andar. Atravessou sala após sala, escada após escada, até

se encontrar aos pés da Torre San Paolo. Até onde sabia, das quatro torres, essa não era usada havia anos, e, parado ali agora, sentia o cheiro mofado e deserto da longa negligência. Uma escada de madeira se erguia além da vista. Jacomo começou a subir. Ele não tinha velas e a torre quase não possuía janelas; após uma dúzia de passos, encontrava-se subindo na escuridão total com uma das mãos na parede de pedra. Eram tantos degraus que a subida parecia não ter fim.

Entretanto aquilo talvez fosse o que ele merecia por contemplar a ideia de se deitar com a esposa do duque de Ferrara.

Os degraus deram num pequeno cômodo. Jacomo, de pé, com as fortes batidas do coração fazendo a garganta pulsar após a longa subida, pôde ver, pela luz que entrava por uma única janela, que mais ou menos uns cinco degraus malfeitos levavam a uma pesada porta de madeira. Ele a abriu.

O cômodo no alto da torre era grande e arejado; tinha o piso de madeira e um grande teto cheio de vigas, através do qual uma longa escada de madeira ascendia a um espaço indistinto bem acima de sua cabeça. Uma porta aberta o levou a uma sacada. Jacomo se debruçou: bem abaixo dele se encontrava a água escura do canal. Algumas poucas estrelas pontilhavam o céu que escurecia. Jacomo as observou sem piscar, com os olhos ardendo, buscando as diferentes constelações, tentando organizar seus pensamentos.

Algum tempo depois, ele ouviu o relógio da torre soar e desceu até o quarto das vigas. Dali, correu escadaria abaixo, através da escuridão, escutando apenas seus passos contra os degraus de madeira. No final, encostou-se à parede por um momento, então foi à porta que sabia que levava às regiões subterrâneas do Castello.

O céu havia escurecido para um azul profundo, e Catelina se debruçou na janela do quarto. Ela olhou com atenção para ambas as direções e então direto para baixo. Voltando-se para o quarto, balançou a cabeça:

— Nada ainda, minha senhora.

O coração de Lucrécia agora batia tão forte que ela começava a se sentir

enjoada.

— Logo ele estará aqui — sussurrou, mais para si mesma que para Catelina. Uma moldura redonda de bordado estava em seu colo. Ela a observava com olhos vazios e mexia na pele da ponta de um dedo com sua agulha. Um prato de frutas intocado, queijo, pão e carne estavam a sua frente. Ela os encarou por um momento e, virando-se mais uma vez para Catelina, disse: — Reze uma ave-maria e tente de novo.

As duas começaram a orar juntas.

Algumas velas estavam queimando em suportes na parede quando Jacomo passou. Ele pegou uma e dobrou num corredor, estremecendo enquanto atravessava a porta que sabia levar aos calabouços. Então, com a mão livre protegendo a chama, desceu correndo por outra escada estreita até uma pequena porta de madeira e metal.

Estava trancada com um ferrolho.

Ele pôs a vela no chão, então segurou o ferrolho e tentou puxá-lo para trás. O metal guinchou seus protestos através da imobilidade sufocante, e o coração de Jacomo começou a bater tão forte que parecia balançar todo o seu corpo. Ele ficou parado, prendendo a respiração, procurando ouvir qualquer ruído de passos investigativos, mas nenhum veio, e, após algum tempo aterrorizante, tentou usar a enorme chave com hesitação. Ela girou suavemente, coberta, Jacomo descobriu sob a luz vacilante da vela, por uma graxa negra e espessa. Ele limpou a mão na calça já suja de tinta.

A água do canal cheirava a estagnação.

Três pequenos barcos batiam suavemente uns contra os outros e contra a madeira do deque. Jacomo passou por cima de dois deles, tomando cuidado para se equilibrar enquanto balançavam sob seus pés, com o embrulho de pano preso sob um de seus braços. Sentando-se no terceiro barco, pôs o embrulho próximo aos pés, desamarrou a corda que prendia o barco ao deque e segurou um dos remos, colocando-o sobre os joelhos.

A enorme e escura massa do Castello foi ficando para trás, acima dele, conforme remava, contornando a ponta. Os tijolos estavam gastos e arranhados abaixo da camada de ervas daninhas e o cheiro desagradável da água era forte em suas narinas. Já do lado de fora, no canal propriamente dito, Jacomo começou a remar com cautela pela popa do barco, mantendo-se o mais próximo possível da parede. Foi pela sombra mais escura e o som do remo era quase inaudível.

Uma pomba saiu de um buraco nos tijolos, assustando-o. Passou tão perto de sua cabeça que ele pôde sentir o bater de suas asas.

Ele fez a última curva e levantou o remo, pondo-o de volta no barco. Tinha chegado à janela que Lucrécia descrevera. Agarrou nos tijolos com as pontas dos dedos e içou o corpo para cima.

— *Ora pro nobis peccatoribus, nunc, et in hora mortis nostrae* — murmurou Lucrécia. — Agora tente de novo, Lina.

Catelina foi mais uma vez até a janela e dessa vez arquejou. Lucrécia se levantou. A moldura do bordado fez um ruído ao cair no chão.

Catelina avisou:

— Ele está aqui, *signora*! Rápido!

Lucrécia passou correndo por Catelina e se debruçou na janela. A sombra na base da muralha era larga e o reflexo do parapeito da torre acima dela se movia na água quase negra. Ela conseguiu distinguir apenas uma figura ainda mais escura que antes não estava lá.

— Jacomo?

Lucrécia mal pôde ouvir a resposta, mas não havia dúvida de que era ele.

— Encontrei as coisas que queria lhe dar. Como posso levá-las até você? — perguntou Jacomo suavemente.

— Fique aí.

Jacomo olhava para cima, em direção à janela aberta. De repente, deu um salto quando uma cesta de palha amarrada de forma precária em uma longa corda

suja desceu rapidamente em sua direção, raspando contra os tijolos ásperos da parede. Se não estivesse sentindo-se estrangulado pela ansiedade, talvez desse uma risada. Trazendo a cesta até o barco, Jacomo pôs o embrulho de pano dentro dela, então puxou algumas vezes a corda, que cheirava a cavalos, dando o sinal. A cesta subiu novamente até a janela e Lucrécia a puxou para dentro, então se debruçou.

— Obrigada — disse a duquesa.

— Tem um bilhete junto. Leia-o primeiro e me diga o que acha.

— Eu vou. Lerei agora. Não saia daí!

Jacomo a imaginou lutando para tirar o papel de onde ele o havia enfiado. Imaginou os pensamentos dela enquanto lia as palavras que escrevera: "*Vista as coisas que encontrar no embrulho. Espero que caibam. Venha até a cidade comigo, agora. Estarei esperando perto dos álamos, ao lado do portão da cidade. Traga algumas de suas roupas numa bolsa. J.*"

A cesta reapareceu, sendo baixada mais uma vez. Jacomo a pegou assim que chegou ao seu alcance e tateou o interior dela. Por um instante, pensou que estivesse vazia, mas então seus dedos tocaram uma maciez de veludo: um botão de rosa bem-dobrado. Ele o pegou, pondo-o perto do nariz, e sentiu o aroma de sua doçura. A cesta subiu para longe da vista.

Jacomo esperou. Longos segundos se arrastaram, então a janela acima dele se abriu num solavanco e a duquesa se debruçou tão longe e tão rápido que ele pensou por um momento que ela fosse cair.

— Jacomo! Ainda está aí? — Um sussurro quase inaudível.

— Sim.

— Estarei lá. Prometo. Preciso de um tempo. Espere-me onde falou.

Jacomo guardou a pequena rosa num bolso do gibão e remou de volta à doca, passando pelo arco escuro e através do túnel baixo. Ele amarrou o barco, desceu e seguiu até a porta, rezando para que não tivesse sido trancada durante sua ausência.

Ainda estava aberta.

Jacomo fechou os olhos e ficou imóvel. Soltando o ar, que só agora percebeu que estava prendendo, trancou a porta e refez seus passos pelo castelo.

A menor ponte levadiça ainda estava baixada. Ele a atravessou e caminhou por duas esquinas do Castello, até um grupo de seis álamos. Sentou-se num tufo de grama e abraçou os joelhos. Com as costas apoiadas em um dos troncos, ele observou o céu estrelado.

18

Jacomo havia amarrado o barbante apertado demais, pensou Lucrécia, enquanto seus dedos trêmulos lutavam para afrouxar os nós. Catelina estava de pé ao lado dela, com as mãos entrelaçadas, sem dizer uma palavra. Lucrécia podia sentir a respiração da dama de companhia na lateral do rosto.

A cobertura de linho finalmente caiu, revelando... uma calça suja de tinta, uma ceroula cinza e uma camisa de pano. Havia também um casaco de lã marrom e um barrete vermelho.

Os olhos de Catelina estavam arregalados de curiosidade.

— Ele quer que use isso, *signora*? — perguntou ela.

— É o que diz a carta.

Lucrécia passou os dedos pelas roupas, que estavam surradas e macias de tanto uso. Pedaços de tinta e argamassa se prendiam em cada camada; certamente era um traje de artista, pensou Lucrécia, mas parecia pequeno demais para pertencer a Jacomo, que era alto e tinha membros compridos.

Catelina disse:

— Bem, venha cá, minha senhora. É melhor se apressar. Ele está esperando.

Lucrécia arquejou.

— Ah, *cielo*! Rápido! Eu devo... — Ela parou conforme Catelina a virava, ocupando-se de laços e amarras. Então, livrando-se do rígido espartilho, Lucrécia se abaixou, pegando as duas pernas da ceroula, virando-as desse e

daquele lado, sorrindo ao se imaginar vestida com roupas tão encardidas e nada atraentes. Catelina começou a rir, cobrindo a boca com as mãos.

Lucrécia tirou a saia, arrancou a combinação e sentou-se nua no chão, empurrando as pernas para dentro da ceroula. Ela serviu direitinho, mas, quando se levantou, parecia que, em segundos, desceria até os joelhos. Franzindo o cenho e passando os dedos na parte da cintura, viu vários pequenos buracos de fita.

— Olhe, Lina! Devemos amarrar alguma coisa aqui para que não caia!

— Aqui — falou Catelina. — Há buracos aqui no gibão. Vou pegar umas fitas.

Lucrécia enfiou a camisa pela cabeça e pôs os braços nas mangas do colete.

— Braços para cima! — pediu Catelina rapidamente.

Lucrécia os ergueu e Catelina se ajoelhou na frente dela com um monte de fitas entre os dentes e uma na mão.

— Eu me sinto como um embrulho, Lina. Isso é pior que roupa feminina! — disse Lucrécia, enquanto Catelina, muda, puxava e amarrava seus novos trajes.

Enfim, com ceroula, calças e gibão, todos bem apertados, Lucrécia recuou um passo, examinando-se no espelho.

— Ah! — exclamou. — Meus cabelos. O que faço com eles?

— Deixe comigo, minha senhora. — Catelina os trançou com rapidez, então enrolou as tranças atrás da cabeça de Lucrécia, vestindo o barrete vermelho por cima, escondendo tudo a não ser alguns fios soltos.

Lucrécia olhou para os pés.

— Jacomo não me deu nenhum sapato.

— As sandálias marrons de criança vão servir — disse Catelina, indo em direção ao baú ao pé da cama.

Lucrécia pôs um dedo no calcanhar do calçado e o ajustou no pé.

— O que acha?

Um largo sorriso e um abraço foram as únicas respostas.

Catelina retirou um vestido e uma combinação do baú e os enrolou em um único embrulho, usando o barbante de Jacomo para prendê-lo. Ela o pôs na cesta

de palha.

— Bem, vamos lá, minha senhora — disse a criada. — Agora temos de tirá-la do castelo.

Lucrécia pensou que seu coração ia saltar do peito enquanto elas atravessavam o Castello até a ponte levadiça dos fundos, que, graças a Deus, ainda estava baixada. Cada ruído que ouvia parecia uma lâmina fria cravada em seu peito e os retratos ao longo das muitas paredes pareciam acusá-la a cada passo. Apesar disso, ela se sentiu estranhamente livre e diferente naquela roupa pouco familiar, mais forte, mais corajosa, nesse traje masculino. Era um disfarce eficaz, pensou.

Catelina estivera carregando a cesta. Agora ela a empurrou para os braços de Lucrécia e falou:

— Vá, *signora*. Ele a está esperando. Ah... Deus lhe guarde.

Lucrécia a abraçou, então cruzou a ponte levadiça e correu ao longo do caminho que acompanhava as muralhas escuras do castelo — apenas uma ou duas janelas acesas pontuavam a pesada massa —, até que enxergou o grupo de álamos que ficava a poucos metros do portão principal da cidade.

Ela não viu ninguém, não ouviu nada além do coaxar dos sapos enquanto dava os últimos passos em direção às árvores. Com os olhos arregalados no escuro, procurou por Jacomo, mas viu apenas sombras ainda mais escuras entre os troncos de álamo.

Então um braço se estendeu, uma mão segurou seu pulso e ele a puxou para a escuridão mais densa. Seu suspiro de surpresa foi logo abafado. Lucrécia deixou a cesta cair. Dessa vez, não havia o gosto amargo de tinta — a boca de Jacomo era quente e doce. Suas mãos estavam limpas e por isso não precisou mantê-las afastadas. Puxou-a para perto, um braço em suas costas, segurando o ombro, e a outra mão agarrando seu traseiro. Lucrécia se agarrou a ele com toda a força, passando as mãos sobre cada centímetro que podia alcançar de seu corpo, sem conseguir reprimir mais os suaves sons do desejo. Sua boca na dele, era como se seu gosto e cheiro estivessem sendo varridos para o interior dela, expandindo-se dentro dela.

Finalmente, Jacomo pôs as mãos no rosto de Lucrécia e o afastou.

— Então, vai vir comigo até a cidade? — perguntou, acariciando suas faces.

Lucrécia assentiu.

— Dê-me seu vestido — prosseguiu ele. — Podemos deixá-lo aqui. Estará seguro e o pegaremos na volta para que você possa se trocar.

Ela assentiu mais uma vez, sem conseguir dizer nada, desorientada pelo beijo, e lhe deu a cesta, que ele pôs em um espaço escuro ao lado dos álamos.

Lucrécia não sabia aonde Jacomo a estava levando — apesar de estar morando em Ferrara há um ano e meio, agora percebia quão pouco conhecia da cidade além das muralhas do castelo. Tentou alcançar a mão de Jacomo. Ele segurou seus dedos, mas logo os soltou.

— Guarde-as no bolso. Não podemos andar de mãos dadas na cidade — falou, sorrindo para ela —, não com você vestida dessa maneira. Dois rapazes de mãos dadas? Seríamos presos assim que nos vissem!

Lucrécia queria tanto segurar a mão dele que ficava tonta. Ela se contorceu, procurando os bolsos das calças estranhas; encontrou-os e pôs as mãos no fundo do pano empoeirado, fechando-as em punhos trêmulos.

Um labirinto de ruas estreitas e sinuosas os levava para longe do Castello; casas de cores vívidas e estabelecimentos tropeçavam uns nos outros como uma multidão empolgada de camponeses. Listras e outros padrões rastejavam nas paredes e ao redor das portas; flores e frutas pintadas se entrelaçavam sobre as janelas. Lucrécia viu, pela luz reluzente de uma tocha sobre a porta de uma alegre loja de roupas de segunda mão, que ali, ao menos, as cores de Este — vermelho, verde e branco — proclamavam sua aliança. E havia gente por todos os lados: pessoas ocupadas, trabalhando.

— Elas não dormem? — perguntou Lucrécia.

— Não tão perto do rio, aqui só vão dormir daqui a várias horas — respondeu Jacomo.

O rio. O Pó. Ela sentiu seu cheiro bem antes de chegarem ao cais; uma

mistura flutuante de madeira molhada, peixes e temperos. Eles atravessaram uma larga praça onde se amontoavam barracas de mercadores e artesãos sob as arcadas. Algumas, Lucrécia viu, estavam apagadas, fechadas para a noite, mas outras ainda se ocupavam de seu negócio. Galinhas cacarejavam mal-humoradas em gaiolas apertadas, um arco-íris de sedas e damascos cintilava sob a luz trêmula, enquanto ali perto a fornalha de um ferreiro brilhava num vívido vermelho-dourado e fagulhas choviam conforme o martelo era levado ao metal em um ressoar agudo.

Havia gritos, choros e risos por todos os lados. Lucrécia se assustou com o berro de uma mulher — uma mulher em roupas estranhas, que não combinavam —, mas ele expressava alegria. Sua face pintada era tomada de uma sensualidade desdentada; ela sorria para o rosto risonho de um homem elegante que, considerou Lucrécia, provavelmente deveria pensar melhor no que iria fazer. Então a mulher desapareceu de vista, assim que um bando de rapazes barulhentos passou diante dela. Os olhos de Lucrécia se arregalaram quando a lâmina de um facão refletiu a luz da tocha, piscando por um instante.

— Por aqui — indicou Jacomo, apontando para outra rua.

Com o rio no campo de visão agora, pararam no exterior de uma loja, cuja ampla janela estava alinhada com jarros azuis e brancos, rotulados com nomes exóticos que faziam Lucrécia pensar em navios que partiam para aventuras em mares distantes: anis e cardamomo, canela e açafrão. Jacomo parou na frente dela e pegou suas mãos. Olhou para Lucrécia por um longo tempo e falou:

— Chegamos. Tem certeza de que quer fazer isso?

Lucrécia assentiu. Ela se sentia como se estivesse derretendo. Eles se entreolharam em silêncio, alheios a tudo ao redor, onde a agitação e a loucura da vida noturna à margem do rio continuava sem se dar conta dos dois estranhos, anônimos, à beira de algo desmedido.

Jacomo pôs a mão numa bolsa de couro e tirou uma chave de ferro. Ele abriu a porta estreita do estabelecimento escuro e os dois entraram. Fechou e trancou a porta atrás deles e o barulho do lado de fora diminuiu.

Estava escuro demais para Lucrécia ver qualquer coisa. Antes que tivesse tempo de obter uma breve impressão das prateleiras com jarras alinhadas, dos ramos de ervas pendurados e do piso polido, Jacomo já havia pegado novamente sua mão e a levava em direção a uma escada estreita, que subia desajeitadamente para fora da loja: parecia mais uma escada de mão, pensou Lucrécia. Ele ficou para trás, deixando-a subir primeiro.

— É bem mais fácil fazer isso de calça que de saia — comentou ela, olhando para Jacomo por cima do ombro.

— E é um prazer olhar.

Lucrécia sentiu mais uma vez aquele fio quente e escorregadio descendo pela garganta, até se alojar fundo em sua barriga.

Ela subiu para o cômodo do andar de cima. Claramente era algum tipo de depósito: barris, cestas e caixas estavam enfileirados e empilhados, e muitos ramos de ervas secas pendiam das vigas do teto. Três sacos enormes se encostavam ao longo de uma das paredes, levemente arqueados, como um trio de velhos gordos, e diversas estantes tinham potes e garrafas de vidro alinhados, indistintos na luz fraca da janela aberta.

— Alessandro me emprestou o quarto — explicou Jacomo. Lucrécia ficou ansiosa de súbito, mas ele sorriu e pousou as mãos em seu rosto. — Eu não disse quem ia trazer aqui.

Lucrécia moveu um pouco o rosto nas mãos dele. Jacomo a beijou.

— Ele me falou na semana passada que, de vez em quando, passa a noite aqui, quando trabalha até tarde — murmurou o rapaz —, mas me disse que tem uma casa em outro lugar, onde vive quando não está trabalhando.

Jacomo a guiou entre barris e caixas até uma cama baixa que ficava na parede mais distante. Um lençol de pano cobria o colchão de palha; em uma ponta havia vários travesseiros empilhados, na outra, alguns cobertores maldobrados.

Ele se virou para encará-la.

— Tem certeza de que quer fazer isso? — repetiu ele.

— Ah, Jacomo! — exclamou Lucrécia. — Acho que morro se não o fizer.

Ele sorriu para ela, a boca entre os parênteses de suas covinhas novamente, e a sensação de que algo se derretia dentro de Lucrécia se intensificou.

— Bem, então vamos tirá-la dessas roupas velhas — sussurrou ele. Enquanto despia o gibão marrom, Lucrécia mantinha o olhar fixo nele. Ela esticou as mãos por entre os braços de Jacomo e seus dedos começaram a explorar as amarras de seu colete de pele de veado, trabalhando com o tato; ela estava relutante em tirar os olhos do rosto dele.

Descobriu que as roupas de Jacomo eram mais fáceis de desamarrar que as dela; tirou o colete e a camisa com facilidade. Mas Catelina havia, durante sua agitação, amarrado todos os laços bem-apertados e Jacomo levou um tempo para liberar todos os nós do traje emprestado em uma Lucrécia visivelmente trêmula. Enfim ela estava livre deles, e logo ambos se encaravam sob a luz de tochas, completamente nus.

Lucrécia foi puxar uma mecha de cabelo para trás da orelha e se deu conta de que ainda estava com o barrete vermelho. Ela ergueu as mãos para a cabeça, porém Jacomo riu e segurou seus pulsos.

— Não. Fique com ele — pediu. — Está lindo. *Piccolo ragazzo*.

Ainda segurando os pulsos dela, Jacomo esticou os braços para o lado e para baixo, mantendo os de Lucrécia afastados do corpo; ele agachou até sua boca estar na altura dos seios dela. Lucrécia fechou os olhos e sua respiração ficou rápida e trêmula enquanto ele os beijava.

Então Jacomo se levantou, suas mãos agora entrelaçadas.

— Está pronta?

Lucrécia olhou para o corpo moreno e longilíneo, e então para o rosto dele. Seus membros tremiam e se contraíam de tanto desejo. Com os olhos fixos nos de Jacomo, usando nada além de um gorro de lã, ela assentiu e caminhou para trás, em direção à pilha de travesseiros na cama desarrumada. Ele a seguiu, parando apenas para afastar umas cestas que bloqueavam a janela; um feixe de luz desceu sobre a cama.

— Quero poder vê-la. Inteira. Passei semanas a imaginando e desenhando o

que imaginei, mas agora quero ver o máximo que puder da realidade.

— Você me imaginou com um gorro desses alguma vez?

Jacomo riu.

— Era mais relevante imaginá-la *sem* do que *com*. — Ele a beijou novamente.

Por um tempo eles não se falaram, não havia necessidade de palavras enquanto estudavam e buscavam os corpos um do outro — conforme exploravam e descobriam cada dobra e fenda com dedos ávidos e bocas famintas. Lucrécia se viu repleta de uma energia sem precedentes; ela percebeu que as atenções de Alfonso sempre a paralisaram — deixavam-na cada vez mais como um fantoche passivo —, mas agora o toque das mãos de Jacomo a estava libertando, criando nela uma vibração que não sabia possuir.

Após algum tempo, Jacomo estendeu seu corpo sobre o dela; ele beijou sua boca com gentileza, apoiando o peso nos cotovelos. Então, empurrando as pernas dela com as suas, deslizou para cima de Lucrécia. Ela o enlaçou com as pernas, enredando os dedos em seus cabelos e forçando os seios contra seu peito. Ela segurou o fôlego, sentindo uma súbita onda de gratidão inesperada por todos os meses de humilhação que tivera de aguentar, porque significava que agora, mesmo após dois longos e difíceis anos de casamento, seria Jacomo quem tiraria sua virgindade. Um presente, pensou, que lhe seria dado de bom grado.

Jacomo perguntou:

— Pronta?

Lucrécia assentiu com a cabeça.

Ele esperou um breve instante. Houve um golpe de dor quente, que a fez se contorcer, e então uma doçura derretida. Lucrécia estava cercada, repleta, consumida por Jacomo. Ele saciava todos os seus sentidos.

Jacomo viu Lucrécia se retrair e ouviu um pequeno arquejo. Ele parou.

— Eu machuquei você?

— Por favor, não pare.

Ela apertou as pernas com mais força ao redor da cintura dele e o encarou.

Jacomo a beijou mais uma vez.

— Eu quero isso. Quero fazer isso — declarou ela indistintamente durante o beijo. — Quero você dentro de mim.

As palavras dela causaram um tremor de desejo nele. Deslizando um braço até as costas de Lucrécia, levou a outra mão até um de seus seios: ela se contorceu de prazer.

Era como, pensou Jacomo, se estivessem lhe oferecendo um banquete para saciar a fome ou água para acabar com uma sede terrível. Nunca se fartaria dela. O anseio por Lucrécia, que havia crescido e enchido por dias, estava agora em sua totalidade; nada nunca o tinha invadido daquela maneira — nada —, nem mesmo os momentos mais explosivos e selvagens de suas inspirações criativas. Estava se afogando nela, ela era tudo que podia ver e ouvir, o gosto e o cheiro dela eram inebriantes e a pele sob seus dedos o hipnotizava.

— Deixe eu me virar! — pediu Lucrécia, e ele sorriu para ela. Rolaram juntos, com os corpos ainda unidos, até que ele estava deitado, com ela sentada em cima. Lucrécia inclinou a cabeça e correu a língua pelos mamilos dele. Jacomo fechou os olhos e os cantos de sua boca se torceram em um abandono sibarita.

Eles brincaram um com o outro pelo que pareceram horas, sem fôlego de tanta alegria, combinando seus corpos de todas as maneiras que podiam inventar: esparramados no meio da cama amarrotada; de pé contra a parede do depósito de Alessandro; às vezes eles se entreolhavam, em outras, Jacomo sentia seu hálito morno na nuca de Lucrécia enquanto pressionava suas costas — até que ambos deitaram em exausta plenitude sob os finos lençóis de lã, felizes como se estivessem suntuosamente envoltos em luxo imperial.

Deitaram lado a lado. Jacomo suspirou longamente e se esticou. Sentiu algo sob seus joelhos, esticou os braços e descobriu o gorro vermelho amassado. Sorrindo, colocou-o sobre o peito de Lucrécia. Os olhos dela estavam fechados. Lucrécia usou os dedos para tatear o objeto e, sentindo a textura áspera da lã, abriu os olhos e ergueu o barrete. Ela não disse nada, apenas o segurou e deitou a cabeça no peito dele. Para seu assombro, Jacomo sentiu a umidade quente de

lágrimas.

Ele se sentou.

— O que aconteceu? Qual é o problema, *cara*?

Ela se enroscou nele. Um pequeno choro se fez audível.

Jacomo pôs os braços ao redor dela.

— Oh, *cara*. O que há de errado? Por que está chorando?

Lucrécia enxugou os olhos.

— Nada, não é nada. É só que... só... Ah, Jacomo! Nunca fui tão feliz! Nunca! E isso me mostrou como as coisas têm sido horríveis, há tanto tempo, e... não posso suportar voltar para tudo aquilo e...

— Ah, *cara*.

Ele a abraçou. Lucrécia virou o rosto e se beijaram, enquanto Jacomo enxugava as lágrimas dela com o polegar. O beijo foi salgado, lento e macio. *Nunca fui tão feliz.* Ele acariciou os cabelos dela, a boca encostada em sua pele macia e doce; então, ele se levantou sobre os cotovelos e se inclinou sobre Lucrécia. Correndo a mão em seu seio, sentiu o beijo os acender mais uma vez, chamas lambendo brasas suavemente assopradas. Mais uma vez se entrelaçaram, famintos. Mais uma vez se alimentaram um do outro até estarem saciados. Mais uma vez se deitaram abraçados.

Jacomo puxou um dos cobertores por cima de ambos e fechou os olhos.

Lucrécia acordou em um emaranhado letárgico de membros quentes e cabelos desalinhados. Alfonso nunca a abraçara daquele jeito, pensou. Essa era a primeira vez na vida que deitava tão relaxada e contente nos braços de um amante. Aconchegada nos braços de Jacomo, com a cabeça deitada em seu peito, ela escutava o som suave da respiração dele.

Jacomo se mexeu e tirou com doçura os cabelos dela de seu rosto, arrumando-os atrás da orelha.

— Está se sentindo bem agora?

Lucrécia assentiu.

— Posso desenhá-la? — perguntou, ainda deitado.

— Agora?

Ele fez um ruído de concordância no peito, onde Lucrécia mantinha o ouvido encostado.

— Se quiser — respondeu ela.

Jacomo brincou com os cabelos dela, enroscando cachos entre os dedos. Lucrécia pegou a mão dele, tirou-a de seus cabelos e começou a examiná-la. Era forte e quadrada, tinha dedos ásperos, impregnados com machas coloridas de tinta. Uma mão talentosa em muitos sentidos além da pintura, pensou ela, e sentiu outra onda quente de desejo na barriga. Ela fez um círculo com a língua na palma da mão dele e lentamente chupou cada dedo. Jacomo tinha gosto de tinta, madeira e salmoura, pensou, enquanto ele gemia levemente de prazer e a puxava para mais perto.

Lucrécia largou a mão dele e ele a pôs em seu rosto.

— Deixei minha bolsa lá embaixo, com papel e carvão — avisou o rapaz. — Vou pegá-la e ver se acho algumas velas. — Beijou-a e puxou o braço que estava sob ela; então Lucrécia suspirou com suavidade enquanto ele passava a língua ao redor de seus mamilos. — Não se mexa. Não demoro.

Lucrécia o observou caminhar até a escada, suas nádegas redondas e firmes como um par de damascos. Ele desceu até a loja e, pouco tempo depois, um brilho amarelo precedeu seu retorno. Ele subia devagar, carregando duas velas acesas em um castiçal coberto de cera. Pendurada em um dos ombros, batendo contra suas pernas nuas, estava uma surrada bolsa de couro. As chamas das velas mergulhavam e tremulavam enquanto ele caminhava, emitindo frenéticas e dançantes sombras nas paredes do depósito.

— Vai conseguir desenhar com essa luz?

— Não é ideal, mas acho que consigo.

Jacomo pôs o castiçal numa mesa, abriu a bolsa e tirou um rolo de papel e um pequeno tubo tapado com um pedaço de pano. Destampando o tubo, balançou-o, deixando cair um punhado de finos palitos de carvão. Ele fez um gesto

pedindo que Lucrécia se sentasse mais perto dos pés da cama e se ajoelhou próximo a ela no colchão. Ela sorriu enquanto ele colocava seus membros na posição desejada, mas logo parou. Lucrécia se sobressaltou ao vê-lo subitamente sério e preocupado. Jacomo estendeu a mão e passou os dedos gentilmente sobre a parte interna de sua coxa. Ela olhou para baixo para ver o que ele estava fazendo e viu uma longa mancha vermelha.

— Está na época de sangrar, Lucrécia?

Ela balançou a cabeça e passou os dedos ao longo da mancha. Estava seca.

— Talvez eu tenha sangrado porque... porque foi minha primeira vez.

Ele a encarou.

— Não compreendo.

Lucrécia não respondeu.

— Você está casada há quase dois anos.

— Alfonso... — Lucrécia fez uma pausa, respirou fundo e expirou. — Alfonso tem... dificuldades. Nosso casamento... ainda não foi consumado. Mas — falou, vigorosamente — não quero nem pensar nele, Jacomo. Esqueça-o, apenas esqueça. Por favor, faça seu desenho.

— Mas, Lucrécia — retrucou Jacomo, ansioso —, se você conceber um filho agora, após essa noite...

Lucrécia não soube o que dizer — ela ainda não havia pensado nisso. Mas o medo que deveria ter sido inspirado nela foi sobrepujado por uma quente rajada de deleite com a possibilidade.

— Não pense nisso agora. Apenas faça seu desenho. — Ela tentou reassumir a pose que Jacomo estava montando.

A ruga entre as sobrancelhas do rapaz desapareceu conforme voltou a arrumar, satisfeito, os braços e as pernas dela. A postura que queria na pose era cansativa e a princípio, por estar mais concentrada em observar Jacomo do que no que estava fazendo, Lucrécia estava se mostrando uma péssima modelo. Três vezes Jacomo teve de se inclinar até ela e ajeitar a posição, mas finalmente pareceu satisfeito.

— Agora, não se mexa de novo! — disse firmemente.

Jacomo desenhou por cerca de uma hora, parando e movendo Lucrécia para novas posições ocasionalmente. Alguns eram rápidos esboços que ficavam prontos em segundos, enquanto outros eram desenhos mais cuidadosos, observados meticulosamente. Lucrécia foi atingida pela curiosa ideia de que o olhar de seu marido com frequência a fazia se sentir como uma obra de arte sem vida, enquanto o olhar intenso e minucioso desse pintor, conforme *criava* uma obra de arte a partir dela, fazia com que despertasse uma energia vibrante.

Finalmente, Jacomo largou o carvão. Lucrécia se alongou e bocejou, arqueou e rodou os ombros, então esfregou os pés, que estavam frios após toda aquela imobilidade. Perguntou:

— Posso ver o que fez?

Jacomo assentiu. Lucrécia se levantou, andou para trás dele e olhou sobre seu ombro. O que ela viu a fez ficar sem fôlego.

Não havia dúvida.

— Ah, Jacomo, eles são... eles são *seus* desenhos!

— Obviamente.

— Não! Não esses! O afresco! Todas aquelas pinturas, de Jasão e Medeia e o barco e... *Você* as fez, não foi? — Ela olhou outra vez para os desenhos no colo de Jacomo. O estilo não deixava dúvida; a mão era a mesma.

— Ah.

— Mas *por quê*? — perguntou Lucrécia. — Por que deixar *fra* Pandolf dizer a todos que o trabalho é *dele*?

19

Jacomo pegou mais um cobertor e cobriu os ombros nus de Lucrécia. Pondo outro sobre os seus, sentou-se no canto da cama, com o rosto mal-iluminado, dramaticamente, pelas chamas oscilantes das velas. Ele segurou a mão dela.

— Pandolf é um grande pintor. Bem, ele *era* — corrigiu-se Jacomo —, antes de sua visão começar a falhar. Ele me ensinou muita coisa.

— Mas...

— Não é tão simples quanto parece. Tentarei explicar. Eu me tornei aprendiz de Pandolf há três anos, por causa de meu pai. Acho que papai tinha grandes ambições para mim, mas não possuía dinheiro para pagar uma aprendizagem formal. Ele é apenas um pescador. Havia levado muito tempo para superar sua decepção por eu não seguir a tradição da família. Deus! Tivemos discussões terríveis sobre isso, mas no final ele cedeu. Não sei bem por quê. Talvez tenha crescido nele a ideia de que, se eu fizesse um nome como artista, traria dinheiro para a família; bem mais que ele e o resto jamais ganhariam com as redes de pesca.

Jacomo viu uma ruga surgir entre as sobrancelhas de Lucrécia.

Prosseguiu:

— Acho que ele escolheu *fra* Pandolf em parte por sua reputação mas também pelo fato de ser um frade. Pandolf abriu mão das taxas normais de

aprendizagem, talvez por algum instinto de caridade, e me aceitou, com o acordo de que eu ficaria com ele, de graça, pelo tempo que me considerasse útil. Ele me alimentaria, me vestiria, me ensinaria, me daria os materiais, mas era só. Papai estava preocupado com as histórias que havia ouvido sobre artistas e suas reputações de devassidão e boemia. — Jacomo pôs muita ênfase nas últimas palavras e sua boca se torceu num sorriso irônico. — Acho que ele pensou que os cuidados de uma ordem religiosa me manteriam sob controle, impedindo-me de adquirir maus comportamentos e hábitos.

Ele se inclinou em direção a Lucrécia e beijou sua boca.

— Essa parte não funcionou, não é?

Ela sorriu e Jacomo disse:

— O plano inicial era que eu aprendesse com Pandolf até nós dois sentirmos que eu era capaz de me responsabilizar sozinho por grandes trabalhos. Então, concordamos, eu seguiria meu rumo, começando a trabalhar como artista por minha própria conta. Pandolf sugeriu que eu contribuísse com parte de meu ganhos iniciais para o mosteiro, um tipo de caridade. Fiquei feliz com essa ideia e nos pusemos a trabalhar. Mas então tudo deu errado por causa dos olhos de Pandolf.

— O que você quer dizer? — perguntou Lucrécia. Ela segurou o cobertor mais confortavelmente sobre os ombros, pondo-o também sobre as pernas.

Jacomo fez uma pausa, escolhendo as palavras com cuidado.

— Parece que, apesar de sua aparente humildade franciscana, o reverendo possui um orgulho bem mundano dentro dele. Não acho tampouco que ele jamais tenha confessado isso. — Jacomo sentiu a mordida familiar do ressentimento tencionando-se em sua mandíbula.

— Não entendo.

— Há alguns anos, Pandolf começou a reclamar da vista. Falava que tinha começado a ver tudo enevoado.

— Que horror!

— Aquilo piorou com o passar dos meses e agora acho que ele não consegue

enxergar quase nada com detalhes a uma distância maior que o alcance de seu braço. Pintar qualquer coisa delicada é quase impossível para Pandolf.

— Então como ele ainda aceita trabalhos como esse?

Jacomo hesitou, então disse:

— Eu faço todo o trabalho.

Houve uma longa pausa.

— E ele fica com todo o reconhecimento?

— Algo assim.

— Aqueles eram seus rascunhos, não eram, no dia que vieram ao Castello há cerca de um ano?

Jacomo assentiu.

— Foi por isso que ficou bravo enquanto Alfonso dizia ao reverendo o quanto tinha gostado das imagens?

— Então você *realmente* percebeu. Achei que tivesse. Eu sabia que teria dificuldades em me estabelecer...

— Mas por quê? Seu trabalho é maravilhoso.

Jacomo ergueu os dedos até a bochecha.

— Por causa disso — disse ele, tocando a mancha vermelha. — Há muitos empregadores que não querem ter suas caras encomendas sob a responsabilidade de alguém com a impressão digital do Diabo no rosto.

— Com certeza ninguém pensa algo tão estúpido.

Jacomo deu uma pequena risada.

— Nesses *tempos iluminados* — falou secamente —, talvez você pense que é impossível. Mas, apesar de as pessoas não dizerem tais coisas diretamente a alguém, ficam óbvias pelos comentários sussurrados e olhares furtivos...

Lucrécia estendeu a mão e acariciou a mancha vermelha.

Jacomo fechou os olhos e pôs as mãos sobre as dela, pressionando-as sobre o rosto.

— Eu sabia que seria difícil, mas planejei tudo. Estava pronto para partir, ansioso para sair e provar meu valor.

— Então por que não o fez?

— Pandolf me pressionou. "Só esse trabalho, Jacomo, por favor. Ajude-me com ele, não posso recusar uma oportunidade como essa." Eu dizia a mim mesmo: muito bem, farei esse último trabalho com ele e pronto; mas então via seu terror com a ideia de sua incapacidade ser descoberta e fraquejava mais uma vez. Tem sido assim há meses. Mas esse é definitivamente o último. Falei a Pandolf, categoricamente, que não farei outro trabalho com ele.

— O que você vai fazer?

— Eu sabia exatamente o que ia fazer até ontem.

— O quê? — perguntou Lucrécia em um sussurro.

— Terminar o afresco e ir a Roma. Já tenho guardado o suficiente para viver durante um ou dois meses sem trabalho, caso precise; pensei em começar pintando retratos sem comissão e tentar vendê-los. Ver o que acontece.

— E agora? — Os olhos dela estavam escuros à luz de velas.

— E agora não tenho ideia do que fazer. — Jacomo pôs os desenhos no chão e fez um gesto em direção aos travesseiros. Lucrécia sentou mais para trás na cama. Ainda estava enrolada no cobertor, mas parecia, pensou Jacomo tomado de desejo, uma ninfa de um dos tetos de Buonarotti. Sentou-se ao lado dela no colchão, pôs o braço em seus ombros e puxou outro cobertor ao redor deles.

— Por que não posso ir com você? — questionou Lucrécia.

Jacomo parou. Ele não replicou.

— Podemos partir agora. Não voltar ao Castello, simplesmente ir daqui para Roma, como você disse.

Havia um tremor em sua voz. Jacomo observou as sombras vacilantes no teto por um momento antes de responder.

— Eu gostaria que fosse tão simples — falou, segurando uma das mãos de Lucrécia próxima de seus lábios. Beliscou os dedos com a boca, então pôs o polegar dela entre os dentes.

— Por quê? Por que não pode ser tão simples? Ninguém sabe que estamos aqui. Já teríamos desaparecido há muito tempo quando alguém suspeitasse de

alguma coisa.

Seu desejo de fazer o que ela sugeria era tão agudo que começou a doer no fundo do peito enquanto imaginava os dois de mãos dadas chegando a Roma, procurando alojamento.

Ele disse:

— Ninguém saberia hoje, isso é certo. Mas não podemos tomar essa decisão, Lucrécia. Pense no amanhã, quando descobrirem que você não está mais no Castello...

— Bem, aí já seria tarde demais.

— E então não apareço para trabalhar no afresco. Quanto tempo acha que levarão para compreender o que aconteceu?

— O que importaria se descobrissem? Já estaríamos a quilômetros daqui.

— Sim. E quanto a sua pequena dama de companhia, deixada para trás no Castello? Eu apostaria que, antes do dia terminar, ela seria acusada de conspiração e jogada num dos calabouços.

— Ah, bom Deus, você acha?

— Tenho certeza. Duvido que o duque seja o tipo de homem que aguente tamanha humilhação sem exigir alguma forma de vingança em quem quer que esteja ao alcance.

Lucrécia pareceu abalada.

— Você acha que ele simplesmente deixaria você ir? — perguntou Jacomo, baixinho.

Houve uma longa pausa. Então, Jacomo prosseguiu:

— E Pandolf. Temos de considerar Pandolf.

— O que quer dizer? Você disse que pretende deixá-lo.

— Sim, eu sei, mas não posso fazer isso no meio de um trabalho. Devo muito a ele, Lucrécia. Ele me ensinou tudo o que sei, bem mais que apenas a pintura. Aprendi latim e grego, história, poesia, filosofia... *tanta coisa.* Não posso simplesmente abandoná-lo, ele não poderia terminar o que comecei. Agora está além de sua capacidade. Teria de admitir a fraude, o que acabaria com ele, ou

tentaria terminar o afresco, arruinando-o, mas essa não é a questão. De qualquer maneira, Pandolf seria forçado a encarar o desgosto do duque e duvido que fosse fácil. Seu marido... — A palavra apertou sua garganta quando a pronunciou. — Bem... Não acho que ficaria feliz. Ele investiu alto na encomenda desse trabalho, acredito.

— Sim, investiu — admitiu Lucrécia.

— Muitas pessoas sairiam feridas se fizéssemos isso.

Lucrécia se endireitou. Ele viu que os olhos dela agora estavam arregalados e assustados. Ela disse, numa voz repleta de medo:

— Mas, Jacomo, morrerei se não puder ficar com você! Não pode partir do Castello e me deixar lá!

Ela estava tremendo. Parecia mais assustada, vulnerável e jovem que nunca. Colocando seus braços ao redor de Lucrécia, Jacomo a beijou e respondeu:

— Não vou deixá-la. Não consigo. — Ele fez uma pausa. — Mas não podemos ir agora, desse jeito.

— Então o que devemos fazer?

Jacomo considerou. Então, disse:

— Temos de voltar ao castelo antes da aurora. Isso é certo. Preciso terminar o afresco. São mais duas semanas. E então...

— E então?

— Quando o afresco estiver terminado e eu, Pandolf e Tomaso pudermos deixar o Castello, você terá de garantir que sua dama de companhia encontre um bom álibi para se ausentar. Alguma vez você deixa o castelo sem empregados?

Lucrécia balançou a cabeça.

— Não. Bem, acho que poderia dizer que vou levar Violetta, minha mula, para passear. Eu geralmente não vou muito longe com ela, mas às vezes monto sozinha.

— Então é isso.

Chuviscava enquanto Jacomo e Lucrécia andavam pelas últimas ruas desertas,

aproximando-se do Castello. Pequenas gotas de chuva se prendiam como pequenos diamantes nos fios de cabelo de Lucrécia que estavam para fora do ridículo barrete vermelho. Um cheiro de poeira úmida subia do chão de pedras.

O Castello se assomava diante deles, enorme e quadrado, conforme caminhavam pela arcada. Encontraram a cesta ainda escondida nas sombras dos álamos. Jacomo tirou o vestido e a combinação embolados, que estavam um pouco úmidos, e começou a desamarrar o barbante, enquanto Lucrécia retirava o barrete e soltava o gibão.

Ele a viu olhar em volta para se assegurar de que estavam sozinhos, então se livrou do casaco e da ceroula, tirou a camisa de baixo por cima da cabeça e o corpo de Jacomo se encheu de desejo, estendendo a mão que segurava a combinação. Lucrécia enfiou os braços pelas mangas e a deixou cair sobre sua nudez. Pôs também o vestido e Jacomo apertou os laços com firmeza. Ela balançou os cabelos, prendeu-os com uma fita e então deslizou os pés de volta aos sapatos.

Jacomo sorriu.

— Aí está você. Ninguém que a veja agora poderia relacioná-la ao pequeno garoto encardido de gorro vermelho que foi à cidade comigo ontem à noite.

Ele a beijou.

— Jacomo — disse Lucrécia, quando ele parou para tomar fôlego.

— O quê?

— Termine logo o afresco.

Ele a abraçou com força.

— Alfonso logo estará de volta — avisou ela. — Se suspeitar de alguma coisa, acho que pode nos matar.

— Quando eu era pequeno — falou Jacomo, com a face encostada no cabelo de Lucrécia —, meus amigos costumavam zombar de mim por causa da mancha em meu rosto. Era pior na época: um vermelho mais escuro, bem mais aparente. Os meninos não tinham más intenções, acho, era só brincadeira, mas eu me chateava de qualquer forma. Costumava tentar impressioná-los, queria fazer com

que esquecessem minha bochecha, então eu subia nas árvores mais difíceis, nos rochedos mais perigosos e pulava em águas profundas. Qualquer coisa para provar minha coragem a eles. Minha mãe costumava dizer que eu era seu *piccolo spericolato*, seu pequeno valente, e vivia fazendo curativos em meus cortes e costurando minhas roupas rasgadas. Quebrei a perna algumas vezes e fraturei uma costela, mas nunca me importei com o perigo. Consegui o que queria: acabei como líder de minha pequena gangue de amigos.

Ele pôs uma mão em cada lado do rosto de Lucrécia e o voltou para o seu.

— Eu não mudei. Vou fazer o que for preciso. Não vou deixá-la aqui.

Ficaram abraçados, sem conversar, por um longo tempo. Então Jacomo disse:

— Temos de ir. O dia está raiando. Vá, volte para dentro. Vou levar as roupas de volta para Tomaso.

— Essas roupas são de Tomaso? Ele não se importou?

— Ele não sabe.

Ela sorriu.

— O que ele vai pensar?

— Eu não vou contar. Nem vai perceber. Mas, caso descubra, acho que ficará com inveja. Ele me disse que acha você muito linda.

Mesmo à luz tênue, Jacomo a viu corar. Ele a abraçou.

— Vá. Vou esperar aqui até você entrar.

— Preciso vê-lo de novo mais tarde.

— Hoje não. É muito arriscado. Estarei trabalhando no afresco até o fim do dia. Seria cortejar o desastre nos encontrarmos de novo tão rápido. Vá à galeria amanhã. Não hoje.

Lucrécia pegou a cesta, que agora estava vazia, e recuou os primeiros passos, com os olhos ainda fixados nos de Jacomo. Então soprou um beijo, virou-se e correu. Ele observou até que ela dobrou a esquina e cruzou a ponte levadiça principal, então começou a caminhar na direção contrária, chutando as pedrinhas úmidas no caminho com a ponta da bota.

O casamento não estava consumado. O duque nunca se deitara com ela.

Aquele pensamento gritava em sua mente: um casamento não consumado podia ser dissolvido. Era possível. Ele sentiu os punhos se apertarem e os enfiou nos bolsos da calça.

20

Enquanto Lucrécia atravessava a ponte levadiça, vários homens que ela não reconheceu, mas que percebeu que a reconheciam, cruzavam na direção oposta, saindo do Castello.

— *Signora*. — Um deles tirou o barrete da cabeça e bateu continência. Os demais o acompanharam. Lucrécia balançou a cabeça em reconhecimento, torcendo desesperadamente para não parecer culpada. Ela levou a mão ao cabelo; o nó apressado que havia feito momentos antes já estava se soltando e vários fios longos caíam em seu rosto. Lucrécia os levou para trás da orelha. Havia expressões francamente curiosas nos rostos de todos eles, mas ela se sentiu segura de que não ousariam questionar sua duquesa.

Lucrécia torceu para que a curiosidade fosse apenas momentânea.

Sentindo-se exposta e vulnerável ao passar por eles — como se não tivesse roupas nem pele, pensou —, Lucrécia se forçou a andar com calma em direção ao Castello. Ela percebeu que tremia; talvez não fosse apenas a excitação da noite, seu vestido e a combinação estavam úmidos, e, quando chegou aos aposentos, estava gelada.

Catelina já estava de pé e vestida, ocupada em costurar a bainha de uma das camisolas de Lucrécia. Ela ergueu a cabeça quando a duquesa abriu a porta do pequeno estúdio de repente, seus olhos fazendo todas as perguntas que ela evidentemente continha.

— Bom dia, Lina — saudou Lucrécia.

A curiosidade eloquente do olhar de Catelina não vacilou. Ela guardou a agulha com cuidado no tecido da camisola e a pôs sobre o colo.

Houve um momento de silêncio.

Então Lucrécia sentiu o rosto se abrir num sorriso, um sorriso que virou uma pequena risada, perigosamente similar a um choro. Ela tapou a boca com a mão.

— Ah, *signora*! — Catelina foi até ela e a abraçou. Logo depois chegou para trás, franzindo o cenho. — Mas, minha senhora, essas roupas estão molhadas. Deixe-me ajudá-la a se livrar delas agora mesmo.

O sol já havia passado da altura do meio-dia. Franco Guarniero segurou a porta enquanto Lucrécia entrava na pequena sala de recepção atrás da capela. Ela moveu a saia pesada para o lado e se sentou numa cadeira ornamentada.

— Desculpe-me pela inconveniência, minha senhora — disse Guarniero. Seus olhos negros estavam ansiosos e ele passou os longos dedos sobre os cabelos brancos que pareciam um ninho. — Se meu senhor não estivesse ausente, eu não sonharia em incomodá-la, mas... — Ele fez uma pausa com as mãos juntas, desculpando-se. — O cavalheiro chegou inesperadamente e pediu uma pequena audiência com o *signore*. Meu senhor ainda não voltou e não tive notícias da data de seu retorno...

— Não se preocupe, Franco — respondeu Lucrécia, lutando para manter uma expressão impassível. Seus traços pareciam possuídos por uma animação bem diferente de suas intenções; ela estava lutando contra o desejo de abrir a boca em um sorriso e se perguntava se a estranha sensação ao redor de seus olhos era uma manifestação física do fato de estarem "radiantes". Após pouco mais de uma hora de sono, Lucrécia sabia que devia estar cansada, mas, diferente do cansaço pesado esperado, ela se sentia leve e inquieta. — Você sabe o que ele deseja?

— Temo que não, minha senhora. Mas o cavalheiro é um padre.

— Bem, logo saberemos o que deseja. Deixe-o entrar, Franco.

Guarniero desapareceu, voltando algum tempo depois acompanhado por um

jovem magro que usava um manto negro. Lucrécia se pôs de pé e estendeu a mão. Guarniero fez uma saudação e se retirou, fechando a porta atrás dele.

— Sinto muito pelo incômodo, *signora* — falou o jovem em uma voz calma, tomando a mão oferecida e dando um beijo nos nós dos dedos —, mas me foi pedido para falar em particular com o *signore*, e disseram enfaticamente que não devia deixar uma carta ou mensagem com algum empregado. Como meu senhor não está aqui...

— Por favor, não se preocupe, não é incômodo algum — replicou Lucrécia, torcendo para que por trás de suas palavras houvesse um semblante de compostura.

Sua mente estava em Jacomo. Ela olhou para o jovem a sua frente e começou a fazer uma lista de comparações: esse homem era ossudo onde Jacomo era esguio; tinha dedos finos, pálidos e nervosos, enquanto as mãos de Jacomo eram fortes e morenas — seus mamilos se contraíram com o pensamento; os cabelos sem cor desse rapaz não tinham energia, em pobre contraste com os nós bagunçados por onde havia passado as mãos na noite anterior. E ele era um padre! O que poderia saber do mundo jubiloso que ela havia descoberto poucas horas antes, o país extraordinário e selvagem ao qual fora levada por seu pintor?

— ... e fui mandado para cá o mais rápido possível com as notícias, *signora* — dizia o jovem padre.

Lucrécia saiu de seu devaneio num susto.

— Desculpe-me, pode explicar de novo? Quero ter certeza de que entendi a mensagem.

Ele pareceu um pouco surpreso, mas sorriu e falou:

— Como eu disse, o arcebispo Verdi conseguiu marcar a audiência requisitada pelo duque com Sua Santidade e queria a mensagem entregue ao *signore* o mais rápido possível. Caso o *signore* se apresente em Roma durante a primeira semana de setembro, talvez logo depois do banquete de são Gregório — falou o jovem —, Sua Santidade estará esperando a chegada do *signore*, e, pelo que eu saiba, está ansioso para discutir o assunto levantado pelo *signore* em seu encontro com o

arcebispo Verdi em Florença, duas semanas atrás.

Os pensamentos de Lucrécia dispararam. Assunto? Que assunto? Alfonso, como de costume, não dissera nada sobre o motivo de sua ida a Florença. Ele estava à procura de uma anulação? Era isso que estava por trás das cada vez mais frequentes idas a Ferrara? Até aquele momento, ela havia presumido que ele estivera em busca de algo... bem, algo mais físico. O coração dela bateu fora do compasso e Lucrécia respirou profundamente para se acalmar.

— Obrigada por ter vindo tão rápido com a importante mensagem, padre. E posso compreender o desejo de confidencialidade de Sua Graça.

O jovem se levantou e fez uma saudação nervosa.

— Minha senhora. Não quero tomar mais seu tempo. Obrigado pela amável atenção.

Ele parou abruptamente, com as costas ossudas ainda curvadas, quando Franco Guarniero apareceu. Franco, pensou Lucrécia por um momento, devia habitualmente escutar atrás da porta, pois sempre surgia exatamente ao ser necessário. O jovem padre ergueu o corpo, passou a mão nos cabelos finos e achatados e alisou as dobras da parte da frente de seu manto.

— *Mio padre*, se estiver pronto para partir, talvez queira me acompanhar — ofereceu Guarniero.

A figura magra vestida de preto assentiu e, após outra breve saudação a Lucrécia, seguiu o empregado.

Lucrécia começou a andar de um lado para o outro como um animal enjaulado. Alfonso buscava uma audiência com o Santo Padre. Que outra razão poderia ter senão o pedido de uma anulação? Ela ia conseguir o que tanto desejava? Seria legitimamente libertada do purgatório? Ficou parada por um momento enquanto os pensamentos tropeçavam uns nos outros, então atravessou o cômodo com alguns passos largos e começou a correr, passando pela capela em direção ao Salão Norte. Porém, com a porta do salão à vista, parou. Jacomo tinha dito para que não aparecesse lá naquele dia; não a esperava até o seguinte. Lucrécia não fazia ideia de quem estava no cômodo — se surpreendesse Jacomo

e ele não estivesse sozinho, talvez o rapaz reagisse sem querer de forma a levantar suspeitas. Ela olhou para a porta fechada por um momento, então se virou e subiu até seus aposentos, andando devagar agora, com a cabeça muito agitada.

Catelina não estava quando chegou. Lucrécia foi até a cama e se deitou, cobrindo-se com um cobertor. O cansaço a atingiu quando se virou de lado; suas pernas estavam pesadas e imóveis, seus olhos, secos. Um emaranhado de sentimentos — euforia, exaustão, curiosidade caótica e um senso vertiginoso de precariedade — passou por ela como água numa represa rompida. Lucrécia não pôde segurar nenhum deles. Começaram a escorregar, e ela deslizou para um sono sem sonhos.

— Minha senhora?

Lucrécia abriu os olhos. Fechou-os de novo.

— Minha senhora?

Catelina estava ajoelhada ao lado da cama, uma de suas mãos acariciava os cabelos de Lucrécia, afastando-os de sua testa.

— A *signora* está dormindo há horas. Comecei a ficar preocupada. Achei que talvez tivesse apanhado um resfriado por causa daquele vestido úmido. Mas não está quente, não acho que tenha febre.

Lucrécia se sentou.

— Trouxe um pouco de comida, minha senhora. Achei que ia preferir não ter de se aventurar lá embaixo depois de tudo que aconteceu.

Lucrécia pegou a mão dela e apertou.

— Ah, Catelina, abençoado o dia em que você tropeçou naquela cozinha! Pode comer isso comigo, vou lhe contar tudo o que aconteceu na noite passada. Franco nos interrompeu hoje de manhã, antes que eu pudesse contar a história. Bem... — Ela parou, lembrando-se de várias coisas que talvez *não* devesse dividir com a criada.

Catelina riu.

— Conte-me só o que quiser, *signora*.

Elas andaram até o pequeno estúdio e Lucrécia se debruçou no parapeito da janela. Ela pegou as velas que estavam prontas para ser acesas assim que a luz diminuísse e abriu o batente. O sol estava ficando vermelho.

— Venha aqui comigo, Lina.

Catelina esperou enquanto Lucrécia subia no parapeito, então lhe passou a bandeja de carne fatiada, figos secos, ricota e uvas. Lucrécia segurou a bandeja enquanto Catelina subia e se juntava a ela. Sentaram-se com os braços ao redor dos joelhos, cabeças bem próximas, olhando em direção ao sol que se punha lentamente. E, somente agora, dando-se conta do quanto estava faminta, Lucrécia comeu um pouco e começou a contar *quase* tudo a Catelina.

Era possível ouvir uma comoção abafada, vinda de algum lugar abaixo, no Castello, porém Lucrécia estava tão envolvida em sua história que não se importou. Havia vozes elevadas, ouviam-se passos para cá e para lá, cães latiam e portas batiam. A porta para o pequeno estúdio se abriu e Lucrécia olhou em volta. Talvez, por estar falando de Jacomo, esperasse se tratar dele. Com certeza estava sorrindo docemente, com as bochechas brilhando, ao se virar para ver quem havia entrado.

Mas, claro, não era Jacomo.

Jacomo nunca se vestia de preto.

Era Alfonso.

Enfim chegado de Florença.

Ele claramente não estava feliz em vê-la. Parecia, pensou Lucrécia, mais alto que nunca. Seus olhos eram enormes e negros, cintilando na pouca luz que vinha da janela. O rosto estava friamente esperançoso, mas logo se escureceu ao ver o que ela foi incapaz de evitar: o desbotar do sorriso.

21

Alfonso olhou para a esposa. Havia cor em suas bochechas e os cabelos estavam desordenados, como se tivesse acabado de acordar. Dormindo de dia? Considerou brevemente se estaria doente. Isso resolveria tudo, pensou, imaginando sua morte antecipada e seu consequente — forjado — luto. Seria mesmo forjado? Lamentaria a morte dela?

O lindo sorriso cativante erguido nos cantos da boca de Lucrécia, fazendo seus olhos brilharem, desapareceu assim que o reconheceu e as imagens em sua mente desapareceram junto, empurradas por uma onda de raiva com gosto de sangue. Ele olhou de sua esposa para a vadiazinha de Cafaggiolo ao lado dela, curvada de embaraço e ansiedade, com os olhos arregalados e atentos. Balançando a cabeça em direção à porta, ele disse à moça, em pouco mais que um sussurro:

— Saia daqui! Espere no outro quarto!

Ele observou a garota descendo do parapeito da janela de maneira desajeitada e desaparecendo no outro cômodo.

Lucrécia pulou para o estúdio e ficou com as costas pressionadas contra a parede.

— O que pensa que está fazendo? — perguntou Alfonso.

Ela tentou sorrir novamente.

— Eu estava assistindo ao pôr do sol.

— Com uma *empregada*?

— Sim. Quando você chegou? Já faz tempo? Está...

Alfonso interrompeu suas perguntas.

— Você não tem nenhum senso de dignidade? — gritou.

Ele viu o medo, sabia que nunca tinha levantado a voz para ela antes. Os olhos de Alfonso ardiam; era como se tivesse esquecido como piscar.

— A história do nome de Este não significa *nada* para você, Lucrécia, apesar de ser parte dela há quase dois anos?

Ela não replicou.

— Já perdi a conta de quantas vezes falei que confraternizar com os criados, que são pagos apenas para nos manter confortáveis é... é... *imperdoável*! — Alfonso podia ouvir o volume de sua voz aumentando. Seu rosto parecia estar inchando. — Seja o cozinheiro-chefe, os mordomos, os jardineiros ou a vadia ignorante da sua criada. — Ele andou pelo quarto, sentindo os pregos de ferro nas solas de suas botas tocando o chão, então parou, de costas para a esposa, uma das mãos segurando o encosto de uma cadeira. — Não posso tolerar um contato como o que acabei de presenciar. Ela vai embora.

— Não! — Havia pânico na voz de Lucrécia. — Não, você não pode...

Ele se virou lentamente para encará-la, silenciando-a.

— Ah, acho que verá que posso, madame — sussurrou.

A cor foi drenada do rosto de Lucrécia. Sua respiração era leve e rápida, quase ofegante. Ele observou as curvas de seus seios subirem e descerem por um momento, então ela falou, com a voz trêmula:

— Por favor, Alfonso, não faça isso. Por favor, deixe-a ficar.

Ele a ignorou.

— Na primeira vez que pus os olhos nela, vi que não sabia seu lugar. Fiquei surpreso por seus pais permitirem que trouxesse uma *menina da cozinha* tão crua e inexperiente para servir de criada pessoal. E isso apenas confirma que nem ela nem você sabem distinguir o que é ou não aceitável.

Alfonso encarou Lucrécia com os músculos da mandíbula se contraindo.

— Não apenas ela nunca foi uma dama de companhia adequada para a senhora da Casa de Este como agora parece que você vê essa vadiazinha vulgar como uma confidente mais íntima que eu. Isso não pode continuar. Ela vai embora hoje à noite.

Os olhos de Lucrécia eram grandes e escuros. Ela olhou para o marido sem falar, sufocando o choro e mordendo os lábios. Após um momento de silêncio, ele a ouviu dizer num sussurro quase inaudível:

— Por favor, Alfonso, por favor, deixe-a ficar.

— Uma substituta será encontrada. Hoje à noite, pelo menos, você não terá ninguém, exceto eu. — Ele fez uma pausa, então, lembrando-se de uma rápida conversa que tivera com Guarniero, prosseguiu: — Franco me contou que você recebeu um visitante hoje cedo. O que ele queria?

Lucrécia não respondeu.

— Quem era e o que ele queria, Lucrécia?

Alfonso viu sua boca abrindo e fechando, como se estivesse tentando falar. Finalmente ela disse, bem baixo:

— Era um padre. Não me lembro do nome. Ele trouxe uma mensagem para você de alguém chamado Verdi. Arcebispo Verdi.

A testa de Alfonso se contraiu.

— Qual... Qual era a mensagem? — As palavras mal atravessaram sua garganta subitamente apertada.

— Ele disse que... que esse tal de arcebispo Verdi conseguiu marcar a audiência que você solicitou com Sua Santidade. Ele o verá em Roma durante a primeira semana de setembro.

— O que mais ele disse?

O rosto de Alfonso estava duro e frio. Quão específico teria sido o mensageiro? Ela agora sabia de tudo? A mente dele se acelerou — Lucrécia e a vadiazinha no parapeito da janela, rindo juntas de sua incapacidade, sabendo agora que ela tinha o poder de acabar com o ducado.

Mas isso não ia acontecer.

Ele a viu abrindo a boca para completar a resposta, mas sabia que não ia suportar ouvi-la. Saiu do quarto antes que ela pudesse dizer qualquer coisa.

A vadia da cozinha estava de pé ao lado da porta do outro quarto, tremendo, com o rosto coberto de lágrimas. Por um momento, Alfonso imaginou as revelações humilhantes que Lucrécia devia ter feito a ela ainda há pouco — imaginou a si mesmo, impotente, uma imagem que devia estar na mente da moça toda vez que olhava para ele —, então, tomado por uma onda de vergonha e raiva ardente, falou:

— Pegue suas coisas e saia do Castello antes do anoitecer, caso dê valor a sua existência.

A pele dele formigou ao ver o medo nos olhos da garota, em seguida se virou, abriu a porta com violência e viu Folletto parado no corredor; tinha as orelhas caídas e o rabo entre as pernas. Sem nem mesmo falar com o cachorro, Alfonso agarrou a nuca dele e, com um grito, empurrou-o para o lado, dando um chute nele por trás. O galgo ganiu e se encolheu quando a bota de Alfonso o atingiu.

Alfonso caminhou até a escada e parou hesitante no saguão. O sangue se agitava em seus ouvidos; mal podia escutar qualquer outra coisa. O que seria melhor para acabar com esse tumulto? Talvez se fosse até os calabouços...

Não, não ia adiantar. Não hoje à noite. Ele precisava ver Francesca.

Correu até os estábulos e, ignorando as ofertas de ajuda do cavalariço, selou Farfalla sozinho. Subiu no dorso da égua com tanta rapidez que ela se assustou; suas orelhas estavam abaixadas, coladas na cabeça, e seus cascos derrapavam e escorregavam nos paralelepípedos. Alfonso puxou as rédeas com força, fez a égua virar a cabeça e a pôs num galope desordenado. Sem proferir nenhuma palavra aos homens do estábulo, ele e a égua deixaram o pátio.

Francesca Felizzi permaneceu de pé em sua porta da frente, olhando para Alfonso em sua montaria.

Ele disse:

— Venha até a *villetta* o mais rápido possível.

— Quando voltou de Florença?

— Cerca de uma hora atrás. Irei para a casa agora mesmo. Esteja lá.

Ele não esperou a resposta, virou com a égua e desapareceu num galope tenso. Francesca respirou fundo e prendeu o fôlego enquanto o via partir. Então, expirando, retornou para dentro.

Conforme ela se aproximava da pequena casa, pôs um pouco de cor nas bochechas com uns beliscões e mordeu o lábio inferior para avermelhá-lo. Mexendo com uma mão dentro do espartilho, reposicionou os seios, puxando-os para cima, então apertou os laços da frente para segurar tudo no lugar.

Ela parou por um momento na entrada da *villetta*. A expressão de Alfonso estava sombria e fechada. Francesca quase não tinha dúvida de que o encontraria de péssimo humor. Talvez, pensou, aquilo fosse ser difícil. Afinal de contas, já acontecera antes. Com um das mãos na maçaneta, ela hesitou, então abriu a porta.

Alfonso estava de pé ao lado da lareira. Havia acendido o fogo e observava taciturno as chamas com as mãos entrelaçadas às costas. A maçaneta fez um ruído quando a porta se fechou, mas ele não pareceu ter ouvido.

Francesca tirou o casaco e o pôs sobre o baú que ficava ao pé da cama. Ela ergueu as mãos até os laços do espartilho e, com os olhos fixos em Alfonso, começou a desfazer os nós.

— Você demorou — disse o duque, finalmente.

— Vim assim que pude. Não tenho um cavalo.

Alfonso fez um barulho com o nariz, nada além disso.

— Sua viagem foi bem-sucedida? — perguntou Francesca, soltando os cadarços.

Houve um longo silêncio. Então Alfonso estendeu a mão para a lareira, pegou um pequeno jarro de vidro contendo um punhado de flores do campo e o atirou contra a parede do lado oposto, onde se estilhaçou. As flores voaram em todas as direções, e gotas de água cintilaram onde caíram sobre a luz do fogo.

— Com uma criada! — gritou ele. — Com a droga de uma *criada*! Saio do Castello por algumas *semanas* e ela se *atreve*... ela... — gaguejou até ficar em silêncio, tremendo visivelmente, confuso com uma raiva que Francesca nunca vira antes. Seu rosto não tinha sangue, os olhos eram poços negros. Se alguém perguntasse, naquele momento, Francesca diria que ele havia enlouquecido e que, pela primeira vez, ela estava com medo. Decidiu que a melhor coisa a fazer era começar logo com aquilo. Foi até Alfonso e estendeu os braços em direção às amarras do colete.

Alfonso recuou um passo e se virou. Francesca se perguntou se ele tinha decidido partir — para abrir mão de seus prazeres e voltar para o que quer que estivesse acontecendo no Castello —, quando Alfonso se virou novamente, sem aviso, acertando um tapa nela com as costas da mão, com toda a força. Acertou Francesca na lateral do rosto. Ela balançou e caiu de joelhos.

Fitando-o, colocou uma das mãos na bochecha que ardia, paralisada pela surpresa. Ele podia ter levantado a mão para ela antes, várias vezes, ter dado tapas, deixando marcas em suas nádegas com um cinto, mas sempre fora de brincadeira, sempre em busca do prazer. Ele nunca havia batido nela por raiva antes. Na verdade, pensou Francesca, nunca o tinha visto perder o controle antes.

— Por quê? Por que *me* bater? O que eu fiz? — murmurou ela.

Por um instante, Francesca viu um vazio no rosto de Alfonso, como se ele realmente não soubesse por que a havia atingido, mas então falou:

— Sua confiança imediata no aspecto físico zomba de mim, Francesca. Sempre a prostituta, ainda acha que pode resolver todos os meus problemas apenas expondo os seios e abrindo as malditas pernas. Mas, eu digo, sua lascívia devassa não servirá mais. *Ela* — Alfonso sussurrou a palavra — tirou de mim qualquer prazer que eu já senti na carnalidade sem complicação.

A voz dele era pouco mais que um sussurro, mas os pelos na nuca de Francesca se eriçaram. Ele a pegou pelo braço, puxou-a em sua direção e agarrou o outro pulso. Suspirando, encarou os olhos dele, chocando-se com o vazio negro que enxergou lá dentro. A cintilante e prazerosa lascívia que normalmente via

tinha desaparecido.

Subitamente Francesca ficou verdadeiramente assustada.

— Largue-me, Alfonso — pediu, tentando parecer calma, puxando o pulso do aperto dele. Não houve resposta e Alfonso não a soltou. Então, com uma série de xingamentos, sua raiva desceu sobre ela. Apesar dos esforços de Francesca, ele a levou com facilidade até a grande cama e, segurando os pulsos com uma das mãos, ergueu sua saia até a cintura e arrancou os laços com a outra.

Nunca, nem mesmo em seu dia mais selvagem, Alfonso a havia subjugado dessa maneira. Cada vez que ela buscava o ar, a cada esforço que fazia para aliviar o desconforto do peso dele, Alfonso batia nela. E batia para machucar. Sua respiração virou um choro desconexo; Francesca lutou por mais um tempo, mas no fim parou e esperou entorpecida até que tudo terminasse.

Não fazia ideia do quanto aquilo tinha durado. Um minuto, uma hora — ela não sabia. Mas, finalmente, quando um gemido gutural escapou dele, Alfonso foi tomado por um momento pelo que, para Francesca, pareceu uma convulsão. O peso dele sobre ela se tornou insuportável — não conseguia respirar. Lutando novamente, dessa vez por ar, empurrou os ombros do duque, arqueou as costas para cima e balançou os quadris em pânico frenético.

Então terminou.

No que pareceu apenas um movimento, ele se levantou. Libertada do peso sufocante, Francesca se virou para o lado, dobrou os joelhos sobre o peito e começou a tossir, puxando o ar de volta aos seus pulmões entre soluços e lágrimas. Alfonso parou de pé em frente ao fogo, refazendo seus laços e ajeitando as mangas amarrotadas do gibão. Pôs uma mão no bolso da calça e tirou uma pequena bolsa, dizendo:

— Esteja aqui amanhã ao meio-dia, Francesca. Vou querer vê-la.

Ele deixou a bolsa cair sobre o baú. Ouviu-se um tilintar.

Francesca fechou os olhos e virou o rosto para longe dele. Ela ouviu o barulho da porta batendo, o som de cascos nas pedras do lado de fora, então o silêncio.

Uma lenha desmoronou no fogo.

Ela se sentou, tocou a bochecha com a ponta dos dedos e estremeceu. Passando a língua pelos lábios, sentiu gosto de sangue. Então, zonza e desorientada, como se estivesse com febre, levantou-se da cama, caminhou até o baú e pegou a bolsinha de moedas. Segurou-a por um instante, então, com um choro uivante, sem palavras, atirou-a através do quarto. O conteúdo se espalhou pelo chão.

— Você estava chorando?

— Seu vestido está rasgado, mamãe.

Francesca mordeu os lábios para conter as lágrimas que ameaçavam voltar e encontrou um sorriso em algum lugar para tranquilizar as meninas.

— Não foi nada. Tropecei e bati com o rosto. Tem alguma marca?

Dedinhos a acariciaram com gentileza e quatro braços minúsculos fizeram círculos em todas as partes da mãe que podiam alcançar. Francesca se sentiu inimaginavelmente confortada.

Elas acenderam velas, prepararam uma fogueira e cozinharam massa e grãos. A comida, o fogo e a falação incessante de suas filhas enfim começaram a afugentar as lágrimas. Enquanto as meninas brincavam e conversavam alegremente diante do fogo, Francesca refletiu sobre o que havia acontecido. Ela sabia que sua relação com Alfonso tinha mudado de maneira irrevogável.

Ela se lembrou, um tanto triste, do dia em que se conheceram.

Estava em Ferrara havia mais ou menos seis meses, mal conseguindo se sustentar. Desde o dia em que quase vomitara na lama ao lado da catedral, sua vida tinha sido uma sequência contínua de seios doloridos, coxas ardidas e o bafo quente de homens bêbados em necessidade aparentemente constante de saciedade, invariável e exigente, até o dia em que travara uma conversa com o padeiro na Via Frizzi.

— Atarefado até a alma: é isso que estou nesses últimos dias! — diz ele irritado, enquanto Francesca espera que embrulhe dois pequenos pães.

— Por que, Alberto?

— O banquete! — Ele revira os olhos de tanta irritação.

— Qual banquete?

— Lá no Castello, depois de amanhã. — Alberto aponta para o palácio ducal com a cabeça. — Há anos não recebo um pedido tão grande e, é claro, tinha de vir na hora em que minha esposa está prestes a parir e aquele projeto de gente que deveria ser meu aprendiz quebra o pulso socando um dos garotos do moleiro. Se ele tentar isso de novo, quebro o outro.

Ele continua resmungando e Francesca olha para a fortaleza. Uma ideia se forma em sua mente.

Dois dias depois, num vestido claro que roubara despudoradamente da oficina de uma costureira, Francesca entra no grande salão do banquete no Castello Estense, tentando não rir da própria audácia.

Ela ganhou, por meio de mentiras e ofertas de favores sexuais, entrada através do alojamento dos empregados para essa cintilante e suntuosa celebração e está determinada a não desperdiçar nem um segundo dela.

Francesca fica ensimesmada a maior parte do tempo enquanto a noite transcorre. Observa e escuta mais do que tenta falar, porém, quando pressionada, procura imitar sotaques e frases de outros convidados e inventa uma família, pano de fundo, histórias e circunstâncias — que parecem, por um tempo, plausíveis o suficiente para iludir os companheiros.

Talvez, pensava agora, por estarem tão envolvidos na empolgação do evento, não prestavam muita atenção às partes individuais. Ou então ela era mais competente para mentir do que imaginava.

Francesca pensou em como era agora. Havia aprendido muito com Alfonso: percebeu que, inconscientemente, pegara seu sotaque e adotara grande parte de seu vocabulário. Talvez fosse mesmo uma boa imitadora. Já não soava mais como a prostituta de Crespino que havia sido, isso era certo. Mas, qualquer que fosse o

caso, até que o anfitrião se aproximou dela naquela noite, Francesca não havia levantado suspeitas de ninguém. Apesar de nunca ter realmente lhe perguntado, acreditava que Alfonso vira através do disfarce antes mesmo de falar com ela.

Ele está de olho nela há algum tempo. Francesca o acha atraente e interessante e se pergunta qual a possibilidade de encontrar o caminho até sua cama essa noite. Com nada mais que um movimento de sobrancelha e a sombra de um sorriso, ela reconhece os olhares que ele estava lhe lançando, mas não os responde.

Pouco tempo depois, ele morde a isca. Deixando para trás uma mulher aparentemente furiosa, vestida de forma elegante, que até então estava grudada nele o tempo inteiro, atravessa o salão até onde Francesca está.

— Signora, *perdoe-me, não me lembro de ter tido o prazer de conversar com a* signora *antes — diz o homem, assim que a alcança.*

Francesca responde de modo cortês:

— *Não,* signore.

— *Relembre-me, e perdoe minha memória, exatamente quem é, madame. Não estou recordando.*

— *A condessa de Crespino — responde Francesca com segurança.*

— *Ah, não é um nome que eu lembre ter visto na lista de convidados. Sem dúvida escapou de minha mente. Que terrível descuido,* signora.

Ela tem certeza de que ele está representando. Não diz nada, sorri e espera para ver o que acontece. Conversam por algum tempo e ela responde tudo da melhor maneira que pode, mas finalmente, ao que parece, o homem não aguenta mais brincar com a situação. Ele é como um pescador, pensa Francesca, com uma presa tentadora na linha, sabendo que enfim chegou o momento de puxá-la.

— *Talvez você possa me esclarecer uma coisa,* signora. *Desejo muito saber — ele baixa a voz para um sussurro em tom de conspiração — qual o seu nome verdadeiro. Posso estar enganado, e, se for o caso, terei de fazer humilhantes reparações, mas me parece, primeiramente, que a senhora não é nenhuma condessa e, em segundo lugar, que entrou em meu banquete sob falsos pretextos.*

Francesca sabe instintivamente que ele reagirá melhor à verdade. Ela diz:

— Está correto, signore.

— Então quem é você?

Uma pausa. Ela retorna ao seu sotaque normal.

— Uma meretriz da Via Pozzo.

Não há nem a centelha de um sorriso. O rosto dele se mantém impassível e sério. Ele pergunta:

— Então como veio parar em minha festa?

— Através de mentiras e subornos, signore *— responde Francesca com serenidade, mas seu coração está acelerado; ela se pergunta se agora está a poucos instantes de ser jogada na rua ou em um dos calabouços do palácio.*

— Com certeza — diz ele. — E por quê?

— Curiosidade e um senso de aventura, signore.

O restante dos convidados tagarela, fofoca e ri alegremente para todos os lados, mas algo parece estar separando o duque e ela da agitação do banquete.

Ele se aproxima de Francesca e sussurra:

— Então, meretriz, quanto você normalmente cobra por uma noite em sua companhia?

Ela dobra a taxa usual.

— Tenho uma casa, uma pequena villetta, *logo depois das muralhas da cidade — prossegue ele, e descreve como encontrá-la. — Estarei lá uma hora após o fim do banquete. Não planeje nenhum outro trabalho durante a semana.*

A semana se torna um mês, então o mês se estica indefinidamente.

Primeiro, a brutalidade selvagem e extravagante desse homem pega Francesca de surpresa. Apesar de sua experiência como prostituta, nunca estivera com alguém que exigisse tanto assim dela, mas então batalha com vigor, e de forma inesperada se dá conta de que ambos aproveitam um ao outro imensamente. Desde o começo ele exige sua total exclusividade e, com certeza, a princípio ela obedece.

Conforme o relacionamento deles se desenvolve e amadurece, Francesca percebe que apenas ao seu lado Alfonso pode ser ele mesmo. A pessoa cheia de dignidade que todos

pensam conhecer desaparece durante as horas que passa em sua cama. A partir do que ele sempre falou, ela acredita que ninguém mais vê a crua e exposta semente de degeneração que Alfonso não consegue suprimir por inteiro. Apesar de ser incapaz de expressar qualquer carinho ou afeto por ela, Francesca logo percebe que, por trás de seu frio desapego, há muito mais que simples desejo.

Ele precisa dela.

Sentada diante da lareira, passando os dedos sobre o olho inchado, sentindo a dor do machucado na bochecha, Francesca temia que toda a raiva que Alfonso suprimira e acorrentara durante a vida enfim tivesse se libertado. Sua nova imprevisibilidade realmente a apavorava. A relação deles, como havia sido um dia, agora estava estilhaçada de maneira irreparável.

Até então, mesmo durante os momentos mais violentos, ela nunca havia pensado em deixá-lo: tinha lhe dado duas filhas e sua contínua ajuda financeira era a melhor chance de garantir para elas um futuro seguro. Francesca sempre planejou, no momento certo, pressioná-lo a encontrar para as meninas maridos ou empregos, sempre torceu para que a rabugice natural de Alfonso retrocedesse pela perspectiva de ter seu próprio sangue, apesar de bastardo, prostituindo-se nas ruas da cidade.

Mas agora...

Ela olhou para as mãos; ainda tremiam. Fechando levemente os punhos e pressionando-os contra as pernas para parar a tremedeira, ela olhou para as meninas, que, juntas, comparavam os nós da pequena fita verde e perolada que a duquesa lhes dera.

A duquesa.

Ah, Deus amado, pensou, aquela pobre garota. Francesca havia ficado comovida pela gentileza dela com as gêmeas naquele dia. Ela parecia doce e vulnerável, pensou; um par improvável para a precária volatilidade de Alfonso. Francesca tocou o corte na bochecha e um arrepio gelado de medo percorreu suas entranhas, imaginando o retorno do duque ao Castello.

22

Alfonso parou no corredor iluminado pela luz de velas para admirar a estátua de bronze de Hefesto. De todos os objetos que acompanharam Lucrécia de Mugello, esse, pensou, era o que lhe dava mais satisfação. Passou a mão sobre o antebraço musculoso; a pátina escura era suave e brilhante. As luzes vindas dos candelabros atingiam-na no pulso, nos dedos e no cotovelo, conforme a mão do grande ferreiro coxo segurava o martelo. Os tendões estavam estendidos, e o olhar, focado no escudo — o escudo de Aquiles — que sua mão esquerda segurava firmemente sobre a bigorna. O rosto barbado estava contorcido pelo esforço de erguer o martelo sobre a cabeça, para cima e para baixo. Desferia o golpe descendente. A estátua, pensou Alfonso, dava uma tremenda sensação de movimento.

Sua própria mão parecia muito pequena ao lado do enorme braço de bronze. Ele podia enxergar um pequeno corte escuro no punho, onde atingira o brinco de Francesca. Pondo a mão na boca, o sangue tinha um gosto levemente metálico. Pensou brevemente em Francesca: sabia que com frequência tomava muitas liberdades com o corpo dela. Hoje talvez tenha sido um tanto demais, considerou, apesar de as preferências de Francesca envolverem alguma violência. Contudo, as nuvens vermelhas que obscureceram a razão no quarto de Lucrécia precisavam ser expurgadas de alguma maneira — e Francesca sempre ficava feliz em ajudá-lo a banir seus demônios.

Lucrécia era impertinente, pensou Alfonso, não pensava no que fazia, indiscriminada, promíscua, sem respeito por ele ou pelo ducado. A ideia de sua iminente destruição parecia diverti-la.

Ele trouxera de Mugello uma menina impressionável, cuja vivacidade e beleza imediatamente o atraíram. E, para sua decepção, ainda atraíam. Os lampejos tentadores de vitalidade e paixão que havia enxergado nela pareciam, à primeira vista, serem oferecidos exclusivamente para ele, mas agora, pensou, tinha sido enganado. Indiscriminada. Ela era indiscriminada e continuamente o desonrava agindo como uma prostituta, olhando e sorrindo para todos, sem consideração pela posição que ocupava, não se importando com o fato de que as vergonhosas falhas em seu leito conjugal levariam inevitavelmente ao fim de uma linhagem de novecentos anos. Alfonso pressionou a mão sobre a testa enquanto palavras humilhantes abriam caminho em sua mente, ridicularizando-o. *Eunuco; ela se casou com um eunuco; não se pode gerar um herdeiro com um homem castrado; acho que devia ficar a par da gravidade da situação; nenhum filho legítimo; o fim do poder dos Este...* Lucrécia era pouco mais que uma putinha, ela espalhava carinho e afeto como um donativo libertino para, ao que parecia, todos que passavam, indiferente ao título ou à posição. Exceto para ele — o atual elo de uma linhagem de novecentos anos. Se Lucrécia continuasse agindo assim, seria o último.

Alfonso ficou de pé na base da escadaria. Dissera a Lucrécia que voltaria e pretendia manter a palavra. O vigor liberado dentro dele após o encontro com sua prostituta ainda se agitava em seu sangue, fazendo-o acreditar que enfim, naquela noite, seria capaz de escapar das humilhações costumeiras. Ele acabaria com tudo naquela noite — iriam consumar o casamento, conceber um herdeiro e assim forçar sua esposa a se conformar. Uma vez grávida, não teria escolha.

Ele foi até o quarto de Lucrécia, com o grande galgo negro logo atrás, e abriu a porta. Estava escuro. A luz da vela tremeluziu quando se virou para fechar a porta, deixando Folletto no corredor.

Lucrécia não passava de uma figura encolhida sob os lençóis. Ela não deu

nenhum sinal de ter ouvido sua entrada.

Ele girou a chave na fechadura.

Desabotoando e tirando o gibão, Alfonso andou até a mesa de ébano que ficava ao lado da cama e pegou a caixa de madeira entalhada. Abrindo-a, tirou um colar de granadas; deixou as pedras frias deslizarem por seus dedos com um ruído suave.

Enquanto tocava a joia, Alfonso pensou em sua mãe, a dona original do colar, lembrando-se de quando era pequeno; da excitação que costumava sentir quando ela o deixava abrir aquela caixa para tirar o Cordão Vermelho.

Ele não compreende o porquê, mas há algo discretamente visceral em relação à vermelhidão sinuosa das pedras, algo ilícito que se contorce em sua barriga, seca sua boca e acelera seu pulso. Às vezes, quando seu pai está longe de casa — as melhores oportunidades — e ele não tem medo de entrar no quarto da mãe, ela o deixa subir em seu colo (algo proibido em outros momentos), para enrolar o colar de granadas em seu pescoço.

— Deixe-me bem bonita, chéri.

Seus dedos são pequenos demais para lidar com o fecho, então ele se ajoelha contra o peito adornado de gemas, com o rosto bem próximo ao dela, sentindo seu suave e apimentado odor, e ela própria prende o Cordão Vermelho. O menino segura seus pulsos, sentindo-os torcer sob os dedos conforme se movem para trás da cabeça. Ela canta suavemente em seu francês nativo; são canções que ele não entende, mas cuja estranheza é capaz de hipnotizá-lo.

Mas aquilo, é claro, pensou com uma pontada de dor da lembrança, havia sido antes de sua mãe ser expulsa da corte por seu pai, por causa de uma contravenção que só conseguiu entender ao chegar à idade adulta. Ela levara o colar quando foi embora. Passaram-se anos até que Alfonso visse as pedras preciosas de novo (assim como sua mãe). Na ocasião, ele já compreendia o quão maior seria o encanto do Cordão Vermelho sobre uma pele nua.

Lucrécia se sentou enquanto Alfonso mexia na joia. Ela se apoiou em um braço e tirou os cabelos do rosto com a outra mão.

— Vá embora.

Alfonso escutou uma raiva áspera em sua voz; a esposa nunca havia falado com ele daquela maneira. Ficou abalado.

— Quero ficar sozinha — continuou ela. Seus olhos piscaram com uma fúria que ele nunca vira e suas bochechas ficaram coradas. — Quero ficar sozinha — repetiu, com a voz trêmula. — Guarde a joia, Alfonso, e me deixe sozinha. Não quero...

Ele derrubou a joia. As pedras preciosas chacoalharam quando tombaram no chão de madeira.

Lucrécia lutou com mais força do que ele poderia esperar de uma criatura tão pequena e frágil. Logo percebeu que aquela resistência furiosa o excitava tanto quanto a simulação bem-ensaiada — e muitas vezes repetida — de Francesca. Uma antecipação do que estava por vir preencheu sua mente, pulsando nos ouvidos e empurrando como dedos por trás dos olhos.

Ele a tinha de costas. De quatro sobre ela, prendendo seus quadris com os joelhos, segurava seus pulsos e os pressionava contra os travesseiros em cada lado da cabeça, sentindo-os torcer sob os dedos, tão pequenos como os de uma criança.

E então...

— Beije-me.

Lucrécia o ouviu dizer, indistintamente, como se Alfonso falasse através do som de água corrente. Ela virou o rosto para longe e tentou livrar os pulsos. Conforme os dedos dele se apertaram e seus joelhos a prenderam com mais força, um lampejo de memória — de calor, risos e grilos barulhentos, e o cheiro forte de tomilho moído — brilhou em sua mente, desaparecendo logo em seguida.

— Beije-me, Lucrécia — repetiu, e dessa vez havia uma necessidade em seu

tom de voz. Quase um apelo.

Ela balançou a cabeça. Ele soltou uma de suas mãos e segurou seu rosto sob o queixo com dedos firmes, virando-o para si. A boca de Alfonso cobriu a dela, preencheu-a; a bochecha sobre o nariz prendeu sua respiração — por tempo demais. Pontinhos de luz piscaram em todas as direções. Lucrécia segurou e puxou o pulso do marido. A água correu mais rápida e barulhenta, ensurdecendo-a.

Ele a soltou quase tarde demais, ajoelhando-se. Ela respirou uma lufada de ar gelado que doeu na garganta e limpou a umidade da boca com a palma da mão, com o peito pesando.

Sentindo-se enjoada, ela viu Alfonso mexendo nos laços, desfazendo um nó, abrindo as calças, murmurando, ainda com os joelhos bem apertados ao redor de seus quadris.

— Não... Não, não — murmurava através de dentes cerrados, com a mão na abertura da calça. — Não. Já foi demais. Não hoje à noite... Não pode acontecer de novo. Não vou deixar. *Merda!* Você não vai me ridicularizar mais uma vez, Lucrécia. Faremos isso agora e você nunca mais terá a audácia de se sentar com as prostitutas e os criados, contando segredos e zombando de minhas imperfeições. Não haverá mais isso. Não vou perder tudo por *sua* causa! Levante!

Alfonso agarrou a mão dela, segurando-a pelo pulso, e empurrou seus dedos através da abertura da calça, pressionando-os contra um pequeno e macio monte de carne quente e viscosa, que estremeceu com o toque. Ela tentou tirar a mão dali, mas os dedos dele sobre os dela a impediram. A respiração de Alfonso era ofegante e urgente. Quando, com a outra mão, segurou seu seio, Lucrécia congelou.

Ele pôde se sentir endurecendo sob os dedos dela — mas não o suficiente. Não o suficiente. Um frio gelado de ansiedade surgiu em sua garganta. Não ia funcionar. Ela não era Francesca. Ele precisaria de sua boca.

— Aqui. Venha aqui. Vamos tentar de outra forma.

Ele se sentou na beira da cama, então pegou a mão de Lucrécia, fazendo-a ficar de pé entre seus joelhos. Com as mãos nos ombros dela, empurrou-a para baixo até que estivesse ajoelhada na frente dele.

Alfonso viu os olhos dela se arregalando. Ela balançou a cabeça mais uma vez.

— Não — retrucou ela, e seus olhos imploraram. — Isso nunca funcionou antes...

— Talvez. Mas temos a noite inteira, não temos? Vamos conseguir, Lucrécia, custe o que custar. — Alfonso segurou o queixo dela entre o dedão e o indicador, virando novamente seu rosto em direção ao dele. — Precisamos de um herdeiro. Isso precisa acontecer. Não deixarei mais você ridicularizando a mim e ao ducado.

— Mas... o que você quer dizer? Alfonso, eu não...

— Se você *não* estava distraindo sua criadinha vadia com os detalhes sórdidos do fracasso de seu leito conjugal, então talvez queira ser boazinha e me dizer sobre *o que* conversavam — disse Alfonso, segurando um dos ombros dela, enquanto, com a outra mão, terminava de desamarrar a calça.

Ele viu uma vermelhidão desbotada surgir nas bochechas de Lucrécia. Fúria, medo e um desejo terrível por ela se contorceram em seu estômago como um emaranhado de cobras.

Lucrécia tentou se livrar do marido, mas Alfonso segurou um punhado de cabelo.

— Acho que você sabe o que fazer — disse, puxando a cabeça dela em sua direção. — Já mostrei várias vezes e você já deve ter aprendido alguma coisa. Afinal de contas, é uma tarefa que até a prostituta mais vulgar consegue fazer sem pensar muito a respeito.

Os joelhos dela doíam sobre o chão de madeira, as raízes de seus cabelos queimavam conforme Alfonso intensificava o aperto e o tecido da calça dele arranhava seus braços.

— Por favor, Alfonso. Por favor, não me obrigue a fazer isso... — começou a

falar, mas suas palavras retornavam como um hálito quente em seu rosto; ele parecia não as ouvir. Ela colocou as mãos entre sua boca e o corpo de Alfonso; ele pegou uma e empurrou para fora do caminho, colocando sua própria mão no lugar. Puxando inutilmente a cabeça para trás, contra a mão dele em seu cabelo, Lucrécia sentiu os dedos de Alfonso abrindo sua boca, então estava lutando por ar e seus protestos não eram mais que ruídos mal-articulados.

— Faremos o que for preciso, Lucrécia. — Ela mal o ouviu através dos sons de pânico que não conseguia evitar. — Precisamos de um herdeiro.

Lucrécia sentiu os joelhos dele prendendo seu corpo; sabia que não podia se mexer.

Quando Alfonso vestiu o gibão e saiu do quarto enquanto a primeira luz acinzentada da manhã entrava, Folletto não estava deitado ao lado da porta, como de costume. Ficou surpreso ao ver o cachorro de pé, bloqueando a passagem, com os pelos eriçados e os olhos revirados.

— Saia do caminho! — ordenou, mas o cachorro não se moveu. Alfonso repetiu. Folletto rosnou. Alfonso lhe deu um tapa violento no focinho, furioso porque, em todos os aspectos, seus dependentes pareciam determinados a frustrá-lo aquele dia. Folletto rosnou para ele, bloqueando a passagem, mostrando os dentes, mas Alfonso permaneceu firme. — Quer sair do caminho, seu cachorro miserável? Saia da frente e me deixe passar!

O cachorro ficou onde estava sem parar de rosnar.

Uma névoa vermelha nublou a visão de Alfonso. Ele pegou um par de luvas de caça que estava dobrado em seu cinto e bateu com elas na cabeça do cachorro. O animal parou de rosnar.

Alfonso passou, ignorando deliberadamente o choro quase inaudível que vinha do quarto atrás dele. Tirando uma vela de um suporte na parede, desceu correndo pelo Castello, cruzou o estreito corredor com o teto baixo de maneira desajeitada e entrou na cela sem janelas.

Empurrando a porta pesada, encostou-se nela com a testa e as mãos

pressionadas no ferro que cheirava a sangue. A náusea pareceu rodopiar ao redor. Fechou bem os olhos e prendeu o fôlego, implorando sem palavras por quietude, mas o silêncio agora era pontilhado de choros, zombarias e a voz suave do arcebispo. Ele não conseguia encontrar a paz.

A luz matinal inundava o Salão Norte e a *giornata* do dia estava pronta para receber a tinta. Jacomo passou a mão sobre a superfície lisa e quente da argamassa e pensou na pele de Lucrécia. Ele fechou os olhos e a viu — branca, de olhos grandes, com sardas no nariz e nas bochechas, como um ovo de codorna. Vestida, ela parecia delicada, pequena e até um pouco vulnerável, mas nua, a duquesa possuía uma energia rápida e firme que o enlouquecia completamente. Todas aquelas camadas de algodão e seda escondiam a verdade de maneira bem eficaz.

Mesmo enquanto pensava nisso, os olhos de Jacomo se abriram repentinamente. Ele prendeu o fôlego e sua mente fez um movimento quase muscular: a ideia de uma mudança no modelo do afresco abriu caminho em sua consciência. A respiração acelerou e ele pulou do suporte onde estava.

— Irmão — chamou, com a voz um pouco rouca —, acabei de ter uma ideia.

O frade olhou para cima.

— O que é, garoto? Vamos lá, Jacomo, me diga. Já vi sorrisos assim em seu rosto antes. Essa parece ser das boas.

Então Jacomo explicou a ideia. Subiu de volta até o suporte e esboçou com as mãos o novo desenho; seus dedos traçavam na argamassa tudo que podia ver em sua mente, claro como se já estivesse pronto.

— E é o auge do gosto artístico atual da aristocracia, não é, irmão? — defendeu, voltando-se para o frade. — Espero que possamos enganá-lo por completo, e então ele poderá apreciar a confusão total... não, mais que isso... o desconcerto de qualquer um que observe a pintura!

Havia, no entanto, um elemento de subterfúgio que Jacomo não dividiu com o reverendo.

Fra Pandolf franziu o cenho e mexeu o lábio inferior enquanto levava em consideração aquilo que havia acabado de ouvir. Então um sorriso juvenil tomou lugar em seu rosto.

— Sim, Jacomo. Certamente é uma boa ideia. Gostaria de ter pensado nisso sozinho! É claro que... não sei se conseguirei... — O frade recuou, hesitante.

— Eu farei tudo.

— Sim, sim — disse Pandolf, mais entusiasmado a cada momento. — A julgar pela *sinopia*, eu diria que temos mais três *giornate* para completar antes da nova seção. Concorda?

Jacomo assentiu.

— Quantos dias a nova seção vai demorar, Jacomo?

— Mais uns quatro ou cinco, talvez.

— Pouco mais de uma semana então, incluindo o trabalho que ainda precisamos terminar.

Pouco mais de uma semana, pensou Jacomo. Ele ia contar em horas.

Tomaso apareceu bocejando, esfregando os olhos e ajeitando as calças. O coração de Jacomo acelerou. Ontem, pensou, aquelas calças vestiam um corpo bem diferente.

Eles começaram a trabalhar, progredindo rapidamente com a *giornata* do dia. Jacomo era o responsável pelas seções mais complexas — o grande Talos de bronze aterrorizando a todos, o medo no rosto dos argonautas e o voo selvagem de Jasão. *Fra* Pandolf estava ocupado com o céu, o mar e a areia.

Após cerca de duas horas de trabalho intenso, foram interrompidos pelo ruído de passos subindo a escada em espiral.

O coração de Jacomo ficou descompassado e seu rosto gelou de súbito quando o duque apareceu, olhando intensamente para a pintura.

Ele vinha de mãos dadas com Lucrécia.

O rosto dela estava pálido e tinha olheiras. Seu olhar para Jacomo foi eloquente. O duque, sem largar a mão de Lucrécia, virou-se para falar com o reverendo, estendendo o outro braço para apontar algo no afresco.

Lucrécia, com os olhos ainda fixos nos de Jacomo, virou a cabeça o máximo que pôde, para longe do olhar do marido, e disse em silêncio:

— Eu te amo.

Ele não ousou responder, pois estava de frente para o duque, porém arriscou um pequeno sorriso. Uma fração da boca de Lucrécia se abriu também, as laterais se contorcendo para cima de forma quase imperceptível.

— O que acha, *fra* Pandolf? — perguntou o duque.

Jacomo levou um susto.

— Uma ideia elegante, *signore*, uma que ficarei feliz em levar adiante. Jacomo?

As palavras do frade gorducho eram alegres e confiantes, mas sua expressão, percebeu Jacomo, estava tomada por um pânico suprimido. Ele não fazia ideia do que discutiam, no entanto Pandolf continuava tagarelando, encobrindo sua ignorância incriminadora.

— Um retrato da bela *signora*! Uma ótima ideia! Como um afresco, *signore*? — Ele lançou outro olhar assustado a Jacomo.

— Creio que sim — respondeu o duque. — Assim a *signora* se tornará algo permanente no Castello Estense e será admirada por muitas gerações.

Jacomo o viu virando-se para Lucrécia, que devolveu seu olhar brevemente, então olhou para o chão. O duque continuou:

— Sugiro que o retrato seja colocado ao sul da plataforma que leva à escada do saguão de entrada. A luz da janela dupla bate ali grande parte do dia. Talvez possa vir comigo agora, *fra* Pandolf, ver se aquele é mesmo um local adequado em termos de luz, visibilidade e viabilidade.

— Sim, sim, *signore*, agora mesmo.

— Lucrécia!

Era, pensou Jacomo, mais uma ordem que um pedido, porém a duquesa não se moveu.

— Eu gostaria de ficar mais um pouco e observar o progresso dos argonautas, Alfonso. — A voz dela era fria e firme.

O duque a fitou por um instante, então se virou e desceu os degraus em espiral, seguido de perto pela túnica marrom esvoaçante do reverendo.

O olhar de Tomaso foi de Lucrécia a Jacomo. A tensão que havia entre eles era quase palpável e o corpo de Tomaso irradiava curiosidade. Jacomo arregalou os olhos na direção dele e fez um gesto com a cabeça em direção à escada.

— Dê-nos alguns minutos, Tomaso, por favor...

Tomaso sorriu, deu de ombros e foi em direção à escada.

Jacomo não se atreveu a tocá-la; suas mãos estavam cobertas de tinta. Lucrécia tremia visivelmente, mas sorriu e estendeu o braço. Ela tocou uma de suas mãos, então, como já fizera antes, olhou para a mancha colorida em seus dedos e os fechou em um punho; tocou o punho com os lábios e se virou para a pintura.

Jacomo a observou.

A voz dela era baixa e rápida:

— Ele diz que precisa encontrar alguém ao meio-dia, não sei quem, e depois quer ir caçar com o falcão. Isso nos dará cerca de quatro horas. Encontre-me...

Jacomo a interrompeu:

— Sei exatamente onde devemos nos encontrar. Descobri outro dia, antes de pegar o barco. Vá para a base da Torre San Paolo logo após o meio-dia, assim que ele partir, e subiremos até o topo.

— Estarei lá. — Lucrécia suspirou, ainda examinando o afresco.

— Ele machucou você?

— Ele não me bateu — respondeu, inexpressiva.

Jacomo percebeu sua palidez e as manchas violeta sob os olhos. Um mau pressentimento pesou em seu peito. Ele estava louco para colocar os braços em volta dela, mas, antes que pudesse dar um passo, a cabeça de Tomaso surgiu ao fundo da galeria.

— Eles estão no corredor, voltando para cá, Jacomo.

Os olhos de Lucrécia se arregalaram, primeiro para Tomaso e depois para Jacomo. Sua pergunta implícita era fácil de responder.

— Confio nele — declarou Jacomo em voz baixa, enquanto o som dos passos

do duque o precedia no salão; as sandálias velhas de *fra* Pandolf tocavam suavemente o chão de pedra atrás dele. Ambos subiram até a galeria.

— Eu gostaria que você começasse imediatamente a trabalhar nessa peça, Pandolf. Tem alguma ideia de quanto tempo levará para terminar o retrato?

Jacomo viu os olhos do frade piscando para ele.

— Bem — disse Pandolf —, o jovem Tomaso pode preparar a parede enquanto terminamos essa pintura, *signore*, o que poupará bastante tempo. Então talvez um ou dois dias para finalizar os esboços e os estudos iniciais. Eu, humm... Eu gostaria que Jacomo também desenhasse, pois será, humm... um bom exercício para ele. Então, devido ao tamanho da área, creio que mais uma semana, *signore*.

O duque assentiu e estendeu a mão em direção a Lucrécia. Jacomo viu que ela não ergueu o braço, mas permitiu que ele pegasse sua mão ao lado do corpo. Lucrécia não olhou para ele nenhuma vez, e saíram juntos.

Jacomo trincou os dentes e enfiou os punhos nos bolsos. Tocando com a ponta da bota a base de uma grande jarra de cerâmica, imaginou-se atirando-a sobre o corrimão e ouvindo-a quebrar no chão do andar de baixo.

O reverendo se sentou no suporte de madeira e pôs as mãos no rosto. Seus ombros tremiam.

— O que foi, irmão?

O frade baixou as mãos e falou:

— Ah, Jacomo, esse retrato. O que devo fazer? Você disse que *esse* seria seu último trabalho comigo, o que será de mim? Como posso pintar um retrato sozinho? Mal posso ver além de minhas mangas. E tudo isso vai ser diante *dele*! O duque estará observando o esboço, vendo tudo que faço. Ele vai perceber, Jacomo: não há como esconder. — Ele enterrou o rosto nas mãos de novo.

Jacomo se agachou ao lado dele e colocou um braço sobre os ombros gorduchos.

— Pare, irmão! Pare com isso! Eu vou... Escute, eu vou fazer esse retrato.

— Mas você falou...

— Eu sei o que falei. Mas farei, de todo modo.

Houve um longo silêncio, no qual o frade parecia lutar contra si mesmo. Após um tempo, ele disse:

— Informarei ao duque que *você* fará o retrato. Vou me assegurar de que tenha o reconhecimento que merece há tanto tempo. Tenho sido orgulhoso, Jacomo. Não, mais que isso, pior do que isso: tenho sido *arrogante*. Mas agora sinto vergonha de mim mesmo. *Santo cielo*, sou um membro da Ordem de São Francisco, que são os homens mais humildes do cristianismo, e não sou digno desse hábito. Não voltarei a pintar depois disso.

Havia lágrimas em seus olhos. Jacomo tirou um pano sujo de tinta do bolso e entregou-lhe.

Enquanto *fra* Pandolf assoava o nariz e secava o rosto, sujando-o de tinta, Jacomo imaginou a reação do duque ao ouvir que o aprendiz do artista contratado seria o responsável pelo retrato de sua esposa. Imaginou a suspeita e o olhar minucioso sobre eles a cada dia, até que a imagem estivesse pronta.

— Não quero que diga ao duque — pediu, finalmente.

Pandolf baixou o pano úmido.

— O quê?

— Faremos como de costume. Assim você pode sair daqui com sua reputação intacta e depois anunciar sua aposentadoria.

— Jacomo, eu...

— É melhor que seja assim.

Pandolf assentiu. Então, como se uma ideia acabasse de atingi-lo, perguntou:

— Mas e quanto aos rascunhos, Jacomo? O duque vai me ver trabalhando e...

— Ele não precisa ver. Sente perto da duquesa, trabalhe bem devagar e diga a ele que está se concentrando nos detalhes. Logo o duque vai se cansar de olhar.

— Você poderá fazer o rosto, as mãos e...

— Vou fazer tudo, irmão. Eu poderia até fazer de memória.

Aquilo escapuliu antes que Jacomo pudesse impedir. Ele viu os olhos do reverendo se arregalarem e prendeu o fôlego. Mas pareceu que a ansiedade e a

culpa sufocantes de Pandolf eram grandes demais e ele não demonstrou mais que uma faísca de interesse na familiaridade inapropriada de seu aprendiz com a duquesa.

Eles retornaram ao trabalho. O desejo de Jacomo por Lucrécia agora estava amarrado a um temor agudo pela segurança dela. Porém o conhecimento de que a fuga deles desse purgatório só viria com o término do afresco — e, agora, também de um retrato — o deixava concentrado no que precisava ser feito. Assim, Jacomo se pegou pintando com uma rapidez e destreza inacreditáveis.

Algum tempo depois, ele olhou pela janela e viu que o sol estava quase no ápice. Já era quase meio-dia.

— Voltarei logo, irmão. Preciso resolver uma coisa — falou Jacomo, lavando seu pincel e secando-o na própria camisa. Ele enxaguou as mãos, depois encharcou um pano e tirou o máximo de tinta do rosto. Pandolf, ainda concentrado em sua ansiedade em relação à pintura do retrato, não pareceu escutar o que Jacomo dizia. Murmurando vagamente para si mesmo, ele se virou outra vez para a parede e ergueu o pincel.

23

Poeira dançava pelo largo raio de sol amarelo que cortava a pequena sala ao meio. Catelina pôs sua cesta no chão e olhou em volta: era limpa o suficiente e bem aconchegante, porém mal mobiliada e sem um pingo de decoração. Uma pequena mesa de madeira ficava no meio da sala, com três cadeiras que não combinavam. Sobre o encosto de duas delas havia um amontoado de rédeas, tiras de couro e um cobertor marrom mal dobrado, repleto de pelos. Uma fileira de ganchos na parede do fundo da sala segurava diversos casacos, um colete surrado, um cajado comprido como o de um pastor e um barrete de lã. Uma pilha de botas estava no chão ao longo da fileira. Todas as quatro paredes eram nuas, mas numa prateleira rústica se encontravam — sem nenhuma ordem decorativa — três pratos, duas tigelas e quatro taças. A lareira estava vazia, mas cinzas e pontas de galhos não queimadas contavam a história de uma fogueira recente.

— Há mais dois quartos no andar de cima — avisou Giorgio. — Gostaria de ver?

Catelina assentiu.

Ela subiu a escada estreita na frente dele e espiou os quartos. Em cada um havia uma cama: ao redor de cada cama havia uma pesada cortina de lã que fora pregada de qualquer maneira nas vigas do teto. Um banco baixo se encontrava sob a janela do quarto maior e um baú enorme de madeira ocupava a maior parte

do espaço no menor. As paredes, mais uma vez, eram nuas.

Catelina caminhou até a janela do quarto maior. Por trás das outras habitações que se agrupavam ao lado, ela podia ver várias construções em diferentes estados de conservação, pilhas de madeira, barris enfileirados e um pequeno espaço com hortaliças e flores. Um porco preto e cabeludo chafurdava na terra do apertado quintal vizinho.

— Não é grande coisa — comentou Giorgio, em um tom de desculpa, conforme eles desciam a escada. — O que acha?

Os olhos de Catelina se encheram de lágrimas.

— Ah, Lina. — Giorgio a abraçou. Ele segurou sua cabeça contra o peito, puxando-a para perto.

Catelina pressionou o rosto contra seu colete com cheiro de cavalo e sentiu as lágrimas quentes no rosto.

— É mais cedo do que eu esperava — falou Giorgio —, mas eu já havia decidido perguntar isso a você de qualquer jeito.

— Tinha mesmo?

O rosto de Giorgio se abriu num grande sorriso.

— Sim. Eu tinha. Então... o que me diz? Você aceita?

Catelina estava absolutamente certa.

— Sim, Giorgio — respondeu —, eu aceito.

Giorgio baixou o rosto e a beijou com paixão, então se endireitou.

— Agora preciso ir ao Castello. Estão me esperando de volta. Estarei aqui no fim do dia. Consegue se virar sozinha?

— Bem — respondeu Catelina —, se vamos... nos casar, Giorgio, preciso me acostumar, não é? — Ela sentiu as bochechas ficando vermelhas.

— Você tem algum dinheiro?

Catelina balançou a cabeça.

— Tome. — Giorgio enfiou uma de suas grandes mãos no bolso e tirou algumas moedas. — Pode encontrar alguma coisa para comermos? Não tenho nada aqui em casa.

Catelina assentiu. Giorgio a beijou novamente e abriu a porta da frente. Sua grande silhueta ofuscava a luz. Ele parou por um momento, então voltou e a beijou mais uma vez.

Ela se afastou dele, rindo.

— Vá logo! Vejo você no final da tarde.

Catelina passou cerca de uma hora arrumando os quartos de Giorgio, depois organizou a mesa e as cadeiras no andar de baixo, pôs os pratos e as tigelas na prateleira em um padrão organizado; ajeitou os coletes nos ganchos e separou as botas em pares ao longo da parede logo abaixo. Então ela encontrou uma vassoura em um canto escuro, próximo à escada, e varreu o chão.

Ela subiu até os quartos, levando a vassoura consigo. Na cabeceira da cama no quarto maior, havia dois cordões pregados à parede, um de cada lado. Catelina puxou o tecido do dossel da cama e o prendeu com os cordões, bateu e ajeitou os lençóis, depois arrumou os travesseiros de aparência meio desconfortável.

As cobertas na cama do quarto pequeno — claramente não utilizadas — estavam dobradas e empilhadas ao pé da cama. Catelina as dobrou de novo, arrumando-as de volta no mesmo lugar.

Ela abriu o baú de madeira. Dentro encontrou várias camisas de pano, algumas calças, um gibão de lã e uma ceroula amassada e desbotada. Catelina sorriu, levantou uma das camisas até o rosto, depois a colocou de volta no baú.

Catelina varreu o chão de cada quarto, depois voltou ao andar de baixo e se sentou à mesa. Tudo em volta estava silencioso.

Suspirou.

O dia anterior já parecia surreal e distante. Sua vida no Castello havia terminado de forma bastante abrupta, cortada como o pavio queimado de uma vela.

Tudo acontecera rápido demais.

Ao se lembrar da expressão no rosto do duque quando entrou no quarto da *signora*, Catelina estremeceu. Ela realmente pensara que ele mataria as duas. O

duque parecia — lutou para encontrar palavras para descrevê-lo — estar *possuído*, assombrado por algo. Seus grandes olhos negros estavam tão arregalados e ele tremia tanto que Catelina foi capaz de enxergar aquilo do outro lado do quarto.

Ela está de pé, trêmula na antessala, ouvindo-o gritar com sua pobre senhora, então ele sai do quarto abruptamente, para em sua frente e diz que ela deve deixar o Castello nesse mesmo dia. Caso dê valor a sua existência, acrescenta. Ela acha que nunca vai esquecer a expressão no rosto do duque ao dizer aquelas palavras. Então ele chuta o cachorro, vira-se e vai embora com a capa esvoaçando e batendo com as botas no chão. O pobre animal fica ali com o rabo entre as pernas e as orelhas caídas como folhas de alface murchas.

Quando ela espia o quarto, vê a signora *de pé, branca como giz, olhando para o vazio. Uma lágrima escorre em seu rosto; ela não impede que escorra, apenas deixa que caia. Chega até o canto de sua boca e para ali.*

— Sinto muito, Lina — diz a duquesa. — Para onde você vai?

Catelina morde o lábio.

— Não sei, minha senhora. Talvez volte para Mugello, onde vive minha mãe.

Sua senhora estende os braços e elas se abraçam com força. Catelina também chora, mas acredita escutar a signora *dizendo:*

— Você estará segura, Lina. Vamos conseguir sair daqui, no final. — Mas a voz está abafada pelo choro e Catelina se pergunta se ouviu corretamente.

Ela não leva muito tempo para arrumar suas coisas: dois vestidos sobressalentes, duas combinações, um par de sapatos e alguns brincos que adquiriu ao longo dos meses no Castello. Tudo cabe confortavelmente na cesta que a signora *levou para a cidade com Jacomo.*

Elas param por um momento. Catelina subitamente se sente esquisita. Fala:

— Conversarei com Giorgio, minha senhora. Ele vai a cavalo comigo até Mugello, se conseguir permissão.

— Lina...

— Não, minha senhora. Eu vou. Não desça comigo. Só vai piorar as coisas. — Ela

faz uma pausa; suas palavras engasgam na garganta, então diz: — Cuide-se, minha senhora. Não deixe que ele a machuque.

Após um forte abraço, Catelina pega a cesta e deixa o quarto, descendo pelo castelo até os estábulos, onde encontra Giorgio sentado em um banco, limpando arreios com uma escova de cavalo.

— Lina! O que foi? Por que está chorando?

Não há motivo para enganá-lo. Ela conta a verdade.

— Mandada embora? — Ele se levanta, com a escova pingando em uma das mãos. — Mas não entendo. Você... Mas por quê? O que poderia ter feito para...?

Ela tenta explicar.

— O que você vai fazer, Lina? Para onde vai?

Ela dá de ombros.

— Não vá para lugar nenhum — diz ele, deixando cair a escova e o arreio, dando um abraço nela. — Fique aqui comigo. Tenho um lugar na cidade.

Agora, Catelina, sentada na apertada sala de Giorgio, lembrou como ficara aturdida com aquela sugestão inadequada.

— Mas como posso fazer isso, Giorgio? — tinha dito. — Não somos casados!

— Isso pode ser resolvido — respondera ele, com seriedade.

Catelina pegou a cesta que continha seus poucos pertences e a levou para o andar de cima. Hesitou por um momento, sem saber em qual dos quartos deveria deixar as coisas. Optando pelo quarto menor, não usado e mais simples, arrumou os vestidos, as combinações, os sapatos e os brincos sobre a cama.

Levou a cesta de volta ao andar de baixo, pegou as moedas que Giorgio havia lhe dado, então, colocando a capa sobre os ombros, saiu em direção ao centro da cidade à procura de comida.

Ela comprou um coelho no pequeno açougue da Via delle Volte, algumas verduras, folhas, um grande cacho de uvas e uma cabeça de alho numa barraca no Corso, além de uma garrafa de cerveja em uma pequena loja na rua ao lado. A última compra colocou o Castello em seu campo de visão. Ela fitou a muralha de

tijolos vermelhos, perguntando-se o que estaria acontecendo lá dentro, mas não sabia o que pensar.

Sua cesta estava cheia e pesada quando fazia o caminho de volta à pequena casa na Via Vecchie, satisfeita com as compras. Levou um tempo para chegar à rua certa — fizera duas curvas erradas antes de reconhecer a loja bem-pintada do ferreiro no fim da rua — e, ao finalmente virar a esquina e poder ver a porta da frente da casa de Giorgio, já estava cansada e louca para se sentar.

Ela tinha dado dois ou três passos na rua quando ouviu um ruído que parecia o de um animal em perigo, um gemido baixo e gutural. Olhou em volta, mas não viu nada. O som retornou, dessa vez um pouco mais alto. Catelina se moveu em direção à origem do gemido e seu couro cabeludo se contraiu com o choque: uma garota, suja, os cabelos desgrenhados, com os olhos fechados com força, estava caída e curvada em um canto escuro entre duas casas.

Catelina pôs a cesta no chão, deu um passo à frente e se agachou diante dela.

— Pode me ouvir? — perguntou baixinho.

Não houve resposta. Ela estendeu a mão com dedos trêmulos e tirou os cabelos do rosto da menina.

— *Signorina*, pode me ouvir? — repetiu. A garota abriu os olhos e se moveu. Catelina viu que sua barriga estava muito inchada: as cordas que amarravam o corpete imundo da jovem estavam esticadas ao máximo.

— Aqui, deixe-me ajudá-la a se levantar — ofereceu Catelina.

A garota ergueu o braço e Catelina pegou sua mão. Enquanto se equilibrava para puxar o peso da menina, ouviu-a sugar asperamente o ar. A garota segurou os dedos de Catelina com tanta força que ela pensou que fosse quebrá-los, e então o gemido gutural veio novamente. Por cerca de um minuto, a garota ficou sentada, curvada sobre a barriga, apertando a mão de Catelina, e então relaxou.

— Desculpe-me — disse a garota, rouca, suando como se tivesse acabado de correr.

— Vamos lá, tente se levantar. Não vou deixar você cair.

Ela puxou a menina até que ficasse de pé. Seu vestido estava sujo, e seu rosto,

manchado de terra e lágrimas. A grande barriga se projetava de forma estranha. Catelina limpou o rosto da menina com sua manga e tentou tirar um pouco da terra no vestido. Ao virá-la, com a intenção de limpar os ombros dela, percebeu que a parte de trás da saia amassada estava muito molhada, incrustada de sujeira.

— Isso é... Ah, Deus, já começou? — perguntou Catelina, horrorizada.

— Eu... Eu acho que sim.

— Bem, é melhor você vir comigo, está bem? Precisa se deitar.

Ela pegou a cesta, segurou o braço da menina e juntas, um passo de cada vez, caminharam os últimos metros até a casa de Giorgio.

24

O pequeno falcão-peregrino abriu as asas, batendo-as com fúria. Abaixo, as penas tinham o mesmo branco suave e sarapintado da plumagem do peito. Alfonso sentiu as garras amarelas agarrando o polegar de sua luva enquanto amarrava as tiras de pano vermelho dos pioses no anel de metal da coleira; ele amarrou a coleira ao redor do quarto e do quinto dedo da luva. O falcão baixou a cabeça, em um esforço para evitar o capuz que Alfonso agora segurava, e começou a bater suas asas mais uma vez. Porém, estando tão bem amarrado à mão dele, não havia muito que pudesse fazer, e em um instante foi vendado, acalmando-se subitamente na escuridão forçada, com o temível e pálido bico curvando-se para fora do capuz vermelho. Alfonso pôs as fitas ao redor da cabeça do animal, puxando uma com a mão direita e segurando bem a outra com os dentes. Seu rosto ficou a milímetros do bico afiado, mas agora o falcão-peregrino estava quieto, em uma dignidade cega, e não lhe deu atenção.

Alfonso estendeu o braço esquerdo em direção ao bloco de madeira alto do falcão. Dando umas batidinhas com o pulso, ele encorajou o animal a descer até o bloco, para que, segurando a luva entre os dentes, pudesse usar ambas as mãos para apertar os pequenos sinos de caça entre as pernas do animal. Ele sempre achara esses pequenos laços muito delicados para conseguir amarrar corretamente com apenas uma das mãos.

— Já está pronto com o falcão-peregrino, Este?

Francesco Panizato parecia se entreter, pensou Alfonso. Sabia que seu amigo não dava importância a esses preparos, preferindo deixá-los ou para seu falcoeiro ou para o de Alfonso. Entretanto, para Alfonso, grande parte do prazer da falcoaria vinha do tempo que passava com suas aves, preparando-as para o trabalho. Essa, Strega — a bruxa —, sempre fora sua favorita. Capturada selvagem, sempre havia agido pelos instintos, e agora era capaz de caçar melhor que qualquer outro falcão. Strega regularmente trazia mais presas do que ele podia esperar, e Alfonso estava ansioso para vê-la em ação naquela tarde.

— Você sabe muito bem que não se pode apressar uma ave, Francesco — respondeu Alfonso, deixando enfim o galpão da falcoaria. — Senão ela não o servirá bem.

Ele ergueu o braço livre sobre os olhos, pois o sol de junho, após a escuridão do galpão quase sem janelas, ofuscava tudo. Strega sentiu a luminosidade, mesmo através do capuz, e virou a cabeça na direção do brilho.

Panizato estava montado; seu milhafre encapuzado balançava a cabeça nervosamente e se movia sobre a luva.

— São como mulheres, não são, Este? — Ele riu. — Se quer saber, você passa mais tempo cuidando das necessidades dessa ave do que das de sua esposa.

Suprimindo um tremor, Alfonso se lembrou da noite anterior e não disse nada.

— Devo entender por seu olhar, senhor, que consegui um toque válido com a ponta de meu florete? — insistiu Panizato. — Talvez deva empregar algumas de suas técnicas de falcoaria com a duquesa, Alfonso, ensiná-la a ser submissa...

— Está indo longe demais, Panizato.

Alfonso viu o sorriso desaparecer do rosto do amigo; Panizato ficou perplexo. *Ensiná-la a ser submissa*. Alfonso ouviu aquelas palavras novamente em sua cabeça e foi pego por uma imagem impressionante. Porém não era em Lucrécia que pensava, mas sim em Francesca: selvagem, malévola e muito parecida com Strega.

Ele sabia que Francesca estava com raiva. O encontro do meio-dia fora

silencioso, sem humor e físico. Porém, ao olhar agora com orgulho para seu falcão-peregrino, que, apesar de ter o céu para vagar todos os dias, sempre voltaria para ele, sabia que também tinha sua prostituta nas mãos, em laços mais fortes que pioses, coleira e isca. Alfonso achava que Francesca era, talvez, tudo o que havia entre ele e a loucura. Deu um sorriso forçado.

— Talvez tenha razão, Francesco. As habilidades da falcoaria realmente podem ser úteis no quarto, mas acho que você me sugerir isso dessa maneira desrespeitosa *talvez* esteja além dos limites de nossa amizade.

— Sinto muito, Alfonso. — Panizato ergueu a mão livre em sinal de desculpas.

Alfonso tomou as rédeas de Farfalla das mãos do empregado e lhe deu o falcão-peregrino enquanto montava. O empregado pôs o falcão de volta em sua mão, então Alfonso e Panizato deixaram o pátio com seus dois cachorros correndo ao lado, em direção aos terrenos de caça, situados no exterior das muralhas da velha cidade, que o bisavô de Alfonso, Ercole, planejara, mandara construir e apreciara até o dia de sua morte. Alfonso com frequência abençoava a energia e o entusiasmo do velho e gostaria de tê-lo conhecido.

Eles trotaram em silêncio por algum tempo. Alfonso viu sua mente invadida por Lucrécia mais uma vez. Quando se conheceram em Mugello, pensou, o que vira havia sido a futura duquesa como uma imagem perfeita em um espelho sem falhas. Entretanto, desde o casamento, cada lembrete do fracasso dela em estar à altura do delicado reflexo tinha danificado a superfície do espelho: distorcendo-a até que ele se viu incapaz de encontrar um simples vislumbre da imagem anterior.

Estava tão certo do sucesso na noite anterior. Tão determinado. Mas agora que tinha certeza de que Lucrécia sabia das intenções de Sua Santidade, agora que ela sabia que era um potencial agente de destruição de tudo que ele amava, não só estava mais inalcançável que nunca como também perigosa. Não era apenas o fato de não poder mais vê-la refletida no espelho, agora as rachaduras e distorções torciam a imagem até que se tornasse um pequeno demônio risonho.

Entretanto, para sua vergonha, ainda a desejava do mesmo jeito. Como um homem à beira do suicídio, olhando para a adaga enfeitada com a qual pararia o próprio coração, no último momento de quietude, achando-a irresistivelmente linda. Alfonso sabia que ainda desejava possuir Lucrécia. Tinha de possuí-la. Na noite anterior, pensou que, se reinventasse a imagem — tentou se forçar a ver a duquesa como nada mais que uma prostituta —, poderia de alguma forma quebrar as barreiras inexplicáveis que ainda existiam entre eles. Mas, de forma humilhante, seu plano não obtivera sucesso.

Aquilo havia sido exaustivo, indigno, feio — e um fracasso total. O grupo de caça chegou ao terreno aberto. Alfonso e Panizato aceleraram o trote. Pararam depois de algum tempo, amarraram os cavalos à sombra de algumas árvores e saíram em direção ao terreno mais elevado. Ambos os cachorros, Folletto e o cão de Panizato, Lontra, correram para longe, através do campo aberto.

Havia uma brisa forte. Alfonso estava satisfeito: sabia que Strega gostava de sentir o vento sob ela — parecia lhe dar coragem, instigando-a a voar mais alto. Às vezes, ele achava que seu pequeno falcão ficava à espera da presa acima das próprias nuvens.

No topo de algumas árvores próximas havia ninhos de corvos. Se ele tivesse sorte hoje, faria Strega pegar alguns corvos. Não havia caça no urzal nessa época do ano, então tinha algumas iscas na bolsa para ao menos fazer com que ela esticasse um pouco as asas — nenhuma ave tem apetite para caçar sem um pouco de fome.

Ele e Panizato tiraram os capuzes de suas aves. Tanto o falcão-peregrino quanto o milhafre piscaram na luz e olharam em volta, avaliando o terreno. A ave de Panizato, Foschia, era uma criatura mal-humorada e difícil. Alfonso duvidava que seu amigo fosse ter sucesso com ela naquele dia. Uma criatura como Foschia precisava de tempo, da paciente repetição de instruções, para torná-la mais confiável. A natureza enérgica de Francesco era exuberante demais para o falcão, pensava Alfonso.

Ele soltou os pioses da coleira e Strega imediatamente empurrou seu braço

com as patas, levantando voo. Ela subiu em espiral até não ser mais que um pequeno ponto no céu. Foschia também partiu, mas voou em arcos a poucos metros do chão. Panizato não pareceu se preocupar com a baixa altitude da ave — ele se virou para Alfonso e perguntou:

— Seu primo já chegou da França?

— Não, ele só chega em agosto.

— Ele sabe da, hummm... situação, a respeito dos direitos de posse?

— Ainda não. Não é o tipo de informação que confio colocar em uma carta.

— Sim. Entendo. É mesmo um assunto delicado. E não há nenhum, humm... progresso?

Alfonso sabia que ele estava se referindo à fertilidade de Lucrécia e apenas balançou a cabeça. *A falta de prole ainda não é uma catástrofe*. Mas quanto tempo levaria até ser? O futuro se estendia à frente: uma estrada desolada e sem fim, cheia de buracos invisíveis.

Houve um silêncio prolongado e embaraçoso. Então Francesco voltou a falar, claramente fazendo um esforço para mudar de assunto:

— Preciso saber quando o conselho voltará a se encontrar, Alfonso.

— Só no final do mês. Por quê?

— Tenho vários testemunhos para preparar e talvez precise me ausentar de Ferrara durante cerca de uma semana. Então quero me assegurar de que tudo esteja concluído antes de partir.

— Ausentar-se? — Alfonso ficou surpreso.

— Minha mãe anda doente e... recebi uma carta dela hoje de manhã, pedindo-me que vá vê-la. Acredito que, pelo que disse na carta, ela esteja melhor de saúde, mesmo assim é raro pedir minha visita. Acho que devo ir.

— Sim, é claro que deve.

— Quero levar algo para ajudá-la a dormir. Ela é orgulhosa demais para pedir, mas admite na carta que anda tendo insônia. Acho que, quando consegue dormir, acaba tendo sonhos perturbadores.

Um problema, pensou Alfonso, com o qual ele era familiar até demais.

— Quer que eu faça alguma coisa, Francesco?

— Na verdade, sim. Quero que me recomende um bom boticário. Corelei, aquele patife na Via Fondobanchetto, pode me vender algo que ajude minha mãe tanto quanto um veneno mortal. Ele parece um verdadeiro bandido.

— Alessandro Giglio serve o Castello e sempre me pareceu honesto e capaz. Conversarei com ele para você. — Alfonso deu ao amigo a resposta que ele esperava. Panizato não viu nada de estranho, mas a mente de Alfonso de repente oscilou e ele sentiu estar prestes a cair. As palavras ecoaram em sua cabeça como se os ouvidos estivessem tapados. O colorido em volta de Alfonso começou a se desfazer.

Francesco havia involuntariamente dado a ele a chave para a porta silenciosa que existia no final do corredor obscuro do labirinto de sua mente. A porta de onde sabia que não devia se aproximar. Entretanto, agora, com a chave na mão, talvez fosse impossível resistir.

Ele sabia muito bem o que havia dentro daquele quarto. Ao pensar naquilo, perdeu o fôlego. Os segundos subsequentes foram congelados, enquanto imaginava o impensável.

Todos os seus problemas terminariam.

Mas, temendo deixar o embaraço transparecer, ele se voltou para Panizato e o campo aberto. Os dois cães vinham em sua direção. Folletto carregava um coelho; havia sangue ao redor da boca do animal.

Alfonso tirou a isca da bolsa, começando a girar o pacote em uma longa corda.

Strega mergulhou.

Ele observou enquanto a ave cortava o ar em direção à isca. Então aumentou a amplitude do giro, tentando fazê-la se desviar do curso. Sua pequena bruxa se manteve firme e pegou a isca com as garras num instante. Ela atingiu o chão a poucos metros de onde ele e Panizato estavam e ganhou um pombo morto como recompensa.

25

Lucrécia se sentou no escuro, uns dez degraus acima da base da Torre San Paolo, enrugando o nariz por causa do cheiro de mofo. Sentia o coração bater com força na garganta. Ela esperou o que pareceu uma eternidade, então ouviu o som de passos se aproximando e se levantou. Jacomo estava correndo quando chegou ao primeiro degrau e se deparou com ela, que descia para encontrá-lo. Ele a pegou em seus braços para que não caísse, então, com um suave gemido, beijou sua boca.

Lucrécia chegou para trás.

— Não! Aqui não! Rápido, vamos até o telhado, como você disse.

Era uma longa subida. O coração de Lucrécia batia forte quando chegaram ao pequeno quarto escuro no topo da torre.

— Para onde agora? — quis saber, ofegante.

— Ali em cima — indicou Jacomo, apontando para outra escada com poucos degraus. Lucrécia subiu e girou a grande maçaneta de ferro da porta que havia no topo. Ela não se movia. Jacomo veio e empurrou a porta com toda a força de seu ombro. Ela cedeu e o rapaz tropeçou para a frente. Ao se levantar, deixou que Lucrécia passasse primeiro, então a seguiu e fechou a porta atrás deles.

Puxando-a para os braços, Jacomo começou a beijá-la novamente. Pareceu a Lucrécia que estavam tentando unificar seus corpos em um único ser, como se, ao se beijarem, estivessem dando um ao outro o sopro da vida. Eles se moveram

pelo quarto de maneira desajeitada, em meio a um abraço apertado — Lucrécia estava andando de costas —, até que ela sentiu o frio da parede.

Jacomo pôs as mãos sob os braços dela e a levantou, em segundos tirou a saia do caminho para que Lucrécia pudesse enrolar as pernas ao redor da cintura dele. Com um braço em volta da duquesa, e pressionando-a contra a parede para mantê-la equilibrada na posição, ele começou a tirar as próprias roupas com a mão livre.

Era intenso e frenético, e Lucrécia nem ao menos notou o desconforto da parede sem argamassa contra suas costas e cabeça. Logo depois, ela agarrou a camisa de Jacomo e virou o rosto para os cabelos dele, ocultando um gemido que não pôde impedir; era como um grande punho apertado dentro dela. Jacomo suspirou longa e lentamente. Ficou imóvel, segurando-a com força, equilibrando o peso dela entre seu corpo e a parede.

Eles ficaram assim por um longo tempo. Na primeira vez, pensou Lucrécia, o amor deles havia sido despreocupado e alegre; saborearam o tempo que tinham, explorando um ao outro de todas as maneiras que podiam. Hoje era diferente. Criaram uma necessidade que agora os consumia, apagando tudo que havia em volta. Para saciar aquela sede insana, precisariam de muito mais que um abraço desesperado em face do perigo — mas agora não era uma questão de escolha. O desejo se tornara imprescindível.

Ela ficou mais uma vez de pé e pôs os braços em volta de Jacomo, respirando fundo e descansando o rosto em seu ombro. Ele acariciou sua cabeça e beijou sua testa. Pouco depois, sentaram-se nas tábuas de madeira do quarto da torre, bem juntinhos, com os braços de Jacomo ao redor dos ombros de Lucrécia.

Não disseram uma palavra por vários minutos.

Então Jacomo falou:

— Então agora ele quer um retrato, não é?

— Acho que ele vê isso como uma maneira de me controlar. Mas já não me importo mais. Na verdade, estou começando a achar que é uma ótima ideia. Escute!

Ela saiu de baixo dos braços de Jacomo e se sentou sobre os calcanhares, com o vestido amarrotado em volta dela. Segurando as mãos do rapaz, Lucrécia disse:

— Pinte para ele meu retrato, Jacomo. Faça-o bem bonito: o retrato de uma mulher tornada bela pelo amor. Dê a ele uma linda obra de arte sem vida. É o que ele sempre quis que eu fosse: uma imagem da beleza confinada e controlada por ele. E então, assim que der a ele o que sempre quis, pode tirar dele a pessoa que nunca entendeu e nunca realmente quis. E *eu* saberei que *ele* nunca entenderá: que, na verdade, serei linda no retrato pelo meu amor por *você*, e não por ele.

Toda a amargura e o ódio que ferviam dentro dela desde que Alfonso havia mandado Catelina embora e a submetera a tantas coisas indignas agora jorravam como lava. O olhar de Jacomo percorreu o rosto dela. Ele franziu o cenho.

— O que aconteceu ontem à noite? Você me disse a verdade? Ele machucou você?

— Eu disse: ele não me bateu — repetiu Lucrécia.

— Lucrécia...

Ela balançou a cabeça. Não queria falar de Alfonso, não após toda a alegria que ela e Jacomo haviam acabado de dividir.

Mas ele insistiu:

— Algo aconteceu ontem à noite, não é? O que ele fez?

Lucrécia se virou, recusando-se a descrever a noite horrível que havia passado. Ela baixou a cabeça envergonhada.

— Não sei como contar a você — sussurrou. — Foi terrível. Tentei impedi-lo, Jacomo. Não queria que ele me tocasse. — Ela secou os olhos. — Não conseguiu realmente fazer nada, mas... mas ele...

Ela não conseguiu terminar a frase.

Jacomo pareceu enjoado por um segundo, então puxou Lucrécia. Ela sentiu a mão dele atrás de sua cabeça, segurando-a contra o ombro; com o outro braço, ele a trouxe para perto do peito. Uma torrente de amor por ele a atravessou, maior que qualquer outro sentimento que já sentira. Ela se agarrou em Jacomo,

lembrando-se de como se agarrava em sua mãe quando criança. As lágrimas que segurava começaram a cair. Com a voz distorcida pelo choro, ela contou tudo a ele: a perda de Catelina, seu medo da raiva selvagem de Alfonso e o terror e a vergonha do que havia acontecido quando o marido voltara ao Castello na noite anterior.

Os braços de Jacomo eram quentes ao redor dela. Ele a abraçou sem dizer uma palavra até que Lucrécia parasse de chorar.

* * *

Jacomo pensou rápido. Agora tinha certeza de que levaria Lucrécia com ele quando deixasse o Castello. Já não importava qual era o lado certo e o errado naquela situação insustentável. O peso que havia em sua consciência desapareceu. Casada ou não, ele não poderia deixá-la ali com aquele homem — era impensável. Sua criada tinha ido embora do Castello e era uma questão de dias para o afresco ficar pronto. Mas por quanto tempo eles poderiam continuar se arriscando? Como ele poderia imaginar outro quadro? O que mais, pensou, com o estômago se revirando, aquele homem seria capaz de fazer antes que fossem embora?

— Lucrécia — disse Jacomo —, depois do que aconteceu ontem à noite, devemos partir assim que o afresco ficar pronto. Esqueça o retrato.

— Não!

Ele ficou surpreso com a certeza na voz dela.

— Mas...

Lucrécia torceu o nariz.

— E todas aquelas coisas de que falamos antes? Há o reverendo. Alfonso com certeza irá culpá-lo se fugirmos antes que o retrato fique pronto. Você mesmo disse que ele o faria. E...

— Sei o que eu disse, mas...

Ela o interrompeu:

— E não creio que Alfonso chegará perto de mim de novo tão cedo.

Jacomo não estava convencido.

— Ele geralmente fica longe de mim por dias depois de uma experiência embaraçosa como a da noite passada. — Os olhos de Lucrécia novamente ficaram rasos de água. — Tenho quase certeza de que ele não tentará nada por, no mínimo, uma semana.

Jacomo fez um som de descrença com o nariz. Ele estendeu a mão até o queixo de Lucrécia e o acariciou com o polegar.

— Eu queria contar a você que pensei em uma mudança para o afresco. Quase me esqueci.

Ele começou a contar sobre o plano. Ela ouviu atentamente, assentindo de tempos em tempos. O espectro de um sorriso tremeluzia em seu rosto manchado de lágrimas.

— É tão inteligente. É uma ideia maravilhosa, Jacomo — comentou quando ele terminou. — Adorei. Você vai precisar de mais desenhos?

— Não. A imagem que quero está fixada em minha mente.

— E o retrato? — perguntou Lucrécia. — Você precisa fazer o retrato. Quero que ele esteja aqui depois que formos embora. Quero que Alfonso seja obrigado a vê-lo todos os dias, para nunca conseguir esquecer.

Enquanto ela falava, Jacomo, subitamente inspirado, soube exatamente como seria o retrato.

— Vou pintá-la como Perséfone — declarou, sorrindo.

— O que quer dizer?

— Você verá. Vai ter de esperar. — Ele se levantou e estendeu a mão para ajudar Lucrécia a ficar de pé. Ela esticou as pernas um pouco desajeitada: estavam doloridas por ficar tanto tempo na mesma posição. — Venha, *cara*. Devemos ir.

Lucrécia falou:

— Preciso ver você mais, senão acho que morro.

Jacomo pôs os braços em volta dela mais uma vez.

— Vou até a galeria quando puder — prosseguiu Lucrécia. — Se eu conseguir marcar um encontro, irei avisá-lo como e onde.

Ele prendeu delicadamente os cabelos dela atrás das orelhas.

— Venha amanhã de manhã. Você poderá ver o esboço antes que desapareça.

— Vou tentar, prometo.

Jacomo a guiou até o topo da escada. Eles desceram os degraus, parando pouco antes de chegarem à base da torre.

— Fique aqui um momento — sussurrou Jacomo. Ele desceu os últimos degraus sem fazer barulho e deu uma olhada no corredor. Estava deserto. — Venha.

Ela o seguiu rapidamente e, após um último beijo, correu em direção ao terraço, enquanto Jacomo foi em direção ao Salão Norte.

Na manhã seguinte, Jacomo chegou à galeria logo após a aurora. *Fra* Pandolf ainda dormia e Tomaso não passava de um monte curvado sob seus lençóis quando Jacomo saiu do quarto. Ele precisava terminar o desenho e cobri-lo com o *intonaco* do dia antes que o reverendo chegasse para trabalhar. Essas seções seriam as últimas do grande afresco e, pensou Jacomo, seu silencioso gesto desafiador precisava ser feito e escondido antes que fosse tarde demais.

Ele subiu com dificuldade a escada em espiral, carregando um pesado biombo nos braços.

A *sinopia* já estava seca havia algum tempo e as pequenas marcas feitas com carvão vegetal eram facilmente visíveis. Mas, naquela manhã, Jacomo pegou um pano molhado e começou a esfregá-las da superfície lisa. Ele queria a argamassa sem marcas.

Enquanto esperava que a parede secasse, misturou o *intonaco* do dia em um grande balde e preparou palheta e espátula. Ele pôs o biombo logo a suas costas. Aquilo daria, pensou, um pouco mais de privacidade, mas não havia tempo a perder e Jacomo queria cobrir seu argumento subversivo o mais rápido possível. Aquilo não deveria ser visto por ninguém — apenas ele e Lucrécia saberiam que

estava lá, a menos que futuros habitantes do Castello decidissem refazer o afresco, tirando as primeiras camadas de argamassa. Só então seu desafio secreto seria descoberto — literalmente. Imaginando as expressões nos rostos daqueles decoradores de castelo no futuro, Jacomo sorriu para si mesmo.

A imagem estava clara em sua mente enquanto misturava um pequeno pote de tinta cinza. Ele pegou um pincel *riga* mais largo, molhou-o, arrumou as cerdas e começou a pintar.

A identidade das duas figuras cujo íntimo e apaixonado abraço ele agora retratava na parede estava clara: os anos que passou antes de sua aprendizagem, capturando semelhanças nas ruas e tavernas, serviram para alguma coisa, pensou. Se o *signore* se aproximasse dele naquele momento, seria apresentado com uma prova tão concreta da infidelidade de sua esposa que as vidas de Jacomo e Lucrécia imediatamente chegariam ao fim.

Ele terminou o esboço e olhou com desejo para a imagem que produziu.

Houve um som de passos.

Ele congelou.

Se não fosse Lucrécia, ele não teria a menor chance de esconder a pintura a tempo.

— Jacomo?

Ele fechou os olhos e soltou o ar sufocado.

— Aqui! Aqui dentro, rápido!

Ela surgiu no canto da tela e parou.

— Ah. Ah, Jacomo! Isso é... Ah, estou tão feliz de poder ver a tempo...

— Eu também. — Ele a beijou. Então, com as bocas ainda em contato, esticou o braço e tocou a tinta com a ponta do dedo. Já estava quase seca: o *intonaco* podia ser sobreposto. Ele chegou para trás.

— Posso ajudar você? Vai ser mais rápido com duas pessoas.

— Não. Se você se sujar, estamos perdidos. Recue.

Viu a frustração no rosto de Lucrécia, mas ela permaneceu afastada enquanto ele colocava a argamassa do balde na grande palheta quadrada.

— Espere — sussurrou Lucrécia, enquanto Jacomo erguia sua espátula para fazer o primeiro arco de argamassa. Ele esperou e ela esticou o braço, pondo a pequena mão com gentileza sobre a pintura, como numa bênção solene, pensou Jacomo.

Então Lucrécia afastou-se novamente e ele começou a colocar o *intonaco*. Minutos depois, a pintura havia desaparecido e uma camada cintilante de argamassa brilhava ao sol da manhã.

Essa bela, triunfante e insolente imagem de secreta infidelidade agora estava — como a realidade — escondida de todos, menos deles.

Jacomo viu também, com um arrepio de prazer, que a sombra do biombo estava bem onde ele queria o novo anexo do afresco — e que o efeito era exatamente o que esperava.

— É melhor eu ir antes que alguém me veja aqui em cima — falou Lucrécia então.

Após beijá-lo mais uma vez, ela deixou a galeria. O corpo de Jacomo ardia por ela, mas, sabendo que precisava terminar ao menos metade do novo anexo do afresco naquele dia, disse a si mesmo com firmeza que era melhor parar de sonhar acordado e se concentrar na tarefa adiante.

26

Catelina se encostou à parede do menor quarto da casa de Giorgio e olhou para os dois rostos adormecidos. As bochechas da garota ainda estavam sujas e molhadas de lágrimas e o menino recém-nascido, cuja cabeça agora estava deitada na curva do braço fino da mãe, era pequeno e tinha a pele manchada, seus cabelos pretos grudavam-se na cabeça, como penas molhadas.

— Muito bem — disse uma voz suave.

Catelina sorriu para o quarto ocupante do pequeno cômodo. Que mulher extraordinariamente linda era aquela, pensou Catelina. Mesmo desse jeito, com os cabelos completamente em desalinho, exausta e suja. Achava que nunca havia estado perto assim de alguém tão belo. Entretanto havia algo duro e aflito em seus olhos, e um deles estava machucado.

— Obrigada pela ajuda, *signora* — falou Catelina.

— Francesca — disse a mulher.

— Francesca — repetiu Catelina. — Estou muito grata. Não sei o que faria se a senhora não estivesse aqui...

— Após vê-la trabalhando, estou certa de que teria se virado muito bem sem mim. De qualquer forma, estou contente por ter pensado em bater em minha porta. Sinto-me orgulhosa por ter ajudado.

— Ainda assim, sou muito grata. O que quer que diga, eu não sabia o que fazer. Estava à beira de um ataque de pânico. É muita sorte que Giorgio tenha

uma vizinha tão competente.

Francesca sorriu.

— Não foi nada.

Ela apertou a mão de Catelina, então se virou e desceu a escada. Catelina ouviu a porta da frente se abrir e fechar. Olhou novamente para a garota e o bebê. O que Giorgio diria ao chegar em casa? Havia sido um dia monumental. Giorgio a havia pedido em casamento, depois a deixara sozinha para se sentir em casa, após dar-lhe um pouco de seu precioso dinheiro para comprar os ingredientes de uma refeição, e o que ela fizera? Tinha voltado com uma menina de rua abandonada e um recém-nascido, sem que ele soubesse.

O bebê fungou enquanto dormia.

O pobrezinho vai precisar de um berço, pensou Catelina.

Ela se sentou na tampa do baú de madeira, então se levantou, abriu a tampa e tirou as camisas, as calças e a ceroula de Giorgio, levando-as para o quarto maior e deixando-as sobre a cama.

— O baú vai servir direitinho — disse a si mesma.

Ouviu-se o ruído da maçaneta da porta da frente e a voz de Giorgio chamou pela escada:

— Lina?

Ela hesitou por um momento, então respondeu:

— Já estou descendo.

27

O sol da tarde não era mais que uma lasca de amarelo sobre a distante linha das montanhas. A luz estava baixa e possuía um tom de rosa-dourado e as sombras das estátuas na galeria de Cosimo de Medici tinham um tom azul cinzento. O céu estava aberto sobre a grande casa de Cafaggiolo, mas ao norte se via uma imensa massa de nuvens escuras. Um estrondo anunciou uma tempestade.

O rosto de Cosimo de Medici também parecia tempestuoso.

— Não faz sentido ficar com essa expressão, Cosimo — disse Eleanora de Medici. — Eu sei o que está pensando.

— Duvido muito.

— Não é difícil. Você está bravo porque ainda não fomos a Ferrara e já se passaram quase dois anos.

A expressão de Cosimo ficou ainda pior, mas ele não disse nada.

— Mas não importa quanto tempo já se passou, você não vai. O médico diz que seria loucura. Você e eu teremos de ficar aqui. Veremos Lucrécia em agosto, quando ela vem para Mugello. Está tudo combinado: ficaremos aqui e Giovanni irá a Ferrara.

— Não há nada de errado comigo agora, não vejo motivo...

— Ah, pelo amor de *Deus*! — Eleanora se levantou com uma das mãos no quadril e o outro punho fechado contra a testa. — Acha que também não sinto

falta de Lucrécia tanto quanto você? Consegue imaginar o quanto *desejo* ver minha filha? Mas temos de ser realistas! Você tem andado doente de novo; já é a terceira vez. Após qualquer esforço, você fica com dificuldade para respirar. Tem tido dores no peito que, em um momento de agonia, você falou que pareciam cortes de faca e está *consideravelmente* mais magro que alguns meses atrás. Você *não vai* viajar para Ferrara.

— Mas o afresco está pronto, eu...

— Aquele afresco foi cuidadosamente pintado e, ao contrário de você, deve durar ao menos duzentos anos. O fato de você precisar esperar mais alguns meses até estar em condições de viajar para vê-lo não fará a menor diferença para a pintura, mas *não* esperar talvez faça uma grande diferença para *você*.

Cosimo de Medici fitou a esposa, rangendo os dentes teimosamente. Eleanora sustentou o olhar.

Giovanni estava sentado à sombra do grande busto de Lorenzo, o Magnífico, escutando a discussão entre os tios, pensando sobre a carta que tinha em mãos. Virava-a sem parar entre os dedos, imaginando Lucrécia escrevendo-a. Perguntava-se por que o convite da prima o tinha deixado tão perturbado. Não havia, pensou, abrindo novamente o pequeno pedaço de papel, nada específico ali — era só uma *sensação*. Algo no tom dessa carta o fazia pensar que ela estava... não infeliz, pensou Giovanni, mas *agitada*. Era isso. Algo não estava certo.

A voz do tio se tornou mais alta e insistente:

— Não é só a pintura, Eleanora. Quero ver Lucrécia antes de agosto. Após as notícias de Alfonso sobre o papa e suas *absurdas* intenções de — ele franziu o cenho, aparentemente procurando uma palavra para resumir sua revolta — *saquear* o ducado, *ignorando* completamente o fato de que Alfonso tem planos legítimos para...

— Acalme-se, Cosimo, ou vai ficar mais doente ainda! — exclamou Eleanora com firmeza.

— Por que ela ainda não engravidou após dois anos? — Cosimo apontou o dedo indicador de maneira acusatória na direção da esposa.

Giovanni viu sua tia morder os lábios.

— Essas coisas acontecem, Cosimo. Você sabe disso.

— Não nessa família! Deve haver algum problema, algo que não estão nos contando. Precisamos vê-la.

— Vou conversar com ela, tio Cosimo — disse Giovanni.

Seu tio tomou um susto.

— Hã? O quê?

— Conversarei com ela e descobrirei o que está havendo.

— Não seja ridículo, rapaz. Lucrécia não vai querer dividir confidências íntimas com uma... uma criança.

Um punhado de grosserias irritadas subiu pela garganta de Giovanni como bile. Estava a ponto de retorquir quando foi interrompido.

— Cosimo! — Agora Eleanora soava furiosa. — Giovanni tem quase 18 anos, não é mais uma criança. Você tinha essa mesma idade quando nos conhecemos. — Ela deu um sorrisinho de desculpas para o rapaz. — Mas, se isso lhe satisfaz, então o que acha de deixarmos Giulietta ir a Ferrara com ele? Se há qualquer *intimidade* a ser dividida, Lucrécia certamente dividirá com ela, talvez mais que conosco.

Giovanni sentiu no peito uma pontada de irritação. Ele trincou os dentes. Estava ansioso para viajar sozinho, como único representante da família, e queria ver Lucrécia de novo. De todas as pessoas, a maçante, implacável e corretíssima Giulietta era a última com quem gostaria de viajar. Ela certamente dominaria os dias passados no Castello, tornando quase impossível para ele passar um tempo sozinho com a prima. Mas seu tio estava assentindo.

— Sim... Sim, Eleanora, creio que ela seja a segunda melhor opção, além de seus pais. Vamos mandar Giulietta.

— Já devemos estar chegando, Giovanni — falou Giulietta, espiando pela janela da pequena carruagem.

Giovanni puxou as rédeas de seu cavalo e se abaixou até ficar na altura dela.

— Sim. Está vendo ali? — Ele apontou e Giulietta se esticou para ver o que era. Os dedos dela, brancos como osso, agarraram-se à janela. — Aquele é o Porta Paula, o portão de entrada da cidade. Logo estaremos lá.

Ela estava cansada, pensou Giovanni. A viagem de três dias devia estar cobrando seu preço; havia olheiras sob os velhos olhos redondos, sombras que antes não estavam lá. Houve uma disputa entre compaixão e irritação enquanto ele a observava voltando para dentro da carruagem. Giovanni pôs sua égua para trotar mais rápido e acenou com a cabeça para o condutor da carruagem, convidando-o a acompanhá-lo, ansioso para chegar ao destino. Com um rápido movimento do chicote, os cavalos da carruagem também aceleraram o passo. Não levou mais de meia hora para o pequeno grupo parar no pátio central do Castello.

Lucrécia esperava por eles. Com os braços cruzados, ela saiu da sombra da passagem arcada enquanto Giovanni desmontava e se esticava. Ele ficou surpreso: sua pele estava pálida, as sardas em seu nariz, mais escuras que de costume, os olhos, vermelhos e brilhantes. Ela não disse nada como cumprimento, apenas andou, pôs os braços em torno dele e ficou ali, como se estivesse se afogando. Giovanni a abraçou e pôde senti-la tremendo, sua respiração leve e irregular.

— Crezzi, o que foi? Há algo errado?

— Onde estão papai e mamãe? — perguntou ela, contra seu gibão.

— Eles não vieram. Tio Cosimo ainda está doente. Tia Eleanora diz que não corre perigo, mas teme que a viagem seja demais para ele. Mas Giulietta está aqui...

— Giulietta!

Lucrécia se afastou dele e Giovanni notou um lampejo de pânico no rosto da prima. Então ele virou o olhar em direção à carruagem. A porta se abriu e Giulietta apareceu, amarrotada e embrulhada em casacos.

— Lucrécia! *Cara!*

— Ah, Giulietta! — Lucrécia correu para ajudar a senhora a descer.

Elas ficaram agarradas por um momento, então, apoiando-se nos ombros de Lucrécia, a mulher afastou o rosto, franziu o cenho e disse:

— *Cara*, está tão pálida. Por acaso andou doente?

Giovanni não ficou convencido com a leviandade da resposta de sua prima.

— Posso perguntar o mesmo à senhora, Giulietta. Parece exausta. A viagem foi *muito* cansativa?

Vários criados do castelo surgiram enquanto Giulietta começava a descrever a viagem, e, à medida que eles examinavam a carruagem, procurando a bagagem, Lucrécia trocou um olhar com Giovanni. Ela disse a Giulietta:

— Por que a senhora não entra e troca de roupa? As moças lhe mostrarão seu quarto e pegarão água quente para que se lave. Eu... Eu só vou até os estábulos com Vanni e logo irei a seu encontro. Alfonso está em algum lugar no castelo; tenho certeza de que mais tarde se juntará a nós. Gostaremos de ouvir tudo sobre a viagem, e queremos saber todas as novidades de Cafaggiolo.

Ela murmurou algumas palavras a um dos criados, que estendeu o braço a Giulietta. Dúvidas e suspeitas estavam evidenciadas na testa franzida da velha senhora, mas, mesmo assim, ela aceitou o braço estendido e caminhou com o rapaz em direção à entrada principal do castelo.

Giovanni passou a rédea sobre a cabeça da égua, segurando-a com uma das mãos, logo abaixo do focinho. O animal puxou a cabeça para trás e bufou, mas ele segurou firme e coçou entres os olhos da égua com a mão livre, acalmando-a.

— O que está havendo, Crezzi? — perguntou, baixinho.

— Não posso dizer aqui. Vamos até os estábulos.

Eles caminharam juntos com a égua logo atrás, de cabeça baixa. Enquanto andavam, Lucrécia olhou em volta com cuidado, então começou a falar.

Giovanni escutou, olhando para o chão. Várias vezes abriu a boca para dizer algo, mas a fechou sem encontrar palavras.

Os dois chegaram aos estábulos e encontraram uma baia vazia. Giovanni guiou a égua e Lucrécia o seguiu, sentando-se em um monte de feno no canto da divisória. Ele desamarrou a sela; houve um silêncio pesado entre os primos

enquanto trabalhava. Os únicos ruídos no espaço apertado eram o tilintar baixinho das fivelas de metal, os cascos se arrastando pelo chão e as suaves bufadas da égua enquanto arrancava o feno da manjedoura.

Alguns minutos se passaram até Lucrécia voltar a falar. Sussurrou:

— Eu o amo, Giovanni. Vou morrer se não conseguir ficar com ele.

Ela não estava exagerando. Giovanni pôde ver que aquilo era um fato e não conseguiu pensar em nada para replicar.

Ela prosseguiu:

— Venha ver o afresco comigo, Vanni, você vai conhecê-lo. Jacomo não saberá que lhe contei. Temos de ter cuidado.

Lucrécia era tão pequena e determinada, pensou o rapaz. Ele realmente a amava. Giovanni a conhecia tão bem e, se era isso que ela tanto queria, então, por mais estarrecedor que fosse, era o que queria para ela. Como ele poderia desejar qualquer outra coisa? Como poderia considerar julgá-la?

— Quando isso aconteceu? — perguntou Giovanni. — Há quanto tempo?

— Há algumas semanas.

— Isso é... é tempo suficiente para ter certeza?

Ele esperava protestos e acusações de suspeita irracional e falta de compreensão, mas Lucrécia apenas assentiu.

— Tive certeza no primeiro dia.

— O que você vai fazer?

— Quando as pinturas estiverem terminadas e eles deixarem o castelo, eu também irei.

— Mas...

Ela o interrompeu.

— Já me decidi.

Parecia não haver mais nada a dizer.

Giovanni terminou de tirar a sela de sua égua, deu-lhe um último tapinha, então ele e Lucrécia andaram lentamente de volta ao castelo.

— O que aconteceu para Giulietta acompanhá-lo? — quis saber Lucrécia,

enquanto cruzavam o pátio central. — Estou surpresa por ela querer viajar para tão longe.

— Foi uma sugestão de tia Eleanora. Tio Cosimo está preocupado com você, os dois estão, devido ao que *il duca* disse quando se hospedou lá algumas semanas atrás.

— Alfonso foi a Cafaggiolo? — Lucrécia parou de repente, nitidamente alarmada. — Quando? Por quê? O que ele disse?

— Ele não lhe contou? Passou alguns dias lá, falou que voltava de Florença, com aquele amigo de cabelos encaracolados. Ele estava revoltado com o que o Santo Padre tinha dito... — Giovanni esperava ver uma expressão de compreensão, mas os olhos de Lucrécia se arregalaram.

— O Santo Padre? O que ele...

— Você não sabe?

— Não sei *o quê*?

Giovanni não esperava por isso. Imaginara que ela soubesse. Entretanto, pensou, Lucrécia havia acabado de confiar a ele seu mais íntimo e valioso segredo: sentiu que tinha a obrigação de ser honesto com ela.

— Admito que não estava na sala com tio Cosimo e *il duca* quando discutiram isso, mas, pelo que meus tios disseram um ao outro desde então, acho que... que Roma tem a intenção de reivindicar os direitos a Ferrara caso não haja um herdeiro e...

— Ah, Deus do céu! — interrompeu Lucrécia. — Então não era uma anulação. É por *isso* que ele me odeia tanto.

Giovanni a encarou.

— Odeia?

Houve uma longa pausa, então Lucrécia respondeu:

— Às vezes acho que olhar para mim é quase insuportável para meu marido.

Giovanni relembrou o momento em Cafaggiolo quando ele e Lucrécia foram até a *loggia* e ela fez uma reverência ao duque. Seus cabelos estavam dourados pelo sol da tarde e ele sorriu para ela. Giovanni foi inundado por uma onda de

antipatia tão forte que o deixou enjoado. Ele fitava sua prima agora, enjoado mais uma vez, de ansiedade.

— Ele machucou você, Crezzi?

Ela sorriu.

— Jacomo perguntou a mesma coisa.

— E?

— Só posso dizer o mesmo que disse a Jacomo: ele não me bateu.

— Meu Deus, Crezzi, o que você está deixando de contar?

— Nada disso importa mais. Vou embora, não vou?

— Mas e se...

— Pare, Vanni! — Lucrécia se inclinou e o beijou no rosto. — Venha conhecer Jacomo, depois temos de achar Giulietta.

Giovanni viu no rosto da prima aquele olhar de determinação implacável e soube que não adiantaria continuar questionando-a. Parou de falar e a seguiu pelo castelo até o Salão Norte.

Na extremidade do salão havia uma galeria de madeira balaustrada, aonde se chegava através de uma delicada escada em espiral. Atravessando parte da galeria havia uma tela provisória, cuidadosamente colocada para esconder parte da pintura. Mas o principal do afresco estava visível. Era, pensou Giovanni, enquanto seus olhos iam de cena em cena, realmente impressionante.

Ele sentiu uma pequena mão deslizando sobre a sua.

— Lá está ele, Vanni.

Giovanni se virou para onde Lucrécia apontava. Alguém havia saído de trás da tela: alto, moreno, cabelos desgrenhados, com uma pequena sombra no queixo e uma grande mancha vermelha sobre o nariz e a bochecha. Mesmo à distância, Giovanni viu o tremor em Jacomo ao olhar para Lucrécia e por um momento achou que podia sentir também a pulsação, ou seja lá o que fosse, que havia entre os dois. Soube imediatamente que *isso* — essa intensidade selvagem — era algo que jamais havia experimentado. Era também muito *maior* que qualquer coisa que já sentira. Ele foi tocado brevemente por uma inveja pungente.

Da galeria, Jacomo viu que Lucrécia estava de mãos dadas com um garoto de pele morena, vestindo um gibão verde sujo de lama. Ao soltar os dedos do rapaz e sorrir para ele, o calor do desejo, agora já familiar, deslizou para sua barriga.

As duas figuras atravessaram o salão e subiram a escada em espiral.

— Reverendo, Jacomo, Tomaso: esse é meu primo, Giovanni de Medici — apresentou Lucrécia. — Ele acabou de chegar de Cafaggiolo. Vanni, esse é *fra* Pandolf. — Giovanni fez uma breve reverência. — Tomaso de Luca. — Outra breve saudação. — E esse — disse Lucrécia —, esse é Jacomo. Jacomo Pennetti.

O olhar de Giovanni se encontrou com o de Jacomo. Ele sabe, pensou Jacomo: Lucrécia deve ter lhe contado. O olhar do rapaz era firme, avaliador, investigativo: cuidadosamente protetor da prima, considerou Jacomo com aprovação. Eles se entreolharam por poucos e longos segundos, então *fra* Pandolf deliberadamente se colocou entre Lucrécia e a tela, com uma das mãos estendida na cintura como uma estrela-do-mar gorda. Ele balançou um dedo para ela, dizendo:

— Não vai olhar atrás da tela, *signora*, não até depois de amanhã. A seção final do afresco precisa permanecer um mistério para todos, exceto os pintores, até que esteja terminada. Não é, Jacomo?

Jacomo ergueu uma sobrancelha e, sob o olhar de Lucrécia, sorriu em concordância. Olhando outra vez em direção a Pandolf, viu que o primo o fitava atentamente.

— Revelaremos nossa obra de arte na manhã de sábado, *signora*, e não antes — acrescentou Pandolf.

— Demorou bastante para ficar pronto, irmão — comentou Lucrécia.

— De fato, *signora*, e aproveitei cada momento.

— Ah, eu também, irmão — replicou Lucrécia com a voz suave. — Estou muito feliz por tê-lo no Castello.

Quatro tocadores de viola, um oboísta careca, dois flautistas e um menininho

com a voz de um anjo: *Il duca*, pensou Giovanni, certamente queria marcar a revelação da obra de arte com esplendor.

— Tudo isso é bem impressionante, não é, Giulietta?

A velha senhora parecia atônita.

— É uma pena que seus tios não estejam aqui para ver isso. Eles ficariam tão felizes e orgulhosos.

Giovanni pegou a mão dela e apertou os dedos.

— Lucrécia disse algo a você? — murmurou ela.

Giovanni hesitou.

— Sobre o quê?

— Sobre o que quer que a tenha deixado tão esgotada desde que saiu do campo. Sei que ela tem evitado falar comigo e me pergunto se disse algo a você.

— Não. Nada — mentiu Giovanni.

— E onde está aquela menina da cozinha? Não a vi desde que chegamos. Quem está cuidando de Lucrécia?

— Não faço ideia — respondeu Giovanni, dessa vez sem mentir.

Quando o sino do meio-dia tocou, já havia um grande número de pessoas reunidas para assistir ao espetáculo. Cerca de cinquenta pessoas, vestidas em seus melhores trajes, agrupavam-se no Salão Norte. No alto da galeria, uma brilhante cortina verde havia sido pendurada sobre toda a extensão do afresco, escondendo a pintura da vista de todos no recinto.

A música começou e o duque apareceu, vestido de preto — como sempre —, trazendo Lucrécia pela mão. Ele cumprimentou seus convidados de maneira cordial, claramente satisfeito por estar no centro do espetáculo artístico. Lucrécia, entretanto, parecia pouco à vontade e desconfortável. O contraste entre sua expressão ansiosa, de lábios crispados, e a óbvia alegria que Giovanni vira em seu rosto enquanto ela fitava o pintor no outro dia não poderia ser mais marcante. No entanto, podia ver que a prima realizava um grande esforço para esconder os sentimentos ao cumprimentar os convidados.

Quando viu Giulietta e ele, Lucrécia soltou a mão do marido.

— Estou tão feliz por estarem aqui — declarou, beijando o rosto de Giulietta. — Virei encontrá-los após a inauguração da pintura e poderemos nos sentar juntos para o jantar. Vejo-os mais tarde.

Ela correu de volta para onde estava o duque, mas Giovanni a viu se virar para Jacomo, que estava ao lado de Pandolf, perto de uma das janelas. Talvez fosse apenas fantasia, mas, para Giovanni, pareceu que, quando os olhos deles se encontraram, tudo o mais no salão de alguma maneira perdeu a cor e ficou sem som. Sua prima e o pintor estavam a pelo menos dez metros um do outro, e havia dezenas de indivíduos sem consciência do que estava acontecendo entre eles, mas era como se Lucrécia e Jacomo estivessem sozinhos, entrelaçados em um abraço íntimo.

O volume da música aumentou. Após um tempo, o duque ergueu as mãos pedindo silêncio. Os músicos pararam e ele começou a falar:

— Meus caros amigos, é um grande prazer vê-los hoje aqui no Castello Estense para a inauguração de um tesouro artístico, criado aqui para mim por um raro e, em minha opinião, incomparável talento. Eu realmente tive sorte por receber o filho mais extraordinário do convento de Assis durante esse tempo.

Giovanni viu o frade ficar um pouco enrubescido, enquanto Jacomo olhava para o chão, revoltado.

— A generosidade dos irmãos resultou em uma imagem de engenhosidade quase milagrosa. Não posso escondê-la de vocês por nem mais um minuto.

Ele foi até o pé da escada e fez um floreio para que todos recuassem, de modo a enxergarem melhor a pintura a ser revelada.

Giovanni, Giulietta e os demais aguardaram com ansiedade. A música voltou a tocar e a voz do pequeno anjo adejou sobre os instrumentos com uma doçura que atingia diretamente os corações.

O duque estendeu a mão e puxou uma corda que soltou a cortina verde. Ela caiu no chão e os convidados soltaram um suspiro de assombro. A pintura era vibrante — quase arrebatadora, pensou Giovanni: as figuras de Jasão, Talos, o grande navio e os argonautas pareciam pular da parede enquanto se moviam de

uma cena à outra, com fluidez, sem esforço. Seu coração se acelerou ao reconhecer o rosto da mulher de cabelos selvagens no canto da imagem. E, logo ao lado desse lindo eco de Lucrécia, viu que o final do afresco ainda estava escondido por outra cortina; via-se logo abaixo a ponta de uma corneta dourada e alguns ramos entrelaçados. Giovanni ficou impaciente para ver a última seção, então um dos convidados expressou sua curiosidade.

— Remova a última cortina, Este. Vamos ver o resto.

Sorrindo e assentindo para o homem, o duque esticou mais uma vez a mão, em direção à brilhante cortina de seda, com marcas de dobras aparentes sob a luz.

Seus dedos não tocaram nada além de argamassa gelada.

Sua cabeça girou para fitar a pintura.

Giovanni ficou boquiaberto.

A cortina não era mais que uma imagem pintada. Havia enganado a todos.

Houve um momento de silêncio estarrecido e então veio uma onda de murmúrios. Giovanni olhou rapidamente do duque, que parecia perplexo, para Lucrécia, que olhava para Jacomo. Quando o olhar de Jacomo se encontrou com o dela, Giovanni percebeu que ambos tinham no sorriso um ar prazer conspiratório.

Lucrécia sentiu uma furiosa onda de orgulho quando o afresco enfim foi revelado. Mesmo estando preparada para aquilo, ficou atordoada com a perspicácia da pintura da cortina de seda feita por Jacomo. Olhar as mãos de Alfonso tocando a superfície da argamassa, a menos de um milímetro da imagem de sua infidelidade, encheu-a de uma excitação reprimida. Ela pensou na imagem que havia embaixo daquela camada de tinta e argamassa e um forte sentimento de reparação — de retaliação — pelas coisas repulsivas que Alfonso a obrigara a fazer dez dias antes percorreu seu corpo. Quando arriscou um olhar na direção de Jacomo, viu que seus olhos brilhavam e não pôde esconder um sorriso.

O cansaço que sentia havia dias desapareceu. Ali, diante da prova concreta do talento prodigioso de Jacomo, ela se sentiu muito feliz, pulsando com novas

energias. Seu rosto, que havia dias estava marcado pela tensão, agora parecia possuir outro ânimo. Seu sorriso era um animal livre da jaula.

Lucrécia ouviu Alfonso pigarreando e olhou para onde ele estava na galeria, em frente à pintura da cortina de seda, com os dedos traçando suas dobras e marcas. A expressão em seu rosto era difícil de ler. Após contemplar seu afresco por um tempo, ele atravessou a galeria, desceu a escada em espiral e ficou ali, com a mão no fim do corrimão, olhando para o reverendo.

— *Signore* — disse *fra* Pandolf —, estou muito honrado e satisfeito. Nossa simples ilusão foi um sucesso. O grande prêmio de Jasão, que ele buscou por tanto tempo, permanece obscurecido de maneira tentadora. Agora só podemos tentar adivinhar a imagem que a cortina esconde. O olho é realmente... — Ele parou e ficou com o rosto vermelho, subitamente ansioso, pois havia notado a expressão de Alfonso.

Lucrécia imaginou o grupo de dignitários sendo confrontados com *a imagem que a cortina escondia*; imaginou sua indignação lasciva, e abafou uma risada.

Fra Pandolf falou, com a voz menos segura e quase conciliatória:

— Sem dúvida o senhor está ciente do aumento da popularidade desse tipo de trabalho...

Houve outra pausa, enquanto o frade aparentemente tentava avaliar a reação de Alfonso. O duque parecia não ter palavras, mas, antes que *fra* Pandolf pudesse voltar a falar, um homem alto e gordo, vestindo um gibão vermelho-escuro, declarou:

— Maravilhoso, Este! Extraordinário! Ouvi falar desse tipo de coisa recentemente... É a primeira vez que vejo algo assim. Eu não acharia possível se não estivesse vendo com meus próprios olhos. Notável, Este, notável!

Ouviu-se um murmúrio de concordância pelo salão.

Alfonso se endireitou, abriu um largo sorriso e piscou lenta e deliberadamente para os convidados.

— Como eu disse — começou ele —, essa pintura demonstra uma engenhosidade realmente milagrosa... Mais que imaginei ser possível. *Fra*

Pandolf, creio que lhe devamos uma grande salva de palmas.

Um rumor de sussurros consensuais precedeu longos aplausos. Os olhos de Lucrécia estavam fixos nos de Jacomo enquanto se juntava a todos, aplaudindo com entusiasmo.

Após um momento, *fra* Pandolf ergueu os braços, pedindo a palavra.

— Obrigado, senhoras e senhores. Estou honrado pela apreciação de nossa obra e quero lembrá-los de que não fiz isso sozinho. Por favor, lembrem-se, ao pensar nesse afresco, dos outros que me auxiliaram em sua execução: o jovem Tomaso de Luca, aqui, que fez grande parte do pesado trabalho de preparação e, é claro, meu valioso assistente, Jacomo Pennetti, um artista muito talentoso... — *Fra* Pandolf se virou para Jacomo. Lucrécia percebeu Jacomo arregalar os olhos e balançar a cabeça de maneira quase imperceptível. Pandolf pôs uma das mãos em seu ombro e terminou a frase: — ... um jovem artista talentoso. Sem sua ajuda sei que não seria capaz de produzir tal obra.

28

Giulietta tremia. Ela pôs uma das mãos no braço de Lucrécia.

— *Cara*, poderia pedir para alguém me trazer um agasalho? Aqui fora está mais frio do que previ...

— É claro. — Lucrécia se voltou para um dos criados: — Corra até meus aposentos, por favor, e traga o casaco de lã, o bordado, que está no baú.

Um aceno de cabeça silencioso e ação imediata.

— Isso deve ser quente o suficiente, Giulietta — disse Lucrécia. — Jantar no *cortile* é muito agradável, mas vale comentar que aqui nunca é tão quente quanto em Mugello.

Giulietta olhou para a grande mesa de madeira. O enorme pátio central do Castello Estense havia sido muito bem-iluminado para celebrar a inauguração do afresco: pequenos braseiros ao redor do pátio queimavam com intensidade e cerca de vinte velas iluminavam a mesa, o suficiente para seu brilho amarelo esconder os convidados ao fundo. Pratos, talheres e copos cintilavam à luz das chamas e parecia a Giulietta que a conversa animada dos cerca de trinta convidados era aquele cintilar tornando-se audível.

Sobre eles, o céu era de um veludo negro, pintado de estrelas.

Lucrécia sentou-se de um lado dela e Giovanni do outro. O duque, à direita de Lucrécia, começara sua refeição com um fervor animado, pensou Giulietta, mas era um estado frágil e, conforme a noite avançava, ele se tornou cada vez

mais taciturno. Agora, apenas observava seus convidados conversando com uma expressão de suspeita no rosto.

Entretanto Lucrécia estava positivamente radiante.

Giulietta não sabia o que pensar. Havia ficado abalada com a visão da menina quando chegou a Ferrara — Lucrécia estava pálida e tinha claramente perdido peso desde a última vez que a vira. Giulietta estava certa de que sua antiga protegida estava evitando falar com ela — ah, a menina ficara genuinamente feliz em vê-la, disso tinha certeza, mas em vez de, como Giulietta esperava, beijá-la, dar o braço a ela e acompanhá-la até o quarto, alegrando-a com suas histórias exageradas, Lucrécia se agarrara a Giovanni, no que parecia um desespero silencioso, então desapareceu com ele em direção aos estábulos.

Giulietta ficara bastante alarmada.

Hoje cedo, enquanto se reuniam no Salão Norte para a inauguração, a menina ainda parecia tão esgotada e ansiosa quanto antes e, sabendo que sua fertilidade — ou a falta dela — estava sendo motivo de preocupações em Cafaggiolo, Giulietta começara a temer pela saúde de Lucrécia. Mas, conforme a cerimônia de inauguração progredia, ela viu o rosto da menina se iluminar e, observando a direção de seus olhares, os medos de Giulietta mudaram drasticamente de direção. E se intensificaram.

Ela não era estúpida.

Nem cega.

O criado reapareceu, carregando um agasalho vermelho-escuro, bordado, de pele de coelho. Lucrécia deu um sorriso em agradecimento e o pegou.

— Incline-se para a frente, Giulietta — pediu ela, e, enquanto sua antiga babá obedecia, Lucrécia pôs o agasalho sobre os ombros ossudos da velha senhora. — Pronto. — Ela beijou a bochecha de Giulietta. — Isso vai aquecê-la um pouco.

Lucrécia mal podia enxergar Jacomo de onde estava sentada: o brilho das velas era muito intenso, e a mesa, muito grande. Era impossível ter uma conversa com ele. Mas essa impossibilidade era fortuita, pensou. Eles estavam muito perto de

completar seus planos. Não valia a pena arriscar serem descobertos. Saber que ele estava ali já era suficiente. O afresco estava terminado. O retrato, como ele disse, não iria demorar — Tomaso já havia quase terminado a preparação — e o dia de sua partida estava cada vez mais próximo.

Quanto mais pensava na excitação intoxicante da fuga, mais lhe parecia que todos os seus sentidos iam explodir. Ela se sentia como quando criança, após um dos banhos punitivos de Giulietta — após uma boa esfregada com a esponja. Lembrava-se de rir de si mesma ao olhar no espelho, a pele quente e cor-de-rosa. Lembrava-se de passar quase uma hora sentindo um formigamento por todo o corpo.

Conforme a refeição avançava, a ideia da imagem escondida sob a cortina pintada continuava a incomodar Alfonso. O momento em que seus dedos tocaram a argamassa, revelando o engano — de maneira tão humilhante — ao público, repetia-se em sua cabeça. Ele estava sorrindo para aquele idiota, Rovigo — *Remova a última cortina, Este. Vamos ver o resto*. Quão tolo e mal-informado todos devem ter pensado que ele era! *O grande prêmio de Jasão, que ele buscou por tanto tempo, permanece obscurecido de maneira tentadora*. Como ele não percebeu? Por que ele não se virara para a parede antes de esticar a mão em direção à cortina? Se o tivesse feito, certamente perceberia o truque. Era esperto, Deus do céu, aquilo era terrivelmente esperto. A pintura da seda era minuciosamente brilhante. Ele não sabia que Pandolf era tão habilidoso, mesmo com toda a sua reputação. Mesmo de perto, era impossível não acreditar no que os olhos pensavam estar vendo.

Mas o que havia por baixo? *Agora só podemos tentar adivinhar a imagem que a cortina esconde... O grande prêmio permanece obscurecido de maneira tentadora*.

Por que Pandolf havia coberto a última imagem?

Algo estava sendo escondido dele deliberadamente? Seria simbólico? Será que Lucrécia contou também aos pintores sobre o possível destino do ducado e essa imagem da cortina — que nunca havia sido discutida com ele — simboliza o

divertimento deles com sua incapacidade em perceber o desprezo que lhe dirigiam? *Agora só podemos tentar adivinhar a imagem que a cortina esconde*. Ele a imaginou na galeria, com os olhos brilhando ao relatar cada detalhe sórdido; imaginou as reações aturdidas dos pintores. Mas talvez estivesse enganado: afinal de contas, seus convidados pareciam ter sido igualmente iludidos e acabaram demonstrando uma incrível admiração pela habilidade do trabalho. Qualquer que tivesse sido a origem da mudança no desenho, talvez agora ele venha a ser, pensou, tentando se consolar, uma obra que estará entre as mais memoráveis do século.

Um pouco mais distante, à mesa, uma cadeira foi arrastada para trás, fazendo um ruído nas pedras. Alfonso se inclinou para ver quem havia se levantado. *Signor della Pretura* — cérebro pequeno, barriga grande, cabelos cinzentos e uma grande papada. Por que ele se levantou da mesa? Sem dizer nada, Alfonso o observou passando pelos visitantes de Cafaggiolo, então por ele e Lucrécia, e viu que os olhos do convidado estavam fixos na duquesa. Ela abriu a boca para dizer algo, mas o *signor della Pretura* ergueu um dedo gordo e inclinou a cabeça em sua direção. Ela permaneceu em silêncio, sorrindo. Várias pessoas interromperam suas conversas para observá-lo. Alfonso observou incrédulo enquanto seu convidado corpulento foi até um vaso de cerejeira e — sem titubear — arrancou um pequeno ramo, brandindo-o como um troféu, depois voltando em direção a Lucrécia, que o observava por cima do ombro.

Com um floreio exagerado, o *signor della Pretura* fez uma reverência profunda, presenteando-a com o ramo.

— Minha senhora, uma beleza como a sua merece reconhecimento. Por mais humilde que seja meu presente, e — ele pigarreou e fez um gesto com a cabeça para Alfonso — devo confessar que tenha sido *roubado* da *abundante* flora do castelo de meu nobre anfitrião, que mesmo assim sirva como um símbolo da beleza da senhora da casa.

Outros convidados aplaudiram e alguém no lado oposto da mesa riu.

O olhar de Alfonso se moveu da contemplação das grandes e trêmulas

bochechas de um dos — em sua opinião pessoal — magistrados menos inteligentes para o rosto de sua esposa. Os olhos de Lucrécia brilhavam. Então, para desgosto de Alfonso, seu rosto voltou a se iluminar de alegria e os cantos de sua boca se abriram em um enorme sorriso. Mas, nem por um instante, ela incluiu o marido nesse contentamento. Nem por um instante. Em vez disso, preferiu o tolo gordo e sem talento, dando-lhe um sorriso tão radiante que quase o fez derreter. Para Alfonso, parecia que agora sua esposa estava sentindo prazer em demonstrar seus afetos com extravagância — e escolhendo fazê-lo na presença do marido, sempre que possível, provavelmente para esfregar o sal da libertinagem nos ferimentos de sua humilhação.

Alfonso ouviu um rugido que sufocou o barulho da festa. Ele se virou para longe de Lucrécia, lutando para manter uma expressão impassível, e, ao olhar em direção às estrelas, pensou em seu falcão-peregrino, esperando com tamanha paciência, tão alto que era praticamente invisível. Pensar em Strega o fez se lembrar da chave oferecida inconscientemente por Panizato. A chave impensável que lhe traria paz. Precisava apenas esperar o momento oportuno. Não ia demorar muito.

Ele olhou novamente para Lucrécia, seu coração pulsando com força, e sua pele formigou.

Cada sensação era intensa: Lucrécia se sentou imóvel, deixando-as invadir seu corpo. Todas as cores em volta estavam mais brilhantes, a música mais doce, o sabor da comida mais intenso e o ar da noite intoxicante.

Até mesmo as atenções de um dos entediantes convidados de Alfonso, sem nenhuma sofisticação artística, eram prazerosas, enquanto ela contemplava a aproximação de sua partida com Jacomo. Enquanto o cavalheiro robusto de rosto vermelho — ela não sabia seu nome — fazia-lhe uma saudação, presenteando-lhe um ramo de folhas como se aquilo fosse um punhado de diamantes, Lucrécia achou muito encantadora sua tola simplicidade; muito diferente da difícil e obscura complexidade de Alfonso. Ela ouviu o riso de Jacomo vindo do outro

lado da mesa ao mesmo tempo que outras pessoas aplaudiam, mas ele permanecia escondido pelo brilho das velas.

29

Dois dias após a inauguração do afresco, Alfonso entrou no pequeno estúdio de Lucrécia anunciando que faria uma viagem a Bolonha. Ele parecia agitado e relutante em partir; e ela achou que, por suas repetidas afirmações, estaria de volta em poucos dias.

— Você posará para o retrato pela primeira vez amanhã — avisou ele — e os pintores começarão a trabalhar na pintura em si a partir de terça. Não quero deixar que o progresso da imagem vá longe demais sem ter certeza de que estou satisfeito com ela.

— Faça como preferir, Alfonso — respondeu Lucrécia com frieza, sem se atrever a olhar em seus olhos, caso ele percebesse a grande excitação que a ideia de sua ausência iminente lhe causava.

— Você não está feliz em ter esse retrato pintado, Lucrécia?

— Ah, sim! — Assustada com a pergunta, seu entusiasmo transbordou, e ela viu a surpresa de Alfonso com a reação inesperada. Houve uma longa pausa até ele voltar a falar.

— Eu... ahn... — Alfonso hesitou, parecendo estranhamente nervoso.

— O quê?

— Eu... quero saber se você se importa em usar o colar de granadas em seu retrato.

Lucrécia estremeceu. Ela preferiria pendurar carvões em brasa ao redor do

pescoço. Aquela joia simbolizava tudo que a desconcertava e horrorizava em sua relação incompreensível com Alfonso. Ela a odiava. Pesou bem as palavras antes de responder.

— Talvez elas sejam um tanto... íntimas, para expor tão abertamente ao público.

Alfonso piscou lentamente e o espaço entre suas sobrancelhas pareceu se partir com um corte de faca.

— Talvez você tenha razão. Vou esperar até ver os esboços na quarta.

Enquanto ele falava, havia uma expressão estranha em seu rosto. Parecia, mais que qualquer outra coisa, culpa.

Alfonso deixou o Castello ao meio-dia. Lucrécia ficou de pé no quarto que dava vista para o pátio central, vendo-o partir. O marido dissera que voltaria em três dias e, ao sair do quarto, correndo em direção ao saguão de entrada, o coração de Lucrécia começou a bater forte.

— Lucrécia, *cara*?

Ela se virou bruscamente quando a porta da pequena capela se abriu e Giulietta surgiu no corredor. Lucrécia lutou para não deixar transparecer a frustração. Tentou sorrir.

— Você parece estar com pressa, *cara*... — comentou Giulietta. — Há algo errado?

— Não, nada. Deveria haver algo errado?

Giulietta não respondeu, mas Lucrécia viu a velha senhora erguer uma sobrancelha, fazendo-a sentir o rosto em chamas.

Ah, Deus do céu, Giulietta estragaria seus planos após tantos dias sem ninguém perceber e tão perto do momento da partida? A velha senhora adivinhara que algo estava fora de ordem: Lucrécia podia ver a suspeita em seu rosto e temia o que poderia acontecer se começassem a conversar. Desde quando era um bebê, Giulietta sempre conseguira obter de Lucrécia qualquer informação que quisesse. Ela estava aterrorizada em permitir uma conversa que poderia fugir

de seu controle e se tornar catastrófica. Seria o fim de tudo, pensou, então simplesmente havia tentado evitar falar com Giulietta desde sua chegada a Mugello.

Mas, ao que parecia, sua estratégia não passara despercebida.

— Eu a vi tão pouco durante esses dias — disse Giulietta. — Quase não tivemos chance de conversar.

Lucrécia pegou a mão de Giulietta e elas começaram a caminhar.

— Desculpe-me. Eu realmente tenho estado mais ocupada que de costume e agora que Alfonso está longe por alguns dias e que tenho de posar para o retrato, temo que minha condição não vá mudar.

Houve um longo silêncio, durante o qual Lucrécia ouvia apenas o suave ruído de suas saias enquanto andavam: o linho preto de Giulietta e o seu adamascado.

Giulietta respirou como se fosse dizer algo, mas nada veio. Lucrécia imaginou a suspeita de sua antiga babá. Mesmo se — que Deus não permita! — ela tivesse deduzido a verdade, Lucrécia esperava desesperadamente que a tradicional, correta e cheia de princípios morais Giulietta não conseguisse abordar o assunto, de tão sufocante que, com certeza, era sua agitação.

Entretanto, como ela poderia ter adivinhado? Eles tiveram tanto cuidado. Lucrécia não se lembrava de ter trocado nem mesmo uma palavra com Jacomo na frente de Giulietta.

O silêncio era opressor. Ela precisava começar alguma conversa. Esperando que sua voz soasse natural, Lucrécia perguntou:

— Seus aposentos são confortáveis o suficiente, Giulietta?

A velha senhora lhe lançou um olhar afiado, ao qual Lucrécia correspondeu com um sorriso.

— Sim, criança — respondeu Giulietta. — Muito confortáveis. Mas faz um pouco de frio à noite.

— Ah, sinto muito. Mandarei alguém levar mais cobertores e também que acendam a lareira para a senhora.

Lucrécia podia sentir o olhar de Giulietta sobre ela, causando-lhe uma ânsia

de olhar em outra direção. Em vez disso, fingiu uma coceira no pulso e olhou para as mãos. Elas continuaram andando, subindo uma escadaria que levava ao quarto de Giulietta.

— Lucrécia...

Havia dor na voz de Giulietta. E rejeição.

— Por favor, *cara*, o que há de errado? — perguntou. — Eu sei que está havendo alguma coisa. Sei que não está me contando algo importante.

Lucrécia se deu conta de que era assim que a babá sempre fizera: com sutileza, num plano que misturava intimidade e culpa, posto em prática na hora mais precisa. Giulietta era uma especialista. Determinada a resistir, Lucrécia sorriu e falou:

— É verdade, Giulietta, não há nada errado. Apenas não tenho dormido muito bem e estou cansada. Talvez seja isso que está lhe preocupando. Talvez eu pareça cansada.

— Seus pais estão nervosos — falou Giulietta.

Lucrécia mordeu a parte interna da bochecha. Uma vívida imagem da reação de seus pais às notícias de sua fuga do Castello lhe surgiu de súbito. Imaginou o rosto de sua mãe inchado e manchado de lágrimas e seu pai caminhando com raiva de um lado para o outro do quarto. Imaginou Giulietta chegando de Ferrara com as mãos no rosto, chorando e contando a eles os detalhes do envolvimento de sua filha querida com um pintor vagabundo. Fazer o que ela e Jacomo planejavam iria devastá-los. Mas, naquele momento, Lucrécia realmente acreditava que aquilo os machucaria menos que ter notícias de sua morte. Ela os amava muito e a ideia da dor que lhes causaria era terrível, mas iria até o fim. Ela não podia desistir de Jacomo. Era impossível pensar em ficar no Castello depois que ele partisse.

— Eles não precisam se preocupar — replicou Lucrécia, abrindo a porta para o quarto de Giulietta e deixando a velha senhora passar. — Quando retornar, pode lhes dizer que estou muito bem.

Giulietta pigarreou.

— Eles estão preocupados porque... porque você ainda não engravidou. Quando o duque, seu marido, foi a Cafaggiolo, ele...

Lucrécia ficou tensa. Ela atravessou o quarto até a janela e disse, sem se virar:

— Não há por que nos apressarmos. O que for para acontecer, vai acontecer quando Deus julgar apropriado. — Ela se virou de novo para o quarto e sorriu. — E agora preciso ir verificar com *fra* Pandolf quando posarei para o retrato.

Ela beijou o rosto um pouco enrugado de Giulietta e saiu do quarto antes que a velha senhora pudesse dizer alguma coisa.

Jacomo passou as mãos sobre a argamassa recém-colocada. A superfície estava gelada e suave.

— Muito bem, Tomaso, está perfeita. Poderemos começar a pintar assim que terminarmos os rascunhos. Na verdade, já fiz um esboço do desenho. Talvez possa começar a pintá-lo essa tarde. Só preciso de rascunhos para os detalhes.

— Vai trabalhar de memória, não é?

Jacomo viu um sorriso surgindo nos cantos da boca de seu amigo e franziu o cenho inquisitivamente. Tomaso deu um sorriso amarelo e disse:

— Não consigo me decidir.

— O que quer dizer?

— Bem... Não consigo decidir se você está cansado de viver, Jacomo, ou se simplesmente enlouqueceu.

— Do que você está falando? — Jacomo tentou parecer intrigado, mas seu coração estava na garganta.

Tomaso chegou perto dele e baixou o tom de voz:

— A duquesa — sussurrou.

— O que tem ela?

Tomaso abriu a boca para responder, mas o som de passos se aproximando fizeram com que ele se calasse. Jacomo se virou. Lucrécia estava na porta do saguão de entrada, com os olhos arregalados e a pele vermelha, como se estivesse correndo. Ela viu Tomaso e se deteve, diminuiu o passo e começou a andar em

direção à escada.

Tomaso ergueu uma sobrancelha. Jacomo passou a língua nos lábios. Ele olhou para Tomaso e perguntou:

— Pode nos dar um momento? Por favor?

Tomaso balançou a cabeça como se não acreditasse. Deu de ombros e desceu a escada, passando por Lucrécia a dois degraus da base, fazendo barulho com seus sapatos que não cabiam direito no pé.

Lucrécia o viu partir, então se virou para Jacomo.

— Ele sabe? — perguntou ela.

— Tem as opiniões dele, não mais que isso.

— Mas...

— Não se preocupe. Ele não contaria nada a ninguém, mesmo se soubesse.

Lucrécia fitou a porta por onde Tomaso havia acabado de sair. Após um momento ela disse:

— Alfonso acabou de deixar o Castello. Ele ficará em Bolonha por três dias.

— Você está bem, Lucrécia? Ele...

— Ele não voltou aos meus aposentos desde aquela noite.

Os dois entrelaçaram as mãos.

— Eu quero ver você — disse Lucrécia. — Hoje à noite.

Jacomo assentiu. Já fazia bem mais de uma semana desde a última vez que ficaram juntos e seu desejo por ela — não, sua necessidade por ela — estava se tornando uma dor física.

— No quarto da torre — disse ele.

— Vai ter de ser bem tarde.

— Meia-noite. Vou subir antes. Levarei cobertores, velas e talvez um pouco de comida. Estará frio.

— Creio que daremos um jeito de nos aquecer.

Jacomo se aproximou dela e passou os dedos sobre a curva de seus seios.

— Tenho certeza de que sim.

A lua estava alta no céu e Lucrécia julgou que já era quase meia-noite. O castelo estava silencioso havia algum tempo: os únicos ruídos que escutava eram os rangidos da grande construção se assentando para a noite.

Desde que escureceu, estava sentada com Giovanni em seus aposentos, quase explodindo de antecipação. Na cama, com as pernas cruzadas, mexia sem parar no tecido do dossel entre os dedos. Eles conversaram durante horas. Ela contara ao primo os mínimos detalhes de tudo o que havia acontecido nas últimas semanas — tudo exceto os planos dessa noite —, até Giovanni bocejar e se espreguiçar, dizendo que, depois da cavalgada daquela tarde, precisavam descansar.

— Mas amanhã vou de novo. Vai querer vir comigo? — perguntou ele.

— Tenho de posar para o retrato.

— O dia inteiro? — indagou, esfregando os olhos com a base da palma as mãos.

O gesto familiar trouxe uma onda de pânico a Lucrécia. Ela atravessou a cama até onde ele estava sentado e o abraçou com força, apertando o máximo que podia, até que ele riu e, segurando seus antebraços, afastou-a.

— O que foi? O que aconteceu, Crezzi?

— Prometo que você vai saber onde estamos.

— O quê?

— Depois que formos embora. Prometo que você vai saber onde nos encontrar, seja lá onde for.

O riso desapareceu do rosto de Giovanni.

— Acho bom — falou o primo com suavidade.

— Perder você seria insuportável.

— E não vai. — Houve uma longa pausa. — Isso nunca acontecerá.

Sem se atrever a carregar uma vela acesa, Lucrécia, com sua camisola e um agasalho, subiu até o topo da Torre San Paolo na total escuridão. Parou no alto da escada com o coração aos pulos e recuperou o fôlego. A porta para o primeiro

cômodo se abriu, trazendo uma trêmula listra de luz amarela sobre o chão empoeirado.

Jacomo desceu os poucos degraus de madeira e, sem uma palavra, começou a beijá-la. Com um breve gemido de prazer, ela pôs as mãos na cabeça dele. Então se virou e o levou pelos degraus de madeira até o quarto da torre.

Jacomo fechou a porta atrás deles e se encostou nela, puxando Lucrécia ao seu encontro.

Após um minuto, ela se soltou e disse:

— Ah, Deus, senti tanto sua falta.

— E eu a sua. Senti falta *disso*. — Ele a beijou mais uma vez. — Venha ver, eu trouxe algumas coisas.

Em um canto do quarto queimavam cerca de cinco velas. Alguns cobertores estavam estendidos no chão de madeira, uns sobre os outros. Lucrécia achou que aquilo dava um ar exótico ao quarto; era como num quadro que vira certa vez, representando o interior de uma tenda beduína. Sobre os cobertores havia uma garrafa de vinho tinto, uma pequena cesta de frutas, queijo e pão, uma única taça de peltre e a bolsa de couro de Jacomo.

— Adorável! — exclamou ela.

— Só consegui encontrar uma taça. Vamos ter de dividir.

— De onde veio tudo isso?

— Os cobertores são de minha cama e uma das meninas da cozinha conseguiu o restante para mim.

Ao ver a expressão de Lucrécia, Jacomo riu.

— Não se preocupe. Apesar de todos os meus esforços, até agora só consegui seduzir uma das damas do Castello... — Ele pegou a garrafa, tirou a rolha e encheu a taça, dando-a para Lucrécia. — Aqui está.

Lucrécia sentiu a aspereza do vinho em sua boca.

— Obrigada.

— Você está de camisola — comentou Jacomo. Ele pegou a taça da mão dela e deu um gole.

— Sim. — Ela hesitou, esperando que ele não a achasse ridícula. — Eu... Eu pensei que podia fingir que era sonâmbula caso alguém me visse voltando para o quarto.

Jacomo riu de novo.

— Caminhando sonâmbula até o topo da Torre San Paolo? Venha aqui! — Jacomo pôs a taça atrás dele, ao lado da garrafa e da cesta. Tirando o gibão, enrolou-o como se fosse um travesseiro e o colocou na cama. Então começou a beijar Lucrécia mais uma vez, dizendo entre beijos:

— Uma ideia boa... muito boa... sem falar no fato... de que... camisolas são muito mais fáceis... de tirar...

Sabendo que essa era a outra — mais forte — razão para estar vestida assim, o rosto de Lucrécia se aqueceu.

Lucrécia abriu os olhos. Devia ter caído no sono, percebeu, apesar do desconforto do pouco hospitaleiro quarto da torre. Por um breve instante, ficou perplexa por não conseguir se mover, então se deu conta de que Jacomo estava logo atrás dela: o corpo dele grudado em suas costas e as pernas enroladas nas suas. Um braço em sono profundo a envolvia, pressionando seu peito; ela podia sentir a respiração de Jacomo na nuca.

As velas tinham se apagado e o quarto silencioso estava na escuridão quase total, iluminado apenas pela cinzenta luz suave da lua. Lucrécia permaneceu imóvel por algum tempo, aproveitando o abraço de seu amante. Mas agora ela estava acordada, e o chão de madeira era muito duro; os cobertores não conseguiam amortecer as tábuas desiguais e seu ombro e sua cintura estavam duros e doloridos. Como ela não queria acordar Jacomo, tentou mudar discretamente de posição. Seus esforços foram em vão: quase imediatamente, uma voz sonolenta sussurrou:

— Pare de balançar. Eu estava dormindo...

Lucrécia se virou sob o abraço de Jacomo e seus olhos se abriram, refletindo o brilho da lua. Ele sorriu, apertou o abraço e a beijou na boca.

— Hummm... — fez Lucrécia, livrando-se do beijo. — Agora estou com fome. Vamos comer?

Jacomo se sentou e alcançou sua bolsa de couro, tirando dela uma velha caixinha de isqueiro. Abriu-a e pegou algumas tiras de pano queimado, deitando-as na tampa; então raspou a pequena pederneira com o aço. Uma chuva de faíscas brilhou na escuridão. Ele se curvou e assoprou com gentileza, então o pano brilhou e começou a arder. Jacomo adicionou algumas raspas de madeira que tirou da caixa, então, ainda assoprando, pegou uma vela. Acendeu-a, sentou-se novamente numa posição confortável, e as paredes do quarto da torre tremeram sob a luz amarela das chamas. Acendendo mais duas velas, Jacomo pingou um pouco da cera no chão para apoiá-las.

Lucrécia estava enrolando um dos cobertores em seus ombros nus. A luz de velas transformou seu rosto e seus cabelos emaranhados em uma grande sombra de alívio. As dobras espessas do cobertor pareciam grossas pinceladas negras. Jacomo visualizou aquela imagem como *chiaroscuro* e ficou triste por não ter pensado em trazer papel e carvão dessa vez.

— Então está com fome, não é? — falou, sorrindo para a duquesa. — Bem... temos pão. — Ele levantou um pedaço redondo. — Uvas, dois pêssegos e um pouco de queijo. — Jacomo tirava cada item da cesta enquanto falava e colocou tudo no cobertor entre eles.

— Pode cortar um pedaço de pão? — pediu Lucrécia.

Jacomo partiu o pão em dois, entregando-lhe uma metade. Uma pequena mão apareceu debaixo do cobertor para pegá-la.

— Está com frio?

Ela balançou a cabeça; a boca agora estava cheia demais para responder. Estendendo o braço mais uma vez, ela deixou de lado o resto do pão e pegou um pêssego. Ficaram por algum tempo sem dizer uma palavra. Comeram e beberam com os olhos fixos um no outro em vez da comida. Jacomo se lembrou do dia em que dera seu pão a Lucrécia no Salão Norte — *E a* signora*? Está com fome?* —,

lembrou-se do desejo inesperado e sem precedentes que sentiu enquanto se olhavam através da galeria e de sua crescente certeza de que aquilo era recíproco.

Ele pegou uma uva do cacho e a pôs na boca de Lucrécia. Ela passou os lábios em seus dedos. Ele ofereceu outra, e dessa vez ela a segurou entre os dentes. Inclinou o rosto em direção ao dele. Ao se tocarem, ela mordeu a pele da uva, empurrando-a com a língua para dentro da boca de Jacomo. Sentiram juntos o sabor doce e azedo do sumo, e Jacomo percebeu que aquele era um momento tão íntimo quanto outros mais evidentes que vivenciaram até então.

Uma vela se apagou. Ele olhou pela janela e dava para ver que estava mais claro.

— Já é quase de manhã — constatou. — Deveríamos ir.

— Ainda não.

— O retrato vai ficar pronto em uma semana. Partiremos no dia seguinte. Está muito perto. Não podemos arriscar sermos descobertos agora.

— Você tem razão, mas certamente...

— Devemos ir — insistiu Jacomo, ficando de joelhos. Lucrécia ainda estava enrolada no cobertor: ele o puxou. Com as mãos nos ombros dela, a fez se deitar com os braços abertos. Ela se contorceu e suspirou, rindo enquanto ele passava a ponta da língua por seu ventre, por seus seios, então circulando o queixo até sua boca. Um último beijo, então ele estava de pé, vestindo as roupas.

— Isso é tudo. Vamos lá! Vista-se!

Lucrécia se arrastou sobre o cobertor até alcançar sua camisola, vestindo-a por cima da cabeça. Ela pegou o agasalho e o enrolou em volta dos ombros enquanto Jacomo colocava os restos de comida de volta na cesta e bebia o que sobrara do vinho direto da garrafa. Ele sacudiu e dobrou os cobertores, então, apagando as velas, colocou-as dentro da cesta. Colocou-a num canto do quarto.

— Pego isso depois — explicou, ao ver o olhar interrogativo de Lucrécia.

Eles desceram os inúmeros degraus, lentamente dessa vez, de mãos dadas perto da parede externa, onde os degraus eram mais largos. Jacomo carregava os cobertores debaixo do braço livre.

— São só mais alguns dias — falou, ao chegarem à base da torre. — Mesmo se não pudermos nos ver direito até o dia da partida, não falta muito.

— Sim — concordou Lucrécia. — Desde que nada aconteça nesse meio-tempo.

30

Lucrécia se sentia rígida, cansada e ridícula. Era desconcertante ser examinada até os mínimos detalhes por *fra* Pandolf, que a olhava de soslaio para observá-la, e também lutava para ignorar Jacomo, que desenhava com um semblante de total concentração.

Havia achado muito perturbador nos dois dias anteriores ver de tão perto o homem que passou a amar sem poder demonstrar esse sentimento — não que agora estivesse mais fácil. Tudo conspirava para a bolha estourar e ela cair na gargalhada, como água fervendo em uma chaleira. Não ficaria surpresa ao ver vapor saindo pelos ouvidos.

No primeiro dia posando, antes que o reverendo chegasse, Jacomo havia lhe descrito cuidadosamente sua ideia de pintá-la como Perséfone. Ela ficara maravilhada.

— Mas... Mas, por Perséfone ter comido seis sementes de romã, é obrigada a passar metade do ano no Mundo Inferior. No Hades. Ah, Jacomo, eu não sei se...

Ele a beijou, explicando que, apesar de ter a intenção de pintá-la como Perséfone, haveria uma grande diferença: Lucrécia estaria segurando uma romã em uma das mãos, enquanto a outra estaria aberta e vazia, com as palmas para cima. As doze sementes estariam caídas no chão, sem terem sido comidas.

— Dessa vez — disse ele —, a pintura vai nos mostrar que Perséfone *não*

sucumbiu à tentação; ela vai conseguir escapar do Deus do Mundo Inferior, saindo intacta do inferno.

O simbolismo talvez não fosse tão sutil, admitiu Jacomo, mas estava contente com a ideia.

Alfonso foi direto ao salão quando chegou de Bolonha. Após as inesperadas mudanças no grande afresco, sua intenção era acompanhar esse retrato. Se houvesse qualquer coisa que não aprovasse, queria se certificar de que seria alterada antes que fosse tarde demais.

O frade e seu assistente estavam ocupados desenhando. Pandolf sentava-se surpreendentemente próximo de Lucrécia. Ela estava linda, sem dúvida, naquele vestido vermelho e dourado que ele próprio lhe dera no último Natal. Estava satisfeito em vê-la usando-o: pensara que ela não tinha gostado. Raramente a via com ele.

Esses dias afastado da esposa o acalmaram, percebeu, e, para sua surpresa, viu-se capaz agora de olhar para ela sem a inquietação das semanas anteriores.

Nem os artistas nem Lucrécia pareceram ter notado sua chegada e, por algum tempo, Alfonso permaneceu em silêncio nas sombras, observando os pintores trabalhando. De onde estava, podia ver o papel de Pandolf. Ele estava, aparentemente, fazendo um estudo das mãos de Lucrécia, apesar de não ter desenhado muito, o que surpreendeu Alfonso: o retrato em si estava progredindo rapidamente. Na parede atrás de Lucrécia, o esboço inteiro já estava desenhado sobre a superfície da argamassa; a cabeça e o busto já estavam pintados. A profundidade e a paixão no rosto da duquesa eram marcantes, pensou. O quadro ficaria belíssimo.

Ele se perguntou por que Pandolf estava fazendo Lucrécia segurar uma romã. Não havia dúvida de que as cores das sementes expostas eram importantes na pintura, postas em contraste com o vermelho de seu vestido, mas não compreendia o simbolismo. Decidiu que perguntaria ao frade após a sessão.

Fra Pandolf parecia ter perdido o ritmo de seu desenho. Ele desperdiçava tempo com seu material de pintura. Deixou alguma coisa cair e se abaixou com dificuldade para pegá-la do chão. Por um momento, Lucrécia se perguntou o que haveria de errado com ele, então ela viu Alfonso no fundo da sala. O marido ainda estava com suas roupas de montaria e o cabelo desgrenhado pelo vento. Ele atraiu seu olhar, mas, sob o pretexto de ter de manter a expressão serena para a pintura, não se manifestou.

Fra Pandolf agora franzia o cenho, obviamente tentando recuperar a concentração, pensou Lucrécia, mas os rápidos olhares que lançava para trás demonstravam o desconforto que claramente sentia com a presença do patrono. Subitamente ele se levantou. Agarrado a sua prancheta, caminhou em direção a ela, com um sorriso artificial e dizendo quase para si mesmo, enquanto tirava a ponta do agasalho dela de cima da mão direita:

— O manto está enrolado demais em seu pulso, minha senhora. Já escorregou muito desde que comecei...

Lucrécia tentou atrair seu olhar, esperando acalmá-lo, pois sua ansiedade era perturbadora, mas ele não olhava diretamente para ela. Em pouco tempo, o frade retornou ao seu assento, tirando as dobras do hábito marrom da frente do desenho e ajustando o cordão branco amarrado em sua cintura, liberando-o de onde havia se agarrado à perna da cadeira.

Foi então que o olhar de Lucrécia inesperadamente se encontrou com o de Jacomo.

Ela tentava evitar encará-lo, temendo demonstrar sua intimidade. Ele estava se alongando na cadeira, flexionando os dedos enrijecido e tirando os cabelos dos olhos. Ao ver Lucrécia olhando para ele, as rugas em seu rosto se acentuaram; os cantos da boca se ergueram em um sorriso. Seus olhos dançavam de forma travessa, então, de forma súbita, ele passou a ponta da língua sobre os lábios. Lucrécia imediatamente sentiu uma onda de desejo: ela pensou no gesto de despedida no topo da torre e um rubor traidor surgiu em suas faces.

Em total espanto, Alfonso percebeu o rosto de Lucrécia enrubescer. Chegara de Bolonha na hora certa, pensou em fúria. Havia achado que conseguia olhar para a esposa sem inquietação? Grande equívoco! Um estrondo como uma catarata ressoou em seus ouvidos, as cores parecendo se desbotar da cena à frente, e uma neblina vermelha ameaçou engoli-lo ali mesmo. Era incompreensível. *Fra* Pandolf tinha se levantado para rearrumar o manto de Lucrécia, permanecendo ali por mais tempo que deveria, considerou Alfonso, com uma das mãos sobre a dela. Ele assistiu ao frade retornar ao assento com uma expressão estranha. Havia escutado seus comentários sussurrados sobre o manto e viu o olhar de Lucrécia seguindo-o enquanto caminhava. Observara Pandolf pegando o carvão e voltando ao desenho. E, em completo espanto, tinha visto Lucrécia — com o olhar ainda voltado na direção do frade — ficar vermelha, obviamente escondendo um sorriso.

Ela havia contado a eles! Ela só podia ter contado a eles! Um nó gelado torceu nas entranhas de Alfonso. Todos eles agora devem estar sabendo que o futuro do ducado de novecentos anos estava ameaçado por uma vergonhosa falta de rigidez em seu pênis.

Talvez todo o castelo soubesse.

Sua humilhação era completa.

Mas, mesmo enquanto era invadido por esse pensamento, viu mais uma vez o rubor no rosto de Lucrécia e quase foi derrubado ali mesmo por uma onda de desejo tão forte que o paralisou.

Lucrécia percebeu seu olhar. Ele viu os olhos dela se arregalando com... seria medo? Indiferença? Independentemente de que fosse, o olhar que a esposa lançou imediatamente extinguiu o desejo que ameaçava dominá-lo. Sobrou, em meio aos restos chamuscados, apenas um monte de raiva que Alfonso notou rapidamente se tornar mais forte que ele. Fechando os olhos por um instante, ficou imóvel, sentindo-se zonzo.

Sua mente se acalmou. Tinha total clareza sobre o que deveria fazer. Ela precisava ser silenciada. Imediatamente. Agora era óbvio. Não importava se havia

ou não contado aos pintores — ele estava quase certo de que contara —, era imperativo garantir que não contasse a mais ninguém. A chave havia sido dada a ele e chegava o momento de usá-la. Virando-se, desceu correndo a escadaria e saiu pela porta da frente. Com Folletto logo atrás.

Jacomo sentiu um calafrio quando o duque saiu. Devido àquele gesto impensado, talvez ele tivesse desatado a venda que cobria seus olhos. Seu coração se acelerou de medo e ele pôde ver, pelo rosto pálido de Lucrécia, que ela também estava apavorada.

31

Francesca e as meninas se assustaram com as fortes batidas na porta da frente. Beata e Isabella ficaram atrás da mesa, de mãos dadas, enquanto Francesca foi abrir.

Alfonso tinha uma expressão séria. Francesca ficou perplexa ao vê-lo — ele raramente ia até lá. Ela não podia ler sua expressão, mas, depois do que já acontecera, não ia arriscar dizer ou fazer nada a não ser que fosse preciso. Ela esperou que ele falasse.

O silêncio se estendeu tanto que começou a parecer ridículo. Todos estavam ali como estátuas, olhando uns para os outros sem dizer nada.

Então Alfonso falou:

— Vista uma capa. Tenho um trabalho para você.

Ele entregou a Francesca um pedaço de papel, dobrado e selado.

— Leve isso ao *signor* Carolei, o boticário na Via Fondobanchetto. Diga-lhe que a substância de que preciso tem de ser feita o mais rápido possível, mas não diga quem pediu. Traga a carta de volta com você. Aconteça o que acontecer, não a deixe com ele.

Francesca franziu o cenho.

— Não tenho problema em fazer esse serviço para você, mas não entendo por que um de seus criados não pode...

— Não quero delegar esse trabalho a qualquer outra pessoa, Francesca. Vou

esperar você aqui.

— Em minha casa? — questionou Francesca, surpresa.

— Parece ser preferível a ficar na rua — replicou Alfonso com um leve sorriso.

Francesca viu que seus olhos estavam brilhando de maneira estranha e se sentiu incomodada.

— Quero — disse ele — saber o resultado do serviço o quanto antes.

— Vamos o mais rápido possível.

As meninas se encostaram à parede enquanto elas e a mãe saíam de casa. Francesca podia perceber que estavam com medo do imenso cão negro, que, sendo alguns centímetros maior que elas, devia realmente parecer um monstro temível. Enquanto caminhavam, ela se virou, mas Alfonso e o galgo já haviam entrado na casa e fechado a porta.

Francesca e as filhas andaram rápido pela rua.

— Vocês preferem ir para a casa de Catelina? — perguntou Francesca. Elas concordaram. Francesca parou em frente à casa de Giorgio e bateu à porta.

Em poucos segundos, Catelina apareceu. Elas ouviram o bebê chorando.

Ela abriu a porta com a criança nos braços. Estava gritando, tinha o rosto vermelho e suado, com as mãozinhas minúsculas fechadas em punhos zangados. O rosto exausto de Catelina tentou sorrir ao ver as visitas.

— Sinto muito — disse a garota. — Como podem ver, ele está um pouco mal-humorado. Querem alguma coisa?

— Não — respondeu Francesca, percebendo que seu pedido não seria bem-vindo. — Ia pedir para deixar as meninas aqui por uma hora, mas posso ver que... — Ela parou.

— Ah, Francesca, desculpe-me... — falou Catelina, balançando de um lado para o outro para tentar acalmar o bebê agitado —, mas... ah, Deus, a pobre garota está muito doente. Está piorando a cada dia. Espero estar errada, mas acho que é febre puerperal.

— E o bebê?

— Não está doente, só com fome. A pobre criatura está doente demais para alimentá-lo. Giorgio foi procurar uma ama de leite.

— Sinto muito. Eu... tenho de ir a um boticário. Quero saber se tem algo que possa ajudá-la.

— Obrigada. Talvez ele possa vir aqui vê-la? Tentamos de tudo, e nada funciona.

— Vou ver o que ele pode fazer — declarou Francesca, olhando para as meninas, que encaravam o bebê barulhento com os olhos arregalados.

Francesca e as gêmeas chegaram à Via Fondobanchetto em questão de minutos: uma rua estreita e suja, com um filete de água correndo no meio. Elas encontraram a casa do boticário sem dificuldades.

O próprio *signor* Carolei abriu a porta. Tinha estatura mediana e estava um pouco acima do peso. Sua pele era extremamente pálida, como massa crua, e seus olhos salientes não possuíam cor, parecidos com poeira estagnada. Tais olhos observaram Francesca e as filhas por algum tempo antes que o boticário falasse ou se movesse.

— Sim? — Era pouco mais que um sussurro. O final da palavra se esticava num assobio.

Apesar de o corpo largo do boticário bloquear a entrada, Francesca podia ver atrás dele uma sala apertada, repleta de caixas, jarras e sacos; todos arrumados em pilhas que literalmente chegavam até o teto e apenas um pequeno espaço livre, levando a uma escada que descia para algum lugar.

— Tenho uma carta para o senhor — avisou Francesca. — Disseram-me para deixar o senhor ler e dar uma resposta, mas para eu ficar com o papel e devolvê-lo a seu autor. Ele alega que precisa da substância o mais rápido possível.

Signor Carolei concordou e pegou a carta. Fez um gesto com a cabeça, indicando que Francesca e as meninas o seguissem, e as guiou pela sala apertada em direção à escada, lendo enquanto caminhava.

No andar de baixo ficava seu escritório sem janelas, iluminado por tochas

presas a suportes nas paredes. Era uma sala espaçosa: larga e baixa, cheirando a uma mistura ácida de temperos, ovos podres e algo doce e metálico, como sangue. No centro havia uma mesa pesada. A madeira era áspera, repleta de furos e arranhões, parecendo uma tábua de açougueiro, com a superfície coberta de manchas coloridas. Um monte de folhas de diversos formatos e texturas estava sobre ela, além de um grupo de jarras de diferentes tamanhos. Algumas eram de vidro e se podia ver o conteúdo — amarelo, verde, branco e vermelho-escuro —, e outras eram de cerâmica. As paredes eram cobertas de estantes contendo dezenas — talvez centenas — de jarras parecidas. Havia uma delicada balança de bronze no canto da mesa, brilhando à luz do fogo. Um de seus pratos continha um punhado de pó branco, desequilibrando-a, de forma que um lado estava mais baixo que o outro; os pesos de medição que o boticário usaria se encontravam espalhados ao redor do mecanismo. Francesca presumiu que, ao bater à porta, interrompera a pesagem.

Estava quente e abafado ali dentro; o ar não circulava. Ela tremeu ao imaginar como seria passar horas num lugar fechado como aquele, sem ver a luz do dia e agora entendia a palidez do *signor* Carolei. Beata e Isabella estavam de pé ao lado dela, com os dedos apertando sua saia. Estavam quietas e imóveis. Francesca sabia que estavam com medo. O boticário leu novamente a carta de Alfonso.

— Diga-lhe que sim. Diga que estará pronto amanhã à noite, logo após o pôr do sol. Posso ver que ele já compreende a necessidade de... discrição. E, respondendo à última pergunta da carta, diga-lhe que funciona quase imediatamente. Não leva mais que... instantes. — Seus olhos salientes se arregalaram enquanto falava a última palavra, e ele esticou as mãos com a carta, agora levemente amassada e rasgada onde o selo se rompera.

— Obrigada, *signore* — replicou Francesca, pegando-a de sua mão. Os dedos tocaram a mão dele. Sua pele era fria e pálida, úmida com um suor gelado, e ela se retraiu como se o toque a tivesse queimado.

— Agora vamos para casa? — perguntou Isabella ao chegarem à rua, as três

piscando por causa da claridade.

Francesca mal pôde ouvi-la, lutava para controlar uma fria e crescente sensação de pânico. Ela abriu e leu a carta de Alfonso. Com uma onda de enjoo, claramente compreendeu a importância de seu "serviço". Alfonso tinha boas razões para não confiá-lo a um de seus criados. Ele pretendia acabar com uma vida. E, apesar de não ter identificado a vítima na carta, Francesca não tinha dúvida de sua identidade. Talvez fosse o brilho louco nos olhos dele quando lhe entregou a carta, algo que só vira antes nas ocasiões em que ele falava de sua terrível infelicidade em relação à esposa. De pé na rua, em frente à casa do boticário, ela visualizou a garota com sardas e um sorriso doce montada no cavalo baio.

— Ah, Deus do céu, não vou deixá-lo fazer isso. Não posso. Preciso que ela descubra o que está acontecendo.

— Quem, mamãe?

Francesca se assustou ao perceber que havia falado em voz alta e que as gêmeas escutaram. Ela respondeu honesta mas brevemente:

— Uma dama no Castello Estense. Aquela moça gentil que deu os laços para vocês. Mas não sei a melhor maneira de alcançá-la.

Ela estava tão apavorada e horrorizada com a intriga de Alfonso que não ouviu Beata dizer:

— Giorgio trabalha no Castello.

Como ela não respondeu, Beata repetiu:

— Mamãe, ele trabalha...

— O quê? De quem você está falando?

— Grande Giorgio, nosso vizinho. Ele me disse que trabalha com os cavalos no Castello.

Giorgio. Catelina. Aquele bebê. Ah, Deus, ela os tinha esquecido completamente...

Perguntou:

— Giorgio trabalha no Castello?

— Sim. E Catelina disse que também costumava trabalhar lá. Ela trabalhava para uma dama, mas agora não trabalha mais.

Francesca parou, olhando para as crianças. Disse:

— Quando o homem que está esperando lá em casa for embora, quero que vocês fiquem quietinhas enquanto vou visitar Catelina. Não devem dizer nada ao homem sobre isso. É muito importante. Entenderam?

As duas assentiram.

Pouco tempo depois, chegaram em casa e Francesca hesitou em frente à porta, com uma das mãos na parede, pensando rápido.

Alfonso permaneceu imóvel enquanto Francesca lhe entregava a carta e dizia:

— Estará pronto amanhã à noite, logo após o pôr do sol. Ele disse que você deve saber da necessidade de discrição. E falou que... funciona em instantes.

Sua voz não era inexpressiva, mas ela tremia. Alfonso percebeu que ela entendera o que havia por trás do serviço que tinha acabado de realizar.

— Vou lá buscar para você — prosseguiu Francesca. Ele observou enquanto sua bela prostituta parecia lutar consigo mesma. Levou alguns segundos para proferir as palavras, então caiu em um silêncio, como cascalhos num poço. — E vou... vou ter você de novo como era, quando tudo isso... acabar?

Sem conseguir responder, Alfonso deixou todo o ar sair dos pulmões em um longo e trêmulo suspiro. Ele assentiu.

— Vou passar a noite na *villetta* depois que... depois que estiver terminado — conseguiu dizer. Sua voz soava vazia e distante, como se estivesse do outro lado de um túnel. — Talvez você queira me acompanhar. Não pretendo retornar até a tarde do dia seguinte.

Sem dizer nada, Francesca concordou lentamente.

— Então esteja na ponte levadiça principal amanhã à meia-noite, Francesca.

Ela atravessou a sala até onde Alfonso estava. Inclinando a cabeça de lado, beijou languidamente sua boca, deslizando a língua sobre a dele. Ele pôs os braços em volta dela, mas Francesca se afastou. Sua boca estava molhada.

— Não. Não com as meninas aqui. Você vai ter de esperar até amanhã à noite.

Sem dizer mais nada, ela se virou e subiu a escada.

Muitos anos antes, um amigo que viajara pelas terras dos beduínos havia descrito a Alfonso uma noite que passara numa tempestade de areia. Sua vívida descrição da implacabilidade uivante das areias, do som demoníaco do vento e da dor cortante dos grãos na pele e nos olhos parecia, naquele momento, a única coisa que chegava perto de descrever a confusão que o empurrava para a beira do precipício. Sentia o terror do que acabara de colocar em movimento, um anseio doloroso pela calma voluptuosa daquela câmara escura em sua mente, uma nova onda de desejo por sua prostituta e um cansaço horrível das vergonhas e das humilhações de seu casamento doentio. Ele apertou os olhos e pôs as mãos na cabeça, com força, enquanto tudo fervilhava em sua mente.

Então tudo se aquietou e Alfonso viu uma intensa imagem da criatura que trouxera de Cafaggiolo. Ele ainda a desejava mais que qualquer outra coisa — sentia a dor desse desejo desde o humilhante fracasso da noite de núpcias. Ela precisava ser destruída — ele já havia decidido. Para o ducado sobreviver, não existia outra escolha. Mas ele também precisava tirá-la da cabeça. Independentemente de quem Lucrécia fosse, o que tivesse feito ou o perigo que representava, ele sabia que, para exorcizá-la de sua mente, era imperativo que possuísse completamente aquela imagem — pelo menos uma vez —, antes de destruí-la. Agora, com a chave nas mãos, acreditou finalmente saber como fazer para conseguir o que queria.

Alfonso amassou a carta em uma bola e a atirou na lareira. Uma pequena e abundante chama a rodeou e enfim a queimou. O papel se moveu enquanto escurecia, queimava e se desintegrava.

32

— Ah, graças a Deus você está aqui! — Catelina deu um passo para trás e Francesca entrou. Catelina a viu olhar para a escada. — Giorgio não conseguiu encontrar uma ama de leite. Ele teve de voltar ao castelo. Acabei de dar ao bebê um pouco de leite de cabra. Finalmente parou de chorar, coitadinho. — Ela fez uma pausa. — O boticário disse que viria?

Ela olhou com mais atenção para Francesca e foi tomada de surpresa pela expressão em seu rosto.

— O quê? O que foi, Francesca? O que ele disse?

Francesca hesitou.

— Sinto muito, não perguntei nada a ele... porque...

— Por favor, diga-me qual é o problema.

— As meninas... Elas disseram que você trabalhava no Castello...

Catelina franziu o cenho.

— E isso importa?

— Não, claro que não, mas... Ah, Deus, preciso saber! É verdade que você trabalhava para a duquesa?

— Por que quer saber?

Francesca a encarou por um longo tempo antes de começar a falar. Catelina escutou e cada palavra que ouvia parecia lhe lançar fragmentos gelados de horror através de seu couro cabeludo.

— Não compreendo — disse ela, por fim. — Por que você? Por que o *signore* pediria a *você* que entregasse a mensagem? Como ele a conhece tão bem, para confiá-la com...?

Francesca corou.

— Quem é você, exatamente? — perguntou Catelina, lentamente, percebendo que nunca pensara em perguntar o que ela fazia.

— Não é óbvio?

Catelina pensou nas gêmeas e aquela vaga familiaridade subitamente fez sentido.

— Você... e ele?

Francesca assentiu.

— Desde quando?

— Quase nove anos.

— E aquelas meninas, elas são...?

Outro aceno com a cabeça.

— Ah, Deus do céu, minha pobre senhora. Mas... — Catelina estava de repente irritada. — Mas não entendo. Se você e ele têm... bem, por que está me contando isso? Por que se importa? Com certeza sua lealdade é para com ele. O que ela significa para você?

— Por que me importo? — A voz de Francesca falhou. — Ah, Deus, se você o tivesse visto planejar essa coisa *abominável*, sem um pingo de emoção, não pensaria em perguntar o *porquê*! — Ela fez uma pausa, então disse: — Ele não é mais o homem que conheci por tanto tempo. Não sei o que aconteceu, mas... acho que ele está perdendo a razão.

Catelina viu que havia lágrimas nos olhos dela e acreditou.

Francesca continuou:

— A duquesa precisa ser avisada. Não posso ir ao Castello, mas me disseram que Giorgio trabalha lá e...

Era óbvio.

— Sim. Precisamos falar com ele. Giorgio pode alertar Jacomo. Jacomo vai

tirá-la de lá.

Ouviu-se um choro de bebê no andar de cima.

Francesca olhou para a escada.

— Você precisa ficar aqui. As gêmeas podem entregar uma mensagem. Assim que elas tiverem ido embora, vou procurar ajuda para o bebê. Você tem papel e caneta?

— Sim, mas você vai ter de escrever o bilhete. Eu não sei como.

* * *

Giorgio viu as duas filhas da vizinha acenando para ele do portão. Ele sorriu e acenou de volta. Uma delas fez um gesto com a mão, chamando-o, e Giorgio atravessou o pátio em direção a elas.

— Que surpresa vê-las aqui — disse ele, agachando-se diante das meninas.

— Temos um bilhete para você.

Uma delas enfiou a mão na gola da blusa e tirou um pedaço de papel amassado. Entregou-o a Giorgio. Ele pegou o bilhete, sorrindo, e o leu, esperando algo inconsequente, mas o que viu acabou com seu sorriso e lhe enviou um choque gelado pela espinha. Repentinamente ficou enjoado.

— Obrigado, meninas — falou, tentando não transparecer sua ansiedade. — Agora é melhor voltarem logo para casa. Digam a Catelina e sua mãe que... que farei tudo que puder, está certo?

Elas assentiram com a cabeça e correram de volta em direção à cidade, de mãos dadas mais uma vez, olhando para trás e acenando para Giorgio enquanto andavam.

Giovanni viu, de onde estava enquanto examinava o novo casco de Brezza, duas lindas menininhas deixando o pátio dos estábulos. O rosto de Giorgio ficou branco — como se alguém tivesse lhe dado um susto. Giovanni acariciou sua égua e atravessou o pátio.

— O que foi, *amico*?

— Tenho de ir... Preciso encontrar... — Giorgio parecia bem distraído, sem saber o que dizia ou fazia. O que estava escrito naquele bilhete o deixara em estado de choque, pensou Giovanni, mais alarmado que curioso.

— O que aconteceu, Giorgio?

Giorgio agora tremia visivelmente.

— *Signore*, preciso lhe dizer, é sua prima. — Subitamente Giovanni não estava mais alarmado, e sim apavorado.

— O que foi? Rápido! Diga-me! — Seu coração disparou enquanto olhava para o rosto pálido de Giorgio. Ele pegou o bilhete que o outro lhe entregou e o leu. — Ah, Deus! Preciso tirá-la daqui agora.

— Não. Você não pode. Ela saiu com o mestre de montaria. Preparei os cavalos há uma hora e não sei aonde foram. O *signore* disse que a encontraria aqui depois, e, se suspeitar que sabemos alguma coisa sobre *isso*, fará de tudo para nos silenciar.

Uma longa pausa.

— Precisamos falar com Jacomo — disse Giovanni, mais para si mesmo que para Giorgio. — Não há tempo para explicar, mas, acredite em mim, ele precisa saber.

— Voltarei para casa — replicou Giorgio, e explicou a Giovanni como chegar lá. — Leve esse tal de Jacomo para lá agora.

Giovanni caminhou pelo Castello, tentando não parecer estar com pressa. Encontrou Jacomo no saguão, trabalhando sozinho no retrato. Giovanni percebeu apenas vagamente a incrível semelhança naquilo que ele estava criando em tão pouco tempo — a cabeça e grande parte do corpo já estavam prontos e ele estava agachado na frente de uma das mãos. A outra, segurando uma romã parcialmente descascada, também já estava terminada.

Jacomo sentiu sua presença e se virou, olhando com curiosidade para ele, ainda ajoelhado no chão.

— Posso falar com você com urgência? — murmurou Giovanni.

Jacomo não disse uma palavra; guardou seu pincel e o seguiu.

Giovanni contou tudo a ele.

— Vou buscá-la agora — falou Jacomo. Seu rosto estava pálido, mas sua voz era segura.

— Não, não pode. Ela não está aqui. Ela saiu para cavalgar e *ele* estará lá quando voltarem, segundo Giorgio. Não teríamos chance de levá-la sem sermos vistos. Venha comigo até a casa de Giorgio. Vamos tentar descobrir uma maneira de tirá-la daqui sem que *il duca* saiba que você partiu.

Quando Jacomo e Giovanni entraram na pequena casa, um bebê chorava. Era um som agudo e desolado, o único som na casa. Parecia um ruído de total desesperança. Asas em pânico começaram a bater dentro da cabeça de Jacomo.

Ele olhou em volta. Giorgio estava nas sombras, encostado na parede, os ombros curvados, os braços cruzados, o rosto duro e balançando uma das pernas. Havia três pessoas que Jacomo nunca tinha visto sentadas à pequena mesa no centro da sala: uma mulher incrivelmente linda, com um machucado sob um dos olhos e, de cada lado dela, duas menininhas idênticas.

Giorgio se afastou da parede.

— *Signori*, apresento-lhes a *signora* Felizzi — disse, indicando a mulher à mesa. Jacomo e Giovanni inclinaram a cabeça em direção a ela. As meninas se encostaram na mãe.

Catelina apareceu nas escadas com o bebê que agora dormia em seu colo. Atrás dela, para surpresa de Jacomo, estava um homem mais velho, quase careca e com sobrancelhas brancas: Alessandro Giglio, o boticário. Catelina estava exausta, percebeu Jacomo, tinha o rosto pálido e marcado de lágrimas. Segurando o bebê junto ao peito, ela desceu a escada com cuidado. A *signora* Felizzi fez com que as meninas se levantassem para que Catelina pudesse sentar.

Alessandro seguiu Catelina com um ar triste. Sentando-se na cadeira vazia, ele passou um dedo nodoso na cabeça do bebê.

— Francesca — falou Giorgio, e todos se viraram para ele. — Diga aos *signori*

o que você me contou.

Jacomo observou a bela *signora* Felizzi concordar com Giorgio, então olhar de Catelina até ele e Giovanni. Ela hesitou por um momento, então disse em voz baixa:

— O duque contratou o boticário na Via Fondobanchetto para produzir... uma substância com a qual creio que pretende... se livrar de um problema que não consegue mais suportar. — Ela respirou longa e profundamente. — Não tenho provas, mas acredito que ele pretenda envenenar a duquesa. O duque encomendou um frasco de *La Cantarella*. Devo... ir buscá-lo amanhã à noite, logo após o pôr do sol.

Suas palavras fizeram Jacomo perder o fôlego. Ela era um ser sobrenatural, pensou, uma linda feiticeira para além do reino do Estige. Ele não sabia quem era ou por que estaria fazendo entregas ao duque, mas pôde ver que suas palavras eram honestas e não conseguiu tirar os olhos de seu rosto.

Giovanni perguntou:

— Mas o que podemos fazer? Como vamos impedi-lo? Não podemos ficar parados aqui e deixar isso acontecer.

Um silêncio tenso tomou conta da sala.

Ninguém disse uma palavra.

Então, olhando para Alessandro, Catelina falou:

— Existe algo que podemos fazer. *Signor* Giglio sugeriu ainda há pouco. Ele disse que deve funcionar. Conte a eles, *signore*.

O velho boticário falou com suavidade, adentrando o silêncio.

— Deus do céu! Vamos todos para o inferno! — exclamou Giorgio, com a voz rouca.

Catelina abraçou o bebê mais perto de si e disse:

— Mas agora que a pobre menina está morta...

— Lina, essa criança está órfã de mãe há menos de meia hora. A garota ainda está quente!

Catelina replicou:

— Eu sei que isso soa terrível, mas é a única chance que teremos para tirar minha senhora de lá sem que o duque saiba. Acho que é o único jeito.

Francesca, Jacomo, Giovanni e Alessandro Giglio caminharam rápida e silenciosamente pelas ruas de Ferrara. Na encruzilhada onde se separariam, pararam.

— Jacomo, devo dizer a Crezzi o que vai acontecer? — perguntou Giovanni em voz baixa.

— Não. Ela ficaria apavorada. Se o duque perceber seu medo, pode descobrir nossas intenções. Para termos sucesso em tirá-la do castelo, ele precisa acreditar que seu plano funcionou.

Giovanni praguejou. Ele parecia, considerou Francesca, muito jovem e assustado.

— Mas e se o plano dele *realmente* funcionar? — perguntou o rapaz.

— Vou fazer tudo o que puder para garantir que não funcione, *signore* — assegurou Alessandro. — Mas tenho de me apressar; preciso preparar muitas coisas.

Francesca pôs a mão no braço de Giovanni.

— Precisamos confiar em Alessandro. Ele conhece seu ofício melhor que qualquer um. E, de qualquer forma, a duquesa estará segura até amanhã à noite.

Giovanni assentiu e limpou os olhos com uma das mãos, respirando pela boca como se tivesse acabado de correr. Então disse, com a voz cheia de ansiedade:

— Isso precisa funcionar. — Em seguida, virando-se em direção ao Castello, saiu correndo.

Os outros três começaram a andar rápido em direção ao rio, Alessandro e Francesca quase precisando correr para acompanhar os passos largos de Jacomo.

Catelina deitou gentilmente o bebê em um tapete de pele de ovelha no baú de madeira e pôs um cobertor sobre ele. Bem confortável agora, ele dormiu, com a barriga parcialmente cheia com o leite de cabra que ela havia usado para

amamentá-lo com o dedo, lentamente, gota a gota. Catelina o observou por um tempo, comovida com sua pequenez, então suspirou e seus olhos se viraram para a pequena silhueta na cama. A garota morta era diminuta, magra e pálida, parecia ser extremamente frágil, como uma pétala ferida caindo de uma flor.

— Sinto muito, Chiara — disse Catelina, sentando-se na cabeceira da cama e tirando os cabelos do rosto branco como cera. — Você trabalhou tanto para trazer seu menino ao mundo. É injusto que isso tenha acontecido. Sinto muito por não ter podido ajudá-la devidamente. Eu tentei. E o *signor* Giglio também tentou. Se havia alguém que podia salvá-la, era ele. De qualquer jeito, você merecia um destino melhor que esse. Vou tomar conta do menino, prometo, da melhor maneira que puder. Vou chamá-lo de Paolo, porque significa "pequeno". Ele é tão pequenino...

O bebê choramingou. Catelina se curvou e pôs uma das mãos sobre sua barriga.

— Espero que não esteja tão abalada com o que propusemos — continuou. — Sei que tudo soa muito terrível, mas... mas acho que é o único jeito de salvarmos minha senhora; então, por favor, perdoe-nos.

33

Lucrécia chegou da cavalgada desesperada para ver Jacomo, mesmo sabendo que seria uma tolice. Mas aquilo se mostrou impossível: Alfonso a estava esperando no pátio. A coisa em si já era estranha, pensou. O duque raramente tentava ficar com ela durante o dia. Havia algo mais: algo desconcertante em sua atitude. Ele havia, pensou Lucrécia, estado distante e sombrio durante as últimas semanas e ela se acostumara a ver um olhar melancólico em seu rosto — mas agora, percebeu, havia uma nova agitação: uma energia vívida, inquieta. Ele lhe sorriu enquanto estendia a mão para ajudá-la a descer da sela, porém Lucrécia não viu nenhum carinho naquele sorriso. Seus olhos cinzentos brilharam e por trás deles se ocultava o que parecia uma fome, um apetite ardente por... por algo que ela não podia compreender.

— Gostou de seu passeio, Lucrécia?

Ela forçou um sorriso.

— Sim, obrigada. Mas o *signor* Bracciante irá lhe dizer que ainda estou longe de ser uma boa amazona.

O mestre de montaria, sempre taciturno, não replicou e Alfonso não tentou trazê-lo para a conversa. Seu olhar estava fixado em Lucrécia. O estômago dela se contorceu com a possibilidade de um reinício de suas atenções. Ela esperava, depois daquela noite terrível, que não precisasse encarar outro encontro com Alfonso antes de fugir com Jacomo, e, na verdade, estava contando as horas —

talvez até os minutos — para deixar o Castello com seu pintor. Conforme a terça-feira se aproximava e Alfonso mantinha sua distância, até aquele momento, ela pensava que teria sorte. Mas parecia que hoje algo havia despertado uma memória daquela noite também na cabeça de Alfonso: com um sentimento de inevitabilidade, enjoada, Lucrécia notou o olhar dele se mover de seus olhos para sua boca, dali para seus seios e de volta ao rosto.

— Venha, Lucrécia — chamou Alfonso então, ignorando o *signor* Bracciante. — Estou com vontade de jogar uma partida de *dama*.

Ele pegou a mão de Lucrécia e segurou firme, virando e andando em direção ao Castello pelo pátio em um ritmo tão intenso que Lucrécia quase corria para acompanhá-lo. O cão negro os seguia a poucos passos de distância.

— Faz tempo que não jogamos, não é?

— É — respondeu Lucrécia.

— Sabe como chamam esse jogo na França, agora que mudaram as regras? — perguntou Alfonso, olhando novamente para sua boca.

— Não.

— *Jeu force*. Porque agora, se você *pode* comer uma peça do oponente, você *deve* fazê-lo. Muito mais empolgante, não acha?

— Essa regra certamente não deixa espaço para a compaixão — sugeriu Lucrécia, e Alfonso deu uma risada.

— Nesse jogo não há lugar para compaixão, Lucrécia. Requer determinação implacável para se livrar do que há no caminho e coragem para fazer movimentos que parecem apressados, em busca do sucesso final. É isso o que lhe fará ganhar o jogo.

Uma porta se abriu ruidosamente poucos metros à frente e o coração de Lucrécia quase saiu pela boca.

Era Jacomo.

Ele estava saindo de costas para o corredor, lutando contra o peso do biombo que usara para esconder a seção final do afresco. Alfonso parou, sem conseguir continuar, porque Jacomo e sua carga bloqueavam o caminho. Lucrécia olhou

para seu pintor. Não o vira desde quando posou no dia anterior, quando Alfonso tinha saído em disparada, parecendo consumido por um ódio apavorante. Ela ainda não sabia se o marido havia ou não visto Jacomo olhar para ela — mas podia apenas presumir que sim. Desde então, Lucrécia estava desesperada para encontrar Jacomo, porém não se atrevia a atrair mais atenção para ele.

Agora, entretanto, ela ouviu novamente as palavras que Alfonso havia acabado de pronunciar e um pensamento realmente terrível lhe ocorreu. Seu marido enxergara a indiscutível evidência no dia anterior, tirara suas conclusões e decidira "comer uma peça do oponente"? Era por isso que estava tão agitado e diferente de seu normal? Ah, Deus do céu! Ela queria alertar Jacomo. Sentiu as palavras prestes a explodir de sua boca: *Fique com o reverendo o tempo todo. Pelo amor de Deus, não vá sozinho a lugar algum. Ele quer machucá-lo. Fique longe dele!* Mas ali, na presença de Alfonso, ela podia apenas sentir medo e permanecer muda.

Lucrécia viu que os olhos de Jacomo também estavam arregalados de ansiedade. Ele estava muito pálido.

— Eu... Eu sinto muito, *signore* — gaguejou, fazendo um esforço para tirar o biombo do caminho. — Vou tirá-lo da frente agora mesmo.

— Ah, pelo amor de Deus, rapaz — retorquiu Alfonso. — Apenas saia do caminho!

Jacomo conseguiu arrastar o biombo para um lado do corredor e Alfonso passou rapidamente. Com lágrimas nos olhos, Lucrécia trocou um breve olhar com ele, a mão ainda presa à de Alfonso. Era insuportável. Um uivo de desejo subiu em seu peito e ela precisou se conter para não puxar a mão do aperto do marido e correr para onde Jacomo estava.

— Aquele não era o jovem assistente de Pandolf? — perguntou Alfonso de maneira irritada enquanto andavam.

— Creio que sim.

— Parece que aquela grande mancha em seu rosto indica uma distinta falta de inteligência! O rapaz é um verdadeiro idiota.

Lucrécia não comentou nada.

— Pandolf diz que ele é um pintor talentoso. Um *pintor talentoso*? Acho muito difícil de acreditar. Parece-me impossível que um camponês iletrado como aquele possa ter qualquer sensibilidade artística. Sem dúvida Pandolf exagera a respeito da habilidade de seu aprendiz por algum senso de caridade franciscana.

O rosto de Lucrécia ardia. Se essa era uma opinião genuína, seus temores não tinham sentido; Alfonso não havia visto nada e não pretendia machucar Jacomo. Mas, pensou ela, e se isso fosse sua ideia de provocação, para retribuir dolorosamente a recém-descoberta infidelidade? Talvez o duque quisesse depreciar Jacomo na frente dela, para humilhá-la por — na opinião dele — sua péssima escolha de amante, antes de destruí-lo. Mas, antes que pudesse pensar mais nesse enigma, chegaram ao quarto de jogos. Alfonso segurava a porta aberta para ela. Ao entrar, Lucrécia viu que o marido já tinha preparado o jogo de *dama*. As pequenas peças redondas estavam posicionadas nos quadrados vermelhos e brancos do tabuleiro, com uma cadeira de cada lado da mesa.

Lucrécia olhou em volta com os pensamentos confusos. Atrás do jogo de *dama*, a mesa de *biliardo* havia sido deixada pronta para se jogar, com várias bolas espalhadas por sua superfície aveludada e dois tacos encostados na parede. Diversas raquetes de tênis se encontravam empilhadas no chão, logo abaixo da janela, e, em uma outra mesa, mais larga, viam-se alguns dados, um conjunto de xadrez e um tabuleiro de *zara*. Os quadrados coloridos, os círculos e as estrelas estavam amontoados em uma caixa de marfim aberta. Nas paredes havia várias tapeçarias retratando vários esportes, enquanto máscaras da *commedia dell'arte*, coloridas e ornamentadas, sorriam de suportes — que, na opinião de Lucrécia, pareciam mais forcas. No passado, ela havia gostado de ficar naquela sala, mas agora sua alegria vibrante parecia zombar de sua ansiedade.

Alfonso falou através de seus pensamentos tumultuados:

— Venha, Lucrécia, você joga com as brancas. Vou com as vermelhas e começo o jogo. Lembre que, quando eu *puder* comer uma peça, sou obrigado a fazê-lo. Não há escolha.

E, colocando o dedo indicador em uma das peças circulares, ele a deslizou para a frente em uma diagonal de quadrados vermelhos.

— Obrigada, Alfonso — agradeceu Lucrécia pouco tempo depois, quando ele, para seu grande prazer, e alívio dela, venceu a partida com alguma facilidade. — Você joga melhor do que eu jamais conseguirei.

— Talvez — foi sua única resposta.

— Estou cansada agora. Gostaria de voltar ao meu quarto.

— Bem, então vou acompanhá-la. Podemos jantar lá também.

Alfonso, Lucrécia e o sempre presente fantasma negro seguiram através do castelo.

Por quê? Lucrécia perguntou a si mesma. Por quê? Por quê? Por quê? Por que, depois de todas essas semanas evitando sua presença, Alfonso agora resolvia agir como um marido dedicado? Algo havia mudado: ela sabia. Algo tinha se alterado dentro dele e isso a enervava. Lucrécia se sentiu sozinha e vulnerável. Enquanto se aproximavam de seu quarto, ela chegou a uma decisão: não fazia ideia do que havia por trás dessa mudança de comportamento de Alfonso, mas, qualquer que fosse o motivo, ela faria o que o duque quisesse — por mais estressante e repugnante que fosse. Manter Alfonso feliz, pensou, com certeza era a melhor maneira de manter Jacomo seguro. Ela havia, afinal de contas, sobrevivido à última provação. No máximo, seriam alguns poucos dias mais de purgatório. Ela poderia suportá-los.

Entretanto, havia uma voz sussurrando em sua mente que Lucrécia não conseguia distinguir direito. Esgueirou-se até sua alma, aguda e fina como um fio, distraindo-a: *Você não acha que ele faria uma coisa dessas sozinho, não é? Talvez,* sussurrava a voz, *ele queira você em seu quarto, longe de Jacomo, para que alguém possa executar suas ordens e livrá-lo do "oponente" enquanto você está nos braços dele. Talvez... enquanto você se submete às atenções de Alfonso, certa de que, ao fazê-lo, está mantendo Jacomo seguro, em algum lugar no castelo...*

— Crezzi! — Uma voz assaltou a imaginação de Lucrécia, que escutou passos

rápidos se aproximando. Alfonso diminuiu o ritmo de sua caminhada e se virou junto da esposa. Lucrécia quase chorou de alívio ao ver Giovanni.

Ele correu, parando ao chegar perto dela.

— *Signore*, perdoe-me. — Ele se curvou para Alfonso e então se voltou a Lucrécia. — Crezzi, já faz dois dias que não a vejo.

— Pois é. Onde esteve?

— Preparando-me para retornar a Cafaggiolo, mais que qualquer outra coisa. Vou embora em poucos dias.

— Ah, Vanni, não percebi que já estava de partida. Devia ter ido cavalgar comigo e o *signor* Bracciante...

— Diga-me, *signore* — interrompeu Alfonso —, gostou de sua estada no Castello? Ficou impressionado com a inauguração do afresco?

— Sim senhor, eu...

— E quanto ao retrato?

— É claro. Ainda não está terminado, *signore*, mas prometo que vou contar a meus tios sobre a extraordinária semelhança de Crezzi que *fra* Pandolf — Giovanni lançou um olhar para Lucrécia — já conseguiu captar.

Alfonso pareceu satisfeito. Fitando Lucrécia, ele disse:

— Pode dizer a eles como é gratificante ter sua prima assim... imortalizada... como uma decoração permanente na estrutura do Castello.

Giovanni se virou para Lucrécia enquanto Alfonso falava. Ela viu, surpresa, que seus olhos estavam arregalados e escuros, e pequenas gotas de suor pendiam acima de seu lábio. O rapaz parecia profundamente incomodado.

— Você... Você está se sentindo bem, Vanni? — indagou Lucrécia, alcançando sua mão. Ela estava fria e úmida.

Ele sorriu e assentiu, mas ela não ficou satisfeita. Seu mal-estar ecoava a atmosfera hostil que parecia circular por todo o castelo naquele dia. Lucrécia começou a sentir como se um ser anônimo e ameaçador estivesse solto no prédio — uma versão selvagem de Folletto —, caminhando sobre patas suaves pelos corredores. Uma criatura que poderia confrontá-los a qualquer momento,

rangendo os dentes, pronta para atacar.

— Gostaria de jantar conosco, Vanni? — perguntou Lucrécia, enquanto se aproximavam do quarto.

— Ah, tenho certeza de que seu primo tem muito a fazer, Lucrécia. Sem dúvida não vai querer passar o pouco tempo que ainda possui em Ferrara enfurnado em seus aposentos — comentou Alfonso com uma falsa delicadeza, antes que Giovanni pudesse responder.

Mas Giovanni retrucou:

— Pelo contrário, *signore*, eu gostaria de passar o máximo de tempo que puder com Lucrécia antes de partir.

Alfonso ainda segurava a mão de Lucrécia. Ela sentiu seus dedos se endurecerem com as palavras de Giovanni, que, até a seus ouvidos, soaram impertinentes.

— Acho que não me entendeu, senhor — replicou o duque. — Não gostaria de ter de dizer isso de maneira tão evidente, mas, como me coloca nessa posição, deixe-me explicar: eu gostaria de jantar a sós com minha duquesa.

Giovanni enrubesceu.

— Perdoe-me — disse, mas dirigindo-se a Lucrécia e não a Alfonso. Fez um arremedo de reverência e foi embora.

Já era quase noite quando Lucrécia e Alfonso acabaram de comer. As velas nos suportes da parede estavam acesas, assim como a lareira, lançando sombras trêmulas sobre o chão.

Lucrécia começava a se sentir enjoada com a ideia do que estava para acontecer, pois Alfonso deixara claro durante a tarde inteira que tinha algo em mente. Seu olhar, pensou Lucrécia, estava faminto desde que a tinha ajudado a descer do cavalo horas atrás. Havia uma ponta de medo em sua garganta enquanto o esperava fazer a primeira sugestão. Então ela ficou pasma quando Alfonso se levantou da cadeira e disse:

— Você parece cansada, Lucrécia. Vou me retirar e deixá-la dormir. — Ele

fez uma pausa. — Mas vou, entretanto, esperar ansiosamente pelo dia de amanhã.

Passando apenas os dedos pelo braço da esposa e segurando seu ombro por um instante, Alfonso a deixou.

Lucrécia permaneceu sentada, olhando para as chamas e temendo pela segurança de Jacomo de tal maneira que chegava a doer. Mas não se atrevia a deixar o quarto. Dormir parecia impossível e, depois de se deitar, permaneceu acordada durante horas, olhando para o céu através da janela sem cortinas.

Ela devia ter dormido, afinal de contas, apesar de se lembrar de ter visto o começo da aurora. Parecia que havia aberto os olhos poucos momentos depois, subitamente como se tivesse sido acordada por alguém. Estava claro lá fora e o sol estava a pino. Deviam ter se passado horas. O sono desapareceu de imediato e o peso frio do medo a pressionou mais uma vez. Ela mal era capaz de suportar o pensamento do que poderia ter acontecido enquanto dormia.

Lucrécia despiu a camisola e vestiu a combinação que havia usado no dia anterior. Empurrando com força a tampa de um baú, fazendo-a bater contra a parede, ela pegou um espartilho azul e uma saia. Seus dedos tremiam tanto que a saia quase caiu de suas mãos duas vezes enquanto tentava apertá-la. Fez os laços do espartilho de qualquer maneira e empurrou os braços pelas mangas, lutando para vesti-lo por cima da cabeça com mãos que pareciam luvas vazias.

Ela escutou movimento no quarto vizinho. Houve uma batida à porta e uma de suas criadas entrou. Os olhos da moça se arregalaram ao ver o esforço da duquesa.

— Minha senhora...?

— Eu... Eu... ahn... — Lucrécia não conseguiu pensar em nada para falar.

— Posso ajudá-la, *signora*? — ofereceu-se a jovem. Ela era baixa e morena. Lucrécia achava que nunca a tinha visto antes. Desde a saída de Catelina, suas criadas pareciam sem importância e desinteressantes, raramente falando com elas mais que o necessário.

— Obrigada — respondeu. — Se você puder me ajudar a apertar isso.

Ela se virou de costas, mostrando o espartilho mal-amarrado. Com dedos ágeis e capazes, a garota o endireitou e apertou; conforme o espartilho empurrava seus seios, Lucrécia pôde sentir as batidas do coração e se perguntou se a criada seria capaz de ver que seu corpo tremia.

Tentando manter a voz calma, ela disse:

— Dormi mais que pretendia. Vou até o jardim do terraço para aproveitar o sol. — Um trajeto que a faria atravessar o saguão de entrada.

— Sim, minha senhora.

Lucrécia era capaz de sentir os olhos da garota sobre ela enquanto deixava o quarto. Irritada consigo mesma — por que achara que precisava explicar aonde ia? —, ela andou lentamente pelo corredor, mas, assim que virou a esquina, correu. Quase caindo, com a mão agarrada na saia, ela subiu dois degraus de cada vez, derrapando ao fazer uma curva acentuada para o corredor de passagem. Seu ombro bateu contra a parede e ela tropeçou. Forçou-se a voltar a andar, o mais rápido que conseguia, em direção aonde esperava encontrar Jacomo trabalhando no retrato.

A luz do sol no saguão era ofuscante quando Lucrécia saiu da escuridão do corredor e por um instante não conseguiu enxergar nada. Então, entre as escadas, ela o viu. Jacomo estava agachado a poucos metros do reverendo, com o cenho franzido em total concentração, com um pincel na mão e outro entre os dentes. Lucrécia suspirou de alívio e voltou para as sombras. Não se atreveu a deixar Jacomo vê-la — se ele lhe sorrisse agora, tinha certeza de que iria chorar.

Algum tempo no terraço, considerou Lucrécia, a ajudaria a se acalmar o suficiente para voltar ao saguão sem medo de se expor diante de *fra* Pandolf.

Precisava encontrar uma maneira de falar com Jacomo.

Eles precisavam deixar o Castello hoje.

O sol estava quente nos tijolos vermelhos quando ela chegou ao jardim do terraço. Cruzando-o, pôs as mãos na parede e olhou por uma das pequenas janelas para a rua lá embaixo. Lágrimas se formaram nos cantos de seus olhos, e

através da água salgada, as pessoas que viu pareciam mergulhar e dançar com alegria enquanto caminhavam em direção a seus compromissos desconhecidos.

Lucrécia permaneceu imóvel, com a cabeça apoiada no braço por vários minutos, deixando que sua pulsação acelerada diminuísse. Então, respirando devagar, ela se virou, determinada a voltar ao saguão e a Jacomo. Entretanto não dera mais de um passo quando ouviu alguém subindo a escada.

Alfonso saiu sob a luz do sol com uma das mãos protegendo o rosto.

Lucrécia sentiu um soluço de susto na garganta.

— Que bom! — exclamou Alfonso. — Você está aqui. Sua criada me disse que estaria. Ontem você confessou que tinha pouca habilidade sobre a sela. Hoje vou levá-la para cavalgar.

O duque não parecia estar oferecendo uma escolha nem ter percebido suas lágrimas e agitação. Ela olhou para ele, mas não disse nada.

Alfonso pegou sua mão e juntos desceram as escadas.

— Precisa se trocar. Podemos ir ao seu quarto agora, então você se arruma para a cavalgada. Talvez devesse também comer antes de partirmos. O passeio vai ser longo.

Eles voltaram ao quarto de Lucrécia sem passar pelo saguão de entrada.

* * *

De alguma forma, Lucrécia tolerou aquele dia. Ao pôr do sol estava exausta. Alfonso ficara ao seu lado desde a manhã, ainda estranhamente vívido e enérgico. Ele parecia, considerou Lucrécia, consumido por uma agitação febril, completamente diferente de seu comportamento usual.

As horas se passaram em uma névoa de ansiedade e cansaço. A falta de sono havia deixado os olhos de Lucrécia trêmulos, e ela não tivera apetite para as refeições que Alfonso havia arranjado para os dois. Ainda não conseguia entender o que estava acontecendo. Nunca, durante os dois anos de casamento, ele tinha sido tão solícito, nunca tivera interesse no bem-estar diário dela. A ira

de dois dias atrás parecia ter se dissipado por completo. Lucrécia supôs que um espectador talvez dissesse que seu marido estava se comportando de maneira impecável, mas ela ainda se sentia profundamente incomodada.

O dia chegava ao fim. A luz do sol começou a desaparecer e, por todo o Castello, tochas e velas foram acesas.

— Tenho de fazer uma breve visita, Lucrécia — comentou Alfonso, pouco depois da grande bola vermelha afundar sob os telhados da cidade. — Voltarei um pouco mais tarde.

Lucrécia foi incapaz de falar qualquer coisa; sentia o coração batendo forte em sua garganta enquanto Alfonso pegava uma vela e deixava o quarto. Foi tomada por um medo sombrio pela segurança de Jacomo, mas não se atreveu a sair para avisá-lo, sem saber quanto tempo Alfonso levaria para voltar. Estava apavorada de que, se sua suposição estivesse errada, ela pudesse de forma involuntária atrair a atenção de Alfonso para o amante, causando a desgraça de Jacomo, ao tentar justamente zelar pela sua segurança.

Ela perambulou pelo quarto, do dormitório ao estúdio, durante quase uma hora, respirando de maneira agitada e irregular, enrolando os dedos uns sobre os outros como se quisesse arrancá-los. Entretanto, apesar de seu pavor, o cansaço enfim a subjugou e ela decidiu se despir. Preferindo não chamar uma das criadas, removeu suas joias e conseguiu desamarrar o espartilho. Mais relaxada, desabotoou a saia e se livrou de suas pesadas dobras. Então tirou a blusa, vestiu a camisola por cima da cabeça e, com dedos trêmulos, desfez as tranças do cabelo e o sacudiu.

Sentindo-se mal, sentou-se ao pé da cama, mas se levantou quase de imediato, ouvindo passos e o som de patas.

A porta se abriu suavemente e Alfonso apareceu.

Ele carregava uma garrafa de vinho e duas taças de prata.

34

O barulho da rua chegava à sala enquanto Catelina colocava o bebê nos braços, abria a porta e dava passagem. Giorgio ajeitou o corpo de Chiara em seus braços. Enrolada em um lençol, ela estava pálida e tranquila. Sua cabeça se apoiava no ombro dele, como se dormisse.

— Pode mesmo carregá-la por todo o caminho, Giorgio?

— Ela não pesa quase nada, a pobrezinha.

— Jacomo e Giovanni vão encontrá-lo na ponte levadiça dos fundos.

Francesca se levantou.

— Eu vou com você.

As gêmeas estavam sentadas em banquinhos perto do fogo, olhando para Giorgio e sua carga com olhos arregalados de fascinação. Entre elas estava deitada uma pequena cabra, com as pernas curvadas sob o corpo e os olhos fechados contra o calor das brasas.

— Bella, Beata, escutem — disse Francesca. — Fiquem aqui com Catelina e o bebê. Eu talvez não volte até amanhã de manhã.

As meninas concordaram.

— Obrigada — falou Francesca a Catelina. — Voltarei assim que puder.

Catelina pousou os lábios na cabeça do bebê e assentiu.

Apesar da apreensão de Giorgio, ninguém deu atenção ao pequeno grupo

enquanto caminhavam em direção ao Castello. Ele sentiu o peso gelado da garota morta em seus braços e tremeu com a ideia do que estava por vir.

— *Santo cielo*. Não posso acreditar que estou fazendo isso — disse, mais para si mesmo que para Francesca.

Francesca segurou seu braço e Giorgio olhou para ela.

— Ela é mais pesada do que eu esperava — comentou ele, ajeitando o corpo de Chiara em seus braços.

— Você aguenta?

— Já estamos quase lá. — Eles terminaram de dar a volta na catedral e viram o Castello, negro contra o céu que escurecia.

Francesca apontou.

— Lá estão eles.

Duas figuras se moveram de trás de uma sombra e começaram a andar na direção deles.

35

Lucrécia estava vestida apenas com uma camisola e tinha os cabelos soltos sobre os ombros quando Alfonso entrou em seu quarto. Enquanto ele se aproximava, viu os olhos dela arregalados e desconfiados, mas talvez, pensou ele, aquela reação fosse previsível, depois do último encontro noturno que tiveram.

Ele se surpreendeu ao se perceber bastante calmo enquanto contemplava a ansiedade e o nervosismo da esposa. Desde que havia decidido acabar com a agonia do maldito casamento, estivera mais vivo e enérgico que em qualquer outro momento desde a chegada de Lucrécia ao Castello. Agitado e inquieto durante dois dias, ficou pasmo ao notar que, após tudo o que passaram, sentia agora um perverso divertimento na companhia de sua esposa. Ela, ao contrário, estava taciturna e submissa, mas, por alguma razão, sua quietude apenas excitava a nova volatilidade do duque. Alfonso percebeu, entretanto, que agora, no momento derradeiro — agora que ele realmente, fisicamente, tinha nas mãos os meios para uma completa e irrevogável conclusão —, seu tumulto interno havia se assentado em paz. Ele encarou sua duquesa com uma serenidade sem precedentes.

Alfonso pôs a garrafa e as taças na mesa de cabeceira, então se inclinou contra o pé da cama, sem tirar os olhos de Lucrécia. Ela não fez nenhum comentário, apenas o observou.

— Acho que faremos outra tentativa de conceber um herdeiro para o ducado,

Lucrécia — anunciou ele.

O rosto dela se contorceu, mas ainda assim não disse nada.

— Pensei em tentarmos ontem. — Isso era uma mentira: Alfonso sabia muito bem que não tinha nenhuma intenção de colocar um dedo em Lucrécia até essa noite. — Mas vi que estava cansada e não queria incomodá-la. Ocorreu-me que, após uma boa noite de sono, e espero que tenha tido, você poderia ficar mais entusiasmada. Talvez um bom vinho faça a tentativa ser mais agradável para você dessa vez.

Alfonso encheu de vinho as duas taças e um formigamento de antecipação subiu por sua espinha ao ver o líquido dourado no fundo de uma delas. Após enchê-la, entregou a taça a Lucrécia, que a pegou franzindo o cenho.

— Normalmente não bebo vinho a essa hora, Alfonso.

Ele ouvia seu sangue pulsando. Se Lucrécia recusasse... Ele não iria forçá-la, pensou — era ofensivo demais para seu senso de dignidade. Ela precisava optar por beber.

— Talvez a novidade se prove interessante — disse ele.

Lucrécia não pareceu convencida, mas mesmo assim ergueu a taça até a boca e tomou um gole. Alfonso esperou, bebendo de sua própria taça, e Lucrécia deu mais um gole.

Faltava, pensou o duque, mais um elemento para completar a cena. Enquanto Lucrécia erguia outra vez a taça, ele alcançou a caixinha de madeira na mesa de cabeceira e tirou o colar de granadas. A esposa não fez comentários, mas deu um leve suspiro e Alfonso viu seus ombros se curvarem em resignação. Ele lhe entregou o Cordão Vermelho. Lucrécia ergueu as pedras e, sozinha, colocou-as no pescoço, deslizando os cabelos por cima do cordão. Alfonso observou seus seios movendo-se sob a camisola larga enquanto as mãos trabalhavam atrás da cabeça, seus mamilos escuros contra o fino tecido.

Ele pensou na chave que Panizato inocentemente havia lhe dado no campo de caça — imaginou-a com tanta clareza que quase sentia o ferro gelado em sua mão. Girou-a na fechadura e a porta para o último quarto escuro se abriu. Na

parede dos fundos havia um espelho. As deformações, manchas e rachaduras no vidro, que distorceram seu reflexo por tanto tempo, começaram a sumir. Aquela imagem perfeita, que Alfonso ainda desejava, ressurgiu.

Ele sentou ao lado de Lucrécia na cama e pôs sua taça na mesa de cabeceira. Inclinou-se para a esposa, esperando que, dessa vez, não o medo, mas seu desejo de rejeitá-lo fizesse com que ela continuasse bebendo. De fato, Lucrécia chegou para trás e disse:

— Daqui a pouco, Alfonso. Eu gostaria de beber mais um pouco de vinho. Foi uma ideia sensata de sua parte trazê-lo.

A voz dela parecia forçada e artificial, apesar de que, pensou Alfonso, aquilo talvez já fosse devido aos efeitos da poção do *signor* Carolei. Lucrécia deu um grande gole em sua taça e a colocou, agora quase vazia, sobre a mesa de cabeceira.

Alfonso percebeu então que não conseguia mais olhar para ela. Levantou-se e andou até a janela. A lua estava a poucos dias de ficar completamente cheia. Para ele, ainda parecia meio desfigurada e imperfeita, achatada na borda de baixo. Poucas horas antes, a vira próxima ao horizonte: enorme e dourada. Agora que subia no céu, encolhida e prateada, iluminava as ruas da cidade com um brilho não muito diferente do dia, e, ao olhar para baixo, ele viu que também se refletia na escuridão oleosa do fosso. Encarou o trêmulo disco prateado na água por algum tempo, até que foi surpreendido por uma suave exclamação "Oh!" e uma queixa de aflição vinda de trás. Ele não conseguiu se virar. Seus dedos se agarraram à janela e ele cerrou os olhos, desejando que também pudesse fechar os ouvidos.

Quando enfim teve coragem para se virar e olhar para a duquesa, ela estava deitada na cama. Sua camisola havia se deslocado para cima, expondo suas pernas e a saliência da pelve. O rosto estava pálido, as sardas, muito escuras sob a densa massa de cabelos, e sua boca, aberta. A insinuação de um cenho franzido havia ficado entre suas sobrancelhas, como se estivesse aborrecida, mas Alfonso concluiu que a causa mais provável tivesse sido a dor.

Ele não notou nenhuma respiração. Nenhum movimento. Nenhum sinal de vida.

Estava feito. Ele a havia silenciado.

Sentou-se ao lado da esposa. Enfiando a mão sob o fino linho da camisola, seus dedos tocaram um pequeno seio: já frio, coberto por pequenas veias azuladas como mármore maleável. Ela não passava de uma estátua suave. Suas curvas gélidas deslizavam confortavelmente sob o calor da palma da mão dele enquanto a corria por sua pele. Ele ficou maravilhado com aquela deliciosa insensibilidade.

Observando-a, viu enfim a imagem que passara tantos meses desejando. Ela era linda. Naquele silêncio sem vida ela era realmente linda. O reflexo perfeito havia sido enfim restaurado e o espelho estava mais uma vez impecável. Alfonso sabia que finalmente seria capaz de possuí-la, ganhar a admissão incorrupta para essa criatura, cuja vitalidade e espontaneidade que possuía em vida o haviam esmagado. Seria apenas uma vez, sabia, mas seria o suficiente. Possuir completamente.

Uma ganância por ela agora crescia dentro do duque e ele se viu sofrendo ao contemplar a realização de um ato cuja própria natureza mal conseguia admitir, nem a si mesmo. Alfonso o havia contido até aquele momento, saboreando o conhecimento de sua presença clandestina apenas nos dedos de sua consciência; gostara de brincar com uma ideia que ao mesmo tempo o hipnotizava e horrorizava.

Ele imaginou seu corpo morno no interior daquela imobilidade fria e sentiu um arrepio.

Não podia mais esperar. Uma aterrorizante sensação de estar invadindo um território perigoso tirou o ar de seus pulmões, mas, enquanto desamarrava o gibão, sabia que tudo ainda estava perfeito. Não temia a imagem perfeita ser quebrada como antes.

Queria tirar a camisola dela. Deslizou cada um dos braços pesados pelas mangas e empurrou a mão ao redor de suas costas, levantando-a para liberar o tecido. Teve de se inclinar bem próximo dela, mas percebeu que não conseguia

olhar para seu rosto.

Um senso de iminência da aproximação do momento de consumação cresceu em sua cabeça.

Alfonso jogou a camisola no chão enquanto deitava a duquesa de volta sobre os travesseiros. A cabeça tombou preguiçosamente para um lado e seus cabelos cobriram seu rosto. Nessa perfeita imobilidade, Alfonso enfim conseguiu olhar suas feições.

Então ele viu.

Uma única lágrima, que devia ter se formado pouco antes do momento final no canto de seu olho esquerdo, transbordou. Desceu lentamente pela bochecha e deslizou para o cabelo embaraçado.

Alfonso congelou.

A imagem perfeita não se estilhaçou.

Ela se dissolveu.

Ela se dissolveu e o sonho foi destruído.

Alfonso sentiu a bile subir pela garganta e pressionou a mão contra a boca. Desde o princípio, sabia que seu sonho era profano — *perverso* —, mas seu glamour e terrível beleza o sustentavam... Ele *precisava* daquilo... Embrulhara-se em suas dobras infernais durante meses, envaidecendo-se no interior, ignorando as implicações e saboreando o conforto que lhe era oferecido. Mas agora, olhando para a pequena figura na cama, ele começou a tremer. A grande bolha de seu monstruoso egoísmo havia sido perfurada e, enquanto esvaziava, deixando ao seu redor todo o conteúdo nefasto, ele se sentiu definhando, encolhendo, ressecando.

Não podia mais olhar para ela. Um cobertor. Queria cobri-la. Sem tocá-la. Deixou cair o cobertor sobre ela; parecia estar dormindo. Deveria se sentir tranquilizado, pensou, mas imediatamente um triste desejo de vê-la acordada começou a martelar em sua mente. Ele queria sacudi-la — mas não. Para fazer isso, teria de colocar as mãos nela.

Palavras de Catulo, que ele sabia desde a infância, vieram a sua mente, tão

terrivelmente apropriadas; sua boca formou as palavras quase por vontade própria. *Odi et amo: quare id faciam, fortasse requires. Nescio, sed fieri sentio ad excurcior*. Odeio e amo: porque o faço, você pode muito bem perguntar. Não sei, mas sinto acontecer e estou em agonia.

Sem conseguir se controlar, Alfonso olhou novamente para o rosto de Lucrécia. A lágrima ainda presa ao seu rosto, seu rastro brilhando em uma linha em direção aos cabelos. Ele se endireitou, esticou a mão e, com um dedo, limpou seu último vestígio. Levou o dedo à boca, provando o sabor do sal. Sentiu um enjoo súbito, abafando-o e sufocando-o. Por um momento pensou que ia cair. Ele fechou os olhos e se segurou na coluna da cama até que o pior tivesse passado. Precisava sair dali. O interior de sua cabeça estava inchando e tinha medo de que aquela expansão fosse rachar seu crânio.

Alfonso pegou uma vela — mas logo a recolocou ao lado da cama. Não queria deixar Lucrécia no escuro.

Tudo estava silencioso. Ele andou de costas até a porta, pôs a mão na maçaneta e a abriu. A parte de baixo arranhou um pouco o chão. Deu mais um passo para trás e seu pé bateu em Folletto. Com um grunhido, o cão se assustou, levantou-se e passou o focinho na mão de Alfonso — frio, molhado e insistente. Alfonso permaneceu imóvel: o tremor que começou com a visão daquela lágrima agora fazia seu corpo inteiro tremer. Ele empurrou o focinho do cachorro.

Folletto ergueu a cabeça e uivou. Sentado, com o focinho apontado para o céu, soltou um ruído longo e sobrenatural.

Alfonso congelou.

Seu coração acelerou, e ele sentiu o ar gelado em sua garganta.

— *Stai zitto!* — sussurrou ele. — Pare! Alguém vai ouvir. — Alfonso colocou as mãos ao redor do focinho de Folletto, mas o cão se libertou dele.

O barulho continuou.

Uivando para a morta.

Alfonso agarrou a cabeça do animal, tentou abafar o som contra o gibão, mas os lamentos continuaram, ecoando pelos corredores de pedra.

— *Stai zitto!* Alguém vai ouvir.

Quase sem perceber o que fazia, Alfonso pôs o braço ao redor da cabeça do cachorro. Ele empurrou com força uma das mãos sobre a nuca do animal. Então, com o focinho de Folletto na dobra de seu cotovelo, fez um movimento para cima e para baixo. Houve um barulho de algo se partindo.

O uivo parou.

Por um instante, Folletto ficou pendurado nas mãos de Alfonso, molhadas com a saliva do cão. Enojado, ele o soltou. O grande corpo negro caiu no chão, imóvel.

A porta para o quarto de Lucrécia ainda estava aberta e, à luz da vela acesa, Alfonso a viu deitada sob o cobertor vermelho. Ele se afastou, limpando a palma da mão contra as calças.

36

Cinco figuras esperavam silenciosamente na pequena sala, apesar de apenas quatro delas respirarem.

Giovanni se encontrava encostado na parede, ao lado da porta, e Jacomo mal podia vê-lo sob as sombras. Convencido a ajudar pouco menos de uma hora atrás, Tomaso estava sentado em um pequeno banco, com as costas em outra parede e as mãos sobre os joelhos dobrados. Giorgio era uma silhueta contra a janela, e uma pequena e silenciosa figura estava sentada no alto de uma cadeira, enrolada em um cobertor, encurvada em um ângulo pouco espontâneo contra a madeira.

As imagens que a cabeça de Jacomo imaginava enquanto esperavam eram horríveis. Ter Lucrécia tão perto, depois de passar por uma experiência tão terrível, e ficar apenas *parado ali*, deixando aquilo acontecer... era quase insuportável. Mas a extraordinária sugestão de Catelina parecia ser a melhor opção — talvez a única — para impedir que o duque descobrisse a fraude. Jacomo continuava repetindo para si mesmo. Se o duque percebesse que havia sido enganado, nada impediria sua sede de vingança pela traição e humilhação. A realidade imediata do que estavam fazendo, entretanto, era bem pior do que ele tinha imaginado quando Catelina sugerira a maneira de fazerem o resgate.

Ele olhou para a pequena figura na cadeira e engoliu em seco.

A lua agora estava alta no céu e iluminava a salinha com sua luz azul-

acinzentada. Eles não possuíam velas e a porta precisava ficar entreaberta. Giovanni estava com os ouvidos atentos para qualquer barulho no corredor.

Segundos eram minutos; minutos, horas.

Então se ouviu um clique.

A maçaneta de ferro se moveu e a porta se abriu.

Jacomo se sobressaltou. Seus batimentos estavam trôpegos. Uma figura apareceu carregando uma vela. Sombras distorcidas tremularam pelas paredes. Giulietta levou um grande susto ao ver todos eles, mas Giovanni chegou por trás dela e pôs a mão em sua boca antes que a velha senhora pudesse dizer alguma coisa. Ela balançou a vela e a chama se apagou. Para alívio de Jacomo, que estava quase sem ar, ela não a deixou cair.

Giovanni permaneceu atrás de Giulietta, com a mão em sua boca e o rosto bem ao seu lado.

— Se você fizer um único som, Giulietta — sussurrou ele em seu ouvido —, Crezzi provavelmente pagará com a vida. — Fez uma pausa. — Se eu a soltar, promete ficar em silêncio?

Jacomo viu a velha senhora assentir por trás dos dedos de Giovanni.

Giovanni afrouxou o aperto e chegou para trás.

— *Santo cielo!* O que é isso, em nome de Deus? — murmurou Giulietta.

Segurando-a pelos braços, Giovanni, ainda sussurrando, contou-lhe tudo o que podia.

Com a boca aberta, o olhar de Giulietta se moveu dele para Jacomo, de Jacomo para Tomaso e Giorgio, então para a criatura curvada na cadeira.

— Não é possível... — murmurou.

— Acredite, Giulietta — disse Giovanni. Ele parou abruptamente e permaneceu imóvel, obviamente tentando escutar algo. Fazendo um gesto com a mão para chamar a atenção de Jacomo, balançou a cabeça em direção à porta. A porta do quarto de Lucrécia se abriu, e eles ouviram passos suaves e o barulho de patas. Prepararam-se para agir.

E então o cão começou a uivar.

Era um som terrível, ecoando pelas paredes de pedra. Todos permaneceram imóveis. Parecia, pensou Jacomo, um lamento para os mortos. Os pelos de sua nuca se eriçaram.

O uivo parou. Ouviram passos atravessando a porta e desaparecendo.

Giovanni, até ter certeza de que o duque havia deixado o corredor, colocou a cabeça para fora do quarto, então chamou os demais. Jacomo, Tomaso, Giorgio e Giulietta deixaram o cômodo e caminharam em silêncio até o quarto de Lucrécia.

Jacomo prendeu a respiração.

O cão do duque estava deitado no chão do corredor escuro. Jacomo, hesitante, cutucou o animal com o pé, mas ele não se moveu. Abaixou-se e passou a mão em sua cabeça; seus olhos estavam bem abertos e a língua pendia para fora. Apesar de ainda quente, não havia dúvida de que estava morto.

Eles passaram pelo grande corpo negro e entraram no quarto de Lucrécia.

Após ficar tão relutante em formar uma imagem do que encontrariam no quarto, Jacomo se surpreendeu ao ver o que parecia ser Lucrécia dormindo sob um cobertor vermelho, com uma vela queimando na mesa de cabeceira ao lado da cama. A cena era pacífica demais, corriqueira demais. Jacomo não sabia o que pensar.

Ele atravessou o quarto e se curvou junto a ela.

Na loja de janelas largas do boticário, na noite anterior, Alessandro havia descrito os efeitos da terrível mistura de láudano, mandrágora e valeriana em minuciosos detalhes enquanto preparava e engarrafava seus ingredientes. Jacomo sabia que não encontraria nenhum sinal de vida. Sabia que ela estaria fria ao toque, que sua respiração seria imperceptível e que levaria algumas horas para que acordasse. Achava que estava preparado. Mas, quando viu o rosto dela, tão sem vida, foi tomado pelo pânico.

Puxando o cobertor, viu que Lucrécia estava nua. Sua camisola estava jogada no chão ao lado da cama e, enrolado em seu pescoço, havia um colar com pedras vermelho-escuras e brilhantes.

— Desgraçado — sussurrou Jacomo, mal conseguindo acreditar no pensamento aterrador que lhe veio à cabeça. — Seu... Seu desgraçado!

Ele levantou Lucrécia e a abraçou com força. Ela estava lânguida e pesada, e sua cabeça caiu para trás. Um instante depois, tremendo, Jacomo a colocou novamente sobre os travesseiros.

— Jacomo? — Giovanni estava ao seu lado e, apesar de Jacomo rapidamente ter colocado o cobertor sobre Lucrécia, ouviu um suspiro indignado e soube que Giovanni vira o mesmo que ele e deduzira a mesma coisa.

— Mas... ele achava que ela estava realmente morta... — Giovanni pareceu enojado.

— Precisamos tirá-la daqui. Vá com Giorgio buscar Chiara.

Giovanni e Giorgio espiaram para ver se o corredor ainda estava deserto, então saíram do quarto.

Jacomo desamarrou e retirou o colar de pedras vermelhas do pescoço de Lucrécia. Ele teria de ser posto na pobre Chiara, para que a substituição fosse crível.

Giulietta pôs a mão no braço de Jacomo. Seus olhos estavam arregalados e cheios de lágrimas.

— Ah, meu Deus! Olhe para ela! Como ele pôde fazer isso? Como?

— Por favor, ajude-me a vesti-la — pediu Jacomo.

Ele tirou da mochila a ceroula e a calça de Tomaso e, com dificuldade, vestiu-as nas pernas sem vida de Lucrécia. Giulietta balançou a camisa, o colete e o gorro com mãos nitidamente trêmulas e os passou para ele. Em pouco tempo, um eco inanimado da criatura de olhos brilhantes que ele havia segurado em seus braços no andar de cima da loja de Alessandro estava em sua frente. Faltava apenas esconder seus cabelos antes de carregá-la para longe do castelo.

Ele se esforçou. Junto dela, naquela noite no armazém de Alessandro, havia gostado de mexer nos cabelos de Lucrécia e tinha conseguido enrolá-los sob o barrete de Tomaso. Agora, porém, por mais que tentasse, com Lucrécia aparentemente sem vida e insensível, os cabelos se recusavam a obedecer aos

esforços. No final, em um frenesi para ir embora dali, sussurrou para Giulietta:

— Encontre-me uma tesoura.

— Ah, não, você não pode... — Giulietta começou a falar, mas mesmo assim lhe passou uma tesoura grande de uma bolsa de costura que estava próxima à janela. Jacomo juntou e enrolou os cabelos e pegou a tesoura com a mão livre. Com um pequeno ruído, as lâminas se fecharam, um longo punhado de cabelo se soltou e as pontas se enrolaram em cachos ao redor do rosto de Lucrécia. Jacomo pegou o gorro vermelho de Tomaso e com facilidade cobriu sua cabeça, então a deitou gentilmente mais uma vez sobre o travesseiro. Giulietta estendeu o braço e pegou o cabelo cortado das mãos dele.

Tudo pronto, pensou Jacomo. Hora de ir.

Giulietta observava Lucrécia com lágrimas caindo sobre o vestido, molhando o tecido.

— Ah, Deus! Isso é tão... Não consigo imaginar que nunca mais a verei. E aquela pobre, pobre criatura ali dentro...

Lágrimas também encheram os olhos de Jacomo quando uma onda de culpa subiu por sua garganta. Ali estava a velha senhora, chorando em antecipação a uma perda que mal podia contemplar. De volta a Mugello, os pais de Lucrécia ainda estavam totalmente ignorantes das notícias que receberiam em poucos dias, e em poucos minutos ele estaria deixando tudo aquilo para trás, carregando Lucrécia consigo, para darem início a um futuro alegre juntos. A injustiça parecia insuportável. Mas ele não via outra alternativa. Segurou a mão de Giulietta.

— Cuidarei dela para sempre.

— Eu sei, menino.

— Eu... Eu a amo, *signora*.

O rosto de Giulietta continuou inescrutável. Ela disse suavemente:

— Vá. Leve-a agora. — Ela depositou o longo punhado de cabelo na mesinha ao lado da cama, apanhou uma mecha grossa e a enrolou em seus dedos. Então, embrulhou o cabelo cortado em um pedaço de pano que tirou da mesma bolsa que continha a tesoura e o entregou a Jacomo.

Ele sorriu e guardou o pequeno embrulho em um dos bolsos da calça.

— Obrigado, *signora*. Agora temos de ir. Giorgio e Giovanni ficarão com a senhora, não é seguro ficar sozinha. Eles... bem... Eles farão o que deve ser feito.

Giovanni e Giorgio apareceram, com Giorgio carregando Chiara; seu corpo enrolado no cobertor era pouco maior que o de uma criança. Tomaso passou ao lado deles e se dirigiu a Jacomo.

— Devo ir com você, Jacomo?

Um aceno com a cabeça.

— Preciso que você me acompanhe até a ponte levadiça. E será que pode entregar isso ao reverendo amanhã de manhã?

Ele entregou a Tomaso a longa carta que havia escrito — uma mistura de desculpas, agradecimentos profundos e instruções detalhadas. E um apelo por sua bênção. Sabedor da agonia de seu mentor em relação à gradual perda de suas habilidades, Jacomo achara quase impossível escrever a carta. Tomaso guardou o papel em seu colete.

Jacomo se inclinou para a frente, deslizou um dos braços por trás dos joelhos de Lucrécia e colocou o outro sob seus ombros. A cabeça dela caiu sobre a dobra de seu cotovelo. Com esforço, ele se levantou e moveu o corpo dela de modo que ficasse mais confortável em seus braços. A cabeça de Lucrécia pesava em seu ombro e os cabelos recém-cortados tocavam sua bochecha.

Giorgio deitou Chiara no lugar de Lucrécia.

Giovanni foi até Jacomo, inclinou-se e beijou com carinho a testa da prima.

— Cuide dela.

Era, Jacomo sabia, tanto um pedido quanto uma ordem.

Ele respondeu:

— Prometo que sim. Vamos mandar notícias e dizer onde podem nos encontrar.

Giovanni limpou os olhos e o nariz com as costas de sua mão.

— E vou na mesma hora. Diga a ela. — Sua voz tremia.

Jacomo olhou para Giovanni e Giorgio.

— Vocês dão conta do resto?

Eles assentiram. Jacomo lhes contou brevemente sobre o colar de pedras vermelhas.

— Espere! — Giulietta se inclinou para Lucrécia, segurou o rosto sem vida em suas mãos e o beijou. Então Giovanni pôs o braço em seu ombro. Giulietta se virou para ele. O rapaz a abraçou, olhou para Jacomo e fez um gesto com a cabeça em direção à porta. Jacomo assentiu e Giorgio abriu passagem, espiando pelo corredor. Com Lucrécia nos braços, Jacomo passou por cima do corpo do cachorro morto no portal e, ao lado de Tomaso, percorreu pela última vez os corredores sombrios do Castello.

* * *

Giulietta pegou uma pequena caixa de madeira ornamentada em uma estante, abriu-a e puxou um rosário. Giovanni reconheceu as contas de coral e a corrente de prata — pertencera a tia Eleanora. Dera-o a Crezzi quando ela foi para Ferrara. Giulietta colocou o rosário entre os dedos finos da garota morta, com a cruz de prata firmemente entre os polegares.

— O que acontecerá amanhã, quando o *signore* perceber que Lucrécia desapareceu e essa garota estiver em seu lugar?

Giovanni engoliu em seco e respondeu:

— Ele não vai saber. Giorgio e eu garantiremos que isso nunca aconteça. Você não vai gostar disso, Giulietta, mas precisamos fazê-lo se quisermos que *il duca* acredite que Crezzi está morta.

— O que quer dizer, criança?

Giovanni olhou de relance para Giorgio com um ar aflito. Ele explicou o plano.

Giulietta ficou pasma.

— Ah, não! Giovanni, não! A pobre menina...

— Olhe aqui, Giulietta, essa menina, Chiara, já está morta. Não podemos

mais feri-la. Se não fizermos isso, a vida de Crezzi sempre estará em perigo. Ela vai estar sempre olhando sobre os ombros, esperando que o duque a encontre, sem nunca se sentir completamente segura. Por favor, espere no outro estúdio. Você não vai querer assistir ao que vamos fazer.

Ele se virou para Giorgio.

— Está pronto?

Com o rosto pálido, Giorgio assentiu. Ele pegou uma bolsa de pano que estava amarrada em seu cinto e seguiu Giovanni até a cama de Lucrécia. Giovanni tirou as cobertas, então parou ao ver o pequeno corpo com sua camisola branca. Ele e Giorgio trocaram olhares, então Giovanni fez o sinal da cruz, pedindo perdão pelo que estavam prestes a fazer, enquanto Giorgio tirava o barrete da cabeça e fechava os olhos.

Giovanni pegou o colar de pedras vermelhas e o prendeu no pescoço de Chiara. Todo aquele vermelho parecia um corte profundo no pescoço, e Giovanni se perguntou por que Lucrécia o estaria usando: não podia imaginá-la gostando de uma joia como aquela. Devia ter sido escolha *dele*, pensou Giovanni com uma onda de profundo ódio. Ele pôs o cobertor de volta sobre o corpo e prendeu novamente o rosário em uma de suas mãos, dobrando os dedos finos sobre o crucifixo e o emaranhado de contas rosa escuras e prateadas.

Em seguida, Giorgio tirou da bolsa um grande pedaço brilhante de gordura branca, mal-enrolado em um pano.

— Traga isso aqui! — sussurrou Giovanni, apontando para os travesseiros. Giorgio segurou a gordura, colocou-a sobre a mesa de cabeceira e tirou uma faca do cinto. Segurando com firmeza o bloco com uma das mãos, começou a tirar dele lascas do tamanho de nozes, entregando-as a Giovanni, que as colocou cuidadosamente ao redor do cabelo, do pescoço, do peito e dos braços da menina. Sentiu-se um leve cheiro de carneiro assado. Giovanni levou os dedos ao nariz.

— Sebo de carneiro — explicou Giorgio. — Foi tudo que consegui encontrar na cozinha. Espero que seja o bastante.

Giovanni foi até o pequeno estúdio, onde a velha senhora esperava.

— Há mais velas sobrando, Giulietta?

Sem dizer nada, ela abriu uma caixa ao lado da janela e apanhou duas velas novas amarelas de cera de abelha. Giovanni as pegou e voltou para sua tarefa. Partindo uma delas em três pedaços e retirando o pavio, entregou os fragmentos a Giorgio, que os colocou com gentileza sobre o rosto pálido de Chiara. A segunda vela, também partida em fragmentos, foi colocada por Giovanni na dobra de um dos braços da garota, que ele posicionou de forma que ficasse sobre o travesseiro. Giorgio pegou o pano engordurado, balançou-o para tirar os pedaços brancos restantes e o esticou sobre o corpo da menina. Então, atravessando o quarto, abriu uma das janelas. A brisa balançou o dossel da cama.

Eles chegaram para trás e olharam para o que haviam preparado. Virando-se para Giorgio, Giovanni percebeu que ele tremia.

— Ah, Deus — falou Giorgio —, o que estamos fazendo? Vamos todos para o inferno...

Giovanni não respondeu. Giulietta não deveria ficar sozinha no estúdio, pensou. O fogo é imprevisível. Ele foi até lá e pegou a mão dela.

— Giulietta, a senhora precisa sair daqui. Está na hora de garantir que Crezzi fique livre de vez daquele homem maldito.

Tremendo, Giulietta o seguiu até o quarto. Olhou boquiaberta para a figura deitada na cama com os pequenos pedaços de gordura branca ao redor do rosto e do corpo.

— Ah, meu Deus, Giovanni...

— Pense a respeito, Giulietta — insistiu Giovanni, tentando convencer a si mesmo tanto quanto a velha senhora. — Ela vai ter mais que um simples enterro cristão, afinal de contas. Essa menina de rua, em vez de terminar seus dias em um saco manchado de cal, atirada numa vala comum, irá deixar esse mundo com toda a pompa de um suntuoso funeral. — Ele fez uma pausa, então acrescentou: — O funeral que teria sido de Lucrécia.

Giulietta conteve as lágrimas.

— Giorgio... — disse Giovanni.

Giorgio pegou a vela que queimava ao lado da cama e a colocou mais perto de onde o tecido escuro do dossel se movia sob a brisa. Então pôs os dedos sob a base da vela e os ergueu com cuidado, como se a vela tivesse sido empurrada por acidente pelo pano da cortina.

Giovanni então percebeu que o duque havia deixado inconscientemente o toque final para o cenário: uma garrafa de vinho quase vazia e duas taças de prata. Ele lhes havia fornecido o álibi perfeito para explicar por que sua duquesa não conseguira acordar quando o vento derrubou a vela em sua cama.

A vela caiu de lado e rolou até o travesseiro. A chama tocou um dos pedaços de sebo ao lado da cabeça de Chiara. Rapidamente, o fogo começou a se alastrar de um pedaço a outro e o topo da cabeça da garota, diante dos olhos aterrorizados de seus espectadores, pareceu por um instante estar coberto por uma auréola brilhante. Então, subitamente, a gordura estava em chamas. Giulietta virou o rosto sem conter as lágrimas. Giorgio pôs as mãos na boca e Giovanni sentiu-se sufocar.

Os cabelos de Chiara arderam em uma chama brilhante, ao mesmo tempo que seu braço esticado sobre o travesseiro pegava fogo. Tudo se inflamou com rapidez. Enquanto os materiais queimavam e começavam a se desfazer em fragmentos escuros sobre o chão, Giovanni olhou para a figura indiferente e notou que, como Catelina imaginara, as chamas lambiam seu rosto, tornando-o irreconhecível.

Já era quase hora de ir, pensou ele, e de Giulietta soar o alarme como se houvesse acabado de descobrir essa cena horrível — tarde demais para salvar a pessoa que queriam que todos acreditassem ser Lucrécia.

O quarto parecia uma imagem do inferno quando Giovanni se virou para a porta. O dossel da cama era engolido pelo fogo. O corpo de Chiara estava completamente em chamas. Seu rosto e suas mãos já estavam escuros, seus dedos, contraídos, como se suplicasse.

37

Enquanto cruzava o pátio central do Castello, Alfonso ouviu um grito de socorro vindo do interior. Seu coração se acelerou e por um momento ele ficou dividido, com pensamentos se fragmentando, sem conseguir se livrar, mas sem vontade de encarar o que estava acontecendo dentro de si.

Então Francesca apareceu ao seu lado.

— Está feito? — perguntou ela.

Alfonso não conseguiu responder. Apenas assentiu.

Francesca parou em sua frente. A boca da mulher deveria ser irresistível, pensou. Sua beleza estava intacta, e seu convite latente, óbvio. Mas um peso enorme e um cansaço infinito o invadiram. Com um estremecimento, Alfonso se viu pela primeira vez contemplando sua prostituta sem excitação. A inércia banhada de medo que o cobrira ao olhar o corpo da duquesa ainda o envolvia como uma capa molhada. Entretanto notou que Francesca buscava um beijo e inclinou a cabeça em direção a ela, mas descobriu que não tinha mais sensibilidade nos lábios. Ele não sentiu sua boca na dela.

— Não volte lá, Alfonso — pediu Francesca. — É melhor não ser visto até amanhã. Venha comigo. — Segurando sua mão, ela o levou para longe do Castello e da catástrofe que se desenrolava.

É incrível, pensou Francesca enquanto andavam, como o treinamento de uma

prostituta lhe permite que se olhe com desejo para alguém cuja proximidade a faz ter ânsia de vômito. Olhar nos olhos de Alfonso aquela noite, oferecendo-lhe um beijo, sabendo o que ele pretendia fazer, o que ele teria feito se não o tivessem impedido, sabendo o que ele acreditava ter feito... havia sido, pensou com um calafrio, quase demais para ela.

Quando chegaram à *villetta*, após uma caminhada silenciosa pelas ruas de Ferrara, Alfonso se sentou em uma cadeira sob a janela. Francesca acendeu o fogo e abriu uma das muitas garrafas de vinho. Serviu uma taça generosa e entregou a ele, que a tomou de suas mãos sem dizer uma palavra. O duque mal parecia estar ciente de sua presença e ela percebeu, ao fitá-lo mais de perto, que o que antes parecia um efeito da luz trêmula do fogo era, na realidade, um lento tremor que percorria todo o seu corpo.

— Venha para a cama, Alfonso — chamou Francesca. Ela havia lhes prometido que o seguraria ali pelo restante da noite e pretendia manter a palavra.

Ele a encarou com olhos vazios, como se não soubesse o que fazer em seguida. Francesca tirou o casaco dele, depois o colete, a calça, as botas e a ceroula. Alfonso se submeteu a tudo aquilo sem reação. Pela primeira vez desde que o conhecera, ele não tentou tocá-la. Ela teve de se despir sozinha.

Mesmo com sua nova antipatia pelo antigo amante, Francesca ficou abalada ao ver Alfonso se desintegrando. Após acariciá-lo e tentar chamar sua atenção por algum tempo, enfim o viu se concentrar em seu rosto. Pareceu registrar sua presença e até tentou beijá-la, mas então, quando a mão de Alfonso tocou seu seio, ele parou, tremendo, imóvel. O duque parecia totalmente consumido por algum tipo de pânico, pensou Francesca, como uma criança que subitamente se dá conta de que, após correr e brincar a tarde inteira em um lugar desconhecido, está completamente perdida. Com um suave soluço do que parecia desespero, ele se agarrou a ela. Apesar de Francesca mal conseguir suportar a ideia de lhe oferecer algum tipo de conforto, sentiu, ao colocar os braços sobre seus ombros trêmulos, um tipo de amarga satisfação nesse impotente e sem precedentes pedido de ajuda.

Ficaram em casa durante a manhã seguinte. Alfonso, quieto e tenso, sentado diante da lareira, segurava uma taça de vinho, hipnotizado pelas chamas.

Por volta do meio-dia, ele confessou que estava cansado e Francesca sugeriu que dormisse. Um aceno distraído com a cabeça foi o único sinal que Alfonso deu em concordância à sugestão e, deixando de lado a taça vazia, atravessou o quarto, deitou-se na cama e fechou os olhos. Dormiu quase de imediato.

Francesca esperou, observando-o por um tempo, então, assim que teve certeza de que ele estava totalmente alheio a sua presença, cobriu-o com um cobertor e saiu de casa.

Caminhou apressadamente, querendo voltar para as gêmeas e tirá-las de Ferrara o mais rápido possível, antes que Alfonso acordasse e fosse atrás dela. Tinha certeza de que sua vida — e as das meninas — estariam agora vulneráveis, caso ele um dia descobrisse a fraude. Não lhe restava dúvida sobre qual seria a reação de Alfonso ao descobrir a verdade sobre sua visita à loja de Alessandro com Jacomo: como esperaram enquanto o boticário criava um meio de salvar a vida da duquesa. Ele e Jacomo tinham conversado sobre um antídoto — algo que poderiam administrar quando ela tirasse Alfonso de cena —, mas a ideia de Alessandro fora melhor, pensou Francesca. Mais segura.

Ela iria para Nápoles, pensou, enquanto atravessava uma praça movimentada. Levaria as meninas para Nápoles. Isso seria longe o suficiente de Ferrara. Partiriam naquela tarde.

Alfonso acordou assustado com fortes batidas na porta da *villetta*. Ele estendeu o braço procurando por Francesca, mas, para sua surpresa, ela não estava lá. Com o coração acelerado, ficou imóvel. As batidas voltaram, mais altas dessa vez. Ele vestiu a camisa e a calça e foi abrir a porta.

Ficou atônito ao ver o contraste dos cabelos brancos e dos olhos negros de Franco Guarniero. Supor a importância de sua visita, pensou, não era difícil, mas, até esse momento, Alfonso não estava ciente de que seu criado ao menos

sabia da existência da *villetta*.

— Ah, *signore*! — A voz de Guarniero estava mais aguda que o normal, e Alfonso o observou lutando visivelmente para encontrar uma maneira de dizer o indizível. — Sinto muito por vir aqui, *signore*. Muito mesmo. É imperdoável! Uma invasão... Normalmente eu nunca iria... mas não sabia o que fazer. É a du... a duquesa!

Alfonso fingiu preocupação.

— O que, Franco? O que tem ela? Está doente? Você parece... Diga-me! O que é? — Mesmo enquanto falava, Alfonso sentia-se orgulhoso da autenticidade de sua falsa consternação.

— Um... incêndio, *signore*. — Guarniero o encarou, arregalando os olhos com a lembrança do horror recente. Agora o espanto de Alfonso era genuíno. Um *incêndio*?, pensou, perplexo. Que incêndio? Ele não compreendeu.

— Ah, meu senhor, a duquesa está morta.

As palavras pairaram no ar entre os dois homens como as reverberações de um sino após parar de soar.

Nenhum deles falou qualquer coisa durante longos segundos.

Então Alfonso falou sem expressão:

— Como você sabia onde me encontrar?

Guarniero enrubesceu e não respondeu. Alfonso ficou abalado ao perceber que seus problemas particulares pareciam ter se tornado propriedade pública dentro do Castello. Ele perguntou:

— Onde está a duquesa agora?

A voz de Guarniero tremia.

— Ainda em seu pobre quarto queimado, meu senhor. Não sabíamos o que fazer... Esperamos sua chegada, *signore*. Nós... nós não conseguimos encontrá-lo... Pensamos que talvez estivesse aqui e... ah, *signore*... seu cão.

O criado estava quase gaguejando em agonia — Alfonso nunca o vira tão agitado.

Alguém havia movido Folletto. Alfonso sentiu frio e ficou levemente enjoado ao passar por seu corpo negro, que parecia um boneco abandonado ao lado da parede do corredor. Ele encarou o animal por um momento, então se virou, poucos passos à frente de Guarniero, abrindo a porta do quarto de Lucrécia.

O odor acre de madeira e carne queimadas o atingiu como um soco no rosto. Ele olhou em volta sem acreditar no que restava dos painéis de madeira, nos vitrais quebrados e no teto preto.

E então a viu.

Algumas imagens, Alfonso sempre pensara, podem marcar a vida de alguém profunda e imediatamente — uma cicatriz que não pode ser apagada. Aquele corpo escuro e retorcido sobre a cama destruída, com os braços como palitos curvados numa súplica grotesca, era como uma imagem de um pesadelo de Bosch. Alfonso sabia que o que acabara de ver nunca mais o abandonaria.

Na verdade, pensou, se não fosse pelo retrato, ele a teria perdido completamente. Graças a Deus pelo retrato! Naquele momento, a cena em sua frente já tentava afugentar da mente a lembrança da delicadeza de Lucrécia. Ele não deveria ter deixado a vela acesa.

Virando-se sem dizer uma palavra, Alfonso abriu caminho por Guarniero e pelos diversos outros criados que os acompanharam até o quarto e seguiu pelo corredor. Evitando olhar para o corpo de Folletto, respirou fundo algumas vezes, então desceu rapidamente até o saguão do Castello.

Ela o fitava da parede.

Alfonso se sentou na escada, a poucos passos do último degrau do lance superior, e encarou a duquesa por um longo tempo. Estivera certo, pensou. Não havia mais nada que pudesse fazer. Muitos fatores conspiraram por muito tempo para levá-lo à borda "*do vale desse abismo onde era possível ouvir lamentações infindáveis*", de Dante. Um ou outro talvez ele pudesse suportar, mas não todos de uma vez. As demonstrações de afeto que ela sempre dera a todos, gratuitamente; o poder lacerante que tinha para reduzi-lo ao status de eunuco em sua cama — isso certamente já seria o suficiente, mesmo sem o impactante

conhecimento de qual seria o destino do ducado caso ele não produzisse um herdeiro. *Sua Santidade achou que o senhor deveria ficar ciente da gravidade da situação*. Não, pensou, evitando agora o olhar de Lucrécia: por *isso* nunca a perdoaria.

Alfonso teria de procurar outra esposa. Manter Ferrara era o mais importante.

Para Eduardo Rossi, parecia que todo o ducado havia migrado para Ferrara para ver o espetáculo. Havia cinco ou seis longas fileiras de pessoas ao longo da rota do cortejo fúnebre. Eles não levariam a duquesa direto do castelo para a catedral — a distância era de apenas algumas centenas de metros. A procissão seguiria por um labirinto de ruas: uma rota mais longa, pelo que disseram, para exaltar a ocasião e dar tempo para as pessoas honrarem a funesta passagem da jovem esposa do duque.

Tragicamente jovem. Não muito mais velha que Chiara. Ao pensar nisso, Eduardo sentiu seus olhos se encherem de lágrimas mais uma vez. Ele empurrou a mão pálida contra um olho e o canto do nariz e prendeu o fôlego, desejando não chorar. Barnabeo pousou uma das mãos em seu braço, enquanto Antonio e outros dois membros da guilda grunhiam suas condolências embaraçadas.

A procissão passou e os suaves murmúrios da multidão emudeceram.

Cerca de trinta homens do clero lideraram o caminho, seguidos de uma dúzia de cavalos adornados: o arcebispo de Ferrara, vários padres e um punhado de frades franciscanos, um dos quais — gordo e velho — parecia estar chorando. O esquife, coberto de um roxo tão profundo que parecia preto, foi carregado por seis homens jovens. O pequeno corpo no ataúde estava exposto, embrulhado numa seda de um roxo mais claro. Tão pequena, pensou Eduardo, com o rosto agora cheio de lágrimas. Pobre garota — apesar de todos os seus privilégios.

Enquanto olhava para a figura embrulhada, ele se viu absorvendo uma culpa terrivelmente familiar. O peso frio de sua ignorância sobre o destino de Chiara caiu mais uma vez em seu estômago, como um bloco de chumbo.

Atrás do esquife caminhavam os parentes. O duque, ereto e inexpressivo, e ao

menos vinte homens de diferentes idades, um dos quais ele imaginou que deveria ser o pai da garota, dada a trágica palidez em sua expressão. O mais jovem, alto, magro, moreno e bem-vestido, não devia ter mais de 17 anos, considerou Eduardo, vinha com o rosto fechado e segurava o braço do homem mais velho. Homens carregando tochas e bandeiras, um grupo de músicos, mais cavalos. Conforme todos passavam, a multidão baixava a cabeça em reverência e fazia sinais da cruz. Alguns se ajoelhavam. Eduardo imaginou as mulheres, que ficaram no Castello para lamentar em privacidade.

Ele deu um passo para trás e esbarrou em um homem alto de rosto redondo, que tinha o braço sobre os ombros de uma jovem de cabelos negros. Estava vestida de amarelo e carregava um bebê. Eduardo viu que um dos pulsos dela estava vermelho e enrugado — semelhante a uma queimadura de cal, pensou. Desculpando-se pelo esbarrão, ele olhou para o bebê e o vazio de sua perda cresceu ainda mais. A jovem sorriu para ele, aceitando em silêncio suas desculpas, então se virou para observar a procissão.

Epílogo

AGOSTO DE 1562 ARDEA:
A UMA CURTA DISTÂNCIA DO SUL DE ROMA

As cigarras cantavam no calor opressivo da tarde. O sol estava se pondo e sua porção inferior parecia sangrar no ponto onde tocava o horizonte. Sombras roxas se avolumavam à medida que a luz desaparecia e a noite começou a adquirir uma lassidão quente e inebriante.

Uma jovem estava sentada em um banco de madeira encostado na parede de um pequeno chalé. Uma grande trepadeira subia e caía por cima das pedras irregulares nos fundos da casa e se abria por uma treliça sob a qual a jovem havia se sentado. Ela estava amamentando um bebê; com a cabeça inclinada, ela fitava a criança com uma expressão de profundo amor. O rosto dela e o do bebê estavam salpicados de luz e sombra filtrados pelas folhas e flores da trepadeira acima deles.

A criança parecia dormir. A jovem enfiou a pontinha do dedo mínimo no canto da boquinha do bebê para retirar o mamilo, mas, ao sentir seu toque, ele sacudiu a mãozinha que estava pousada no seio e voltou a sugar. A orelha dele, rosada como presunto, se mexia enquanto mamava. A mãe sorriu com o entusiasmo do filho e ergueu os olhos para dividir o prazer com seu companheiro. Ele estava empoleirado em um muro baixo, que formava um ângulo reto com a lateral da casa, demarcando um pequeno jardim cercado. Quando percebeu a jovem fitando-o, ele baixou a prancha onde tinha colocado uma folha de papel e enfiou um pauzinho de carvão atrás da orelha.

— Pode ficar parada?

— Você vai demorar muito?

Ele meneou a cabeça, tornou a levantar a prancha e voltou a desenhar. Um cacho de cabelos pretos caiu sobre seus olhos e ele o soprou para cima para tirá-lo do caminho. Como não funcionou, o rapaz o tirou do rosto com um gesto

impaciente, deixando uma mancha de carvão por cima da mancha vermelha que coloria sua face esquerda. Ele franziu a testa, concentrado, enquanto olhava do desenho para a mulher e o bebê.

Um tempo depois, pareceu satisfeito, porque encostou a prancha na parede, pôs o carvão ao lado dela, atravessou o jardim até o banco e se sentou. Ele passou o braço pelos ombros da mulher, estendeu suas longas pernas à frente e sorriu. Fechando os olhos, virou o rosto para cima, na direção da trepadeira que se debruçava sobre eles. A jovem encostou a cabeça em seu ombro e se virou para se apoiar mais confortavelmente nele e não no duro banco de madeira.

O bebê parou de sugar de novo. Dessa vez, a cabeça dele pendeu para o lado e ele largou o mamilo. Um filete de leite surgiu no canto de sua boquinha macia e ele ficou deitado, em um êxtase de saciedade, no braço da mãe. O rapaz acariciou delicadamente a cabecinha do bebê com os dedos da mão que pendia sobre os ombros da mulher. Eles ficaram ali, em um silêncio de contentamento. Então a moça perguntou:

— Você vai sair de barco com Cristoforo de novo amanhã?

— Humm, vou ter de sair. Não posso dizer que quero, mas a pesca foi tão boa hoje. Ele perguntou se eu podia ajudá-lo de novo. — Ele soou sonolento e relutante ao pensar na atividade que o esperava.

— E quanto ao *signor* de Lavallo? Quando você vai ter de voltar à cidade para a próxima sessão?

De olhos fechados, o rapaz murmurou:

— Ele estará viajando até a próxima sexta. Vou depois que ele voltar. Podemos ir todos, se quiser: nós três.

A moça olhou para ele, que lhe sorriu com carinho e a beijou, segurando seu rosto com a mão livre. Depois tornou a virar a cabeça para trás e fitar a trepadeira.

— Vou preparar algo para comermos — disse a moça. — Está com fome?

O rapaz balançou a cabeça afirmativamente, de olhos ainda cerrados.

— Você fica com ele?

Ele sorriu e assentiu.

A jovem puxou o corpete com uma das mãos e amarrou frouxamente os laços. Depois, moveu-se para a frente e escorregou o braço livre por baixo do bebê. Segurando o filho com ambas as mãos, ela o entregou ao pai, que tornou a sorrir e o pegou. Ele deitou a criança no peito, de modo que a cabecinha ficasse acomodada sob seu queixo e apoiou o corpinho com uma mão morena.

A moça prendeu os cabelos, que estavam curtos demais para ficar no lugar, e, antes de entrar na casa, inclinou-se para beijar a cabecinha do filho adormecido. Quando se levantou, o rapaz ergueu a mão livre e segurou seu pulso. Puxando-a de volta para ele, beijou sua boca demoradamente.

Após algum tempo, ela riu e se afastou dele.

— Chega. Se você quiser comer antes que escureça completamente, é melhor eu ir para a cozinha.

O rapaz levou a mão dela aos lábios.

— O que você vai preparar? — perguntou indistintamente, sob os dedos dela.

— O que você quer comer?

— Não sei. — Ele fez uma pausa. — Qualquer coisa menos peixe.

A moça tornou a rir e, olhando com amor para pai e filho, ela se virou e dirigiu-se para a cozinha.

A vela chiou: o pavio estava ficando ensopado. O duque pegou outra e a acendeu na chama da anterior, depois a colocou de pé sobre a cera derretida no chão de pedra. O teto da cela estava coberto de palavras: grandes linhas irregulares de palavras pretas, pintadas com fumaça de vela sobre o teto baixo e curvo — os últimos pensamentos de inúmeros ocupantes. Talvez, pensou o duque, como já havia pensado tantas vezes antes, algumas dessas palavras tivessem sido escritas por quem quer que estivesse urrando com tanto desespero e agonia ali embaixo quando ele tinha 10 anos. Também imaginou — e imaginava isso todo dia — quais teriam sido os últimos pensamentos da duquesa. Ela, é claro, diferente de todos que foram encarcerados ali embaixo ao longo dos anos, não teria

identificado aqueles como seus últimos pensamentos. Afinal, não tinha consciência da iminência de sua morte. Suas últimas palavras tinham sido distintamente banais: *Foi uma ideia sensata de sua parte trazê-lo*. Ela havia se enganado, entretanto, pensou o duque: não fora uma ideia sensata, fora *essencial*. Ele não tivera escolha. Apenas havia feito o que precisava fazer.

Uma figura queimada, com braços finos como gravetos, as mãos em garra estendidas, surgiu em sua mente e ele estremeceu, murmurando para que fosse embora, para deixá-lo em paz. Mesmo ali embaixo, agora, Alfonso a via. Aquele havia sido o último lugar para onde ele conseguira escapar, mas agora ela o descobrira lá. Ela o tinha seguido. Agora, não havia mais aonde ir. Ele se inclinou para a frente, pôs a cabeça entre os joelhos e a apertou com as mãos, tentando expulsar a imagem indesejada. Ela, entretanto, continuou onde estava e então, como sempre fazia, abriu os olhos. O duque sabia que estariam brilhantes de lágrimas em seu rosto escurecido pelo fogo.

Ele se levantou.

Iria ver o retrato.

Era de uma semelhança espantosa. Todos que conheceram a duquesa diziam isso. Uma obra de extrema habilidade. Embora ele não tivesse trocado uma palavra com Pandolf depois do dia do incêndio, os empregados do castelo haviam contado ao duque que o frade ficara arrasado com os acontecimentos daquela noite e tinha se esforçado para terminar a pintura. Alfonso achava que era uma sorte o retrato estar quase pronto quando a modelo morreu.

Tirando delicadamente a vela de seu pequeno pedestal de cera, ele abriu a porta de ferro e saiu da cela. A chama lançou sombras negras sobre o teto baixo do corredor, retorcidas e desfiguradas como membros queimados.

A duquesa sorria para ele quando puxou a cortina vermelha e se sentou, a poucos degraus do último lance de escadas do saguão de entrada. Diante daquele sorriso, a criatura de membros pretos desapareceu. Ele enxergou em suas feições a expressão com que ela o tinha olhado quando se conheceram. Fitava-o com uma expressão de tímido encantamento, como uma mulher que abriga

lembranças agradáveis de um coito prazeroso, incapaz de tirar os olhos pintados da contemplação do duque. Era assim que deveria ter sido sempre, pensou ele, sua promiscuidade corrupta controlada e silenciada. Estava em silêncio agora, presa nas paredes do Castello, e aquele ar de alegria em seu rosto, tão fielmente reproduzido ali, destinava-se apenas ao duque, finalmente.

Havia sido finalmente contido.

Alfonso amava vê-la sorrindo só para ele.

Mesmo quando alguma outra pessoa olhava o quadro junto dele, os olhos da duquesa fitavam apenas o marido, pensou.

Outros só podiam vê-la quando permitia, é claro. O truque inteligente com o grande afresco é que havia lhe dado a ideia e agora ninguém abria a cortina damasco que tinha pendurado diante do retrato a não ser ele mesmo. Era atraído para lá cada vez com mais frequência, porém, quase sempre, como agora, quando estava sozinho.

Preferia guardá-la só para si.

O duque ficou olhando para o retrato. Ele percebeu que nunca havia perguntado aos pintores qual era o significado da romã. Espalhadas pelo chão diante da duquesa, abaixo de onde estava sua outra mão, vazia e com a palma virada para cima, havia uma trilha de sementes vermelhas, dando a impressão de que ela acabara de deixar cair o Cordão Vermelho e que ele jazia como uma serpente aos seus pés.

O jovem emissário do conde de Tirol era alto, magro, muito nervoso com seu novo papel mas extremamente orgulhoso por ter completado com sucesso — ou assim esperava — sua primeira missão oficial. Entretanto, algumas coisas que ele tinha visto e ouvido durante sua curta estada em Ferrara o desconcertaram completamente.

Ele sabia que havia seguido suas instruções ao pé da letra.

— Presenteie o duque com esses símbolos de minha amizade, Udo — dissera o conde, entregando-lhe dois objetos.

Ao chegar a Ferrara, Udo tinha entregado, tremendo de ansiedade, uma pasta forrada de pelica contendo uma aquarela de Albrecht Altdorfer e uma caixa de madeira onde havia uma pequena obra-prima: uma maquete, feita em olmo, por ninguém menos que o grande Veit Stoss. Fora informado da reputação do duque como patrono das artes e sentira orgulho e excitação em presenteá-lo com tais peças.

Haviam sido bem-recebidas.

Udo tinha ficado impressionado com o domínio do duque em alemão, que empregara sem nenhum esforço.

— Preciso escrever para agradecer ao conde, seu senhor. Sua sabida generosidade é amplamente ilustrada por esses presentes tão generosos. Embora sua bela filha é que haverá de ser, é claro, o maior de todos os presentes.

Algo na indiferença do duque em relação à iminente aquisição de uma nova esposa fez com que os cabelos de Udo se eriçassem em sua nuca fina e um tanto cheia de espinhas. Ele afastou o momentâneo mal-estar, entretanto, quando o duque sugeriu uma excursão pelas obras de arte que possuía no Castello. Udo estava ansioso por agradar, pois seu senhor havia sido muito enfático ao mencionar a importância da aliança entre a Casa de Tirol e o ducado de Ferrara. Udo não queria ser a causa de uma mudança de ideia por parte do futuro noivo. A jovem filha de seu senhor era uma moça encantadora e doce, ele sempre achara, e ficaria com o coração partido caso seu pretendente retirasse a proposta.

Então ele exclamou seu encanto e ouviu com atenção as explicações que seu anfitrião fornecia a respeito de suas obras, sem entender muito, mas com enorme admiração.

Depois de algum tempo, eles pararam no topo de um lance de escadas, diante de uma cortina vermelha que ia até o chão. O duque abriu a cortina e mostrou o retrato de uma mulher, vestida de vermelho-escuro, segurando uma romã.

Dessa vez, Udo ficou realmente encantado, porque a mulher era linda e parecia olhar para ele — só para ele —, com desejo nos olhos brilhantes.

Ele esqueceu que tinha companhia e fitou, hipnotizado, a imagem pintada na

parede. Enquanto olhava, entretanto, notou — com sua visão periférica — uma mudança na atitude do anfitrião. Havia um tremor na voz do duque quando ele tornou a falar, e Udo desviou os olhos do retrato e olhou para ele. Por um breve momento, o duque pareceu perturbado e Udo começou a prestar atenção de novo.

— Essa é minha última duquesa — declarou o duque, piscando devagar —, pintada na parede, parecendo estar viva...

Minha última duquesa

Robert Browning

Ferrara

Essa é minha última duquesa na parede pintada,
Parecendo estar viva. Por mim considerada
Um deslumbramento; *fra* Pandolf, com sua mão,
Trabalhou ativamente, eis o resultado então.
Gostarias de sentar-se e olhar para ela? Citei
"*Fra* Pandolf" propositalmente, pois estranhos como vós, eu sei,
Nunca viram feições como as da duquesa,
A profundidade e a paixão do olhar sem sinais de incerteza,
Mas é a mim que ele se volta (pois abrir não é permitido
A cortina que criei para ti, a não ser ao seu marido)
E pareceu que me perguntariam, se tivessem a insolência,
Como chegou ali tal olhar; por consequência,
Não és o primeiro a se perguntar. Senhor,
Não foi apenas a presença do marido a pôr
Aquela expressão de alegria na face da duquesa: talvez
Fra Pandolf atrevera-se a dizer: "Sua capa cobre tez

Demais do pulso de minha senhora" ou "A tinta de tudo
Nunca será capaz de reproduzir o leve tom rubro
Que termina em seu pescoço": tal coisa foi afeição,
Ela pensou, e o suficiente para servir de motivação
Para a expressão de alegria. Ela um coração possuía
— Como devo dizer — que logo com felicidade se enchia,
Por demais impressionável; de tudo gostava.
Ela observava e seu olhar por todos os lados vagava.
Senhor, foi tudo! Em seu seio, meu prazer,
No oeste a luz do dia a desaparecer,
O galho com diversas cerejas que por algum tolo oficioso
Foi pego no pomar para ela, a mula de um branco leitoso
Que ela montava na varanda — cada ação
Provocava na duquesa o mesmo discurso de aprovação,
Ou um enrubescimento. Agradecia — não que eu me importasse!
— Mas agradecia de tal forma, não sei bem, como se igualasse
Meu presente com um nome preservado por novecentos anos
Com qualquer outro presente. Quem se rebaixaria censurando
Algo tão insignificante? Mesmo que tivesses as habilidades
Do discurso — o que não possuo — para deixar tuas vontades
Claras para todos, e dissesses: — "Destarte
Isto ou aquilo me desagrada em ti; aqui erraste,
Ou ali passaste do ponto" — e se ela permitisse
Que lhe ensinassem, sem ser de desculpas artífice,
E sem de forma alguma retrucar,
— Ainda assim haveria algum rebaixamento; e me rebaixar
Nunca escolho. Ó senhor, sem dúvida, um sorriso lançou
Sempre que passei por ela; mas quem não passou
Sem o mesmo sorriso? Isso piorou; passei a ordenar;
Então todos os sorrisos cessaram. Ela permanece lá,

Como se viva estivesse. Queira se levantar, por favor,
Vamos nos reunir lá embaixo. Já irei expor
Que de seu senhor, o conde, a generosidade notável
É ampla garantia de que nenhum pedido aceitável
Meu por dote será rejeitado;
Embora sua bela filha, como já falado,
Seja, a princípio, meu objetivo. Não, desceremos
Juntos, senhor. Mas, antes, esta raridade observemos.
Netuno, domando um cavalo-marinho, sobre ele montado,
Feito para mim por Claus de Innsbruck em bronze realizado!

Nota da autora

Este romance foi originalmente inspirado mais pelo monólogo de Robert Browning, "Minha Última Duquesa", que por eventos históricos. Foi apenas depois de iniciar a explorar o poema com mais profundidade, quando comecei a delinear o esboço de meu livro, que descobri, para minha surpresa, que os personagens de Browning haviam mesmo existido.

Embora eu tenha sido muito cuidadosa na pesquisa de meu romance, e ainda que a história social seja o mais fiel possível, esta permanece sendo uma obra de ficção. Quando tive que alterar relatos históricos ou pontos geográficos em prol de meu enredo, tomei a liberdade de fazê-lo.

Os episódios reais relevantes para a história são os seguintes:

Alfonso d'Este (Alfonso II) foi o quinto duque de Ferrara e em 1559 se casou com a herdeira dos Medici, Lucrécia. Três anos depois, ela desapareceu dos registros. As diversas fontes que consultei têm opiniões diferentes a respeito do assunto: algumas suspeitam de crime, algumas acreditam que ela morreu de causas naturais. O próprio Browning disse que, embora tivesse brincado com a ideia de que Alfonso havia posto Lucrécia em um convento, ele preferia pensar que o duque havia ordenado a morte dela.

Alfonso se casou mais duas vezes depois de Lucrécia: com Barbara da Áustria e Margherita Gonzaga, sobrinha de Barbara.

Alfonso passou grande parte de sua infância em Ferrara sem a mãe, Renée,

uma francesa calvinista, que foi banida da corte pelo marido por questões de blasfêmia. De acordo com minha interpretação dos relatos, ela se ergueu em defesa de uma de suas criadas francesas, que foi acusada de blasfêmia diante do Santo Sacramento na capela da duquesa e, por causa disso, foi expulsa da corte por muitos anos.

Também é uma evidência histórica Roma reclamar para si o ducado de Ferrara porque Alfonso não teve um herdeiro legítimo. A família Este reteve a posse de Modena e Reggio, e, como o que teme Alfonso no romance, sua importância como dinastia foi drasticamente reduzida.

Agradecimentos

Tenho que agradecer a tanta gente! Em primeiro lugar, é claro, agradeço à minha família: a Steve, a minhas lindas filhas, Katie e Beattie, e a Ricky. Agradeço às minhas irmãs: Vicky Kimm, Buffy Kimm e Fiona Kimm; às minhas grandes amigas: Cathy Mosely, Sahra Gott e Becky Paton; a Kate Goodhart, a Annie Thomson, a Chloe White e ao professor Michael Irwin: todos eles, de diferentes maneiras e em diferentes momentos, deram suas opiniões e seu tempo com franqueza e generosidade, sem jamais omitir nada. Um agradecimento bem especial a Rebecca Saunders, minha editora em Little, Brown, e a Judith Murray, minha agente. Muito obrigada a Shana Drehs e a todos os Sourcebooks nos Estados Unidos. E meu agradecimento e amor a quem dedico este livro: meus pais.

Sou grata, também, àqueles que generosamente me ofereceram conhecimento prático, experiência e assistência: o fantástico Tod Todeschini, meu perito criminal da Renascença; Mark Wade Stone, um especialista no tema perigoso de preparação de cal; Dr. Jono Prosser, psiquiatra; Susan North, do Victoria and Albert Museum em Londres; Roy Figgis, que me assessorou sobre o uso do sombreado da época; minha falecida cunhada, Mary Rowlands-Pritchard, pela paz e pela solidão em Calmynsy. Obrigada a todos aqueles que me ajudaram durante os primeiros esboços do livro — mesmo que sua informação não tenha chegado à versão final, ela foi de grande ajuda. E a Stephanie Norgate e todos os

professores do mestrado em escrita criativa da Universidade de Chichester: muito obrigada a todos! Minha dívida com vocês é enorme.

Diversos livros foram de grande valor: *Daily Life in Renaissance Italy*, de Elizabeth Cohen e Thomas Cohen; *The Cardinal's Hat*, de Mary Hollingsworth; *The Story of Art*, de E. H. Gombrich; *Practical Falconry*, de (o falecido e encantador) Gage Earl Freeman; *Gender and Society in Renaissance Italy*, de Judith Brown e Robert Davis; *Il Castello di Ferrara*, de Marco Borella; *Cafaggiolo*, *La villa de' Medici nel Mugello*, de Mattia Tiraboschi; e *Inside the Renaissance House*, de Elizabeth Currie. Para me informar sobre pintura de afrescos, passei muitas horas debruçada sobre o conteúdo valioso colocado na internet pelo espólio da falecida Lucia Wiley. Qualquer erro histórico ou técnico no romance é sem dúvida meu e não de qualquer dos autores citados antes.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

Minha última duquesa

Skoob do livro

http://www.skoob.com.br/livro/271089-a_sua_Ultima_duquesa

Good reads da autora

http://www.goodreads.com/author/show/4020144.Gabrielle_Kimm

Twitter da autora

https://twitter.com/gabrielle_kimm

Facebook da autora

https://www.facebook.com/gabrielle.kimm

Sumário

Capa
Rosto
Créditos
Dedicatória
Epígrafe
Prólogo
Parte 1
    1
    3
    2
Parte 2
    4
    5
    6
    7
    8
Parte 3
    9
    10
    11
    12
    13
    14

15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
Epílogo
Minha última duquesa
Nota da autora
Agradecimentos
Colofon
Saiba mais